este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 1971 N.º 17 341 ANO 50.º PREÇO 1$50

Tecidos de Malha

CARLENE

Um produto da:

CARPÉLIO Malhas, s.a.r.l. - Trofa

Autorizados na Argentina os partidos políticos

BUENOS AIRES, 2—(A.N.I. e F. P.)—Os partidos politicos dissolvidos em Junho de 1966 foram legalizados — anunciou ontem à noite o ministro do Interior Arturo Mor Roig.

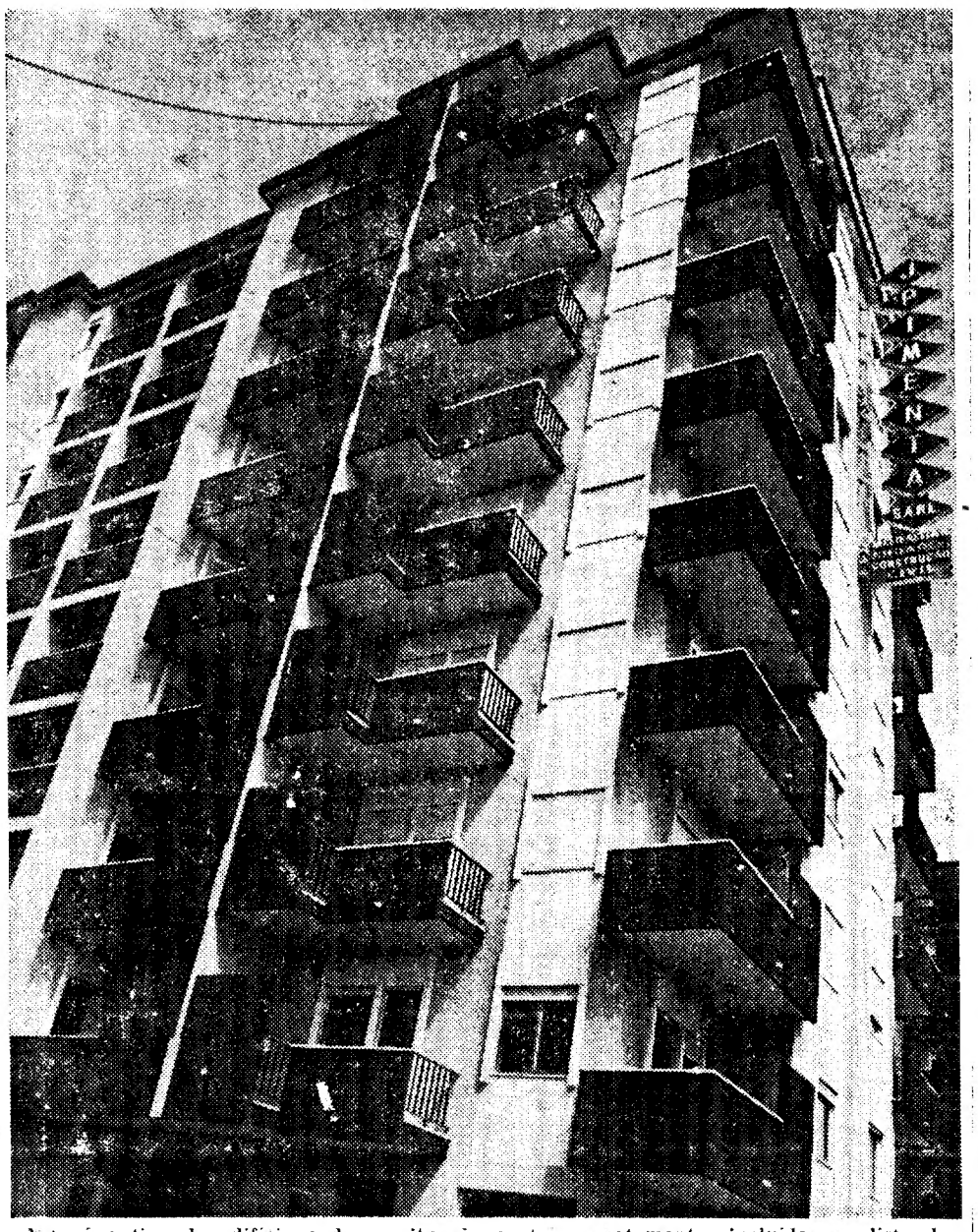
Todos os partidos, incluindo o peronista, poderão agora retomar as suas actividades — afirmou o ministro, o qual ainda que, a partir de segunda-feira, os chefes dos movimentos políticos serão recebidos pelo presidente da Republica e por ele próprio, a fim de se organizar o regresso da Argentina a um regime democráico, republicano e representativo.

Mor Roig, anunciou que um grupo especial designado pelo Governo estruturará a actividade política partidária, o sistema eleitoral e a instituição da democracia dentro de 90 dias. O ministro prometeu «eleições sem violência ou fraude».

Entretanto, foi solicitada pelo advogado Isidro Ventura Mayoral a anulação de um processo judicial levantado ao antigo presidente Juan Domingo Peron.

O advogado requereu ao juiz de menores que mande prescrever a acção judicial

(Continua na ultima página)



Este é o tipo de edificio onde se situarão os tres apartamentos incluidos na lista de prémios da nossa iniciativa

A TV TRANSMITE O DISCURSO DO PRESIDENTE DO CONSELHO

O anunciado discurso que o Presidente do Conselho pronunciará hoje no Porto, pelas 22 e 30, durante o jantar com as comissões distritais da A. N. P. além Mondego será transmitido, em directo, pela Rádio Televisão Portuguesa.

Conforme noticiámos o prof. Marcello Caetano desloca-se áquela cidade nortenha, onde chega ás 17 horas, para se reunir com a Comissão Central da A. N. P.

A CRIANÇA E O LIVRO

Despertar nas crianças o gosto pela leitura — eis a final idade do Dia Internacional do Livro Infantil, que hoje se comemora em todo o Mundo civilizado e passa pràticamente despercebido no nosso País. (Ler na pág. 2)

vale a pena continuar

O número dos participantes na primeira das iniciativas que levámos a cabo sob o título genérico de «Leitor do Diário de Lisboa», ultrapassou todas as nossas expectativas, podendo dizer-se que chegou a espantar os seus organizadores.

Deve-se este facto, em grande parte, à categoria verdadeiramente excepcional dos prémios instituídos. Um dos prémios que mais contribuiu para o êxito da primeira iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» foi, certamente, o magnífico apartamento que aguardava o vencedor, apartamento que vinha acompanhado, como é do conhecimento geral, de um automóvel de grande categoria.

O número dos participantes que visitaram este apartamento e que se nos dirigiram, de todos os pontos do País, pedindo esclarecimentos acerca dele, revela até que ponto este prémio agradou e justifica o facto de termos procurado três novos apartamentos para encabeçarem a lista dos pré-

(Continua na pág. seguinte)

LEITOR DO Diário de Lisboa

Foi descoberto e preso o assassino do costureiro de Cascais

(Ler na 8.ª página)

LER ÚLTIMAS NOTICIAS NA PAGINA 28

HOJE 40 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

DESPERCEBIDO ENTRE NÓS

O DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL

Quase despercebido entre nós passa hoje o Dia Internacional do Livro Infantil. Celebrado no mundo civilizado com muitas manifestações que visam incutir nas crianças o gosto pela leitura em Portugal nem se dá por ele. E bastaria um breve inquérito junto de professores para se concluir que eles próprios desconhecem a ocorrência.

No seu livro «O Conflito de Gerações», a socióloga americana Margaret Mead diz que, hoje em dia não há em nenhum ponto do mundo pessoas crescidas que saibam aquilo que as crianças sabem, por mais remotas e simples que sejam as sociedades em que as crianças vivem.

Efectivamente a sabedoria infantil obriga a uma literatura a que bem poucos escritores estão em condições de se abalançar. Entre nós, então, o problema assume proporções alarmantes: os livros portugueses rotulados de infantis (e raramente o são) que se publicam num ano não somam os dedos de uma das mãos.

Por outro lado, a nível nacional não temos nada, nunca tivemos — parece — qualquer coisa que se aproximasse de uma campanha de formação, nas crianças infantis, do gosto por ler. Claro que a inexistência do ensino pré-primário oficial muito contribui para a repulsa que os jovens mais tarde, sentem pelos livros, mais precisamente pelos aqueles livros que lhes convêm — porque pelos outros (aqueles que seria bom que ignorassem) sentem até uma atracção muito especial.

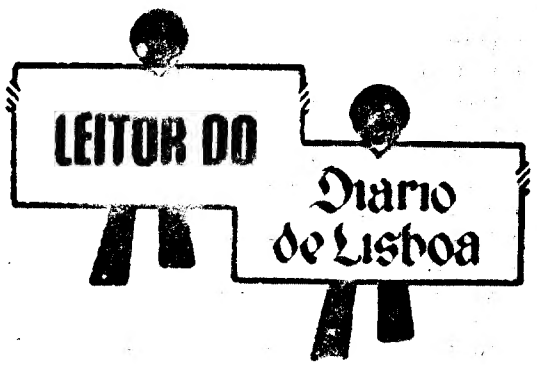
Vai-se a ver e o que se passa entre nós no Dia do Livro Infantil? Apenas a Cooperativa Ludus (Rua Gonçalves Viana, 16 r/c., ao Jardim Zoológico) tem uma iniciativa: inaugura uma pequena biblioteca de literatura para crianças, a qual ficará ao dispor de todos os meninos e meninas que a desejem utilizar aos sábados, das 16 às 19 horas. Parabéns à Ludus!

As comemorações no Porto

Também no Porto, a Cooperativa Ludus promoveu hoje «uma hora de conto» nos bairros do cerco do Porto e da Fonte da Moura, nos quais grupos de leitores contaram histórias de Andersen, Mário Castrim e Sidónio Muralha.

Haverá, á noite, uma mesa-redonda na sede do Cineclube, com a participação dos professores Aldónio Gomes e Ilídio Sardoeira, que apresentarão comunicações sobre a literatura e o ensino, seguindo-se um debate, sob a orientação da prof.ª Fernanda Flores.

Está patente uma exposição de obras para crianças de dez autores portugueses.



(Cont. da página anterior)

mios instituídos para a iniciativa que tem o seu início no dia 7 de Abril.

Esta lista é efectivamente encabeçada por três magníficos apartamentos situados em Paço de Arcos, uma das zonas mais aprazíveis dos arredores de Lisboa.

O primeiro prémio consiste num apartamento constituído por uma sala comum, uma «kitchinette», um quarto e uma sala de banho construído e mobilado por J. Pimenta. Complementa este prémio um magnífico automóvel Morris 1300, um dos automóveis mais desejados do nosso tempo.

Os dois prémios que se seguem a este consistem em apartamentos de distribuição semelhante à indicada, embora o terceiro tenha menos uma divisão.

Paço de Arcos fica a poucos minutos de Lisboa, o que confere a estes apartamentos o carácter de «apartamentos de férias», apesar dos mesmos poderem ser usados em regime de habitação permanente.

Como temos frisado, os blocos de que estes apartamentos fazem parte ficam situados próximo da praia, valendo a pena acrescentar que existe em Paço de Arcos um ancoradouro protegido dos portadas que por vezes surgem inesperadamente a meio do Verão — factor que valoriza ainda mais estes três prémios que temos de classificar de invulgares.

O número dos nossos leitores que participaram na primeira iniciativa e que ultimamente se nos têm dirigido perguntando se o regulamento os obriga a identificarem-se novamente, a fim de se habilitarem a estes prémios, revela até que ponto a nova lista veio ao encontro dos desejos de todos. Como já tivemos ocasião de esclarecer, os leitores que já se identificaram, isto é, que já nos enviaram os seus boletins duplos de identificação, não carecem de o fazer novamente a fim de se habilitarem a participar nesta nova iniciativa — basta-lhes coleccionar os cabeçalhos do «Diário de Lisboa» publicados entre o dia 7 de Abril e o dia 7 de Julho, a fim de provarem continuar leitores do «Diário de Lisboa» no caso de lhes ser atribuído um prémio.

Os leitores que se identificaram no decorrer da nossa primeira iniciativa, por outras palavras, estão automàticamente habilitados a participar nesta e figurarão no sorteio dos prémios sem que para isso tenham de voltar a dirigir-se-nos.

A categoria dos prémios instituídos para esta nova iniciativa justifica plenamente este reparo já que os participantes na primeira [illegible] o maior interesse em participar na que tem o seu início no dia 7.

Vale, efectivamente, a pena continuar...

DE ONTEM PARA HOJE

«LIBERDADES FUNDAMENTAIS»

Na Ordem dos Advogados prosseguiu ontem, e com o interesse da primeira reunião, a discussão sobre «As Liberdades Fundamentais» e a revisão da Constituição», iniciada com uma conferência sobre o tema pelo prof. Pedro Soares Martinez. O dr. Macaista Malheiros realizou a exposição de ontem. Disse: «Quando se fala em inconstitucionalidade, pensa-se logo em problemas políticos. A inconstitucionalidade, abstractamente, reconduz apenas a uma violação da lei como uma outra violação qualquer, como estacionar o carro em local proibido, não tem outra característica. Simplesmente, é praticada pelo Governo ou praticada por alguém que detém o poder, mas é uma violação da lei e é contra isso que temos de reagir. Importa, portanto, interpretar a Constituição, ver se os actos do Governo (diplomas legais) estão de acordo com aquele estatuto.» Sublinhou, depois, que «o Direito Constitucional é a base de todos os outros direitos» mas que, infelizmente, acontece que muito raramente nos tribunais, e mesmo em qualquer lado, as pessoas se reportam a ele, para ver se as leis que foram promulgadas, e ás quais têm de obedecer, estão ou não de acordo com a Constituição. A propósito, observou que a Constituição, por razões que se podem filiar numa despolitização no mau sentido, passou a ser considerado como instrumento que não se utiliza. Opinou que o artigo 110 do Estatuto Judiciário e o artigo 8.º do Código Civil, não podem, de modo nenhum, constituir obstáculo a que os tribunais conheçam da inconstitucionalidade material dos diplomas legais que violem o artigo 4.º da Constituição; e acrescentou que o desinteresse dos tribunais pelo problema da inconstitucionalidade material é a adesão a um positivismo materialista contraditório com a posição jusnaturalista normalmente seguida pelos sectores. Expressou a necessidade urgente de reformar a organização judiciária para reforçar a imparcialidade e independência dos juízes e apresentou as medidas que considera indispensáveis para resolver o problema.

NOVOS INSPECTORES ORIENTADORES

O director-geral do Ensino Primário, dr. José Gomes Branco, falou ontem na cerimónia de posse de cinco novos inspectores-orientadores para o Ensino Primário, afirmou que «a média de alunos por professor, naquele grau de ensino, é de 33», segundo estatísticas seguras, podendo esse número considerar-se de acordo com o que estabelece a legislação em vigor e as possibilidades de acção pedagógica do professor junto do aluno. Esta afirmação fê-la aquele funcionário quando felicitava os professores Gabriel, António Manuel Gonçalves, Adolfo Filipe de Sousa, António Augusto, António Figueiredo Tavares e Joaquim Martins Grácio.

UM MORTO E DOIS FERIDOS

A 5 quilómetros de Évora Monte, na estrada de Évora a Estremoz, sobre a ribeira da Defesa, caiu um automóvel guiado pelo alferes José António Malheiro Barreiros, de 22 anos, de São Miguel de Machede. Morreu aquele oficial e ficaram feridos os aspirantes milicianos srs. Eduardo António Trancoso Perdido, de 23 anos, e António Luís Pedro Baptista, de 24, ambos solteiros, que deram entrada no hospital de Estremoz.

PENA MAIOR

No 2.º Juízo Criminal foi julgado o canalizador Armando Guilherme Pedro, de 20 anos, que no dia 23 de Janeiro último, perto de uma cervejaria em Almirante Reis, matou á facada, quando se encontrava embriagado, o dentista João Paulo de Sousa Baptista, de 27 anos, com quem discutira. Foi condenado a 8 anos de prisão maior, multa, imposto de justiça e indemnização.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Na Academia das Ciências de Lisboa, falou ontem o prof. João Cid dos Santos sobre «O primeiro meio século da cirurgia vascular, ou a história de um mito». Disse que toda esta cirurgia foi dominada por uma obsessão: a necessidade absoluta da integridade da túnica interna das artérias, ou íntima, para que depois de restabelecida a circulação se não formasse imediatamente um trombo secundário, que viesse comprometer o resultado final. Era o que sucedia a todo o passo. Referiu-se depois á mudança de rumo que sofreu a cirurgia arterial com o aparecimento da arteriografia dos membros e da aorta de Raynaldo dos Santos e da utilização prática de um anticoagulante — a heparina.

MOTORIZADA CONTRA CAMIONETA

O sr. Joaquim Leitão, de 58 anos, industrial de pesca, de Peniche, ia para Casal do Moinho na motorizada. A sua frente um camião que, em dada altura, parou. O motociclista não se apercebeu dessa paragem e foi chocar contra o veículo pesado. Fracturou o crânio e teve morte quase imediata.

ÁGUA MAIS CARA NA PÓVOA DE VARZIM

PÓVOA DE VARZIM, 2 — Entram em vigor já no mês de Abril, nesta vila, as novas tarifas do fornecimento de água ao domicílio.

A nova tarifa é de 3$50 por metro cúbico, em vez de 2$00, que é o preço em vigor.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes sectores e Zonas:

2.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Est.ª do Calhariz de Benfica, Trav.ª Francisco Resende, Trav.ª Sargento Abílio, L.º Curvo Semedo e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

5.º Sector — Cd.ª Marquês de Abrantes de 35 a 119. (Das 8 ás 12 horas).

5.º Sector — Rua dos Arameiros de 1 a 21. (Das 8 ás 12 horas).

5.º Sector — Rua Nova do Carvalho de a 77. (Das 8 ás 12 horas).

1.º Zona — **Concelho de Oeiras:** Leião, B.º de Auto Construção de Porto Salvo, Leceia, Barcarena. (Das 8 ás 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Abóboda (parte norte), Casal do Clérigo, Quenena, Ribeira das Parreiras, Talaíde. (Das 8 ás 14 horas).

3.ª Zona — **ALAPRAIA:** Est.ª de Alapraia, Sítio do Campo da Bola, Rua das Grutas. (Das 8 ás 14 horas).

4.ª Zona — Torre e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

5.ª Zona — **Outeiro da Vela:** Av.ª do Outeiro da Vela, Rua D. Maria do Carmo Fragoso Carmona e imediações. (Das 8 ás 14 h.).

6.ª Zona — **Concelho de Sintra: Cacém:** Est.ª de Paço de Arcos, Est.ª do Vale Mourão, B.º do Vale Mourão e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

7.ª Zona — **Mem Martins:** Av.ª Almirante Gago Coutinho, Av.ª Chaby Pinheiro, Est.ª de Mem Martins (parte), Rua Madre Silva, Rua dos Lírios, Rua do Forno de Ouressa e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

8.ª Zona — Abrunheira. (Das 8 ás 14 horas).

9.ª Zona — Armés. (Das 8 ás 14 horas).

10.ª Zona — **Concelho de Mafra: Brejo.** (Das 8 ás 10).

11.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** Póvoa (parte), Caniços (parte), Vialonga, Verdelha do Ruivo, Granja de Alpriate, Morgados, Santa Eulália, Santa Cruz, Mogos, Boca da Lama e Quintanilho. (Das 8 ás 14 horas).

12.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Est.ª do Camarnal, Santa Catarina, Pedrógão e Casais Novos (Das 8 ás 14 horas).

FEIRA DE PARIS

(24 DE ABRIL — 9 DE MAIO)

A apresentação mais completa dos bens de consumo

■

Pavilhões estrangeiros

■

Informações:

AGÊNCIA DE VIAGENS TAGUS

R. Eça de Queirós, 20-A

LISBOA - 1

Telef. 42988 e 43695

PISCINA DO TAMARIZ

REABRIU AO PÚBLICO

Tratamento de água sob a direcção técnica do eng.º químico B. de Mesquita

Informações no TAMARIZ — Telef. 261665

DESPERCEBIDO ENTRÉ NÓS O DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL

Quase despercebido entre nos passa hoje o Dia Internacional do Livro Infantil. Celebrado no mundo civilizado com muitas e variadas manifestações que visam incutir nas crianças o gosto pela leitura, em Portugal nem se dá por ele, e bastaria um breve inquérito junto de professores para se concluir que eles próprios desconhecem a ocorrência.

No seu livro «O Conflito de Gerações», a socióloga americana Margaret Mead diz que, hoje em dia não há em nenhum ponto do mundo pessoas crescidas que saibam aquilo que as crianças sabem, por mais remotas e simples que sejam as sociedades em que as crianças vivem.

Efectivamente a sabedoria infantil obriga a uma literatura a que bem poucos escritores estão em condições de se abalançar. Entre nós, então, o problema assume proporções alarmantes: os livros portugueses rotulados de infantis (e raramente o são) que se publicam num ano não somam os dedos de uma das mãos.

Por outro lado, a nível nacional não temos nada, nunca tivemos — parece — qualquer coisa que se aproximasse de uma campanha de formação, nas mentes infantis, do gosto por ler. Claro que a inexistência do ensino pré-primário oficial muito contribui para a repulsa que os jovens mais tarde, sentem pelos livros, mais precisamente pelos aqueles livros que lhes convêm — porque pelos outros (aqueles que seria bom que ignorassem) sentem até uma atracção muito especial.

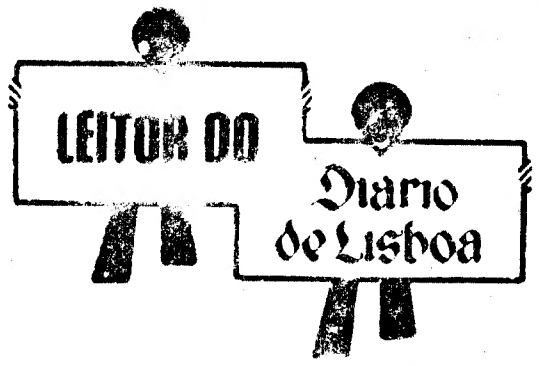
Vai-se a ver e o que se passa entre nós no Dia do Livro Infantil? Apenas a Cooperativa Ludus (Rua Gonçalves Viana, 16 r/c., ao Jardim Zoológico) tem uma iniciativa: inaugura uma pequena biblioteca de literatura para crianças, a qual ficará ao dispor de todos os meninos e meninas que a desejem utilizar aos sábados, das 16 às 19 horas. Parabens á Ludus!

As comemorações no Porto

Também no Porto, a Cooperativa Ludus promoveu hoje «uma hora de contos» nos bairros do cerco do Porto e da Fonte da Moura, nos quais grupos de leitores contaram histórias de Andersen, Mário Castrim e Sidónio Muralha.

Haverá, á noite, uma mesa-redonda na sede do Ciclone, com a participação dos professores Aldónio Gomes e Ilídio Sardoeira, que apresentarão comunicações sobre a literatura e o ensino, seguindo-se um debate, sob a orientação da prof.ª Fernanda Flores.

Está patente uma exposição de obras para crianças de dez autores portugueses.



(Cont. da página anterior)

mios instituídos para a iniciativa que tem o seu início no dia 7 de Abril.

Esta lista é efectivamente encabeçada por três magníficos apartamentos situados em Paço de Arcos, uma das zonas mais aprazíveis dos arredores de Lisboa.

O primeiro prémio consiste num apartamento constituído por uma sala comum, uma «kitchinette», um quarto e uma sala de banho construído e mobilado por J. Pimenta. Complementa este prémio um magnífico automóvel Morris 1300, um dos automóveis mais desejados do nosso tempo.

Os dois prémios que se seguem a este consistem em apartamentos de distribuição semelhante à indicada, embora o terceiro tenha menos uma divisão.

Paço de Arcos fica a poucos minutos de Lisboa, o que confere a estes apartamentos o carácter de «apartamentos de férias», apesar dos mesmos poderem ser usados em regime de habitação permanente.

Como temos frisado, os blocos de que estes apartamentos fazem parte ficam situados próximo da praia, valendo a pena acrescentar que existe em Paço de Arcos um ancoradouro protegido dos portadas que por vezes surgem inesperadamente a meio do Verão — factor que valoriza ainda mais estes três prémios que temos de classificar de invulgares.

O número dos nossos leitores que participaram na primeira iniciativa e que ultimamente se nos têm dirigido perguntando se o regulamento os obriga a identificarem-se novamente, a fim de se habilitarem a estes prémios, revela até que ponto a nova lista veio ao encontro dos desejos de todos. Como já tivemos ocasião de esclarecer, os leitores que já se identificaram, isto é, que já nos enviaram os seus boletins duplos de identificação, não carecem de o fazer novamente a fim de se habilitarem a participar nesta nova iniciativa — basta-lhes coleccionar os cabeçalhos do «Diário de Lisboa» publicados entre o dia 7 de Abril e o dia 7 de Julho, a fim de provarem continuar leitores do «Diário de Lisboa» no caso de lhes ser atribuído um prémio.

Os leitores que se identificaram no decorrer da nossa primeira iniciativa, por outras palavras, estão automàticamente habilitados a participar nesta e figurarão no sorteio dos prémios sem que para isso tenham de voltar a dirigir-se-nos.

A categoria dos prémios instituídos para esta nova iniciativa justifica plenamente este reparo já que os participantes na primeira iniciativa têm o maior interesse em participar na que tem o seu início no dia 7.

Vale, efectivamente, a pena continuar...

DE ONTEM PARA HOJE

«LIBERDADES FUNDAMENTAIS»

Na Ordem dos Advogados prosseguiu ontem, e com o interesse da primeira reunião, a discussão sobre «As Liberdades Fundamentais e a revisão da Constituição», iniciada com uma conferência sobre o tema pelo prof. Pedro Soares Martinez. O dr. Macaísta Malheiros realizou a exposição de ontem. Disse: «Quando se fala em inconstitucionalidade, pensa-se logo em problemas políticos. A inconstitucionalidade, abstractamente, reconduz apenas a uma violação da lei como uma outra violação qualquer, como estacionar o carro em local proibido, não tem outra característica. Simplesmente, é praticada pelo Governo ou praticada por alguém que detém o poder, mas é uma violação da lei e é contra isso que temos de reagir. Importa, portanto, interpretar a Constituição, ver se os actos do Governo (diplomas legais) estão de acordo com aquele estatuto.» Sublinhou, depois, que «o Direito Constitucional é a base de todos os outros direitos» mas que, infelizmente, acontece que muito raramente nos tribunais, e mesmo em qualquer lado, as pessoas se reportam a ele, para ver se as leis que foram promulgadas, e ás quais têm de obedecer, estão ou não de acordo com a Constituição. A propósito, observou que a Constituição, por razões que se podem filiar numa despolitização no mau sentido, passou a ser considerado como instrumento que não se utiliza. Opinou que o artigo 110 do Estatuto Judiciário e o artigo 8.º do Código Civil, não podem, de modo nenhum, constituir obstáculo a que os tribunais conheçam da inconstitucionalidade material dos diplomas legais que violem o artigo 4.º da Constituição; e acrescentou que o desinteresse dos tribunais pelo problema da inconstitucionalidade material é a adesão a um positivismo materialista contraditório com a posição jusnaturalista normalmente seguida pelos sectores. Expressou a necessidade urgente de reformar a organização judiciária para reforçar a imparcialidade e independência dos juízes e apresentou as medidas que considera indispensáveis para resolver o problema.

NOVOS INSPECTORES ORIENTADORES

O director-geral do Ensino Primário, dr. José Gomes Branco, falou ontem na cerimónia de posse de cinco novos inspectores-orientadores para o Ensino Primário, afirmou que «a média de alunos por professor, naquele grau de ensino, é de 38», segundo estatísticas seguras, podendo esse número considerar-se de acordo com o que estabelece a legislação em vigor e as possibilidades de acção pedagógica do professor junto do aluno. Esta afirmação fê-la aquele funcionário quando felicitava os professores Gabriel António Manuel Gonçalves, Adolfo Filipe de Sousa, António Augusto, António Figueiredo Tavares e Joaquim Martins Grácio.

UM MORTO E DOIS FERIDOS

A 5 quilómetros de Évora Monte, na estrada de Évora a Estremoz, sobre a ribeira da Defesa, caiu um automóvel guiado pelo alferes José António Malheiro Barreiros, de 22 anos, de São Miguel de Machede. Morreu aquele oficial e ficaram feridos os aspirantes milicianos srs. Eduardo António Trindade Perdido, de 23 anos, e António Luís Pedro Baptista, de 24, ambos solteiros, que deram entrada no hospital de Estremoz.

PENA MAIOR

No 2.º Juízo Criminal foi julgado o canalizador Armando Guilherme Pedro, de 20 anos, que no dia 23 de Janeiro último, perto de uma cervejaria em Almirante Reis, matou á facada, quando se encontrava embriagado, o dentista João Paulo de Sousa Baptista, de 27 anos, com quem discutira. Foi condenado a 8 anos de prisão maior, multa, imposto de justiça e indemnização.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Na Academia das Ciências de Lisboa, falou ontem o prof. João Cid dos Santos sobre «O primeiro meio século da cirurgia vascular, ou a história de um mito». Disse que toda esta cirurgia foi dominada por uma obsessão: a necessidade absoluta da integridade da túnica interna das artérias, ou íntima, para que depois de restabelecida a circulação se não formasse imediatamente um trombo secundário, que viesse comprometer o resultado final. Era o que sucedia a todo o passo. Referiu-se depois á mudança de rumo que sofreu a cirurgia arterial com o aparecimento da arteriografia dos membros e da aorta de Raymundo dos Santos e da utilização prática de um anticoagulante — a heparina.

MOTORIZADA CONTRA CAMIONETA

O sr. Joaquim Leitão, de 58 anos, industrial de pesca, de Peniche, ia para Casal do Moinho na motorizada. À sua frente um camião que, em dada altura, parou. O motociclista não se apercebeu dessa paragem — foi chocar contra o veículo pesado. Fracturou o crânio e teve morte quase imediata.

ÁGUA MAIS CARA NA PÓVOA DE VARZIM

PÓVOA DE VARZIM, 2 — Entram em vigor já no mês de Abril, nesta vila, as novas tarifas do fornecimento de água ao domicílio.

A nova tarifa é de 3$50 por metro cúbico, em vez de 2$00, que é o preço em vigor.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes sectores e Zonas:

2.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Est.ª do Calhariz de Benfica, Trav.ª Francisco Resende, Trav.ª Sargento Abílio, L.ª Curvo Semedo e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

5.º Sector — Cd.ª Marquês de Abrantes de 35 a 119. (Das 8 ás 12 horas).

5.º Sector — **Rua dos Arameiros de 1 a 21.** (Das 8 ás 12 horas).

5.º Sector — Rua Nova do Carvalho de a 77. (Das 8 ás 12 horas).

1.º Zona — **Concelho de Oeiras:** Leião, B.º de Auto Construção de Porto Salvo, Leceia, Barcarena. (Das 8 ás 14 horas).

2.º Zona — **Concelho de Cascais:** Abóboda (parte norte), Casal do Clérigo, Quenena, Ribeira das Parreiras, Talaíde. (Das 8 ás 14 horas).

3.º Zona — **ALAPRAIA:** Est.ª de Alapraia, Sítio do Campo da Bola, Rua das Grutas. (Das 8 ás 14 horas).

4.º Zona — Torre e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

5.º Zona — **Outeiro da Vela:** Av.ª do Outeiro da Vela, Rua D. Maria do Carmo Fragoso Carmona e imediações. (Das 8 ás 14 h.).

6.º Zona — **Concelho de Sintra: Cacém:** Est.ª de Paço de Arcos, Est.ª do Vale Mourão, B.º do Vale Mourão e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

7.º Zona — **Mem Martins:** Av.ª Almirante Gago Coutinho, Av.ª Chaby Pinheiro, Est.ª de Mem Martins (parte), Rua Madre Silva, Rua dos Lírios, Rua do Forno de Ouressa e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

8.º Zona — Abrunheira. (Das 8 ás 14 horas).

9.º Zona — Armés. (Das 8 ás 14 horas).

10.º Zona — **Concelho de Mafra: Brejo.** (Das 8 ás 10).

11.º Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** Póvoa (parte), Caniços (parte), Vialonga, Verdelha do Ruivo, Granja de Alpriate, Morgados, Santa Eulália, Santa Cruz, Mogos, Boca da Lapa e Quintandinho. (Das 8 ás 14 horas).

12.º Zona — **Concelho de Alenquer:** Est.ª do Camarnal, Santa Catarina, Pedrógão e Casais Novos (Das 8 ás 14 horas).

FEIRA DE PARIS

(24 DE ABRIL — 9 DE MAIO)

A apresentação mais completa dos bens de consumo

■

Pavilhões estrangeiros

■

Informações:
AGÊNCIA DE VIAGENS TAGUS
R. Eça de Queirós, 20-A
LISBOA - 1
Telef. 42988 e 43685

PISCINA DO TAMARIZ

REABRIU AO PÚBLICO

Tratamento de água sob a direcção técnica do eng.º químico B. de Mesquita

Informações no TAMARIZ — Telef. 261665

Atingiu quase 13 milhões de contos o «déficit» da balança comercial

—acentua o parecer da Assembleia Nacional sobre as Contas Gerais do Estado de 1969

Está publicado o parecer da Assembleia Nacional sobre as contas gerais do Estado de 1969 (Metrpole), cujas receitas totais atingiram 28 724 379 contos e as despesas 27 713 493 contos, havendo, portanto, um saldo positivo de 1 010 886 contos. O parecer, dado através da comissão parlamentar para as contas públicas, é um longo e exaustivo trabalho assinado pelos deputados Araujo Correia, Alberto Meireles Santos Almeida, Correia da Cunha e Martins da Cruz. É relator, como habitualmente, o presidente da comissão, eng. Araujo Correia.

Conclusões do parecer

Nas suas conclusões, depois de analisar a situação económica e financeira e ponderar todos os elementos contidos na Conta Geral do Estado e no relatório sobre essas contas, a Comissão «considera legítimo o saldo e dá-lhe a sua aprovação».

«Não se podem considerar brilhantes as condições económicas que caracterizaram o exercício financeiro de 1969», afirma-se logo de entrada, acrescentando-se:

«Dois acontecimentos perturbaram o ano. A balança comercial, que acusara um «deficit» muito alto em 1968, piorou em 1969, devido ao grande aumento das importações, sem contrapartida nas exportações. Esse «deficit» atingiu 12 735 700 contos. Por seu turno o saldo de 4 115 000 contos na balança de pagamentos da zona do escudo em 1968 ficou reduzido a 1 643 000 contos e o da balança de pagamentos da metrópole desceu de 1 820 000 contos em 1968 para 60 000 em 1969. Estes factos devem ter influído na conta do produto interno».

Mais adiante diz-se que, em 1969, «o produto interno bruto ao custo dos factores e preços constantes (1963) elevou-se a 117 984 00 contos, mais 4 863 mil contos do que em 1968.

A taxa de crescimento fixou-se em 4,3 por cento, muito inferior á de 1968, devido, em parte, ao declínio na agricultura, com produto que diminuiu cerca de 423 000 contos, e á expansão modesta da indústria, comparada com a do ano antecedente». E acentua-se:

«Estes três indicadores — o «deficit» da balança comercial, a redução dos saldos da balança de pagamentos da zona do escudo e da metrópole e a taxa modesta de crescimento do produto em termos reais — sugerem a necessidade urgente de tomar medidas drásticas no sentido de promover um aumento na produção para consumo interno e exportação.»

Quanto á situação financeira diz-se poder considerar-se normal a conta de 1969. Mas considera-se anormal o excesso de receitas ordinárias sobre idênticas despesas. «Este saldo, já alto em 1968, ainda subiu para 9 523 588 contos, ou 38,6% das receitas ordinárias, que se elevaram a 24 631 283 contos».

«O elevado excesso de receitas ordinárias — acrescenta-se — poderia á primeira vista sugerir a ideia da possibilidade de alívios na carga tributária. Mas um exame pormenorizado das despesas ordinárias mostra as fracas dotações de muitos serviços de grande aleance so-

(Continua na 24.ª página)

NOTA diária

RECEITA PARA TODOS

NA ASSEMBLEIA GERAL de accionistas de uma empresa industrial, o respectivo presidente do conselho de administração, conforme relato divulgado publicamente, referiu-se à proposta de lei presentemente em estudo na Câmara Corporativa sobre política e fomento industrial, tendente, como na mesma se aponta, a melhorar o nível da nossa indústria e a promover o seu desenvolvimento. «Mas para isso (observou) terá de ser realizada com cautela e realismo executada por serviços públicos que actuem com eficiência, sem sobrecarregar as empresas com novas e pesadas obrigações burocráticas que desanimem o esforço de modernização que deve estar sempre na mente dos industriais portugueses com vista a defendê-los de uma aberta concorrência estrangeira ou a permitir-lhes a conquista dos mercados externos».

Não se identifica deliberadamente o sector donde vem o recorte das declarações aqui reproduzidas, nem se deixa daqui perceber se a empresa se apresenta em expansão ou em dificuldade. Regista-se como exercício, para que vejamos quantos aspectos vão envolvidos neste breve apanhado: proposta de lei sobre política e fomento industrial, nível de qualidade e eficiência dos serviços públicos, posição da nossa indústria em concorrência com as indústrias estrangeiras, este último ponto no duplo aspecto da concorrência que o produto externo pode fazer sentir no nosso mercado interno e da capacidade que o nosso produto, por sua vez, possa revelar para ser ele a competir com o produto estrangeiro no mercado externo. Não poderá dizer-se que seja simples a tarefa nem que sejam limitadas as ambições.

O ponto de partida para o necessário incremento da nossa produção industrial há-de estar necessàriamente nos próprios industriais. Hão-de ser eles que hão-de ser capazes de descobrir o que lhes vale a pena tentar, qual é o sector onde mais cabem a sua ou nossa vocação, acesso às matérias-primas, facilidade de aprendizagem de técnicas para uma mão-de-obra que não pode ser de curiosos ou biscateiros, capacidade financeira para equipar, lucidez e coragem para decidir. Não é possível permanecer no improviso nem nas apalpadelas a ver o que é que dá. Nem é possível permanecer na ilusão de vida de um proteccionismo que, quando se instala, acaba por gerar a esperança doentia e falsa de um favoritismo a que todos então se julgam com igual direito. É o artifício que está denunciado e que não dá senão para ilusões e para desilusões.

E o problema da qualidade que está em causa. Quando se diz qualidade pensa-se naturalmente no produto. Mas o produto é isso mesmo, o produto de um sistema instalado e em funcionamento. E aí, sem ser preciso pensar muito, salta à conclusão de toda a gente que entram em linha de conta a qualidade da instalação (máquinas) e a qualidade dos homens (os que decidem e os que executam). Todos os dias, com efeito, temos diante de nós a realidade de uma mão-de-obra subqualificada, a necessidade de a aperfeiçoar e valorizar. Certo, certíssimo. Mas nem sempre está provado que se disponha de quadros dirigentes capazes a todos os níveis. A condição de empresário não pode alcançar-se apenas por sorteio ou herança. No mundo do nosso tempo, que é para ele que estamos a raciocinar, a empresa tem um lugar e um papel que lhe impõem obrigações que não são apenas de sua conta e risco. Repercutem mais longe.

E aqui repõe-se, como relacionação inevitável, um dos pontos referidos no mote de que nos socorremos, como acima vai anotado, para estas considerações: «Serviços públicos que actuem com eficiência». Claro que o conceito de eficiência também é susceptível de ambiguidades, mas excluímos isso para nos limitarmos àquele que coincida com o interesse público. Essa eficiência será preciso encontrá-la em toda a parte. Quando falamos de quadros dirigentes, pensamos na sua carência ao âmbito das empresas e também ao âmbito dos serviços públicos. A grande empresa que é o Estado não pode funcionar capazmente sem quadros esclarecidos e empreendedores, a quem a rotina aflija em vez de se sentir como uma comodidade fofa. Um processo de desenvolvimento não vai sem imaginação. E ela tem de se revelar a todos os níveis.

novo casino estoril

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

PRODUÇÃO DE
GEORGES REICH

NINO SANCHEZ
VEDETA DA RÁDIO E DA TV ESPANHOLA

RUDI HORN
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

LENITA GENTIL

JIRINAS COMBO · "OS MODS"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

BIJOU DE VIENNE
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H.
Maiores de 17 anos
NO WONDER BAR À 1 H. — Maiores de 21 anos
TELEFONE 26 45 21

casino estoril * novo casino estoril * casino estoril * novo casino estoril * casino estoril * novo casino estoril * casino estoril * novo casino estoril *

Vera Lagoa fala de toiros

Amanhã na Tertúlia «Tasca Tasca Brava» (Praça da Alegria, 38), decorre um «almoço á portuguesa» em que será convidada de honra a cronista Vera Lagoa.

A nossa prezada camarada da Imprensa fará uma palestra sobre «Toiros de morte em Portugal» que será seguida de debate.

LELOUCH FILMA PARA O XÁ

PARIS, 1 (A. N.) — O realizador Claude Lelouch recebeu do Xá do Irão, Mohamed Reza Pahlevi, e da imperatriz Farah Diba, um convite para filmar as cerimónias comemorativas dos 2500 anos de existência do Império persa. Assim, no próximo mês de Outubro Lelouch viajará com os seus colaboradores até Persépolis, onde se efectuarão as cerimónias junto ao túmulo de Ciro, fundador do Império.

VIDA MUSICAL

Antonio Gades: autêntico e prospectivo

António Gades veio a Lisboa. E veio em boa hora. Pois já nos fazia falta um novo contacto estimulante e rico de sugestões com a dança espanhola. Longe, portanto, da comercialização de tantas «embaixadas» artísticas que nos visitam e só ajudam a baralhar os valores e os conceitos...

Gades é cartaz. Foi cartaz mais uma vez, com o espectáculo no Grande Auditório Gulbenkian. E ainda bem que assim aconteceu. A verdade é que, mesmo na adaptação mais ou menos estilizada que qualquer transposição para um palco implica, a sua fidelidade à autêntica dança espanhola, á essência desta, permanece. Só que o estilo de Antonio Gades não se ficou pela assimilação dos dados tradicionais ou pela exploração do feitiço fácil de superficialidades folclóricas apenas decorativas. No aproveitamento quer das danças populares, quer dos elementos baléticos, já bem experimentados, da tradição culta da Península, insere-se primordialmente no caminho (difícil) da depuração, visa a captação dos aspectos profundos do complexo espanhol, ou antes hispânico. E define-se pela sobriedade e por uma fundamental elegância que não prejudicam, aliás, a intensa expressividade da linguagem corporal. Esta, com frequência não recusa certa ativez nas atitudes ou na máscara.

Estamos a falar, claro está, igualmente e da actuação do próprio Gades como bailarino (ou bailador) excepcional — requintado e garboso ao mesmo tempo, de um virtuosismo a toda a prova — e das realizações da sua Companhia, das coordenadas artísticas que elas traduzem. A apontada sobriedade estende-se aos trajes, os quais evitam o espanholismo convencional ou de gosto duvidoso e os excessos de garridice á bilhete postal ilustrado.

Por outro lado, muito do que vimos reflecte, no plano formal e estético, uma dimensão prospectiva, tendente a superar os actuais (e os mais habitualmente trilhados) estádios da dança espanhola. A acção de Gades é, pois, particularmente significativa em dois sentidos: no mais estritamente morfológico, pelo alargamento e aprofundamento do vocábulo, e numa perspectiva estética e espectacular (neste capítulo, porém, de maneira menos ousada ou mais prudente). Mas em tudo isto, nada de frieza, antes a presença do factor temperamental em grande plano. Diferente dessa outra extraordinária encarnação da dança espanhola que é Antonio? Sem dúvida. A pesquisa, em Antonio, será menos determinante. Antonio deixa-se, porventura, arrastar para um apelo dramático mais exuberante. Gades revela maior contenção, não obdica nunca, ou quase nunca, de uma lucidez bem consciente. Isto não o impede de se entregar ao frenesim, á expressão verdadeiramente paroxística, em que técnica e temperamento se combinam da maneira mais arrebatadora e sugestiva. Foi vê-lo e á sua Companhia, na segunda parte do espectáculo integrado na «Semana Espanhola», nessa evocação magnífica do «Flamenco» — homenagem contagiante ao grande estilo tradicional ou às grandes tradições do género: na exaltação erótica como nas tiradas de uma vis irónica ou picaresca, nas cenas de desafio ou incitamento, como nos monólogos carregados de veemência expressional.

Com o espectáculo agora apresentado no Auditório Gulbenkian, pode falar-se já de uma verdadeira teatralização da dança espanhola? Talvez não. Pretender tal será prematuro. Mas um meritório e bem positivo esforço nesse sentido se divisa nalgumas achegas de Gades, na inteligente trajectória deste grande bailarino, no seu processo estético. A propósito, recorde-se que, num plano mais afim do «ballet» clássico tradicional, a mistura da dança popular e de elementos colhidos no vocabulário académico (Gades dispõe de uma boa preparação neste terreno) valeu-nos um belo «pas-de-deux»: *Ensueño* (sobre música de Turina) interpretado admiràvelmente por Lydia Sanclemente e o próprio Gades.

Pela sua classe individual e pelo interesse ou alcance da sua mensagem, Antonio Gades avantajou-se enormemente em relação ao contexto genérico da Companhia que dirige, aliás equilibrada e disciplinada. Seria, no entanto incorrer em injustiça não referir em especial alguns dos componentes que a integram: os bailarinos Lydia Sanclemente, Juan Antonio e, sobretudo, Cristina Hoyos, o «cantador» Turronero e o grupo de excelentes guitarristas.

NUNO BARREIROS

ABC
TEL. 366746
ADULTOS
Empresa Fabril JOSÉ MIGUEL, LDA

TONY DE MATOS

VÁ VER HOJE A REVISTA DO ANO!
AS 20.45 H
AS 23 HORAS

Frangas na Grelha

Uma produção de HUMBERTO CUNHA
interpretada por um cartaz de ouro
IVONE SILVA • NICOLAU BREYNER
ANITA GUERREIRO
ÓSCAR ACÚRCIO
ANABELA ■ LUIS HORTA • MARIA TAVARES
e a colaboração especial de
TONY DE MATOS

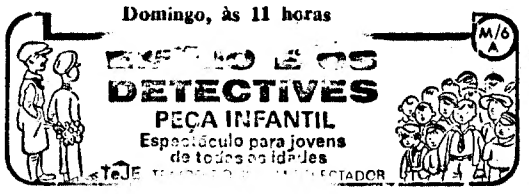
Domingo: «matinée» às 16 horas

HOJE, AS 21.45 HORAS (Maiores de 17 anos)

AMANHÃ 2 «MATINÉES»
AS 16 HORAS e ÀS 18.30 HORAS
COM 50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
(À NOITE NÃO HÁ ESPECTÁCULO)

DEPOIS DA QUEDA
TEATRO VILLARET
PEÇA DE Arthur Miller

ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS NAS FÉRIAS DA PÁSCOA
Domingo, às 11 horas



5.ª-feira às 18.30 h./10 de Abril às 18.30 h./11 de Abril às 11 h.
MARQUE JÁ OS SEUS BILHETES — TELEF. 53 85 86
(crianças, 20$00 — adultos, 40$00)

TRINDADE
Hoje às 21.45 horas
Adultos!
Só até 11 de Abril
— Final da temporada
O DUELO
de Bernardo Santareno
Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
Amanhã, UNICO ESPECTÁCULO, às 16 horas
Preços reduzidos

TEATRO
GIL VICENTE
CASCAIS — 280919
Últimos dias
Todas as noites, às 21.45
Domingo, às 16 e 21.45
A MALUQUINHA DE ARROIOS
de André Brun
pelo
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Adultos
Brevemente: IVONNE, princesa de Borgonha, de GOMBROWICZ

Teatro Maria Matos TELEF. 717017
HOJE
ÀS 21,45 H.
APENAS ATÉ 11 DE ABRIL
O INVULGAR ESPECTACULO
as irmãzinhas
M/ 17
NOTAVEL REALIZAÇÃO DO
grupo 4

ATENÇÃO
Horário especial de SÁBADO, 3
2 «Matinées» às 16 e às 18.30
Excepcionalmente não há espectáculo às 21.45 h.

Em todos os espectáculos, os jovens até aos 24 anos têm 50% de desconto

BREVEMENTE
Maiores 17 anos
JOGOS DE SOCIEDADE
APAIXONANTE COMÉDIA ERÓTICA
PARA 150 MINUTOS DE INTENSA VIBRAÇÃO

VÁ CEAR A FURNA VÁ CEAR A FURNA VÁ CEAR A FURNA VÁ CEAR A FURNA VÁ CE
rua ferreira lapa

novo casino estoril

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

PRODUÇÃO DE
GEORGES REICH

NINO SANCHEZ

VEDETA DA RÁDIO
E DA TV ESPANHOLA

RUDI HORN
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL
LENITA GENTIL

JIRINAS COMBO · "OS MODS"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

BIJOU DE VIENNE
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
Maiores de 17 anos
NO WONDER BAR A 1 H. —— Maiores de 21 anos
TELEFONE 26 45 21

casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * casino estoril * novo casino estoril * novo casino

Vera Lagoa fala de toiros

Amanhã na «Tertúlia Festa Braba» (Praça da Alegria, 38), decorre um «almoço à portuguesa» em que será convidada de honra a cronista Vera Lagoa.

A nossa prezada camarada de Imprensa fará uma palestra sobre «Toiros de morte em Portugal» que será seguida de debate.

LELOUCH FILMA PARA O XÁ

PARIS, 2 (A. N. I.) — O realizador Claude Lelouch recebeu do Xá do Irão, Mohamed Reza Pahlevi, e da imperatriz Farah Diba, um convite para filmar as cerimónias comemorativas dos 2500 anos de existência do Império persa. Assim, no próximo mês de Outubro Lelouch viajará com os seus colaboradores até Persépolis, onde se efectuarão as cerimónias junto ao túmulo de Ciro, fundador do Império.

VIDA MUSICAL

Antonio Gades: autêntico e prospectivo

António Gades veio a Lisboa. E veio em boa hora. Pois já nos fazia falta um novo contacto estimulante e rico de sugestões com a dança espanhola. Longe, portanto, da comercialização de tantas «embaixadas» artísticas que nos visitam e só ajudam a baralhar os valores e os conceitos...

Gades é cartaz. Foi cartaz mais uma vez, com o espectáculo no Grande Auditório Gulbenkian. E ainda bem que assim aconteceu. A verdade é que, mesmo na adaptação mais ou menos estilizada que qualquer transposição para um palco implica, a sua fidelidade à autêntica dança espanhola, à essência desta, permanece. Só que o estilo de Antonio Gades não se ficou pela assimilação dos dados tradicionais ou pela exploração do feitio fácil de superficialidades folclóricas apenas decorativas. No aproveitamento quer das danças populares, quer dos movimentos baléticos, já bem experimentados, da tradição culta da Península, insere-se primordialmente no caminho (difícil) da depuração, visa o ... dos aspectos profundos do complexo espanhol, ou antes hispânico. E define-se pela sobriedade e por uma fundamental elegância, que não prejudicam, aliás, a intensa expressividade da linguagem corporal. Esta, com frequência, não recusa certa altivez nas atitudes ou na máscara.

Estamos a falar, claro está, igualmente da actuação do próprio Gades como bailarino (ou bailador) excepcional — requintado e garboso ao mesmo tempo, de um virtuosismo a toda a prova — e das realizações da sua Companhia, das coordenadas artísticas que elas traduzem. A apontada sobriedade estende-se aos trajes, os quais evitam o espanholismo convencional ou de gosto duvidoso e os excessos de garridice á bilhete postal ilustrado.

Por outro lado, muito do que vimos reflecte, no plano formal e estético, uma dimensão prospectiva, tendente a superar os actuais (e os mais habitualmente trilhados) estádios da dança espanhola. A acção de Gades é, pois, particularmente significativa em dois sentidos: no mais estritamente morfológico, pelo alargamento e aprofundamento do vocábulo, e numa perspectiva estética e espectacular (neste capítulo, porém, de maneira menos ousada ou mais prudente). Mas em tudo isto, nada de frieza, antes a presença do factor temperamental em grande plano. Diferente dessa outra extraordinária encarnação da dança espanhola que é Antonio? Sem dúvida. A pesquisa, em Antonio, será menos determinante. Antonio deixa-se, porventura, arrastar para um apelo dramático mais exuberante. Gades revela maior contenção, não abdica nunca, ou quase nunca, de uma lucidez bem consciente. Isto não o impede de se entregar ao frenesim, á expressão verdadeiramente paroxística, em que técnica e temperamento se combinam da maneira mais arrebatadora e sugestiva. Foi vê-lo e á sua Companhia, na segunda parte do espectáculo integrado na «Semana Espanhola», nessa evocação magnífica do «Flamenco» — homenagem contagiante ao grande estilo tradicional ou às grandes tradições do género: na exaltação erótica como nas tiradas de uma vis irónica ou picaresca, nas cenas de desafio ou incitamento, como nos monólogos carregados de veemência expressional.

Com o espectáculo agora apresentado no Auditório Gulbenkian, pode falar-se já de uma verdadeira teatralização da dança espanhola? Talvez não. Pretender tal será prematuro. Mas um meritório e bem positivo esforço nesse sentido se divisa nalgumas achegas de Gades, na inteligente trajectória deste grande bailarino, no seu processo estético. A propósito, recorde-se que, num plano mais afim do «ballet» clássico tradicional, a aliança da dança popular e de elementos colhidos no vocabulário académico (Gades dispõe de uma boa preparação neste terreno) valeu-nos um belo «pas-de-deux»: *Ensueño* (sobre música de Turina) interpretado admiràvelmente por Lydia Sanclemente e o próprio Gades.

Pela sua classe individual e pelo interesse ou alcance da sua mensagem, Antonio Gades avantajou-se enormemente em relação ao contexto genérico da Companhia que dirige, aliás equilibrada e disciplinada. Seria, no entanto incorrer em injustiça não referir em especial alguns dos componentes que a integram: os bailarinos Lydia Sanclemente, Juan Antonio e, sobretudo, Cristina Hoyos, o «cantador» Turronero e o grupo de excelentes guitarristas.

NUNO BARREIROS

TEATRO ABC
TEL. 360146
ADULTOS
Empresa Teatral JOSÉ MIGUEL, LDA

TONY DE MATOS

VÁ VER HOJE
A REVISTA DO ANO!
ÀS 20.45 H
ÀS 23 HORAS

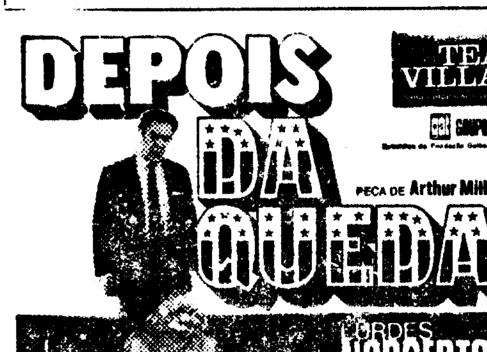
Frangas na Grelha

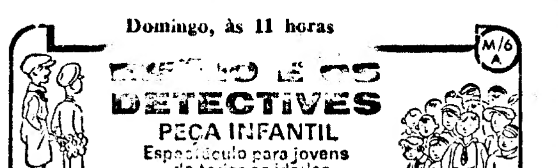
Uma produção de HUMBERTO CUNHA
interpretada por um cartaz de ouro
IVONE SILVA ● NICOLAU BREYNER
ANITA GUERREIRO
ÓSCAR ACÚRCIO
ANABELA ■ LUIS HORTA ● MARIA TAVARES
e a colaboração especial de
TONY DE MATOS

Domingo: «matinée» às 16 horas

HOJE, AS 21.45 HORAS (Maiores de 17 anos)

AMANHÃ 2 «MATINÉES»
AS 16 HORAS e ÀS 18.30 HORAS
COM 50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
(À NOITE NÃO HÁ ESPECTÁCULO)

DEPOIS DA QUEDA
TEATRO VILLARET
GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL
PEÇA DE Arthur Miller

LURDES NORBERTO
ROGÉRIO PAULO
Encenação de ARTUR RAMOS
Tradução de LUIZ FRANCISCO REBELLO
e JAIME SALAZAR SAMPAIO
Cenografia e direcção plástica de JOÃO ABEL MANTA
Figurinos de ARTUR CASAIS

ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS NAS FÉRIAS DA PÁSCOA
Domingo, às 11 horas

DETECTIVES
PEÇA INFANTIL
Espectáculo para jovens de todas as idades
M/6 A
5.ª-feira às 18.30 h./10 de Abril às 18.30 h./11 de Abril às 11 h.
MARQUE JÁ OS SEUS BILHETES — TELEF. 53 85 86
(crianças, 20$00 — adultos, 40$00)

TRINDADE
Hoje às 21.45 horas
Adultos
Só até 11 de Abril
— Final da temporada
O DUELO
de Bernardo Santareno
Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
Amanhã, ÚNICO ESPECTÁCULO, às 16 horas
Preços reduzidos

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — 280919
Últimos dias
Todas as noites, às 21.45
Domingo, às 16 e 21.45
A MALUQUINHA DE ARROIOS
de André Brun
pelo
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Adultos
Brevemente: IVONNE, princesa de Borgonha, de GOMBROWICZ

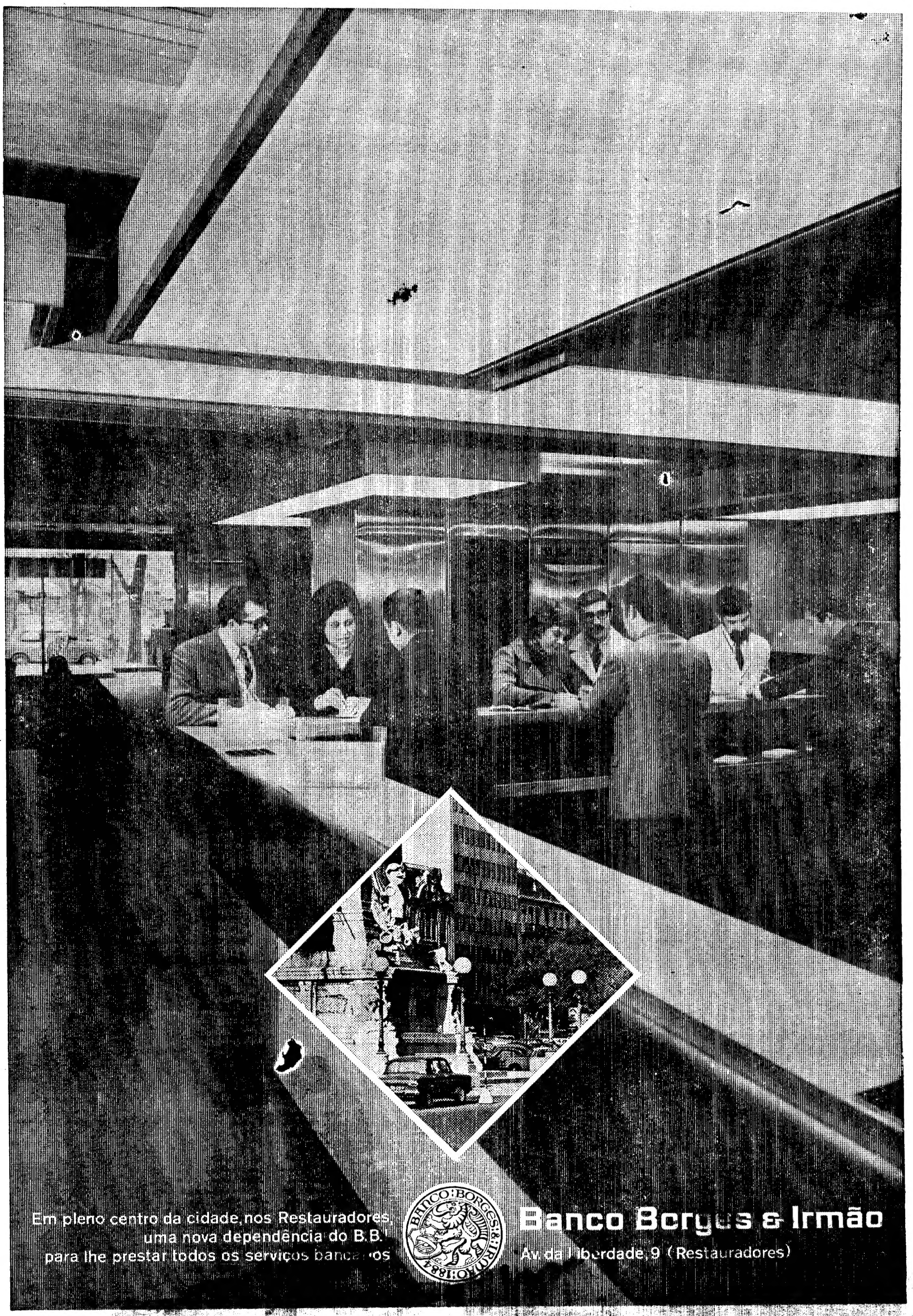
Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
HOJE
ÀS 21,45 H.
APENAS ATÉ 11 DE ABR.
M/ 17
O INVULGAR ESPECTACULO
as irmãzinhas
NOTAVEL REALIZAÇÃO DO grupo 4

ATENÇÃO
Horário especial de SÁBADO, 3
2 «Matinées» às 16 e às 18.30
Excepcionalmente não há espectáculo às 21.45 h.

Em todos os espectáculos, os jovens até aos 24 anos têm 50% de desconto

BREVEMENTE Maiores 17 anos
JOGOS DE SOCIEDADE
APAIXONANTE COMÉDIA DRAMÁTICA
PARA 150 MINUTOS DE INTENSA VIBRAÇÃO

VÁ CEAR A FURNA VÁ CEAR A FURNA VÁ CEAR A FURNA VÁ CEAR A FURNA VÁ CE
rua ferreira lapa, 38 d-à duque de loulé - rua ferreira lapa, 38 d-à duque de loulé - rua ferreira lapa


Em pleno centro da cidade, nos Restauradores,
uma nova dependência do B.B.
para lhe prestar todos os serviços bancários
BANCO BORGES & IRMÃO 1884
Banco Borges & Irmão
Av. da Liberdade, 9 (Restauradores)

SELECCIONADO PARA OS "OSCARS" DA ACADEMIA COM 4 NOMEAÇÕES

POR IMPOSIÇÃO DO PRODUTOR ESTE FILME SO PODE SER ESTREADO NUM ÚNICO CINEMA

DEVIDO À SUA ALTA QUALIDADE CINEMATOGRÁFICA E PARA QUE TODO O SEU IMPACTO NÃO SEJA QUEBRADO ESTE FILME SERÁ EXIBIDO SEM INTERVALO

SE NÃO VIR MAIS NADA ESTE ANO DEVE VER "FIVE EASY PIECES" – LIFE magazine

A COLUMBIA FILMES e BBS apresentam uma produção

JACK NICHOLSON

ADULTOS

DESTINOS OPOSTOS

(FIVE EASY PIECES)

KAREN BLACK e SUSAN ANSPACH

Arg. de ADRIEN JOYCE Hist. BOB RAFELSON and ADRIEN JOYCE

Prod. de BOB RAFELSON and RICHARD WECHSLER

Prod. exec. BERT SCHNEIDER - Real. de BOB RAFELSON cores

HOJE ÀS 21,30 SENSACIONAL ESTREIA SÃO LUIZ

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar

Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203, r/c., esq. (ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39

VENDA AO PÚBLICO

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO

A Suecia terá a representação mais numerosa: um quarteto (o regulamento permite o máximo de seis intérpretes). Chama-se «Family Four» e goza de grande popularidade na Escandinávia — em parte devido á sua trágica história

ESCUTADA DE FORA...

QUE VALERÁ A «MENINA» DE TONICHA PARA O PÚBLICO INTERNACIONAL?

Por CÉSAR FAUSTINO

ESTOCOLMO, 2 — Via na televisão sueca o filme apresentador da canção portuguesa concorrente á final do «Grande Prémio» da Eurovisão — e, confesso fiquei duplamente desapontado.

Primeiro, pelo espantoso desperdício de uma oportunidade fabulosa de promoção de Portugal junto de milhões de europeus, pela distribuição de um filme sem graça nem imaginação, monótono, quando existem milhentos motivos, cheios de vida e de cor, que podiam despertar interesse e favorecer simultaneamente a divulgação da melodia e do País. Turisticamente — porque não?

Uma ocasião destas (3 minutos de propaganda gratuita ao nosso dispor, em milhões de lares) vale uma fortuna — e nalguns casos, como a TV sueca, por exemplo (onde a publicidade comercial é proibida) nem uma fortuna chega.

Pretendeu-se fazer um filme adaptado ao tema da canção. Honestamente louvável, por certo. Menos escrupulosos, talvez, mas mais eficazes promocional e comercialmente foram, porém, a Espanha, Mónaco, Noruega, Málta, Suíça, Finlandia, e outros. Uma lição mais a aprender. Mas voltaremos a ter uma oportunidade destas?

A segunda decepção, para mim, foi a própria canção portuguesa. «Portuguesa»? (a meu lado, o amigo Svensson garantia-me que aquele «flamengo» lhe era familiar, das suas ultimas férias em Torremolinos...).

Uma nova «Desfolhada» — ou canção para o mundo cantar?

Bem contente ficaria se os meus prognósticos falhassem. Mas estou pessimista quanto ás probabilidades da nossa canção.

Não me refiro, evidentemente, a uma classificação no naipe de cima, pois ambiciosas ilusões dessas não resistem ás realidades dos factores extra-musicais (expansão linguística, jogos de vizinhos, mórbidas antipatias políticas, atracção pessoal dos intérpretes, seus dotes físicos, vestimenta, requebros «sexy», efeitos de coros, ordem de actuação, etc), que influenciam as votações (embora o sistema de pontuação a estrear em Dublin justifique certa expectativa) e nos são, em geral, desfavoráveis.

Considero, sobretudo, a receptividade internacional, o aspecto da aceitação da melodia no mundo a que se destina e que, talvez penosamente, não é o de poemas mais ou menos dramáticos, épicos ou rebuscados (capa-

(Continua na 24.ª página)

DUAS FINAIS DE TV PÕEM OS SUECOS NERVOSOS...

O dia de amanhã é de grande excitação para os suecos: duas grandes finais televisionadas na mesma noite, uma a seguir à outra!

Primeiro o jogo Rússia-Suécia, a concluir e a decidir o Campeonato do Mundo de Hóquei sobre o Gelo, transmitido da Suíça. Dez minutos depois, a final do Grande Prémio da Eurovisão.

Enfim, uma noite de desespero para os proprietários de cinemas e teatros...

TEATRO CAPITÓLIO TEL 327493

HOJE às h.

VASCO MORGADO apresenta LAURA ALVES a QUERIDA MAMA "LA MAMMA"

(Adultos)

DOMINGO: «MATINÉE», 16 H.

12.ª SEMANA

TEATRO MONUMENTAL TEL 55133

VASCO MORGADO apresenta em ESTREIA no DOMINGO uma comédia de Barillet & Grédy numa tradução de Jerónimo Bragança

Quarenta Quilates

com MILU ao lado com Irene Isidro, Armando Cortez, Maria Adelina, Guida Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, António Machado, António Semedo e a colaboração especial de Maria Paula

Uma encenação de Armando Cortez

Cenas de António Gonçalves

(Adultos)

TEATRO LAURA ALVES TEL 864756

HOJE: As 21.45 h.

M/12 ANOS

Santo Porca

de ARIANO SUASSUNA

Amanhã, sábado, às 16 e às 21.45 h.

Neste teatro, brevemente: VASCO MORGADO apresenta

(Adultos)

SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES

de LEONARD GERSHE

Em todos os palcos do mundo: A COMÉDIA DO ANO

encenação de António de Cabo

TEATRO VARIEDADES TEL 326037

HOJE e AMANHÃ, às 21.45 h.

4.ª SEMANA

UMA COMÉDIA DE GARGALHADA PERMANENTE

de Franco Veber

O Contrato

Adultos

com RIBEIRINHO e HENRIQUE SANTANA e a estreia no teatro declamado SIMONE DE OLIVEIRA

Domingo, «Matinée», 16 h.

GALERIA REAL

SINTRA (S. PEDRO)

Tel. 98 16 61

RESTAURANTE — BAR — SALÃO DE CHÁ

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, 3 as nossas «salas» se encontram totalmente reservadas a partir das 18 horas para um LANCHE DE CASAMENTO.

NOS RESTANTES DIAS aceitamos reservas para as almoçares até às 22 horas

SELECCIONADO PARA OS "OSCARS" DA ACADEMIA COM 4 NOMEAÇÕES

POR IMPOSIÇÃO DO PRODUTOR ESTE FILME SO PODE SER ESTREADO NUM ÚNICO CINEMA

DEVIDO À SUA ALTA QUALIDADE CINEMATOGRÁFICA E PARA QUE TODO O SEU IMPACTO NÃO SEJA QUEBRADO ESTE FILME SERÁ EXIBIDO SEM INTERVALO

SE NÃO VIR MAIS NADA ESTE ANO DEVE VER "FIVE EASY PIECES" – LIFE magazine

A COLUMBIA FILMES e BBS apresentam uma produção

JACK NICHOLSON

ADULTOS

DESTINOS OPOSTOS

(FIVE EASY PIECES)

KAREN BLACK e SUSAN ANSPACH

Arg. de ADRIEN JOYCE Hist. BOB RAFELSON and ADRIEN JOYCE

Prod. de BOB RAFELSON and RICHARD WECHSLER

Prod. exec. BERT SCHNEIDER - Real. de BOB RAFELSON COLOR

HOJE ÀS 21,30 SENSACIONAL ESTREIA SÃO LUIZ

A Suecia terá a representação mais numerosa: um quarteto (o regulamento permite o máximo de seis intérpretes). Chama-se «Family Four» e goza de grande popularidade na Escandinávia — em parte devido á sua trágica história

ESCUTADA DE FORA...

QUE VALERÁ A «MENINA» DE TONICHA PARA O PÚBLICO INTERNACIONAL?

Por CÉSAR FAUSTINO

ESTOCOLMO, 2 — Via na televisão sueca o filme apresentador da canção portuguesa concorrente á final do «Grande Prémio» da Eurovisão — e, confesso fiquei duplamente desapontado.

Primeiro, pelo espantoso desperdício de uma oportunidade fabulosa de promoção de Portugal junto de milhões de europeus, pela distribuição de um filme sem graça nem imaginação, monótono, quando existem milhentos motivos, cheios de vida e de cor, que podiam despertar interesse e favorecer simultaneamente a divulgação da melodia e do País. Turisticamente — porque não?

Uma ocasião destas (3 minutos de propaganda gratuita ao nosso dispor, em milhões de lares) vale uma fortuna — e nalguns casos, como a TV sueca, por exemplo (onde a publicidade comercial é proibida) nem uma fortuna chega.

Pretendeu-se fazer um filme adaptado ao tema da canção. Honestamente louvável, por certo. Menos escrupulosos, talvez, mas mais eficazes promocional e comercialmente foram, porém, a Espanha, Mónaco, Noruega, Malta, Suíça, Finlandia, e outros. Uma lição mais a aprender. Mas voltaremos a ter uma oportunidade destas?

A segunda decepção, para mim, foi a própria canção portuguesa. «Portuguesa»? (a meu lado, o amigo Svensson garantia-me que aquele «flamengo» lhe era familiar, das suas ultimas férias em Torremolinos...).

Uma nova «Desfolhada» — ou canção para o mundo cantar?

Bem contente ficaria se os meus prognósticos falhassem. Mas estou pessimista quanto ás probabilidades da nossa canção.

Não me refiro, evidentemente, a uma classificação no naipe de cima, pois ambiciosas ilusões dessas não resistem ás realidades dos factores extra-musicais (expansão linguística, jogos de vizinhos, mórbidas antipatias políticas, atracção pessoal dos intérpretes, seus dotes físicos, vestimenta, requebros «sexy», efeitos de coros, ordem de actuação, etc), que influenciam as votações (embora o sistema de pontuação a vigorar em Dublin justifique certa expectativa) e nos são, em geral, desfavoráveis.

Considero, sobretudo, a receptividade internacional, o aspecto da aceitação da melodia no mundo a que se destina e que, talvez penosamente, não é o de poemas mais ou menos dramáticos, épicos ou [illegible] capa-

(Continua na 24.ª página)

DUAS FINAIS DE TV PÕEM OS SUECOS NERVOSOS...

O dia de amanhã é de grande excitação para os suecos: duas grandes finais televisionadas na mesma noite, uma a seguir à outra!

Primeiro o jogo Rússia-Suécia, a concluir e a decidir o Campeonato do Mundo de Hóquei sobre o Gelo, transmitido da Suíça. Dez minutos depois, a final do Grande Prémio da Eurovisão.

Enfim, uma noite de desespero para os proprietários de cinemas e teatros...

LUSTRES de requinte antigo e moderno para o seu lar
Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203, r/c., esq. (ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39
VENDA AO PUBLICO

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

TEATRO CAPITÓLIO TEL. 327493
HOJE [illegible] h.
VASCO MORGADO apresenta
LAURA ALVES
a QUERIDA MAMA
"LA MAMMA"
(Adultos)
DOMINGO: «MATINÉE», 16 H.
12.ª SEMANA

TEATRO MONUMENTAL TEL. 555133
VASCO MORGADO apresenta em ESTREIA no DOMINGO uma comédia de Barillet & Grédy numa tradução de Jerónimo Bragança
Quarenta Quilates
com Milú lado a lado com Irene Isidro, Armando Cortez, Maria Adelina, Guida Maria, Luis Pinhão, Óscar Caetano, António Machado, António Semedo e a colaboração especial de Maria Paula
Uma encenação de Armando Cortez
Cenas de António Casimiro (Adultos)

TEATRO LAURA ALVES TEL. 864756
HOJE: às 21.45 h.
M/12 ANOS
Santo Porca
de ARIANO SUASSUNA
Amanhã, só à tarde, às 16 h. Domingo: ÚLTIMO DIA às 16 e às 21,45 h.

Neste teatro, brevemente: VASCO MORGADO apresenta
(Adultos)
SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES
de LEONARD GERSHE
Em todos os palcos do mundo... A COMÉDIA DO ANO
encenação de António da Cruz

TEATRO VARIEDADES TEL. 326037
HOJE e AMANHÃ, às 21.45 h.
4.ª SEMANA
UMA COMEDIA DE GARGALHADA PERMANENTE
de Franco Veber
O contrato
Adultos
com RIBEIRINHO ● HENRIQUE SANTANA ● e estreia no teatro declamado SIMONE DE OLIVEIRA
Domingo, «Matinée», 16 h.

GALERIA REAL
SINTRA (S. PEDRO)
Tel. 98 16 61
RESTAURANTE — BAR — SALÃO DE CHÁ
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, 3 as nossas salas se encontram totalmente reservadas a partir das 18 horas para um LANCHE DE CASAMENTO.
NOS RESTANTES DIAS aceitamos reservas para as janelas até às 22 horas

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

ESPECTÁCULO PARA OS OLHOS QUE OS OLHOS MAL VIRAM

Depois do Telejornal veio o «Silêncio, vamos rir...» dedicado aos filmes do tempo do mudo. Ora aqui está uma medida sensata. Depois do muito falar, o silêncio ou a música vêm mesmo a calhar.

Tudo serviu a dar tempo de chegarmos ao Casino Estoril, para um directo de variedades. Antigamente, isto acontecia com alguma frequência. Depois perdeu-se o hábito. Da ultima vez que estivemos no casino foi na histórica noite do buraco. Bom, mas não falemos agora em coisas tristes.

Não importam aqui referências individuais a não ser para recordar a boa qualidade daquele malabarista-equilibrista que, sentado na monocicleta, encaixava taças de champanhe sobre a cabeça, e a pena de termos ouvido uma unica vez o cançonetista Nino Sanchez que nos trazia canções de palavras valiosas, capazes de encontrarem bom eco (apesar do seu castelhano) nos telespectadores atentos.

Quanto ao mais, as variedades no Casino valeram como espectáculo visual. Ora o mais estranho é que, assim sendo, tão mal haja sido cuidado o problema da iluminação. Passamos todo o serão á média luz. Mal feito, porque a televisão não é tango.

De qualquer modo, uma realidade: a Televisão deu o espectáculo em directo. É urgente repetir a iniciativa, no casino e noutros locais. As maquinas e os técnicos precisam de ser postos á prova. Precisam de um saber de experiência feito — porque não há como a experiência para evitar os buracos.

Não queria voltar a falar nisto. Desculpem.

PALAVRAS BOAS DO BOM PAPÁ

Estamos no reinado de D. Luís. Por lei, seis palavras em português de eternidade: «Fica abolida a pena de morte». Uma potência da consciência europeia, Vítor Hugo, pôs-se incondicionalmente do nosso lado. Escreveu: «*Realizar este progresso é dar um grande passo na civilização. Desde hoje, Portugal está á cabeça da Europa. Vós, portugueses, não cessantes de ser navegadores intrépidos. Ides á frente, outrora no oceano, hoje na verdade. Proclamar princípios é ainda mais belo do que descobrir mundos. Eu grito: Glória a Portugal!*»

Não recordo estas palavras por iniciativa minha. Apenas não sou senão interposta pessoa. O mérito inteiro pertence á rubrica «Vária», da hora do almoço, ao bater exacto da uma hora. Apontamento sobre a abolição da pena de morte excelentemente organizado, iluminado pelas palavras grandiosas de Vítor Hugo. Ai papá Hugo, papá Hugo, tu é que as sabias dizer, tu!

Imaginem: apetecia-me não escrever mais nada, nem recordar mais nada. Apetecia-me ficar para aqui a conversar com vocês a respeito de muitas e variadas coisas.

Papá Hugo, papá Hugo...

PREVENÇÃO E TELEVISÃO

Vamos ter novo concurso a televisão. Promove-o a Prevenção Rodoviária e destina-se a chamar a atenção dos portugueses para os múltiplos problemas do trânsito. O facto de se tratar de uma iniciativa não original, não lhe retira nenhum mérito. As coisas boas devem ser seguidas, reinventadas, até mesmo — porque não? — imitidas. Eu cá, se mandasse, mandava até que se copiassem... todas as boas iniciativas.

As intenções são, portanto, boas. A realização pode não considerar-se boa totalmente, no que respeita ao caracter televisivo. Sem dúvida: o sinal de utilidade está marcado na indicação dos artigos do código a estudar em casa e no cuidado posto nas filmagens. Mas...

Como rubrica de televisão, digamos: como espectáculo. «Vermelho, amarelo e verde» (que falta de imaginação...) deixa muito a desejar. Os concorrentes presentes no estúdio em nada contribuem para um impacto junto do público. Quedos e silenciosos, limitam-se a carregar num botão luminoso. Não há convivio, não há gente viva. Jorge Alves e o representante do concurso é que falam, mais ninguém.

O mais natural seria transformar este concurso em motivo de agrado e proveito de todos os telespectadores e não apenas de meia dúzia. Porque se os concorrentes não fazem lá nada, o que é que estão lá a fazer?

A Prevenção é muito importante; a televisão também.

Rádio

RÁDIO

EMISSORA — 1.º Programa Metropolitano — Às 6: Noticiário; 6 e 05: Programa da juventude; 7 e 30: Vida e trabalho 8 e 05: Programa pela banda de musica da Guarda Nacional Republicana; 8 e 50: Melodias de cinema, 9 e 0: Passatempo musical; 20: Diário sonoro 20 e 20 Um instrumentista: Jaime Santos; 20 e 30: 8. episódio do folhetim «Ben-Hur»; 20 e 50 Musica de órgão; 21: Momento 7; 21 e 20: Ao sabor da fantasia; 2 e 45: Vidas notáveis: «Cândido Figueiredo», o Poeta do Amor e da Morte, por Herculano Pereira; 22 e 15: Musica da Europa; 23 e 05: Miscelânea; 24: Fecho

2. Programa Metropolitano — Às 16: Ciclo do Barroco italiano; 16 e 45: Musica de vanguarda; 17 e 30: O compositor do mês: Schumann; 9: Musica portuguesa — Obras de João Domingos Bomtempo; 20: Diário sonoro 20 e 20: Os violinistas David e Igor Oistrakh — Sonatina (Honegger); 20 e 30: Uma obra coral de Georg Friedrich Haendel; 21: Trechos de óperas. 21 e 20. Tempo literário; 21 e 45: Musica sinfónica de Rimsky-Korsakoff; 22: Teatro de todos os tempos, pelo dr. Enrico Lisboa (Filho) «O Drama da Paixão Bizantin[illegible]; Fecho

Programa Estereofónico — MF 2 — 21: E Cuplet á Barcelona... por Nuria Feliu; 2 e 20: Musica só musica; 2 e 30: O conjunto «Magna Charta»; 2 e 50: Melodias pela orquestra Manuel; 22 e 10: Musica portuguesa; 22 e 25: So mundo da canção, com Leonard Cohen; 23 Musica de bailado; 23 e 53: Musica sinfónica da rádio Nederland (um programa cedido por esta estação de radiodifusão); — Concerto pela Orquestra Filarmónica de Haia, sob a direcção de Willem Van Otterloo; Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s — Às 6 e 04: Programa C D C; 8: Depois do chá; 8 e 30 Lisboa á tarde; 9 e 5: Contraponto; 9 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: 45 Rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: Suplemento; 2 e 5: Musica para meditar; 2 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca 23 e 05: Grande roda, 0 e 02 «P B X»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 02. Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C.; 7 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM, 22 e 02: Programa á Gã[illegible] Em órbita-dois; e 02: Banda sonora; 2: Perspectivo 3 e 02 Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 6 e 04: Programa C D C; 8: Depois do chá; 8 e 30: Ela e o seu mundo, 8 e 45: Matinée teatro; 9 e 03: Miscelânea; 9 e 7. Conjunto; 9 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia 21 e 05: Só rádio, 7 e 40: Orquestras, 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Em destaque; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Terocínio; 23 e 04 Clube da juventude e fecho

RÁDIO RENASCENÇA — 283,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05 Marano Tha; 18 e 30: Terço e bênção da Basilica dos Mártires; 19 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 9 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca, 22 e 30: Pentagrograma; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23 hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2 **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30: **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

19 e 30: Telejornal; 9 e 45: Cartaz TV; No XX Aniversário do Shape; 20 e 25: Kaja Ebstein, 21: Inquérito; 21 e 30: Telejornal; 22 Imagens da Poesia Europeia. 22 e 28: Transmissão directa do discurso que o sr Prof Doutor Marcello Caetano proferirá na reunião dos Comissões da Acção Nacional Popular no Norte do País; 23 e 20: Norte de Teatro; 0 h: Marcha do Mundo; 0 e 05 Fecho

II Programa — Às 20 e 30: As Aventuras de Tim-Tim; 20 e 40: Minidecoração; 21: «Uma mãe para Eddie»; 21 e 30: Telejornal 22 Fados; 22 e 28: Transmissão do discurso do sr Prof Dr Marcello Caetano no Norte do País; 23 e 20: Fecho

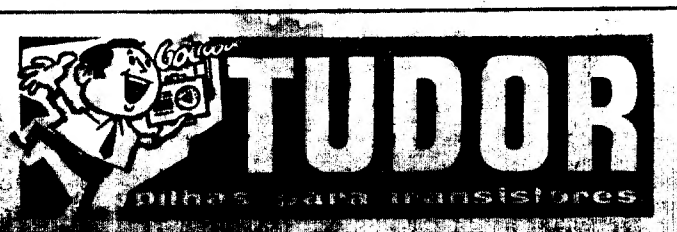
SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série «Descalços no Parque»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Dó Lá Si; 14 e 30: Homens e aviões; 15: Eurovisão — Grand National ? Transmissão directa de Antree, da conhecida prova de Steeple-Chase; 15 e 35: TV Educativa — Educação musical (crianças); 16: Série juvenil «Daktari»; 16 e 50: TV infantil; 17 e 15: Desenhos animados, «Kimba»; 17 e 45: Programa feminino; 18 e 5: Estúdio sem marcação; 18 e 30: Série juvenil «Barreiras Submersas»; 18 e 55: Teledesposto; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: ...E a vida continua...; 20 e 5: Ensaio; 21 e 10: Telejornal, 3.ª edição; 21 e 45: Eurovisão. Concurso Eurovisão da Canção-1971; 23 e 15: Folhetim «Sebastião e Maria Morgane; 23 e 45. Marcha do mundo, e 23 e 55: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: O caso da semana; 20 e 40: Filme de série, «Descalços no Parque»; 21 e 10 Telejornal, 3.ª edição; 21 e 45: Documentário sobre a expedição que Orlando e Cláudio Villas Boas realizaram à Floresta do Amazona e suas tentativas em cativar uma ribo extremamente insociável; 23: Hollywood Playhouse, e 23 e 30: Fecho.

Agente oficial:
JOSÉ LUÍS PINHEIRO
Rua Luís Augusto Palmeirim, 78-A
Tel. 771597 — LISBOA



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

ESPECTÁCULO PARA OS OLHOS QUE OS OLHOS MAL VIRAM

Depois do Telejornal veio o «Silêncio, vamos rir...» dedicado aos filmes do tempo do mudo. Ora aqui está uma medida sensata. Depois do muito falar, o silêncio ou a música vêm mesmo a calhar.

Tudo serviu a dar tempo de chegarmos ao Casino Estoril, para um directo de variedades. Antigamente, isto acontecia com alguma frequência. Depois perdeu-se o hábito. Da ultima vez que estivemos no casino foi na histórica noite do buraco. Bom, mas não falemos agora em coisas tristes.

Não importam aqui referências individuais a não ser para recordar a boa qualidade daquele malabarista-equilibrista que, sentado na monocicleta, encaixava taças de champanhe sobre a cabeça, e a pena de termos ouvido uma unica vez o cançonetista Nino Sanchez que nos trazia canções de palavras valiosas, capazes de encontrarem bom eco (apesar do seu castelhano) nos telespectadores atentos.

Quanto ao mais, as variedades no Casino valeram como espectáculo visual. Ora o mais estranho é que, assim sendo, tão mal haja sido cuidado o problema da iluminação. Passamos todo o serão á média luz. Mal feito, porque a televisão não é tango.

De qualquer modo, uma realidade: a Televisão deu o espectáculo em directo. É urgente repetir a iniciativa, no casino e noutros locais. As maquinas e os técnicos precisam de ser postos á prova. Precisam de um saber de experiência feito — porque não há como a experiência para evitar os buracos.

Não queria voltar a falar nisto. Desculpem.

PALAVRAS BOAS DO BOM PAPÁ

Estamos no reinado de D. Luís. Por lei, seis palavras em português de eternidade: «Fica abolida a pena de morte». Uma potência da consciência europeia, Vítor Hugo, pôs-se incondicionalmente do nosso lado. Escreveu: *«Realizar este progresso é dar um grande passo na civilização. Desde hoje, Portugal está á cabeça da Europa. Vós, portugueses, não cessantes de ser navegadores intrépidos. Ides á frente, outrora no oceano, hoje na verdade. Proclamar princípios é ainda mais belo do que descobrir mundos. Eu grito: Glória a Portugal!»*

Não recordo estas palavras por iniciativa minha. Apenas não sou senão interposta pessoa. O mérito inteiro pertence á rubrica «Vária», da hora do almoço, ao bater exacto da uma hora. Apontamento sobre a abolição da pena de morte excelentemente organizado, iluminado pelas palavras grandiosas de Vítor Hugo. Ai papá Hugo, papá Hugo, tu é que as sabias dizer, tu!

Imaginem: apetecia-me não escrever mais nada, nem recordar mais nada. Apetecia-me ficar para aqui a conversar com vocês a respeito de muitas e variadas coisas.

Papá Hugo, papá Hugo...

PREVENÇÃO E TELEVISÃO

Vamos ter novo concurso a televisão. Promove-o a Prevenção Rodoviária e destina-se a chamar a atenção dos portugueses para os múltiplos problemas do trânsito. O facto de se tratar de uma iniciativa não original, não lhe retira nenhum mérito. As coisas boas devem ser seguidas, reinventadas, até mesmo — porque não? — imitidas. Eu cá, se mandasse, mandava até que se copiassem... todas as boas iniciativas.

As intenções são, portanto, boas. A realização pode não considerar-se boa totalmente, no que respeita ao caracter televisivo. Sem dúvida: o sinal de gravidade está marcado na indicação dos artigos do código a estudar em casa e no cuidado posto nas filmagens. Mas...

Como rubrica de televisão, digamos: como espectáculo «Vermelho amarelo e verde» (que falta de imaginação...) deixa muito a desejar. Os concorrentes presentes no estudio em nada contribuiem para um impacto junto do publico. Quedos e silenciosos, limitam-se a carregar num botão luminoso. Não há convivio, não há gente viva. Jorge Alves e o representante do concurso é que falam, mais ninguém.

O mais natural será [illegible] concurso em motivo de agrado e proveito de todos os telespectadores — não apenas de meia dúzia. Porque se os concorrentes não fazem lá nada, o que é que estão a fazer?

A Prevenção é muito importante; a televisão também.

Rádio

RÁDIO

EMISSORA — 1.º Programa Metropolitano — Às 6: Notiário. 6 e 05: Programa da juventude; 7 e 30: Vida e trabalho. 8 e 05: Programa pela banda de música da Guarda Nacional Republicana; 8 e 50: Melodias de cinema. 9 e 0: Passatempo musical. 20: Diário sonoro. 20 e 20: Um instrumentista. Jaime Santos: 20 e 30: 8. episódio do folhetim «Ben-Hur»; 20 e 50: Música de órgão: 21: Momento 7; 21 e 20: Ao sabor da fantasia: 2 e 45: Vidas notáveis: «Cândido Figueiredo», o Poeta do Amor e da Morte, por Herculano Pereira: 22 e 15: Música da Europa: 23 e 05: Miscelânea: 24: Fecho.

2. Programa Metropolitano — Às 6: Ciclo do Barroco italiano. 6 e 45: Música de vanguarda. 7 e 30: O compositor do mês Schumann: 9: Música portuguesa — Obras de João Domingos Bomtempo: 20: Diário sonoro. 20 e 20: Os violinistas David e Igor Oistrakh — Sonatina (Honegger): 20 e 30: Uma obra coral de Georg Friedrich Haendel: 21: Trechos de óperas. 21 e 20. Tempo literário; 21 e 45: Música sinfónica de Rimsky-Korsakoff: 22: Teatro de todos os tempos, pelo dr. Enrico Lisboa (Filho) «O Drama da Paixão Bizantina». Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2 — às 21: E Cuplet á Barcelona.. por Nuria Feliu: 2 e 20: Música só música: 2 e 30: O conjunto «Magna Charta»: 2 e 50: Melodias pela orquestra Manuel: 22 e 10: Música portuguesa: 22 e 25. So mundo da canção, com Leonard Cohen: 23: Música de bailado; 23 e 53: Música sinfónica da rádio Nederland (um programa cedido por esta estação de radiodifusão); — Concerto pela Orquestra Filarmónica de Haia, sob a direcção de Willem Van Otterloo: : Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290, 3 m — 1034 kc/s — Às 6 e 04: Programa C D C; 8: Depois do chá: 8 e 30: Lisboa á tarde; 9 e 5: Contraponto; 9 e 30: Rádio jornal: 20 e 07: 45 Rotações: 20 e 30: Semana 7: 20 e 45: Canções de Portugal: 21 e 03: Suplemento: 2 e 5: Música para meditar: 2 e 32: Impacto: 22 e 30: Quando o telefone toca 23 e 05: Grande roda 0 e 02 «P B X»: 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural: 7 e 02. Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 6 e 04: Programa C D C.; 7 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM, 22 e 02: Programa á Gô- Em órbita-dois; e 02: Banda sonora; 2: Perspectivo 3 e 02. Fecho.

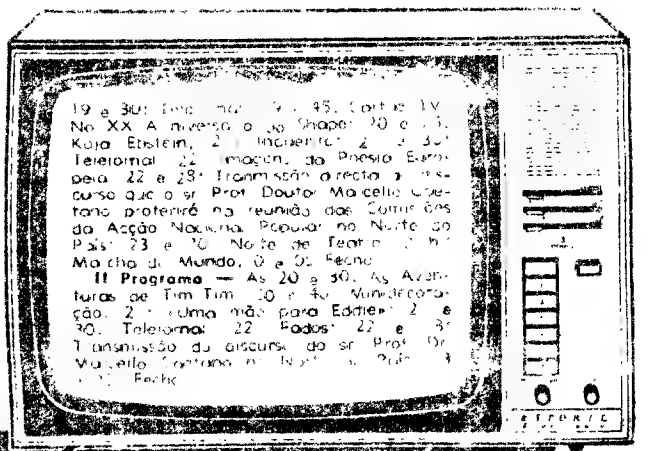
Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 6 e 04 Programa C D C: 8: Depois do chá: 8 e 30: Elo e o seu mundo, 8 e 45: Matinée teatro: 9 e 03: Miscelânea. 9 e 7. Conjunto; 9 e 30 Estudio 64: 20 e 10: Norte dia a dia 21 e 05: Só rádio. 7 e 40: Orquestras, 21 e 45: Mensageiro do Evangelho: 22 e 02: Em destaque; 22 e 5: Novas de alegria; 27 e 30: Terocínio: 23 e 04 Clube da juventude e fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 313,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05 Morano Tho 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05 A vida é uma coisa maravilhosa; 9 e 30: Página um: 20 e 55: Meditando: 21: Programa dos sócios: 22: Quando o telefone toca, 22 e 30: Pentagrograma; 22 e 45: Musica recordada: 23: A 23 hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30. **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

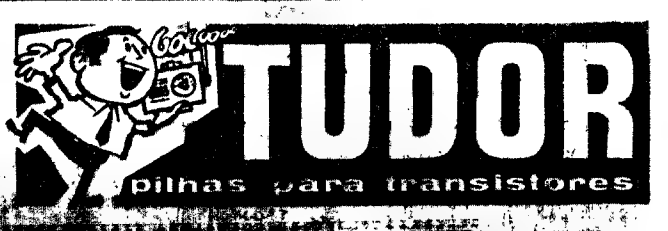


AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados. 13: O caso da semana: 13 e 15: Filme de série «Descalços no Parque»: 13 e 45. Telejornal, 1.ª edição; 14. Dó Lá Si; 14 e 30: Homens e aviões; 15: Eurovisão — Grand National ? Transmissão directa de Antree, da conhecida prova de Steeple-Chase; 15 e 35: TV Educativa — Educação musical (crianças); 16: Série juvenil «Daktari»; 16 e 50: TV infantil; 17 e 15: Desenhos animados, «Kimba»: 17 e 45: Programa feminino, 18 e 5: Estúdio sem marcação; 18 e 30: Série juvenil «Barreiras Submersas»; 18 e 55: Teledesposto; 19 e 30. Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45 ...E a vida continua. : 20 e 5: Ensaio; 21 e 10 Telejornal, 3.ª edição; 21 e 45: Eurovisão Concurso Eurovisão da Canção-1971: 23 e 15: Folhetim «Sebastião e Maria Morgane: 23 e 45 Marcha do mundo, e 23 e 55: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura; 20 e 31: O caso da semana, 20 e 40: Filme de série, «Descalços no Parque»: 21 e 10 Telejornal, 3.ª edição, 21 e 45: Documentário sobre a expedição que Orlando e Cláudio Villas Boas realizaram à Floresta do Amazona e suas tentativas em cativar uma ribo extremamente insociável; 23: Hollywood Playhouse, e 23 e 30: Fecho.

Agente oficial:
JOSÉ LUÍS PINHEIRO
Rua Luís Augusto Palmeirim, 18-A
Tel. 717597 — LISBOA



Foi morto involuntàriamente o costureiro de Cascais?

A certeza de que «mais dia menos dia tinha de ser encontrado» foi a conclusão do confesso autor (involuntário) da morte do costureiro de Cascais, ao ser detido pelos agentes da Polícia Judiciária, ontem, na Parede.

O preso, Manuel Sereno Rodrigues, que ainda está longe de ter completado 20 anos, confessou o roubo e a agressão, mas disse não haver agido com intenção de matar o costureiro Francisco Costa Simão, que apareceu morto na sua «boutique» de Cascais, há três semanas. A morte resultaria, acidentalmente, do facto de a mordaça ter ficado muito apertada.

O jovem estava persuadido, quando abandonou a «boutique» do costureiro, de que este não viria a morrer. Só pelos jornais da tarde do dia seguinte é que soube que Costa Simão tinha perecido.

Partiu, então para Tomar de onde é natural (freguesia da Serra) e hospedou-se ali numa pensão «*a aguardar os acontecimentos*».

★ Tudo por cem escudos

Segundo Manuel Sereno Rodrigues, na véspera do crime ele e Costa Simão tinham tido um encontro nas sombras de Sintra.

Costa Simão, satisfeito convidou-o a ir á «boutique» no dia seguinte, onde o gratificaria devidamente.

Manuel Sereno Rodrigues lá foi. O costureiro preparava-se para seguir para Londres — e estendeu-lhe uma nota de 100 escudos.

— *É pouco* — disse o jovem.

Como o costureiro teimasse nos 100 escudos, Manuel Sereno (sempre segundo a sua confissão), para o intimidar, agrediu-o com um canivete, produzindo-lhe feridas superficiais no pescoço.

Depois derrubou-o sobre um divã, atou-lhe as mãos atrás das costas e amordaçou-o com um grande retalho de seda. Desceu-lhe as calças para criar uma «mise-en-cène» que despistasse as autoridades, agarrou na mala onde o costureiro tinha o passaporte, 50 libras, 200 francos e 370 escudos — e abandonou a «boutique».

— *Quando o deixei ele estava vivo* — disse Manuel Sereno Rodrigues aos investigadores.

A autópsia demonstra que Costa Simão não morreu devido aos golpes no pescoço, e sim por asfixia provocada pela mordaça. As autoridades estão convencidas que Manuel Sereno Rodrigues não desejava, efectivamente, matar o costureiro.

★ Como foi encontrado o criminoso

Como deram os agentes da Polícia Judiciária com o criminoso?

Além de várias pistas, uma (dias depois) impôs-se a todas as outras: o ter-se encontrado em Tomar o bilhete de avião (para Londres) do costureiro Costa Simão.

Após aturadas diligências junto de indivíduos de comportamento estranho, os agentes vieram a saber que determinado indivíduo, natural daquela zona (freguesia da Serra), e conhecido na cidade, residia na Parede numa casa de hóspedes.

Acrescia ainda que o referido indivíduo, ultimamente, fazia em Tomar gastos desusados (táxis, cafés, cinemas, etc.), em companhia de um irmão. Ora estava ali uns dias, ora desaparecia. Os investigadores, não o apanhando em Tomar, dirigiram-se á Parede com um endereço fornecido em Tomar: Avenida da Republica, 18, 1.º, esquerdo.

— *Mora aqui o sr. Manuel Sereno Rodrigues?* — perguntaram.

Morava — e logo veio para os agentes com aquelas palavras: «*Mais dia, menos dia eu tinha de ser encontrado*».

De acordo com o dr. Allen Gomes, subdirector da Polícia Judiciária, Manuel Sereno Rodrigues, devido á sua pouca idade, «*será condenado a uma pena que oscila entre 2 a 8 anos de prisão maior*»

O jovem (que, por furto, no ano passado, cumpriu já pena de prisão) foi descoberto por uma equipa constituida pelo inspector dr. Eduardo Baptista, e pelos agentes Abel Lobão, Abílio Simões e Pinhão.

Artes plásticas

Jorge Timóteo no Palácio Foz

Numa das salas do Palácio Foz foi inaugurada uma exposição do artista Jorge Timóteo.

Alvaro Lapa na Buchholz

Ao fim da tarde, na Galeria Buchholz, na Rua Duque de Palmela, 4, será inaugurada uma exposição do artista Álvaro Lapa.

Paula Figueiroa Rego expõe na Galeria de S. Mamede

Na terça-feira é inaugurada na Galeria de S. Mamede uma exposição da pintora Paula Figueiroa Rego.

Na exposição figurarão alguns desenhos que, de certo modo, explicam a pintura de Figueiroa Rego — um «mundo» de expressão acentuadamente lírica.

Grupo de artistas expõe no Palácio Foz

Nos salões do segundo andar do Palácio Foz foi inaugurada uma exposição colectiva de alguns artistas conhecidos e que o publico se habituou a apreciar.

Maria Fernanda Amado, Artur Bual e Artur José apresentam óleos, desenhos e cerâmicas, estando a exposição a suscitar interesse dado que há meses não comparecem em exposições nas salas de Lisboa.

Três artistas na S. N. B. A.

A exposição de trabalhos dos artistas Elmano Raposo, Pires Vieira e Mário Varela, da S. N. B. A., foi inaugurada na Galeria de Arte Moderna.

BERÇOS A FILHOS DE MILITARES MUTILADOS

O Grupo «Boa Esperança» promoveu, esta tarde, no anexo do Hospital Militar Principal, na Rua Artilharia 1, uma festa durante a qual foram distribuidos berços a filhos de militares mutilados.

Ladrões de malas

Foram ontem presos pela P. S. P., por furtos de malas, José Filipe Lopes da Costa e Joaquim Capelo Gil, os quais vão ser enviados à Polícia Judiciária.

FEVEREIRO TROUXE ATÉ NÓS 149 MIL TURISTAS

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo, através da Direcção-Geral do Turismo, tornou públicos os elementos estatísticos referentes à entrada de estrangeiros na Metrópole, durante o mês de Fevereiro.

Assim entraram no território metropolitano 149.7 mil estrangeiros, número que traduz um aumento de 21% relativamente a idêntico mês de 1970.

No período de Janeiro e Fevereiro, o total de estrangeiros entrados foi de 300.9 mil ou seja mais 23% do que no mesmo período do ano transacto.

Os países com maior peso naqueles valores foram: Alemanha (+ 7%) até Fevereiro, Espanha (+ 44%), França (+ 11%), Nórdicos (+ 8%) e Benelux (+ 44%).

A Assembleia Nacional recomeça os trabalhos no dia 13 para discutir as Contas Públicas

Após um intervalo de cerca de mês e meio, a Assembleia Nacional recomeça os seus trabalhos no próximo dia 13, á hora regimental. Na ordem do dia figura a discussão das Contas Gerais do Estado de 1969, cujo parecer foi já publicado e de que é relator, mais uma vez, o deputado eng.º Araujo Correia.

A Assembleia, de acordo com a Constituição, encerrará os seus trabalhos em fins de Abril. Mas, como é constituinte, e tem para apreciação uma proposta de lei e dois projectos de lei de revisão da Constituição Política, a Assembleia Nacional só poderá discutir as alterações a introduzir no estatuto fundamental da Nação em sessão extraordinária, a convocar pelo Chefe do Estado.

Espera-se que a reabertura da Camara se verifique no mês de Maio.

Entretanto, uma comissão eventual de 33 deputados continua a reunir-se sob a presidência do conselheiro Albino dos Reis, para se ocupar do estudo dos pareceres a emitir sobre a alteração [illegible] Constituição, prosseguindo assim a apreciação da proposta de [illegible] projectos de lei [illegible] dos pareceres [illegible] Corporativa sob o [illegible] em

Técnicos alemães de urbanismo e de habitação visitaram a organização J. Pimenta S. A. R. L.

Em viagem de estudo esteve entre nós, durante alguns dias o «Comité» Oficial de Construção Urbanística da Região de Munique (Baugesellschaft Munchen Land) do qual fazem parte burgomestres, arquitectos e técnicos especializados em urbanismo e em problemas de habitação.

Os visitantes tomaram conhecimento directo do Plano Director de Lisboa, sendo recebidos no Gabinete Técnico da Habitação do Município.

Pretendendo observar uma empresa particular de grande dimensão, as referidas personalidades visitaram também, demoradamente, os empreendimentos urbanísticos de J. Pimenta, S. A. R. L., em Paço de Arcos e Cascais, e a sede oficial, em fase adiantada de construção, em Queluz. Forneceram-lhes detalhadas informações o industrial João Pimenta, o membro dos corpos gerentes sr. Lázaro Viegas e os técnicos da organização srs. engs. Mário Martins e Pedro Cabrita e arquitecto Artur Parrinha.

A empresa obsequiou os técnicos alemães com um jantar no Restaurante Minabela, na Reboleira.

O dr Joachim Gillessen, presidente do «Comité», no discurso que proferiu, salientou o meritório esforço da popular empresa na resolução do problema habitacional e manifestou o maior agrado pelo que lhe fora dado apreciar, dirigindo efusivas felicitações ao industrial João Pimenta, que foi convidado a deslocar-se a Munique. O sr. João Pimenta, agradecendo, disse que, com contactos desta natureza, a amizade luso-alemã recebe contributos de expressivo valor.

A deslocação do grupo germânico ao nosso País foi organizada pela Agência de viagens Catur, de que é director o sr. Simões Carneiro.

Iogurte Grande Ponto

ESCLARECIMENTO

A Firma António de Oliveira & Alves, Lda., produtora do «IOGURTE GRANDE PONTO», vem por este meio informar os seus estimados clientes e público em geral, do seguinte:

1.º — Segundo noticiado nos vespertinos da cidade de Lisboa e que vem ao encontro da verdade, esta firma encontra-se na data deste esclarecimento impossibilitada de fornecer a maioria dos seus clientes devido a um arresto perpetuado pelo 4.º Juízo Cível de Lisboa, no qual é queixoso a Fábrica Iogurte Veneza, que levou ao apresamento de todos os boiões, por inequívoca ma fé desta Fábrica concorrente, e sem as quais não podemos fornecer o nosso produto, que sempre tem merecido de todo o amável público a maior preferência.

2.º — Mais informamos os nossos clientes e o público em geral, que o referido caso está a seguir as vias oficiais competentes para devido esclarecimento da injustiça agora efectuada para com a nossa marca «GRANDE PONTO».

3.º — Serve este ainda para comunicar que os nossos produtos dentro de poucos dias estarão de novo à venda, nos locais habituais, pelo que agradecemos a vossa preferência.

Com as nossas desculpas pelos inconvenientes involuntários que viemos causar à nossa clientela, subscrevemo-nos com elevada estima e consideração.

António de Oliveira & Alves, Lda.
IOGURTE GRANDE PONTO

Electro Êxito
Galerias Êxito

de BAU & SANTOS, LDA.

Ao comemorar o seu aniversário vem agradecer publicamente a todos os seus fornecedores, clientes e amigos que a isso tornaram possível.

Um abraço,

Fernando

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef 536080
AMANHÃ
FEIJOADA A PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE PATO NO FORNO
Diariamente SARRABULHO

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar ✲ Pastelaria
R Barata Salgueiro, 2-C
Telef 40115
Aos domingos especialidades da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS
E COELHO A CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES
DE CASA

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA A PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 — TELEFONE 79 02 31
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos (Conjunto gravado)
ESPECIALIDADES TIPICAMENTE PORTUGUESAS

LISBOA DIA

Foi morto involuntàriamente o costureiro de Cascais?

A certeza de que «mais dia menos dia tinha de ser encontrado» foi a conclusão do confesso autor (involuntário) da morte do costureiro de Cascais, ao ser detido pelos agentes da Polícia Judiciária, ontem, na Parede.

O preso, Manuel Sereno Rodrigues, que ainda está longe de ter completado 20 anos, confessou o roubo e a agressão, mas disse não haver agido com intenção de matar o costureiro Francisco Costa Simão, que apareceu morto na sua «boutique» de Cascais, há três semanas. A morte resultaria, acidentalmente, do facto de a mordaça ter ficado muito apertada.

O jovem estava persuadido, quando abandonou a «boutique» do costureiro, de que este não viria a morrer. Só pelos jornais da tarde do dia seguinte é que soube que Costa Simão tinha perecido.

Partiu, então para Tomar de onde é natural (freguesia da Serra) e hospedou-se ali numa pensão *«a aguardar os acontecimentos»*.

★ Tudo por cem escudos

Segundo Manuel Sereno Rodrigues, na véspera do crime ele e Costa Simão tinham tido um encontro nas sombras de Sintra.

Costa Simão, satisfeito convidou-o a ir á «boutique» no dia seguinte, onde o gratificaria devidamente.

Manuel Sereno Rodrigues lá foi. O costureiro preparava-se para seguir para Londres — e estendeu-lhe uma nota de 100 escudos.

— *É pouco* — disse o jovem.

Como o costureiro teimasse nos 100 escudos, Manuel Sereno (sempre segundo a sua confissão), para o intimidar, agrediu-o com um canivete, produzindo-lhe feridas superficiais no pescoço.

Depois derrubou-o sobre um divã, atou-lhe as mãos atrás das costas e amordaçou-o com um grande retalho de seda. Desceu-lhe as calças para criar uma «mise-en-scéne» que despistasse as autoridades, agarrou na mala onde o costureiro tinha o passaporte, 80 libras, 200 francos e 370 escudos — e abandonou a «boutique».

— *Quando o deixei ele estava vivo* — disse Manuel Sereno Rodrigues aos investigadores.

A autópsia demonstra que Costa Simão não morreu devido aos golpes no pescoço, e sim por asfixia provocada pela mordaça. As autoridades estão convencidas que Manuel Sereno Rodrigues não desejava, efectivamente, matar o costureiro.

★ Como foi encontrado o criminoso

Como deram os agentes da Polícia Judiciária com o criminoso?

Além de várias pistas, uma (dias depois) impôs-se a todas as outras: o ter-se encontrado em Tomar o bilhete de avião (para Londres) do costureiro Costa Simão.

Após aturadas diligências junto de indivíduos de comportamento estranho, os agentes vieram a saber que determinado indivíduo, natural daquela zona (freguesia da Serra), e conhecido na cidade, residia na Parede numa casa de hóspedes.

Acrescia ainda que o referido indivíduo, ultimamente, fazia em Tomar gastos desusados (táxis, cafés, cinemas, etc.), em companhia de um irmão. Ora estava a uns dias, ora desaparecia. Os investigadores, não o apanhando em Tomar, dirigiram-se á Parede com um endereço fornecido em Tomar: Avenida da República, 18, 1.º, esquerdo.

— *Mora aqui o sr. Manuel Sereno Rodrigues?* — perguntaram.

Morava — e logo veio para os agentes com aquelas palavras: *«Mais dia, menos dia eu tinha de ser encontrado»*.

De acordo com o dr. Allen Gomes, subdirector da Polícia Judiciária, Manuel Sereno Rodrigues, devido á sua pouca idade, *«será condenado a uma pena que oscila entre 2 a 8 anos de prisão maior»*.

O jovem (que, por furto, no ano passado, cumpriu já pena de prisão) foi descoberto por uma equipa constituída pelo inspector dr. Eduardo Baptista, e pelos agentes Abel Lobão, Abílio Simões e Pinhão.

Artes plásticas

Jorge Timóteo no Palácio Foz

Numa das salas do Palácio Foz foi inaugurada uma exposição do artista Jorge Timóteo.

Álvaro Lapa na Buchholz

Ao fim da tarde, na Galeria Buchholz, na Rua Duque de Palmela, 4, será inaugurada uma exposição do artista Álvaro Lapa.

Paula Figueiroa Rego expõe na Galeria de S. Mamede

Na terça-feira é inaugurada na Galeria de S. Mamede uma exposição da pintora Paula Figueiroa Rego.

Na exposição figurarão alguns desenhos que, de certo modo, explicam a pintura de Figueiroa Rego — um «mundo» de expressão acentuadamente lírica.

Grupo de artistas expõe no Palácio Foz

Nos salões do segundo andar do Palácio Foz foi inaugurada uma exposição colectiva de alguns artistas conhecidos e que o público se habituou a apreciar.

Maria Fernanda Amado, Artur Bual e Artur José apresentam óleos, desenhos e cerâmicas, estando a exposição a suscitar interesse dado que há meses não comparecem em exposições nas salas de Lisboa.

Três artistas na S. N. B. A.

A exposição de trabalhos dos artistas Elmano Raposo, Pires Vieira e Mário Varela, da S. N. B. A., foi inaugurada na Galeria de Arte Moderna.

BERÇOS A FILHOS DE MILITARES MUTILADOS

O Grupo «Boa Esperança» promoveu, esta tarde, no anexo do Hospital Militar Principal, na Rua Artilharia 1, uma festa durante a qual foram distribuídos berços a filhos de militares mutilados.

Ladrões de malas

Foram ontem presos pela P. S. P., por furtos de malas, José Filipe Lopes da Costa e Joaquim Capelo Gil, os quais vão ser enviados à Polícia Judiciária.

FEVEREIRO TROUXE ATÉ NÓS 149 MIL TURISTAS

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo, através da Direcção-Geral do Turismo tornou públicos os elementos estatísticos referentes à entrada de estrangeiros na Metrópole, durante o mês de Fevereiro.

Assim entraram no território metropolitano 149.7 mil estrangeiros, número que traduz um aumento de 21% relativamente a idêntico mês de 1970.

No período de Janeiro e Fevereiro, o total de estrangeiros entrados foi de 300.9 mil ou seja mais 23% do que no mesmo período do ano transacto.

Os países com maior peso naqueles valores foram: Alemanha (+ 7%) até Fevereiro, Espanha (+ 44%), França (+ 11%), Nórdicos (+ 8%) e Benelux (+ 44%).

Técnicos alemães de urbanismo e de habitação visitaram a organização J. Pimenta S. A. R. L.

Em viagem de estudo esteve entre nós, durante alguns dias o «Comité» Oficial de Construção Urbanística da Região de Munique (Baugesellschaft Munchen Land) do qual fazem parte burgomestres, arquitectos e técnicos especializados em urbanismo e em problemas de habitação.

Os visitantes tomaram conhecimento directo do Plano Director de Lisboa, sendo recebidos no Gabinete Técnico da Habitação do Município.

Pretendendo observar uma empresa particular de grande dimensão, as referidas personalidades visitaram também, demoradamente, os empreendimentos urbanísticos de J. Pimenta, S. A. R. L., em Paço de Arcos e Cascais, e a sede oficial, em fase adiantada de construção, em Queluz. Foram-lhes detalhadas informações o industrial João Pimenta, o membro dos corpos gerentes sr. Lázaro Viegas e os técnicos da organização srs. engs. Mário Martins e Pedro Cabrita e arquitecto Artur Parrinha.

A empresa obsequiou os técnicos alemães com um jantar no Restaurante Mirabela, na Rodoleira.

O dr Joachim Gillessen, presidente do «Comité», no discurso que proferiu, salientou o meritório esforço da popular empresa na resolução do problema habitacional e manifestou o maior agrado pelo que lhe foi dado apreciar, dirigindo efusivas felicitações ao industrial João Pimenta, que foi convidado a deslocar-se a Munique. O sr. João Pimenta, agradecendo, disse que, com contactos desta natureza, a amizade luso-alemã recebe contributos de expressivo valor.

A deslocação do grupo germânico ao nosso País foi organizada pela Agência de viagens Catur, de que é director o sr. Simões Carneiro.

A Assembleia Nacional recomeça os trabalhos no dia 13 para discutir as Contas Públicas

Após um interregno de cerca de mês e meio, a Assembleia Nacional recomeça os seus trabalhos no próximo dia 13, á hora regimental. Na ordem do dia figura a discussão das Contas Gerais do Estado de 1969, cujo parecer foi já publicado e de que é relator, mais uma vez, o deputado eng.º Araújo Correia.

A Assembleia, de acordo com a Constituição, encerrará os seus trabalhos em fins de Abril. Mas, como é constitucionalmente, e tem para apreciação uma proposta de lei e dois projectos de lei de revisão da Constituição Política, a Assembleia Nacional só poderá discutir as alterações a introduzir no estatuto fundamental da Nação em sessão extraordinária, a convocar pelo Chefe do Estado.

Espera-se que a reabertura da Câmara se verifique no mês de Maio.

Entretanto, uma comissão eventual de 33 deputados continua a reunir-se sob a presidência do conselheiro Albino dos Reis, para se ocupar do estudo dos pareceres a emitir sobre as alterações á Constituição, prosseguindo assim a apreciação da proposta de lei, dos projectos de lei e dos pareceres da Câmara Corporativa sob o problema em causa.

Iogurte Grande Ponto

ESCLARECIMENTO

A Firma António de Oliveira & Alves, Lda., produtora do «IOGURTE GRANDE PONTO», vem por este meio informar os seus estimados clientes e público em geral, do seguinte:

1.º — Segundo noticiado nos vespertinos da cidade de Lisboa e que vem ao encontro da verdade, esta firma encontra-se na data deste esclarecimento impossibilitada de fornecer a maioria dos seus clientes devido a um arresto perpetuado pelo 4.º Juízo Cível de Lisboa, no qual é queixoso a Fabrica Iogurte Veneza, que levou ao apresamento de todos os boiões, por inequívoca má fé desta Fábrica concorrente, e sem as quais não podemos fornecer o nosso produto, que sempre tem merecido de todo o amável público a maior preferência.

2.º — Mais informamos os nossos clientes e o público em geral, que o referido caso está a seguir as vias oficiais competentes para devido esclarecimento da injustiça agora efectuada para com a nossa marca «GRANDE PONTO».

3.º — Serve este ainda para comunicar que os nossos produtos dentro de poucos dias estarão de novo à venda, nos locais habituais, pelo que agradecemos a vossa preferência.

Com as nossas desculpas pelos inconvenientes involuntários que viemos causar à nossa clientela, subscrevemo-nos com elevada estima e consideração.

António de Oliveira & Alves, Lda.
IOGURTE GRANDE PONTO

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória 50-E
Telef 536080
AMANHÃ
FEIJOADA A PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE PATO NO FORNO
Diariamente SARRABULHO

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar ✲ Pastelaria
R Barata Salgueiro, 2-C
Telef 40115
Aos domingos especialidades da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS
E COELHO A CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA A PORTUGUESA
TRAV DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 ● TELEFONE 78 02 11
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(M/15 anos) Parque automóvel privativo Premiado pelo SNI

Electro Êxito
Galerias Êxito
de BAU & SANTOS, LDA.
Ao comemorar o seu aniversário vem agradecer publicamente a todos os seus fornecedores, clientes e amigos que a isso tornaram possível.
Um abraço,
Fernando

ALICE MARIA NÃO DEIXARÁ LISBOA

ALICE MARIA

Embora registando repetidos convites para se deslocar ao Brasil Alice Maria decidiu ficar em Lisboa (e no elenco da «Severa»). Intérprete dos seus próprios versos, aliás já em disco, Alice Maria viu editado há pouco um «LP», gravado para a etiqueta «Estudio» e onde registou algumas das suas ultimas criações.

Recorde-se que Alice Maria esteve já no Brasil há alguns anos, quando o falecido Domingos Mesquita decidiu inaugurar no Rio de Janeiro uma filial da sua Adega. O projecto não foi, infelizmente, coroado de êxito, mas a presença de Alice Maria ficou assinalada em grande numero de actuações em espectáculos e programas de televisão.

O facto de já ter estado no Brasil não a anima a voltar ao país irmão? — Prefiro ficar em Lisboa — sublinha. Estou a preparar novo repertório que gravarei brevemente em discos a editar pela etiqueta «Estudio». Essa actividade compreende os meus planos imediatos.

Casada recentemente com José Amaro, também no elenco da «Severa», Alice Maria tem sido solicitada com frequência para deslocações. Põe esse projecto de parte? Ela responde: — Não completamente mas tão cedo não sairei de Lisboa.

NOVE CONDENAÇÕES E UMA ABSOLVIÇÃO NO TRIBUNAL PLENÁRIO DA BOA HORA

Com a leitura do acórdão, terminou no Plenário Criminal da Boa Hora, o julgamento de 10 acusados de actividades subversivas, relacionadas com o M. P. L. A. Presidiu o desembargador Morgado Florindo, ladeado pelos juízes adjuntos drs. Bernardino de Sousa e Alves Cortez, ocupando a bancada da acusação publica o dr. Costa Saraiva, juiz adjunto do procurador da Republica.

Reaberta a audiência, o presidente do tribunal procedeu á leitura da decisão e seus fundamentos, nela se considerando provados todos os actos delituosos atribuídos aos réus com excepção do seguinte: que o réu António Manuel Garcia Neto tenha contactado com o réu Fernando Sabrosa para efeito de recolha de medicamentos; que o António José Ferreira Neto fosse elemento do M. P. L. A. desde 1964, pois só tem essa qualidade desde o ano de 1968; que o referido Fernando Sabrosa tenha contactado em Coimbra com o António Garcia Neto para efeito de recolha de medicamentos com destino ao M. P. L. A.; e finalmente de que tenha sido devida por serviços até então prestados àquela organização, a eleição do réu Joaquim da Rocha Pinto de Andrade para presidente honorário do M. P. L. A. em 1962. O tribunal considerou ainda provada a perigosidade dos réus Álvaro Santos, Garcia Neto, Rui Martins Ramos, António José Ferreira Neto e Joaquim Pinto de Andrade.

Graduada a responsabilidade de cada um dos incriminados, com as respectivas agravantes e atenuantes, foram condenados: Álvaro José de Melo Sequeira Santos, casado, de 33 anos, empregado bancário, natural de Nossa Senhora do Pópulo (Benguela), em quatro anos de prisão maior e dois anos de multa a 20$00 diários; Raul Jorge Lopes Feio, solteiro, de 24 anos, quintanista da Faculdade de Medicina de Lisboa, natural de Bela Vista, Huambo (Angola), pela cumplicidade, em dezoito meses de prisão e igual tempo de multa a 20$00 por dia; José Ilídio Coelho da Cruz, solteiro, de 27 anos, gerente comercial, de Santa Isabel, Boavista (Cabo Verde), por cumplicidade em dezasseis meses de prisão e igual tempo de multa a 20$00 por dia; Diana Marina Dias Andringa, casada, de 22 anos, redactora publicitária do Dundo (Angola), por cumplicidade, em vinte meses de prisão e igual tempo de multa a 20$00 por dia; António Manuel Garcia Neto, solteiro, de 25 anos, aluno do 3.º ano da Faculdade de Direito de Coimbra, de S. Paulo, Luanda, em quatro anos de prisão maior e dois anos de multa a 20$00 por dia; Rui Filipe de Matos Figueira Martins Ramos, solteiro, de 24 anos, aluno do 3.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa, natural do Carmo, Luanda, em três anos e meio de prisão maior e dois anos de multa a 20$00 por dia; António José Ferreira Neto, solteiro, de 28 anos, médico de 2.ª classe, interno dos Serviços de Saude e Assistência de Angola, natural de Nossa Senhora da Conceição, Luanda, em dois anos e meio de prisão maior e dois anos de multa a 20$00 por dia; Fernando Emílio de Campos Pereira Sabrosa, solteiro, de 28 anos, aluno da Faculdade de Medicina de Coimbra, natural de Nossa Senhora da Assunção, Malanje, Angola, em dezoito meses de prisão correccional, e finalmente Joaquim da Rocha Pinto de Andrade, de 43 anos, sacerdote, aluno do 2.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa, natural da freguesia de Santo Hilário, Cazendo, Angola, em três anos de prisão maior e dois anos de multa a 20$00 por 5 anos.

Aos condenados em pena maior foi também aplicada a suspensão de direitos políticos por 15 anos e a medida de segurança de internamento, prorrogável, de seis meses a três anos. Os condenados em pena correccional sofreram a suspensão de direitos políticos por anos.5

A ré Maria Pinto Coelho, solteira, de 25 anos, empregada de escritório e aluna do 2.º ano do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, natural de Lisboa, foi absolvida e mandada restituir á liberdade.

Em três linhas

O sr. eng. agrónomo José de Oliveira Pires Correia Contreiras foi contratado como equiparado a professor extraordinário, com diuturnidade além do quadro, do grupo de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

///

O dr. Avelino Fortes Espinheira foi nomeado director clínico do Hospital de Santa Marta.

///

Vai prestar provas para professor agregado de Escultura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto o escultor João Rafael de Bastos Barata Feio.

///

No Centro de Instrução e Condução Auto n.º 4, em Coimbra celebra-se no dia 2 de Abril, a cerimónia de juramento de Bandeira pelos soldados-recrutas do 1.º subturno do 1.º turno da escola de recrutas de 1971.

///

Está constituído o juri do concurso de admissão de chefes de secção para o quadro do Comissariado do Desemprego, ao qual preside o comissário, sr. coronel Carlos Maria do Carmo.

///

O sr. dr. Ramiro Xavier da Fonte Fernandes Salgado foi nomeado vogal efectivo do Conselho Superior dos Transportes Terrestres, em representação da Corporação da Lavoura.

///

Na ilha de Santiago, província de Cabo Verde, foi criado o concelho de Santa Cruz, constituído pelas freguesias de Santiago Maior, S. Salvador do Mundo e S. Lourenço dos Órgãos, do actual concelho da Praia.

///

Foi reestruturada a organica da Junta Autónoma dos Portos de Cabo Verde.

///

O dr. Joaquim de Montezuma Dinis de Carvalho, conservador dos registos do Ultramar, foi promovido á 1.ª classe e colocado na Conservatória do Registo Comercial de Lourenço Marques.

Círculo de Cultura Musical

Na sede do Circulo de Cultura Musical reuniu-se, sob a presidência do prof. Juvenal Esteves, a assembleia geral da associação, que discutiu e votou o relatório da direcção, as contas e o parecer do conselho fiscal, referentes ao exercício de 1970, documentos que foram aprovados por unanimidade.

Procedeu-se, depois, à eleição dos membros da direcção e do conselho fiscal, bem como de dois membros da mesa da assembleia geral. Para os referidos cargos foram reeleitos os seguintes sócios: direcção — srs. ten. cor. Álvaro Salvação Barreto, D. Lopo de Bragança, Pedro do Prado, dr. Fernando Pedroso Rodrigues, dr. Ilídio José de Paiva e eng.º António Martins Alves; conselho fiscal — srs. prof. Augusto Salazar Leite, dr. António Jorge da Motta Veiga e dr. Fernando de Mello Moser; assembleia geral (secretários) — srs. Ruy Guedes e eng.º Duarte Lino Pimentel.

Por proposta do presidente do Círculo de Cultura Musical, dr. Manuel Machado Macedo, a reeleição dos referidos sócios foi votada por aclamação.

No final da sessão, o prof. Juvenal Esteves fez votos para que, dirigido com a competência e a dedicação com que o tem sido ao longo de tantos anos, o Círculo de Cultura Musical possa continuar a exercer as suas funções que não só visam a elevação das manifestações musicais como desempenham importante papel na sociedade portuguesa.

CERTIFICADOS DE AFORRO

Na sala das sessões da Junta do Crédito Publico, realizou-se ontem o 36.º sorteio trimestral de certificados de aforro. O acto presidido pelo sr. dr. João Maria Coelho, vice-presidente daquela Junta, fez-se com o seguinte plano: 1 prémio de 100 000$00, 2 de 30 000$00 cada, 3 prémios de 20 000$00 cada, 10 prémios de 5000$00 cada e 60 prémios de 1000$00.

O 1.º prémio coube ao n.º 311798, os 2 segundos aos n.ºs 279966 e 328350 e os 3 terceiros prémios aos n.ºs 264546, 290752 e 315572.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ✲ **À noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef 21 32 59 ✲ Encerra ás quartas-feiras.**

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 ✲ Encerra ás 5 da madrugada**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo: 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef 86 0816**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 ✲ Telfs.: 36 97 60 e 30532 ✲ Encerra ás 3.as feiras**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Borradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz Tocam: Pedro Calgeiro Cabra e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 67 66 55 e 67 24 31**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alando de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef.: 32 83 07 ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

A presença de António Macedo Pop—Soul e Underground ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef 775695**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marques de Abrantes, 64-66 ✲ Telefone 667264

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ Av. Mare ✲ Telef 367136 ✲ Encerra ás 3 horas

MAXIM'S

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» [illegible] variedades internacionais ✲ Praça da Alegria, [illegible] ✲ Telef. [illegible]

a furna
música gravada
ceias até ás 3 da manhã
fechado aos domingos
[illegible] lapa 38 d
(a duque de loulé)

TAMILA [illegible]

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 584117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ **Variedades internacionais ✲ Telefs. 264521-264526-264596-264621-264946.**

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrado aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

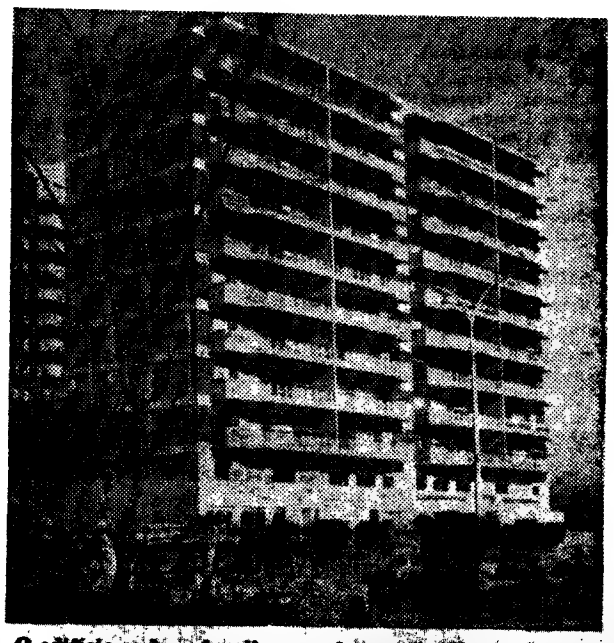
O SORTEIO DOS PRÉMIOS ESTÁ MARCADO PARA AMANHÃ

Está marcado para amanhã o sorteio dos fabulosos prémios da iniciativa que abre o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso Jornal. Recordamos (quem o terá esquecido?) que o primeiro prémio é o maior até agora instituído na história da Imprensa portuguesa: um andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220», com valor total superior a mil contos. Um leitor do «Diário de Lisboa» será, pois, milionário a partir de amanhã. Em breve conheceremos a sua identidade. A sorte designará o feliz contemplado com o mais fabuloso dos prémios instituídos por iniciativas promovidas na Imprensa portuguesa. O sorteio realizar-se-á, amanhã, às 18 horas. Recordamos que a verificação das colecções de «cabeçalhos», em obediência ao regulamento, será efectuada no domingo, entre as 19 e as 21 horas, como, aliás, repetidas vezes informámos. Insistimos: as colecções de «cabeçalhos» referem-se aos jornais publicados no período compreendido entre 2 de Janeiro e 31 de Março, com uma margem de faltas de cinco exemplares por mês. A não observancia do que está determinado fará desclassificar o leitor e oferecer oportunidade aos suplentes também designados em sorteio, com a presença dos representantes do Governo Civil de Lisboa.

Vinte dos nossos leitores — os que a sorte designar — vão ser contemplados com prémios magníficos. Um deles terá, também, direito ao título de milionário. A iniciativa encerra, assim, uma das suas fases. Mas já outra se avizinha, plena de interesse e com prémios tentadores. Evidentemente: vale a pena ser leitor do «Diário de Lisboa».

O fabuloso primeiro prémio

Quem será o milionário? Quem será o feliz leitor que vai conquistar o maior prémio até hoje instituído na história da Imprensa portuguesa: o andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220», com valor total superior a mil contos? O sorteio realiza-se amanhã às 18 horas, nos serviços administrativos do nosso Jornal e designará os contemplados.



O edifício onde se localiza o andar, no Parque Residencial e Turístico de Miraflores

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO

DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 50 CONTOS

3%

DEPÓSITOS A MAIS DE 1 ANO

5,75%

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO

ASSEMBLEIA GERAL DO R. C. P.

SOMOS APOLOGISTAS DA CONCORRÊNCIA

— AFIRMOU JÚLIO BOTELHO MONIZ

«Somos apologistas da concorrência. Chega-nos o que temos, mas falta-nos muito para produzir um serviço perfeito em cobertura de onda média e se nos for concedido, depois de definida, em matéria de retransmissores, a política do Governo temos muito com que nos entreter» — afirmou o presidente da direcção do Rádio Clube Português, sr. Julio Botelho Moniz, na assembleia geral ordinária da sociedade, convocada para apreciação do relatório e contas do exercício de 1970.

Falando antes da ordem do dia, o sr. Julio Botelho Moniz referiu-se ao facto de se dizer (*«e com certa gravidade por não corresponder á verdade»* — acentuou) que o R. C. P. tem a *«intenção de absorver ou tentar comprar todas as estações de rádio particulares»*.

Acrescentou:

«Isto veio a propósito da transacção que iniciámos com Emissores do Norte Reunidos (Porto), transacção essa que se malogrou vindo a ser efectuada pela E. N., que adquiriu aquela estação emissora, cobrindo possivelmente a nossa oferta de 32 500 contos. Ora, como gosto das coisas no seu devido lugar e da verdade acima de tudo, vou expor o que se passou: «Nunca foi intenção da direcção do R. C. P. comprar fosse o que fosse para se assenhoriar de posições que outros particulares possuem no meio radiofónico.

«Eu explico: quando da inauguração das novas instalações de R. C. P. no Porto, encontravam-se, entre os vários convidados, alguns sócios dos E. N. R. e um conhecido banqueiro do Porto, a quem interessou, em princípio, efectuar a transacção. Porém, como (as palavras são dele) não estivesse dentro do assunto, só estaria interessado se se associasse a alguém que soubesse do *métier*, passe a expressão. Por aqui ficou a conversa, e, até por graça, nessa ocasião, cheguei a oferecer determinada importancia.

«Passou o tempo, e recebemos a visita de um enviado daqueles emissores, para que fizéssemos uma oferta concreta, pois estavam na disposição de vender.

«Daqui se depreende que nunca andámos atrás de ninguém para comprar. A transacção efectuada com Rádio Alto Douro foi feita por indicação do mesmo senhor, em virtude de um dos proprietários ser dele conhecido.

«Anteriormente, a compra de Rádio Ribatejo, para a Sociedade Portuguesa de Radiodifusão, Lda, de que passámos a fazer parte, processou-se de forma idêntica.

«Assim, foi um dos sócios da sociedade actual, o sr. Tomé de Barros Queirós, que tinha opção sobre a compra, que nos veio propor sociedade.

«Como oficiais do mesmo ofício, não podíamos dizer que não tanto mais que estávamos nas melhores relações com qualquer dos sócios.

«Desta forma se pode concluir que não somos nós que andamos á procura de comprar, mas, pelo contrário, vêm-nos oferecer».

Noutro passo da sua intervenção, e depois de fazer a apologia da concorrência, o sr. Julio Botelho Moniz afirmou:

«Evidentemente que uma pergunta se põe: então se não está publicamente definida a política a seguir em matéria de rádio, qual a razão que levou a E. N. a comprar os E. N. R. por tão elevada verba?

«Depois desta compra, ficou no meu espírito, que tal política estará, pelo menos, em princípio, definida, e que este foi um passo que os órgãos de Informação particular devem olhar com apreensão. Por outro lado, aproxima-se o termo da concessão da R. T. P.

«Não me digam, como já ouvi dizer, que se pensa numa empresa pública ou coisa parecida, para concentrar toda a informação. Evidentemente que tais boatos só me podem fazer sorrir, porque não acredito que alguém já sem ambições políticas, por as ter realizado, possa perfilhar uma ideia que se traduz num retrocesso, quando afinal o próprio Governo apoia a promulgação da Lei de Imprensa. Ora, tal ideia virá, certamente, de pessoas que, como disse, não têm responsabilidades governativas, pois que o Governo não tem razões de queixa ou desconfiança dos órgãos de Informação. Concretamente, em relação ao R. C. P., pela boca dos governantes do País, tem-se ouvido repetidamente os maiores louvores á nossa acção, acção esta do conhecimento de VV Ex.as, e que se pode traduzir em poucas palavras: defesa acérrima dos verdadeiros interesses nacionais e repúdio absoluto de tudo aquilo que contarie os altos princípios morais e cívicos da nação portuguesa ou as boas relações entre os portugueses».

Alunos do I. S. L. A. visitaram a Vitamealo Portuguesa

Na continuação de um programa de visitas a empresas, das mais representativas nos diversos sectores de actividade, com o principal objectivo de ilustrar com exemplos práticos os conhecimentos teóricos adquiridos nas aulas, os alunos dos 2.º e 3.º anos da Escola Superior de Organização Científica do Trabalho, do Instituto Superior de Línguas e Administração (I. S. L. A.), visitaram no dia 26 de Março a Vitamealo Portuguesa, S. A. R. L., uma das maiores fábricas portuguesas de alimentos vitaminados para animais e uma das mais avançadas da Península no capítulo dos métodos de produção.

Os alunos, acompanhados por dois professores, foram guiados, durante a visita, pelo chefe de serviços de produção da fábrica.

TEMPO DE CHUVA (MAS NÃO MUITA) ATÉ MEIO DO MÊS

Segundo o Serviço Meteorológico Nacional, é a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até ao dia 15: até 8, céu pouco nublado podendo apresentar períodos de maior nebulosidade nos dois primeiros dias nos quais há possibilidade de ocorrência de aguaceiros fracos, principalmente nas regiões montanhosas; vento fraco ou moderado predominando de nordeste; de 9 a 15, céu muito nublado alternando com abertas; vento geralmente moderado do quadrante oeste; períodos de chuva ou aguaceiros, mais frequentes nas regiões do Norte e Centro; em todo o período, temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

Importação de manteiga para suprir a sua falta

Começaram a ser distribuídas, na passada segunda-feira, segundo informação do presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, as primeiras 7 ton de manteiga empacotada, das 250 importadas dos países do Mercado Comum e que tinham sido distribuídas por unidades industriais portuguesas a fim de se proceder ao seu empacotamento.

Anteontem, conforme a mesma Junta, chegaram mais 7 toneladas, que satisfarão as necessidades imediatas do mercado, onde se registava, há algumas semanas, falta desse produto.

Nos próximos dias entrarão em Portugal, da mesma forma provenientes dos países do Mercado Comum, mais 300 toneladas de manteiga. Espera-se, deste modo, suprir uma carência de produção, aliás prevista a longo prazo.

Segundo o dr. Pereira Lucas, presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, o fornecimento da manteiga entrará em breve na normalidade e não se prevê aumento de preço, dado que as compras efectuadas foram feitas a preços compatíveis com as tabelas praticadas no mercado nacional.

Que há de comum entre um avião e um carrinho de bebé?

a IMPÉRIO sabe que acima de tudo os seus clientes exigem segurança

Para transportar mais depressa, os homens criaram a força poderosa dos reactores. Contudo, uma força simples faz mover um carrinho de bebé: o amor de mãe. O amor da família que quer criar um filho em segurança. E em segurança cria para ele um futuro. Também numa grande companhia aérea se exige segurança. As pessoas e os bens transportados. Os homens que nela vivem e lhe dão vida, porque querem trabalhar em segurança. A Império sabe que, acima de tudo, os seus clientes exigem segurança. No mundo do lar. Da profissão. Dos bens. Dos negócios.

A Império tem para todos a medida exacta duma vida mais segura. Criou modalidades racionais de seguros que respondem abertamente às necessidades dos homens. Às necessidades das empresas. No mundo de hoje. E frente ao futuro.

• *Ainda àcerca de aviões – a Império é no nosso país a maior seguradora do ramo aéreo.*
Cada Boeing em voo, representa um capital em risco, semelhante ao valor da ponte sobre o Tejo.

Contacte um homem da Império. É um amigo.

AO SEU SERVIÇO IMPÉRIO a sua seguradora

PENTA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Praça da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Coimbrã e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ASSEMBLEIA GERAL DO R. C. P.

SOMOS APOLOGISTAS DA CONCORRÊNCIA

— AFIRMOU JÚLIO BOTELHO MONIZ

«Somos apologistas da concorrência. Chega-nos o que temos, mas falta nos muito para produzir um serviço perfeito em cobertura de onda média e se nos for concedido, depois de definida, em matéria de retransmissores, a política do Governo temos muito com que nos entreter» — afirmou o presidente da direcção do Rádio Clube Português, sr. Julio Botelho Moniz, na assembleia geral ordinária da sociedade, convocada para apreciação do relatório e contas do exercício de 1970.

Falando antes da ordem do dia, o sr. Julio Botelho Moniz referiu-se ao facto de se dizer *(«e com certa gravidade por não corresponder á verdade»* — acentuou) que o R. C. P. tem a *«intenção de absorver ou tentar comprar todas as estações de rádio particulares»*.

Acrescentou:

«Isto veio a propósito da transacção que iniciámos com Emissores do Norte Reunidos (Porto), transacção essa que se malogrou vindo a ser efectuada pela E. N., que adquiriu aquela estação emissora, cobrindo possivelmente a nossa oferta de 32 500 contos. Ora, como gosto das coisas no seu devido lugar e da verdade acima de tudo, vou expor o que se passou: «Nunca foi intenção da direcção do R. C. P. comprar fosse o que fosse para se assenhoriar de posições que outros particulares possuem no meio radiofónico.

«Eu explico: quando da inauguração das novas instalações de R. C. P. no Porto, encontravam-se, entre os vários convidados, alguns sócios dos E. N. R. e um conhecido banqueiro do Porto, a quem interessou, em princípio, efectuar a transacção. Porém, como (as palavras são dele) não estivesse dentro do assunto, só estaria interessado se se associasse a alguém que soubesse do *métier*, passe a expressão. Por aqui ficou a conversa, e até por graça, nessa ocasião, cheguei a oferecer determinada importancia.

«Passou o tempo, e recebemos a visita de um enviado daqueles emissores, para que fizéssemos uma oferta concreta, pois estavam na disposição de vender.

«Daqui se deprende que nunca andámos atrás de ninguém para comprar. A transacção efectuada com Rádio Alto Douro foi feita por indicação do mesmo senhor, em virtude de um dos proprietários ser dele conhecido.

«Anteriormente, a compra de Rádio Ribatejo, para a Sociedade Portuguesa de Radiodifusão, Ltda, de que passámos a fazer parte, processou-se de forma idêntica.

«Assim, foi um dos sócios da sociedade actual, o sr. Tomé de Barros Queirós, que tinha opção sobre a compra, que nos veio propor sociedade.

«Como oficiais do mesmo ofício não podíamos dizer que não tanto mais que estávamos nas melhores relações com qualquer dos sócios.

«Desta forma se pode concluir que não somos nós que andamos á procura de comprar, mas, pelo contrário, vêm-nos oferecer».

Noutro passo da sua intervenção, e depois de fazer a apologia da concorrência, o sr. Julio Botelho Moniz afirmou:

«Evidentemente que uma pergunta se põe: então se não está publicamente definida a política a seguir em matéria de rádio, qual a razão que levou a E. N. a comprar os E. N. R. por tão elevada verba?

«Depois desta compra, ficou no meu espírito, que tal política estará, pelo menos, em princípio, definida, e que este foi um passo que os órgãos de Informação particular devem olhar com apreensão. Por outro lado, aproxima-se o termo da concessão da R. T. P.

«Não me digam, como já ouvi dizer, que se pensa numa empresa pública ou coisa parecida, para concentrar toda a informação. Evidentemente que tais boatos só me podem fazer sorrir, porque não acredito que alguém já sem ambições políticas, por as ter realizado, possa perfilhar uma ideia que se traduz num retrocesso, quando afinal o próprio Governo apoia a promulgação da Lei de Imprensa. Ora, tal ideia virá, certamente, de pessoas que, como disse, não têm responsabilidades governativas, pois que o Governo não tem razões de queixa ou desconfiança dos órgãos de Informação. Concretamente, em relação ao R. C. P., pela boca dos governantes do País, tem-se ouvido repetidamente os maiores louvores á nossa acção, acção esta do conhecimento de VV Ex.as, e que se pode traduzir em poucas palavras: defesa acérrima dos verdadeiros interesses nacionais e repúdio absoluto de tudo aquilo que contarie os altos princípios morais e cívicos da nação portuguesa ou as boas relações entre os portugueses».

Alunos do I. S. L. A. visitaram a Vitamealo Portuguesa

Na continuação de um programa de visitas a empresas, das mais representativas nos diversos sectores de actividade, com o principal objectivo de ilustrar com exemplos práticos os conhecimentos teóricos adquiridos nas aulas, os alunos dos 2.º e 3.º anos da Escola Superior de Organização Científica do Trabalho, do Instituto Superior de Línguas e Administração (I. S. L. A.), visitaram no dia 26 de Março a Vitamealo Portuguesa, S. A. R. L., uma das majores fábricas portuguesas de alimentos vitaminados para animais e uma das mais avançadas da Península no capítulo dos métodos de produção.

Os alunos, acompanhados por dois professores, foram guiados, durante a visita, pelo chefe de serviços de produção da fábrica.

TEMPO DE CHUVA (MAS NÃO MUITA) ATÉ MEIO DO MÊS

Segundo o Serviço Meteorológico Nacional, é a seguinte a anteviisão das condições meteorológicas médias no Continente até ao dia 15: até 8, céu pouco nublado podendo apresentar períodos de maior nebulosidade nos dois primeiros dias nos quais há possibilidade de ocorrência de aguaceiros fracos, principalmente nas regiões montanhosas; vento fraco ou moderado predominando de nordeste; de 9 a 15, céu muito nublado alternando com abertas; vento geralmente moderado do quadrante oeste; períodos de chuva ou aguaceiros, mais frequentes nas regiões do Norte e Centro; em todo o período, temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

Importação de manteiga para suprir a sua falta

Começaram a ser distribuídas, na passada segunda-feira, segundo informação do presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, as primeiras 7 ton de manteiga empacotada, das 250 importadas dos países do Mercado Comum e que tinham sido distribuídas por unidades industriais portuguesas a fim de se proceder ao seu empacotamento.

Anteontem, conforme a mesma Junta, chegaram mais 7 toneladas, que satisfarão as necessidades imediatas do mercado, onde se regista, há algumas semanas, falta desse produto.

Nos próximos dias entrarão em Portugal, da mesma forma provenientes dos países do Mercado Comum, mais 300 toneladas de manteiga. Espera-se, deste modo, suprir uma carência de produção, vista prevista a longo prazo.

Segundo o dr. Pereira Lucas, presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, o fornecimento da manteiga entrará em breve na normalidade e não se prevê aumento de preço, dado que as compras efectuadas foram feitas a preços compatíveis com as tabelas praticadas no mercado nacional.

PENTA

Que há de comum entre um avião e um carrinho de bebé?

a IMPÉRIO sabe que acima de tudo os seus clientes exigem segurança

Para transportar mais depressa, os homens criaram a força poderosa dos reactores. Contudo, uma força simples faz mover um carrinho de bebé: o amor de mãe. O amor da família que quer criar um filho em segurança. E em segurança cria para ele um futuro. Também numa grande companhia aérea se exige segurança. As pessoas e os bens transportados. Os homens que nela vivem e lhe dão vida, porque querem trabalhar em segurança. A Império sabe que, acima de tudo, os seus clientes exigem segurança. No mundo do lar. Da profissão. Dos bens. Dos negócios.

A Império tem para todos a medida exacta duma vida mais segura. Criou modalidades racionais de seguros que respondem abertamente às necessidades dos homens. Às necessidades das empresas. No mundo de hoje. E frente ao futuro.

• *Ainda àcerca de aviões - a Império é no nosso país a maior seguradora do ramo aéreo.*
Cada Boeing em voo, representa um capital em risco, semelhante ao valor da ponte sobre o Tejo.

Contacte um homem da Império. É um amigo.

AO VOSSO SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Ruá de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

BAYER PORTUGAL s.a.r.l.

1970 RELATÓRIO E CONTAS

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS:

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias temos a honra de submeter à vossa apreciação o Relatório da Administração, o Balanço e Contas, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1970.

∴

O Balanço e respectiva Conta de Ganhos e Perdas relativos ao exercício do ano transacto, foram elaborados de modo a que satisfaçam não só as exigências legais mas também a que, dada a sua clareza, proporcionem os srs. Accionistas uma visão directa e nítida da situação da nossa Sociedade. É nossa intenção, de futuro, manter a actual apresentação do Balanço e Contas permitindo, deste modo, aos srs Accionistas possibilidades de comparação em pormenor dos diversos exercícios.

Além desta evidente vantagem para os srs. Accionistas esperamos, nas futuras Assembleias Gerais podermo-nos dedicar mais profundamente a assuntos de importância para a nossa Sociedade.

Em relação ao Balanço e Contas do exercício de 1970 esclarecemos o seguinte:

O Activo Imobilizado aumentou na totalidade Esc. 4,72 milhões que recaíram entre outras, principalmente, nas rubricas «Máquinas e Instalações Fabris» 1,15 milhões, «Veículos» 1,77 milhões, «Móveis e Utensílios» (com a inclusão do equipamento de Laboratório) 1,49 milhões. As amortizações totalizaram 2,95 milhões e mantiveram-se dentro dos quadros habituais. Felizmente não tivemos necessidade de amortizações especiais.

O Activo Realizável aumentou igualmente, principalmente devido às existências consideràvelmente mais volumosas de mercadoria o que é uma consequência da maior quantidade de vendas com que se conta.

Temos a satisfação de salientar que as dívidas activas de clientes em relação ao exercício transacto diminuíram cerca de 14%.

No Passivo Exigível acentuou-se o aumento das obrigações em relação aos fornecedores o que está directamente ligado com as existências mais elevadas em armazém.

No que respeita a Provisões pôde efectuar-se uma ligeira redução em Créditos Duvidosos e uma redução considerável em Contribuições e Impostos a pagar. Devemos mencionar que as provisões para Contribuições e Impostos no fim do exercício anterior foram excepcionalmente elevadas, pois que por motivos de ordem interna da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, impostos a pagar em 1969 só foram colectados em 1970. Entretanto a situação dos pagamentos dos impostos já se normalizou. As provisões sobre existências de mercadorias processaram-se dentro dos quadros normais. Todavia são 48,8% superiores às do ano transacto, como consequência principal do maior volume de existências de mercadoria.

O Capital com inclusão das Reservas aumentou 45,9% em relação ao exercício transacto, de acordo com as decisões tomadas na Assembleia Geral Ordinária de 18-3-1970.

Como Resultado do Exercício de 1970 obteve-se um lucro líquido de Esc. 1.688.024$90 que adicionado ao saldo transportado do exercício de 1969 no valor de Esc. 216.141$02 totaliza um lucro de Esc. 1.904.165$92.

Em relação ao exercício de 1969 as vendas de armazém tiveram um aumento insignificante o que se pode atribuir à perda da representação da Cassella Farbwerke Mainkur AG no 1.º trimestre do exercício. Devido à aquisição da maioria das acções dessa firma feita por uma empresa concorrente tivemos de renunciar à sua representação. Tomámos entretanto as medidas necessárias que, segundo as nossas previsões, nos permitirão compensar bem esta perda de vendas.

O resultado relativamente desfavorável em relação ao exercício de 1969, baseia-se no facto de que durante o ano tivemos de lutar com forte concorrência em quase todos os produtos e o aumento considerável das despesas não pôde ser compensado mediante a subida dos preços de venda. No capítulo das despesas tiveram grande influência:

— os encargos mais elevados motivados especialmente pela revalorização do marco em Setembro de 1969.
— as despesas com o pessoal, incluindo os encargos sociais obrigatórios e facultativos, consideràvelmente elevados, que só em parte se podem atribuir a entrada de mais pessoal durante o ano.
— o encarecimento do financiamento que se verificou durante o exercício.
— o aumento igualmente verificado dos «encargos comerciais».

Os crescentes encargos de publicidade puderam em parte ser diminuídos graças ao apoio amigo das nossas representadas. O reembolso destas despesas de publicidade teve a sua repercussão nos lucros extraordinários.

Queremos ainda referir que a liquidez da sociedade esteve assegurada durante todo o exercício. Não foi necessário sequer proceder a novos créditos mesmo que temporàriamente. Os compromissos assumidos foram pontualmente satisfeitos. A reduzida liquidez no fim do exercício resulta do pagamento adiantado de facturas de fornecedores que nos proporcionaram vantagens especiais de preços; mas também é uma consequência das nossas exportações sempre mais volumosas para as províncias ultramarinas, especialmente para Moçambique, e da recusa por parte da banca comercial de um financiamento intermédio devido à situação que todos conhecemos. Esperamos que em breve se normalizem as transferências dos pagamentos entre as províncias ultramarinas e a metrópole e que se eliminem deste modo os actuais momentos de insegurança que vão desde o planeamento da produção até ao cálculo dos preços de venda, no interesse da nossa Sociedade e também no da economia nacional.

∴

Para o lucro de 31-12-1970 propomos a seguinte distribuição:

Para dividendo a 27.000 acções, a 50$00 por acção, cativo de imposto	1.350.000$00
Para Fundo de Reserva Legal	84.401$25
Saldo para Conta Nova	469.764$67
	1.904.165$92

∴

Ao nosso Conselho Fiscal cumpre-nos apresentar os nossos agradecimentos pela colaboração que sempre nos dispensou no decorrer do exercício e daí os nossos cumprimentos de muito apreço e gratidão.

Queremos também agradecer a todos os nossos colaboradores a sua dedicação revelada perante os serviços que nos prestaram.

A todos os nossos melhores agradecimentos.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1971

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Miguel de Mendonça Monteiro
Johannes Minnemann
Gerd Willy Schnellen

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

ACTIVO

Disponível			
Caixa		58.027$30	
Bancos		310.931$38	368.958$68
Realizável			
Mercadorias em Armazém		100.282.762$20	
Mercadorias em Trânsito		21.436.215$30	
Material de Embalagem		1.210.084$30	
Clientes		73.957.225$30	
Letras a Receber		1.345.406$40	
Diversos Devedores		3.485.995$20	201.717.688$70
Imobilizado			
Terrenos		2.469.791$60	
Edifícios	6.970.878$50		
Amortizações	−840.284$38	6.130.594$12	
Edificações Ligeiras	140.904$30		
Amortizações	− 46.652$15	94.252$15	
Máquinas e Instalações Fabris	5.751.286$40		
Amortizações	−2.430.827$34	3.320.459$06	
Máquinas Agrícolas	1.635.376$10		
Amortizações	−1.598.979$00	36.397$10	
Veículos	5.409.370$60		
Amortizações	−2.434.472$06	2.974.898$54	
Móveis e Utensílios	6.716.815$60		
Amortizações	−2.960.004$33	3.756.811$27	
Participações Financeiras		1.331.845$60	20.115.049$44
Contas de Regularização			
Comissões a Receber		2.337.044$60	
Despesas Antecipadas		1.301.292$30	3.638.336$90
TOTAL DO ACTIVO			225.840.033$72
Contas de Ordem			
Diversos			67.079.394$77
TOTAL GERAL			292.919.428$49

PASSIVO

Exigível		
Fornecedores	100.401.130$18	
Letras a Pagar	78.500.000$00	
Bancos	6.000.000$00	
Diversos Credores	2.362.047$20	187.263.177$38
Não Exigível		
Provisões		12.926.513$37
Contas de Regularização		
Despesas a Pagar		5.142.600$00
TOTAL DO PASSIVO		205.332.290$75
SITUAÇÃO LÍQUIDA		
Capital e Reservas		
Capital	13.500.000$00	
Fundo de Reserva Legal	853.577$05	
Fundo de Reserva Extraordinária	4.250.000$00	18.603.577$05
Resultados		
Ganhos e Perdas		
Saldo do Exercício Anterior	216.141$02	
Resultado do Exercício	1.688.024$90	1.904.165$92
TOTAL DO PASSIVO E DA SITUAÇÃO LÍQUIDA		225.840.033$72
Contas de Ordem		
Diversos		67.079.394$77
TOTAL GERAL		292.919.428$49

(Continua na página seguinte)

Problemas actuais da igreja

PORTO, 2 — O Centro de Cultura Católica organiza, este mês e no mês de Maio, três cursos intensivos, que se incluem no seu programa.

Este mês, nos dias 23, á noite; 24 á tarde e 25, de manhã, o sr. prof. dr. Roger Aubert, da Universidade de Lovaina e um dos directores da «Revue D'Histoire Eclesiastique» e da «Revue Concilium», que vem a Portugal, a convite do C. C. C., falará sobre: «A Igreja Perante o Liberalismo e o Mundo Moderno».

Em Maio nos dias 14, á noite; 15, á tarde e 16, de manhã, a sr.ª prof.ª dr.ª D. Maria de Lurdes Belchior Pontes, da Universidade de Lisboa e vice-presidente do Instituto de Alta Cultura, falará sobre: «Problemática da Cultura na Primeira Metade do Século XX (1890-1960). Nos dias 28, á noite; 29, á tarde e 30, de manhã, em Maio, o sr. prof. dr. José Sebastião da Silva Dias, da Universidade de Coimbra desenvolverá o tema: «O Catolicismo Português: Estruturas Históricas e Contrastes Polémicos».

UMA COMISSÃO ESTUDA O PROBLEMA DO LEITE

— SEGUNDO UM DIRECTOR DA U.C.A.L.

Uma comissão do Ministério da Economia está presentemente a estudar o problema do leite, concretamente a questão dos preços.

O dr. Lúcio Nunes, na entrevista concedida ao «B.C.», diz que «só a estruturação da lavoura numa base cooperativa poderá proporcionar preços justos para produtores e consumidores». E acentua que a «única hipótese de transformação consiste na generalização de estábulos industriais e na utilização de gado escolhido para a produção. Interrogado sobre qual a reacção da U.C.A.L. perante as queixas amiúde aparecidas nos jornais por motivo de serem encontrados objectos estranhos nas suas embalagens, o dr. Lúcio Nunes respondeu:

— É difícil de explicar. Tecnicamente, certos factos são mesmo impossíveis de acontecer. Com toda a probabilidade tais objectos teriam caído para dentro da garrafa — ou para lá lançados... — depois dela estar aberta. Recordo o caso da moeda. Ou aconteceu o que acabei de dizer ou a moeda se colou ao fundo, pelos resíduos do leite, aquando da entrega e tenha resistido a todas as operações de lavagem. Mas mesmo que tal acontecesse é difícil que tivesse passado nas restantes operações de «contrôle», quer da U.C.A.L. quer da Camara Municipal (na Central Pasteurizadora de Leite). Saliento mesmo que todas as garrafas são lavadas por detergente, vapor e esterilizadas. São ainda, depois, verificadas r pessoal especializado que, com instrumentos próprios, detecta toda e qualquer sujidade que ainda consegue passar. O público nada tem a recear sobre os cuidados higiénicos que são postos sobre os produtos que a U.C.A.L. lhe apresenta para consumo.

SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA DE «A VOZ DO OPERÁRIO»

A Voz do Operário vai realizar, na sua sede, o II Salão Nacional de Arte Fotográfica da V. O., cujo ultimo dia da recepção dos trabalhos se verifica a 3 de Maio.

O regulamento deste salão é o seguinte:

1.º — O salão é aberto a todos os artistas fotográficos nacionais.

2.º — São admitidos três grupos de fotografias. provas a preto e branco: a) Tema livre; b) A criança e a escola; c) Tema «A Primavera».

3.º — Cada concorrente pode apresentar o máximo de 5 trabalhos em cada um dos temas, nas dimensões 30x40 cm, não montados e não apresentados no salão anterior

4.º — No verso de cada prova deverá o concorrente indicar o numero e título da mesma, assim como o seu pseudónimo.

5.º — A tara de inscrição é de 30$00 para cada concorrente, sendo de 15$00 para os nossos sócios.

6.º — O juri é constituido por acreditados técnicos da especialidade, de cujas decisões não haverá recurso.

7.º — As provas deverão ser enviadas pelo Correio a S. I. B. A Voz do Operário — Comissão de Propaganda, Rua da Voz do Operário, 13 — Lisboa-2, acompanhadas de um envelope lacrado com o pseudónimo contendo o boletim de inscrição.

8.º — Todos os concorrentes receberão o catálogo ilustrado do Salão e a cada prova admitida será atribuido o selo comemorativo.

9.º — Considera-se que os concorrentes admitidos permitam a reprodução das suas provas.

10.º — Manipulação e reexpedição a cargo da S. I. B. A Voz do Operário — Comissão de Propaganda, que tomará o máximo cuidado com os trabalhos enviados, não se responsabilizando, porém, por qualquer dano ou extravio.

11.º — Os casos não previstos pelo presente Regulamento serão resolvidos pela Comissão Organizadora.

12.º — Em cada uma das três secções serão atribuidos prémios aos cinco primeiros classificados.

13.º — Estão á disposição dos concorrentes as instalações e as oficinas de A Voz do Operário, para o que deverão solicitar-nos as necessárias credenciais.

§ unico — Sempre que possivel deverão ser indicados os tipos de máquinas e material utilizados na elaboração dos trabalhos apresentados.

BAYER PORTUGAL s.a.r.l.

1970 RELATÓRIO E CONTAS

(Continuação da pag anterior)

CONTAS DE GANHOS E PERDAS

DÉBITO

Mercadorias — Custo	[illegible]
Remunerações de Corpos Gerentes	1.001.500$00
Remunerações e Outros Encargos com o Pessoal	29.431.370$30
Encargos de Publicidade	5.636.056$30
Outras Despesas Gerais	8.663.134$99
Encargos Fiscais e Parafiscais	7.444.499$10
Amortizações	2.948.160$74
Encargos Financeiros	6.498.103$58
Encargos Comerciais	13.606.503$89
Diferenças Cambiais	1.162.121$94
Saldo em 31-12-1970	1.904.165$92
	271.811.836$89

CRÉDITO

Saldo do Exercício Anterior	216.141$02
Mercadorias — Venda	255.978.106$70
Comissões de Intermediário	8.563.484$48
Provisões — Anulação	4.541.319$60
Lucros Extraordinários	2.512.785$09
	271.811.836$89

TÉCNICO DE CONTAS
Alberto Ferreira da Silva

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Miguel de Mendonça Monteiro
Johannes Minnemann
Gerd Willy Schnellen

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

No cumprimento das disposições legais e estatutárias vimos apresentar a V. Ex.as o nosso relatório e exarar parecer sobre o Balanço, a conta de Ganhos e Perdas e o relatório da Administração respeitantes ao exercício de 1970.

Tendo acompanhado atentamente a acção desenvolvida pelo Conselho de Administração, cumpre-nos afirmar que:

a) A contabilidade, o Balanço, a conta de Ganhos e Perdas, bem como o relatório do Conselho de Administração, satisfazem as disposições legais e estatutárias;

b) Procedemos regularmente às verificações que nos competiam, tendo a Administração apresentado sempre, prontamente e em devida ordem, as provas e todos os elementos exigidos;

c) O critério valorimétrico adoptado manteve-se em relação [illegible]

cícios e dentro das boas regras da técnica contabilística, ou seja, adoptou-se o preço de custo efectivo.

Nestes termos, temos a honra de propor:

1.º — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1970 apresentados pelo Conselho de Administração e que ao saldo da conta de Ganhos e Perdas seja dada a aplicação proposta.
2.º — Que ao Conselho de Administração seja dado um voto de louvor pela competência, dedicação e zelo postos ao serviço da Empresa.
3.º — Que a todos os Funcionários e demais Colaboradores da Sociedade deve ser manifestado apreço e reconhecimento pela sua actuação.

Lisboa, 5 de Março de 1971

O CONSELHO FISCAL
Rogério Manuel de Castro Tavares
José António Guedes Paz Monteiro
Bruno Hirtz

Problemas actuais da igreja

PORTO, 2 — O Centro de Cultura Católica organiza, este mês e no mês de Maio, três cursos intensivos, que se incluem no seu programa.

Este mês, nos dias 23, á noite; 24 á tarde e 25, de manhã, o sr. prof. dr. Roger Aubert, da Universidade de Lovaina e um dos directores da «Revue D'Histoire Ecclesiastique» e da «Revue Concilium», que vem a Portugal, a convite do C. C. C., falará sobre: «A Igreja Perante o Liberalismo e o Mundo Moderno»

Em Maio nos dias 14, á noite; 15, á tarde e 16, de manhã, a sr.ª prof.ª dr.ª D. Maria de Lurdes Belchior Pontes, da Universidade de Lisboa e vice-presidente do Instituto de Alta Cultura, falará sobre: «Problemática da Cultura na Primeira Metade do Século XX (1890-1960). Nos dias 28, á noite; 29, á tarde e 30, de manhã, em Maio, o sr. prof. dr. José Sebastião da Silva Dias, da Universidade de Coimbra desenvolverá o tema: «O Catolicismo Português: Estruturas Históricas e Contrastes Polémicos».

UMA COMISSÃO ESTUDA O PROBLEMA DO LEITE

— SEGUNDO UM DIRECTOR DA U.C.A.L.

Uma comissão do Ministério da Economia está presentemente a estudar o problema do leite, concretamente a questão dos preços.

O dr. Lúcio Nunes, na entrevista concedida ao «B.C.», diz que «só a estruturação da lavoura numa base cooperativa poderá proporcionar preços justos para produtores e consumidores». E acentua que a «única hipótese de transformação consiste na generalização de estábulos industriais e na utilização de gado escolhido para a produção. Interrogado sobre qual a reacção da U.C.A.L. perante as queixas amiúde aparecidas nos jornais por motivo de serem encontrados objectos estranhos nas suas embalagens, o dr. Lúcio Nunes respondeu:

— É difícil de explicar. Tecnicamente, certos factos são mesmo impossíveis de acontecer. Com toda a probabilidade tais objectos teriam caído para dentro da garrafa — ou para lá lançados... — depois dela estar aberta. Recordo o caso da moeda. Ou aconteceu o que acabei de dizer ou a moeda se colou ao fundo, pelos resíduos do leite, aquando da entrega e tenha resistido a todas as operações de lavagem. Mas mesmo que tal acontecesse é difícil que tivesse passado nas restantes operações de «contrôle», quer da U.C.A.L. quer da Câmara Municipal (na Central Pasteurizadora de Leite). Saliento mesmo que todas as garrafas são lavadas por detergente, vapor e esterilizadas. São ainda, depois, verificadas por pessoal especializado que, com instrumentos próprios, detecta toda e qualquer sujidade que ainda consegue passar. O público nada tem a recear sobre os cuidados higiénicos que são postos sobre os produtos que a U.C.A.L. lhe apresenta para consumo.

SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA DE «A VOZ DO OPERÁRIO»

A Voz do Operário vai realizar, na sua sede, o II Salão Nacional de Arte Fotográfica da V. O., cujo ultimo dia da recepção dos trabalhos se verifica a 3 de Maio.

O regulamento deste salão é o seguinte:

1.º — O salão é aberto a todos os artistas fotográficos nacionais.

2.º — São admitidos três grupos de fotografias, provas a preto e branco: a) Tema livre; b) A criança e a escola; c) Tema «A Primavera».

3.º — Cada concorrente pode apresentar o máximo de 5 trabalhos em cada um dos temas, nas dimensões 30x40 cm, não montados e não apresentados no salão anterior

4.º — No verso de cada prova deverá o concorrente indicar o numero e título da mesma, assim como o seu pseudónimo.

5.º — A tara de inscrição é de 30$00 para cada concorrente, sendo de 15$00 para os nossos sócios.

6.º — O juri é constituido pecialidade, de cujas decisões por acreditados técnicos da es não haverá recurso.

7.º — As provas deverão ser enviadas pelo Correio a S. I. B. A Voz do Operário — Comissão de Propaganda, Rua da Voz do Operário, 13 — Lisboa-2, acompanhadas de um envelope lacrado com o pseudónimo contendo o boletim de inscrição.

8.º — Todos os concorrentes receberão o catálogo ilustrado do Salão e a cada prova admitida será atribuído o selo comemorativo.

9.º — Considera-se que os concorrentes admitidos permitam a reprodução das suas provas.

10.º — Manipulação e reexpedição a cargo da S. I. B. A Voz do Operário — Comissão de Propaganda, que tomará o máximo cuidado com os trabalhos enviados, não se responsabilizando, porém, por qualquer dano ou extravio.

11.º — Os casos não previstos pelo presente Regulamento serão resolvidos pela Comissão Organizadora.

12.º — Em cada uma das três secções serão atribuídos prémios aos cinco primeiros classificados.

13.º — Estão á disposição dos concorrentes as instalações e as escolas de A Voz do Operário, para o que deverão solicitar nos as necessárias credenciais

§ unico — Sempre que possivel deverão ser indicados os tipos de máquinas e materiais utilizados na elaboração dos trabalhos apresentados.

BAYER

BAYER PORTUGAL s.a.r.l.

1970 RELATÓRIO E CONTAS

(Continuação da pag. anterior)

CONTAS DE GANHOS E PERDAS

DÉBITO		CRÉDITO	
Mercadorias — Custo	[illegible]	Saldo do Exercício Anterior	216.141$02
Remunerações de Corpos Gerentes	1.001.500$00	Mercadorias — Venda	255.978.106$70
Remunerações e Outros Encargos com o Pessoal	29.431.370$30	Comissões de Intermediário	8.563.484$48
Encargos de Publicidade	5.636.056$30	Provisões — Anulação	4.541.319$60
Outras Despesas Gerais	8.663.134$99	Lucros Extraordinários	2.512.785$90
Encargos Fiscais e Parafiscais	7.444.499$10		
Amortizações	2.948.160$74		
Encargos Financeiros	6.498.103$58		
Encargos Comerciais	13.606.503$89		
Diferenças Cambiais	1.162.121$94		
Saldo em 31-12-1970	1.904.165$92		
	271 811.836$89		271.811.836$89

TÉCNICO DE CONTAS
Alberto Ferreira da Silva

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Miguel de Mendonça Monteiro
Johannes Minnemann
Gerd Willy Schnellen

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

No cumprimento das disposições legais e estatutárias vimos apresentar a V. Ex.as o nosso relatório e exarar parecer sobre o Balanço, a conta de Ganhos e Perdas e o relatório da Administração respeitantes ao exercício de 1970.

Tendo acompanhado atentamente a acção desenvolvida pelo Conselho de Administração, cumpre-nos afirmar que:

a) A contabilidade, o Balanço, a conta de Ganhos e Perdas, bem como o relatório do Conselho de Administração, satisfazem as disposições legais e estatutárias;

b) Procedemos regularmente às verificações que nos competem, tendo a Administração apresentado sempre, prontamente e em devida ordem, as provas e todos os elementos exigidos;

c) O critério valorimétrico adoptado manteve-se em relação aos anteriores exercícios e dentro das boas regras da técnica contabilística, ou seja, adoptou-se o preço de custo efectivo.

Nestes termos, temos a honra de propor:

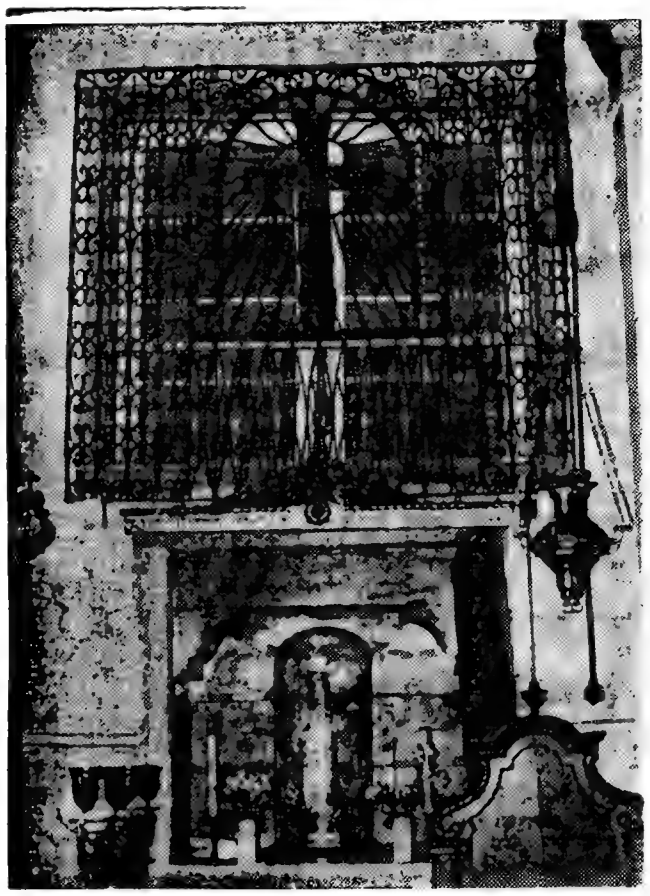
1.º — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1970 apresentados pelo Conselho de Administração e que ao saldo da conta de Ganhos e Perdas seja dada a aplicação proposta.

2.º — Que ao Conselho de Administração seja dado um voto de louvor pela competência, dedicação e zelo postos ao serviço da Empresa.

3.º — Que a todos os Funcionários e demais Colaboradores da Sociedade deve ser manifestado apreço e reconhecimento pela sua actuação.

Lisboa, 5 de Março de 1971

O CONSELHO FISCAL
Rogério Manuel de Castro Tavares
José António Guedes Vaz Monteiro
Bruno Herm



A janela da clausura

CORRE O RISCO DE DEMOLIÇÃO A VELHA ERMIDA DOS MILAGRES ONDE HORA A HORA SE PROCEDE A UM DESAGRAVO DE 4 SÉCULOS

A capela particular existente na Rua da Estrela, pertencente á confraria dos Milagres e onde as monjas Clarissas ainda hoje fazem, hora a hora, um desagravo de sacrilégio cometido na igreja de Santa Engrácia, há mais de quatro séculos, está em risco de ser demolida, segundo nos informaram.

Se tal acontecer, é pena, uma vez que, para além da natural mágoa das piedosas monjas, o templozinho possui belos azulejos e uma história que a irmã-porteira, da Ordem das Irmãs Clarissas do Desagravo, que habitam na casa ao lado, não nos soube contar. Forneceu-nos, no entanto, elementos para podermos contar essa curiosa história.

As cidades, é lugar-comum dizer-se, são constituídas por estes edifícios com história, que lhes imprimem o seu verdadeiro carácter.

Segundo parece, o prédio e a capela foram bastante afectados pelo tremor de terra de 1969, mas não haverá mesmo outra medida que não seja o camartelo?

Consta no frontão da capela que foi a mesma mandada reformar por Manuel (†) no ano de 1753. Passou a ser conhecida por ermida de Nossa Senhora dos Milagres e, na casa ao lado, muitos anos depois, funcionou um orfanato, dirigido pela madre Márcia da Purificação Godinho. Chamava-se Orfanato de Nossa Senhora dos Milagres. Há 14 anos acabou e ali se foram instalar as irmães Clarissas do Desagravo que é ordem exclusiva de Portugal, nascida na igreja de Santa Engrácia, onde teria sido cometida uma profanação, na noite de 15 para 16 de Janeiro de 1630.

A clausura

O problema das irmãs Clarissas «ordem necessitada», como bem nos diz a irmã-porteira, em relação á capela, é o seguinte: mesmo que apenas fosse demolido o pequeno templo, e não o edifício ao lado, o que não parece provável, as religiosas não podiam permanecer no prédio, privadas do seu local de oração.

Simpática, esta irmã-porteira que nos vai mostrar o quarto onde esteve durante algum tempo uma das «videntes» de Fátima. E leva-nos á uma sala do andar superior onde a criança teve mais uma «visão». Ficamos de certo modo surpreendidos com a existência de uma janela gradeada, numa das paredes, e também de uma espécie de roda, com compartimentos. A irmã-porteira, humilde, explica:

— *Para lá, fica a clausura. Na clausura, os senhores não podem entrar.*

Dantes, prédio e capela estavam ligados por um corredor. A irmã-porteira lamenta que isso já hoje não suceda, que tenham de sair á rua para cumprirem as suas devoções.

É um mundo á parte, aquele que existe no pequeno imóvel da Rua da Estrela. Um mundo insuspeitado para quem passa na rua; um mundo com o seu quê de medievo.

Durante a noite, de hora a hora, as irmãs levantam-se para rezar, tentando o «resgaste» de um agravo cometido em 1630 Mesmo para os cépticos, há qualquer coisa respeitável, uma atmosfera de humildade e de ideal.

As irmãs Clarissas do século XX, que receiam legítimamente — segundo cremos — pelo desabamento do seu local de culto, as irmãs Clarissas de clausura, assistem á missa de uma janela que dá para o pequeno templo.

Uma bela janela gradeada. Não podem proceder de outro modo, segundo nos explica a irmã-porteira.

Um local de peregrinação

A casa onde vivem as religiosas é, em certa medida, um local de peregrinação, por ter passado por lá, como dissemos, uma das «videntes» de Fátima, Jacinta Marto, e haver a crença que ali ocorreu uma «visita sobrenatural». Deixemos este aspecto, no entanto, que cada um é livre (ou deve ser) de crer no que quiser, e voltemos á capela. Demoli-la, mesmo com propósitos louváveis de urbanização, desde que não seja essencialmente necessário ao bem comum, representará destruir algo que é belo, construído pelas mãos dos homens. E que um tal Manuel (+), quando corria o ano de 1753, achou que valia a pena reformar...

O convento do desagravo

Num opúsculo que nos foi dado pela irmã-porteira — «Origem e História do Convento do Desagravo — o conventinho de Lisboa», da autoria do padre José do Nascimento Barreira (franciscano), lê-se, em determinada altura, o seguinte: «*Conheci os restos dessa comunidade (Clarissas) que durante séculos, neste mosteiro desagravou, noite e dia, Nosso Senhor, e que foi dispersa pelas leis que extinguiram as ordens religiosas em Portugal, pelos anos de 1834, 1900, 1910 e 1911. Presentemente, ocupam uma casa na Rua da Estrela, 15. A pequena comunidade era constituída então por três religiosas professas, doentes e idosas, cansadas e pobres. A elas dediquei os meus fracos e parcos préstimos, mas sobretudo a minha boa vontade, a fim de promover a restauração de um pequeno «Desagravo» que assegurasse a continuidade do antigo. É justo reter os nomes das três religiosas: Irmãs Clara da Eucaristia, a superiora, Maria da Santíssima Trindade e Maria do Divino Coração. A primeira, já falecida, consagrou ao «Desagravo» toda a sua vida, tendo-o salvado com a sua alma pertinaz, no que foi generosamente amparada pelas outras duas, ainda felizmente vivas. É impossível descrever a história do «Desagravo» do Louriçal, pois foi nesta vila que Deus revelou á Venerável Maria do Lado o sacrilégio perpetrado na igreja de Santa Engrácia de Lisboa, na noite de 15-16 de Janeiro de 1630, bem como a ideia de o desagravar, organizando para esse efeito, e com a ajuda do seu confessor, um Instituto de Desagravo, que ainda hoje perdura» (...) Este opúsculo é dedicado ás religiosas Clarissas do Desagravo de Lisboa, minhas irmãs em S. Francisco, cujas vicissitudes e sacrifícios para organizarem a comunidade que hoje formam, na citada Rua da Estrela, em adoração a nosso Senhor Sacramentado, quero deixar bem patentes.*»

A restauração do desagravo

«*Devo salientar as facilidades encontradas junto de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, para a restauração e continuação do dito «Desagravo». Ouso mesmo dizer que fazia parte dos planos de Sua Eminência a restauração, na cidade patriarcal, do Mosteiro do Desagravo, de tão gloriosas e piedosas tradições, a fim de que, presentemente, o grito de perdão pelos pecadores continuasse a ouvir-se com o mesmo fervor e devoção.*»

Mais adiante, afirma o citado franciscano, «*dando crédito ao P. Manuel Monteiro*»: «*Corria o ano de 1630 e nele a noite de terça para quarta-feira do dia 15 para 16 de*

Janeiro
Lisboa
ja de S
cofre d
do de
25 par
consagr
mais p
culas e
te cons
rios ol
amanhe
cidade
a notíci
bo. Da
tiça re
muitas
mente
no Lar
onde es
nome,
nefando

**Quei
o p**

Foi
de 163
Novem
executa
a 3 de
sendo o
fraria
mento
grácia,
mãos,
tassem
nicnte
arremat
pela-mo
culto d
-se nes
a Euc
uma c
Majesta
gar e
Corte
rendo
brar u
Sacram
gravar

Ora,
fere á
que a «
nuel M
iscano
Barreir
opúscul
crédito,
ponder
mente,

Jackie Stewart é um campeão. O Ford Escort também. Jackie Stewart gosta da família. O Ford Escort também.
Há 2 maneiras de definir o Escort: o carro familiar mais desportivo ou o carro desportivo mais familiar. De uma ou de outra maneira, é o carro mais económico da sua classe. Económico na compra. Económico na manutenção. Esteja ele cheio de família ou cheio de genica.
Uma, duas portas. Ou uma, duas, três, quatro portas! Ou Station! Nas versões 1100 ou 1300 GT. Ou ainda um dos modelos super-desportivos: **Escort Twin Cam, Escort 1600 RS** ou **Escort México.**

Têm todos a garra Escort.
São todos Ford Escort.

*Inclui equipamento extra, e taxa FFE. Não inclui despesas de transporte, transferência, chapas de matrícula e outros afins.

Ford à frente

À sua disposição nos Concessionários **FORD**

Apoiado pelo Serviço e Peças Ford

Uma capela que pode ser demolida

Janciro. Sucedeu que em Lisboa foi arrombada a Igreja de Santa Engrácia, e dum cofre de tartaruga, guarnecido de prata, foram levadas 25 partículas e uma hóstia consagradas, e de outro vaso mais pequeno mais 12 partículas e uma hóstia igualmente consagradas, além de vários objectos de culto. Ao amanhecer do dia 16, foi a cidade de Lisboa abalada com a notícia de tão sacrílego roubo. Das investigações da justiça resultou a prisão de muitas pessoas, sendo finalmente descoberto o autor que no Largo de Santa Engrácia, onde está a igreja do mesmo nome, recebeu o castigo do nefando roubo.

Queimado na fogueira o presumível autor

Foi preso a 17 de Janeiro de 1630, sentenciado a 16 de Novembro do mesmo ano e executado, no mesmo lugar, a 3 de Fevereiro de 1931 (!), sendo os bens aplicados á Confraria do Santíssimo Sacramento da Igreja de Santa Engrácia, para que o juiz e irmãos, a seu arbítrio, os gastassem no que mais conveniente lhes parecesse, para arrematação do sacrário, capela-mor e outras obras de culto do dito Senhor. Erigiu-se nesta mesma Igreja, onde a Eucaristia foi ultrajada, uma confraria em que Sua Majestade tem o primeiro lugar e a melhor Nobreza da Corte se alista nela, concorrendo todos os anos a celebrar um tríduo ao Senhor Sacramentado para O desagravar por este desacato.»

Ora, é na parte que se refere á autoria do desacato que a «verdade» do padre Manuel Monteiro, a que o franciscano José do Nascimento Barreira, em 1964 (data do opúsculo) continuava a dar crédito, parece não corresponder áquilo que, efectivamente, se passou. É um sentimento pouco piedoso do bom franciscano, certamente não proveniente de má-fé, este de ignorar certos aspectos históricos, séculos depois. O «agravo» deu-se, está bem, mas foi sentenciado injustamente um homem — e isso também deve afectar os sentimentos piedosos das irmãs Clarissas. O jovem hebreu acusado do sacrilégio, Simão Pires Solis, queimado vivo em 3 de Novembro de 1681, gritou sempre bem alto a sua inocência. Antes de subir á pira, teria exclamado: «Tão certo eu morrer inocente como as obras de Santa Engrácia nunca mais acabarem.»

Tempos volvidos soube-se que, efectivamente, o desditoso hebreu estava inocente e deixara-se queimar por cavalheirismo. Nem mais! Simão Solis cortejara (com plena correspondência, segundo parece) uma freira de Santa Clara. Para não a comprometer, recusou-se sempre a dizer o que fazia por aqueles locais ermos, a desoras, na exacta noite em que alguém se apossava das partículas e objectos do culto. E por isso acabou em churrasco. Gesto de tal nobreza, com tão mau fim, vamos lá, também merecia ser «desagravado», já que o bom Solis pugnou pela dignidade da ordem não revelando que uma das suas freiras não cumpria, pelo menos, um dos três votos...

Recentemente, concluiu-se Santa Engrácia (mas não foi seguida a traça original...) e daí, dentro de um espírito de lenda, poderiam argumentar os amantes das profecias, haver fundo de verdade no anátema lançado por Simão Solis.

De qualquer forma, a justiça da época, como bem ficou determinado, inocentou pobre hebreu numa altura em que (como se sabe) ele já não podia aproveitar-se do facto, com aquele corpo *pecador* reduzido a cinzas...

O ALMIRANTE SARMENTO RODRIGUES NA ASSEMBLEIA GERAL DA TORRALTA:

CUMPRIMOS O NOSSO DEVER INVESTINDO E VALORIZANDO A TERRA TOMANDO INICIATIVAS E FIXANDO CAPITAIS

As possibilidades que se oferecem aos que não são tíbios, aos que sabem planear e executar com audácia, mas dentro de regras de louvável acautelamento dos interesses próprios e alheios; finalmente, aos que não se detêm ante dificuldades e as logram vencer e não aceitam definições derrotistas quanto à capacidade de realização dos portugueses — tudo isso está bem patente em dois documentos que adiante se inserem e que foram agora apresentados na assembleia geral da Torralta — Clube Internacional de Férias, S. A. R. L.

Trata-se de uma comunicação dirigida aos accionistas daquela importante empresa pelo presidente do seu Conselho de Administração, almirante Sarmento Rodrigues, e do relatório e contas do mesmo Conselho, referido à actividade no ano de 1970. Por eles se avalia do crescente incremento que a Torralta tem tido e neles contém a demonstração evidente do acerto que os fundadores e dirigentes da empresa tiveram, ao traçar uma linha de rumo ainda hoje seguida, sem qualquer desvio: a chamada à participação da Torralta do maior número possível de portugueses, fixando assim em território nacional os seus capitais; o partilhar de confortos e o distribuir de benefícios em larga escala e ao maior número possível de pessoas.

Foram reeleitos os anteriores corpos gerentes da Torralta

No decurso dos trabalhos da Assembleia Geral, a que presidiu o juiz conselheiro dr. Manuel dos Santos Victor, foram aprovadas por unanimidade o Relatório do Conselho de Administração, o Balanço e as Contas, e o Relatório e Parecer do Conselho Fiscal. Também por unanimidade foram reeleitos os Membros da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal.

A constituição destes corpos gerentes é a seguinte:

Assembleia Geral — Presidente: juiz conselheiro dr. Manuel dos Santos Victor; vogais: coronel João Maria da Silva Delgado e Manuel Branco Paulino; *Conselho de Administração* — Presidente: almirante Manoel Maria Sarmento Rodrigues; vogais: dr. Joaquim José de Paiva Corrêa, eng.º Viriato de Sousa Campos, Agostinho da Silva e José da Silva; *Conselho Fiscal* — Presidente: eng.º Francisco Gonçalves Cavaleiro de Ferreira; vogais: dr. João Lima Amaral Marques e dr. Paulo Jorge Barreto de Carvalho Ventura.

Mereceram, de igual modo, unânime aprovação, os votos de louvor ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, ao Presidente do Conselho de Administração e aos Membros do mesmo Conselho, assim como ao Presidente e Vogais do Conselho Fiscal, pela competência, dedicação e diligência assinaláveis, que puseram no exercício dos seus cargos.

Esta deliberação foi também tomada por aclamação.

Ao encerrar os trabalhos da Assembleia, o Presidente da Mesa, Juiz Conselheiro Dr. Manuel dos Santos Victor, em seu nome e em nome da Mesa a que preside, agradeceu a presença dos accionistas e, em síntese da sessão, sublinhou o engrandecimento, a consolidação e o sentido social de TORRALTA, que bem revelam o acerto e a concepção que determinaram a sua fundação e a válida projecção atingida no sector do turismo e na economia nacional.

Comunicação do almirante Sarmento Rodrigues: «A empresa colocou-se na vanguarda do Turismo no nosso País»

A comunicação do almirante Sarmento Rodrigues à assembleia foi a seguinte:

«O Relatório do Conselho de Administração, que está sendo submetido à esclarecida atenção e apreciação dos presentes e que esteve em devido tempo patente ao exame de todos os senhores accionistas, é suficientemente explícito, embora sóbrio e comedido, sobre o essencial e o mais relevante das actividades da nossa Empresa no ano que findou. Por sua vez, os números insertos no Balanço e Contas, que acompanham o Relatório e a que a este se refere, são perfeitamente esclarecedores, na objectividade e exactidão que traduzem.

Da mesma maneira, são positivas e claras, e também

(Continua na página seguinte)

> «Valorizar a terra portuguesa; fixar aqui os capitais portugueses; dar trabalho compensador e empregos diversificados, evitando o êxodo, a numerosos braços portugueses; atrair a Portugal visitantes de outros países, oferecendo-lhes férias agradáveis; tornar a terra portuguesa, assim valorizada, propriedade de portugueses».
>
> **(Palavras do almirante Sarmento Rodrigues, presidente do Conselho de Administração da Torralta)**

A TORRALTA EM TRÓIA:

> **«No que diz respeito a Tróia, a Torralta irá ali possuir, dentro de pouco tempo, um importante complexo turístico denominado Troiamar — um hotel, hotéis-apartamentos e outras estruturas complementares, tais como: restaurantes, piscinas, campos de jogos e centro comercial — com capacidade para mais de 8000 pessoas.»**

VISITA DE ESTUDO AO «ESTORIL-SOL»

Um grupo de tritnta alunos da Escola de Hotelaria do Porto, que anda em viagem de estudo pela zona sul do País, esteve no Hotel Estoril-Sol, onde os respectivos componentes tomaram contacto directo com as modernas instalações e as eficientes serviços daquele estabelecimento hoteleiro.

Os visitantes eram acompanhados por um dos professores da escola que frequentam e foram recebidos pelo director do Hotel Estoril-Sol, sr. José Fernandez. Após a visita, minuciosa e interessada, foram obsequiados com um Porto de Honra.

Um aspecto da visita

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
PRAIA DA PRAIA

JOVICA
ELECTRODOMÉSTICOS
LISBOA:
Largo D. Estefânia, 12-C — Telefone 534536
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 47769
FILIAIS:
ALHANDRA — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

Os accionistas e investidores da Torralta estão automàticamente seguros contra acidentes

(Cont. da página anterior)

muito significativas, as palavras de apreciação, conformidade e desvanecedor apreço que constam do Parecer do Conselho Fiscal e que para todos nós constituem tranquilizadora segurança.

Seria, portanto, desnecessário acrescentar quaisquer outras palavras em reforço do que a eloquência dos números e a frieza dos registos pùblicamente atestam. Acção, progresso, confiança, tranquilidade e a convicção dum dever cumprido, na defesa dos interesses nacionais e dos accionistas e na expansão dum ideal de vincada índole social, tudo isso se encontra visível e claro nos documentos referidos.

Perante o grande crescimento verificado no curto período de um ano, no qual a nossa Empresa se colocou na vanguarda do turismo no nosso País, talvez se pudesse concluir qualquer coisa de lisonjeiro sobre o poder criador, a originalidade e actualidade dos métodos, a capacidade administrativa e a vontade de progresso, o que tudo se traduziu na eficiência que caracterizaram a vida da TORRALTA.

Se aqui faço esta ligeira alusão é porque sinto não me pertencerem pessoalmente quaisquer manifestações de apreço, pois que elas seriam devidas àquelas que directamente criaram as iniciativas e, num esforço contínuo e total, numa tenacidade contra todas as rotinas e naturais dificuldades, lhes souberam dar a mais plena e feliz expansão. E como tudo isso foi possível graças ao apoio e confiança recebidos dos senhores accionistas, é a eles que pedimos que se debrucem sobre a maneira como essa confiança foi usada, traduzida em realizações alcançadas.»

A actividade da Torralta no decurso do ano de 1970:

«Acção, progresso, confiança, tranquilidade e a convicção dum dever cumprido, na defesa dos interesses nacionais e dos accionistas e na expansão dum ideal de vincada índole social».

Os que participam na Torralta: «dos mais humildes aos mais poderosos»

«Todo este sucesso verificado e em contínua ascensão, todos estes benefícios para o turismo nacional terão naturalmente de ser atribuídos a um grupo de factores, uns melhor identificados do que outros. Mas não desejaria deixar de mencionar a salutar disseminação do capital por numerosas pessoas, distribuídas de maneira impressionante por todas as camadas da população, na cultura, na capacidade financeira, na diversidade profissional; dos mais humildes aos mais poderosos, dos mais simples aos mais esclarecidos, dos mais isentos de interesses materiais aos mais qualificados economistas e homens de negócios. Todos eles, com o seu apoio, com o seu entusiasmo, com a sua confiança, contribuíram para que uma obra verdadeiramente nacionalizadora pudesse tomar forma e progredir, como se verificou.

Posto isto, esta simples referência às realidades existentes, julgo que não posso deixar de exprimir algumas esperanças e transmitir alguns planos para o futuro. Tanto mais que, se o Relatório em causa e sobre o qual a Assembleia se terá de pronunciar esta noite, diz respeito ao ano de 1970, o certo é que já vão passados quase três meses do ano corrente e nesse período de tempo, embora curto, a nossa Empresa não estacionou. Pelo contrário, continuou a formular novos planos e a realizar autênticos progressos. É tudo isto que eu não desejaria passar em claro, sem uma referência, embora breve.

No ano que decorre pode dizer-se que já se iniciou um novo período de engrandecimento da nossa Empresa, em vários aspectos.

No Algarve, começará a ser feita a utilização de todas as 32 moradias de Alvor, o que vai dar maior dimensão à nossa actividade, com uma diversificação de serviços que muito interessa ter em conta.

Está em curso neste momento a ampliação das instalações de «A Barca de Alvor», duplicando a capacidade do restaurante e construindo a seu lado um «self-service» capaz de atender os excedentes e também para uso daqueles que preferem o expedito sistema.

O presidente do Conselho de Administração da Torralta anunciou aos accionistas:

«Trata-se de uma medida que consideramos de grande alcance e significado, de natureza social, humana e ainda como um novo elo de ligação...

... todos os accionistas e investidores, antigos e modernos, passarão a estar automàticamente seguros, em importância igual à do seu investimento, contra acidentes que possam sobrevir, quer no exercício da sua profissão, quer fora dela...»

Nesse mesmo conjunto se está instalando uma nova piscina para crianças, a par da já existente, ao mesmo tempo que se edificam resguardos, jogos e outros dispositivos que tornam mais agradável e confortável o uso das piscinas.

Ao seu lado um novo mercado, embora sem grandes dimensões, veio já substituir o primeiro mini-mercado, o que também se revela muito vantajoso.

Na mesma área inauguraremos brevemente o novo e excelente hotel que se encontra em acabamentos e a que foi dado o prestigioso nome de «D. João II», o grande rei cuja memória tão ligada se encontra à vila de Alvor. Disporá de 220 quartos, duas piscinas, instalações de grande nível e duma situação privilegiada.

Não me deterei a referir o pleno aproveitamento que terá a nova e grande Adega, para os múltiplos desígnios para que foi concebida: depósito de materiais, lavandaria, câmaras frigoríficas, restaurante, tudo em escala muito considerável.

Nem as perspectivas para o desenvolvimento da Quinta de Santa Filomena e para a Restinga de Alvor, ambas dependentes das diligências que correm seus termos, agora já em bom caminho, para a completa aprovação dos projectos respectivos.

Nem o propósito de alargar a actividade, já em grande parte iniciada, de diversões e práticas desportivas — de ténis, mini-golf, de bowling, de navegação a motor e à vela, de ski, de pesca e de caça — para o que já dispomos de alguns elementos apreciáveis, como barcos e herdades.

Ou quanto à activação da produção de abastecimentos em géneros de consumo, nomeadamente carnes, leite, ovos, legumes, vinhos e frutas, contando para tanto com as substanciais possibilidades das nossas herdades e dos nossos armazéns.

O aspecto a que não poderíamos contudo deixar de dar o merecido relevo reside no alargamento das nossas actividades à península de Tróia.

O início da construção do Hotel Clube, com disposição para abrigo de barcos de recreio e instalações de 160 quartos, está na sequência natural da aquisição feita, pela TORRALTA, de 60 hectares na Ponta do Adoxe, onde já também possuímos o excelente restaurante TROIAMAR. É nossa intenção promover a intensa urbanização daquela área privilegiada, uma das que podem oferecer maiores garantias de êxito entre nós, dadas as suas excepcionais condições de clima, de disposições marítimas, de belezas naturais e de situação geográfica, próximo de grandes centros urbanos e de aeroportos internacionais.

O que estes progressos e realizações têm custado em canseiras, esforços e [illegible] isso só a nós pertence [illegible] eles significam de imaginação criadora e de constante preocupação de vanguardismo e expansão acelerada, que as pessoas isentas e esclarecidas o julguem. O progresso não é estático e o tempo perdido são oportunidades que desaparecem.

E nós, neste mundo, não estamos sós.»

O seguro dos accionistas e investigadores da Torralta também abrange riscos de caça e de prática de desportos

«Dentro desta ordem de ideias, e para finalizar estas minhas tão breves quanto singelas considerações, desejaria anunciar uma última resolução tomada pelo Conselho de Administração, que passará a vigorar no próximo mês, comemorando assim a entrada do novo ano administrativo.

Trata-se duma medida que consideramos de grande alcance e significado, de natureza social, humana e ainda como um novo elo de ligação entre todos os que apoiam, compõem e prestam a sua valiosa assistência a TORRALTA, ou seja os Senhores Accionistas e todos os investidores desta Empresa.

A partir do dia 31 deste mês todos os accionistas e investidores, antigos e modernos, passarão a estar automàticamente seguros, em importância igual à do seu investimento, contra acidentes que possam sobrevir, quer no exercício da sua profissão, quer fora dela, designadamente nas seguintes circunstâncias:

- *durante a condução de veículos ligeiros;*
- *durante o transporte como passageiros em:*
- *veículos de transporte público autorizado, para viagens terrestres e marítimas;*
- *veículos privativos da TORRALTA para viagens terrestres e marítimas;*
- *aeronaves de carreiras comerciais, dentro do Continente Português ou deste para as Ilhas Adjacentes, entre as referidas Ilhas e dentro das Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique.*

As garantias deste seguro funcionam nos casos de asfixia, raiva, tétano ou carbúnculo e ainda nas infecções provenientes de incisões ou picadas acidentais. O seguro abrange ainda os riscos de caça a tiro de animais não ferozes, pesca e golfe. Haverá certificados individuais.

Esperamos assim reforçar ainda mais a solidariedade já felizmente existente entre os que confiam no futuro da TORRALTA.»

Evidenciada e agradecida a colaboração de entidades oficiais e privadas

«Por último, e apesar de não desejar repetir-me com esta despretensiosa exposição, sinto, no entanto, o desejo de reafirmar o muito que de reconhecimento nos consideramos devedores a várias entidades. À ANGLOPOR, a cuja Administração nos ligam relações das mais cordiais e compreensivas; e à [illegible] à [illegible] TURÍSTICA DA PONTA DO ADOXE e seus ilustres dirigentes, a quem nos é grato manifestar a nossa simpatia e o sincero agrado de com eles colaborar na realização dum grande plano; e a outras organizações que nos honram com a sua confiança. E a nossa gratidão não podia deixar de se renovar para com todos os Departamentos do Estado e Municipais que tão clara e decididamente nos têm manifestado a sua concordância e estímulo, concedendo-nos facilidades para a nossa eficaz progressão. Fazêmo-lo na convicção de que se não enganam quando nos dispensam o seu indispensável apoio, porquanto o nosso objectivo é e continua a ser o que tivemos ocasião de traduzir na última Assembleia Geral:

«Valorizar a terra portuguesa: fixar aqui os capitais portugueses; dar trabalho compensador e empregos diversificados, evitando o êxodo, a numerosos braços portugueses; atrair a Portugal visitantes de outros países, oferecendo-lhes férias agradáveis; tornar a terra portuguesa, assim valorizada, propriedade de portugueses».

«Estamos conscientes de que, investindo e valorizando a terra, descobrindo caminhos, tomando iniciativas, fixando capitais, compartilhando confortos e distribuindo benefícios, cumprimos o nosso dever. Temos a consciência dos nossos deveres de portugueses, sobretudo neste momento em que o Governo patriòticamente se empenha em defender, à custa de todos os sacrifícios, a integridade do património nacional.»

«A Torralta, além de ter tido sempre a preocupação de organizar diversões, promoveu e está promovendo pólos de grande interesse, por forma a que aqueles que utilizem os seus serviços tenham o seu tempo preenchido de molde a que se sintam verdadeiramente em férias».

(Do relatório do Conselho de Administração)

A actuação da Torralta enquadra-se na programação oficial para o desenvolvimento da actividade turística em Portugal

O relatório do Conselho de Administração é do seguinte teor:

1 — A TORRALTA atingiu neste exercício a relevante e plena integração na actividade porventura mais fomentada pelo nosso Governo — O TURISMO — no sentido de conseguir promoção acelerada de fontes de rendimento nacional.

As directrizes de actuação da Empresa enquadram-se com evidente objectividade na programação delineada pelos organismos oficiais, dirigida ao desenvolvimento da actividade turística do nosso País.

2 — É já tradicionalmente conhecida a contribuição do Turismo para o aumento da riqueza nacional, pelo seu efeito multiplicador de rendimentos, pelas repercussões na Balança de Pagamentos resultantes de afluxos de capitais estrangeiros, fixação de divisas e diversas outras razões de acentuado valor económico. Assinalam-se, ainda, as válidas perspectivas que se abrem para o ramo industrial que explora o lazer: larga percentagem do Produto Nacional Bruto dos Países, de forma sistemàticamente crescente, será gasta no mercado da recreação.

No nosso País, o Turismo é já um valioso contribuinte para o saneamento da Balança Comercial, representando maior captação de divisas do que as exportações de conservas, vinhos e cortiça.

TORRALTA, como instrumento motor de promoção turística, constitui, portanto, elemento dinâmico do desenvolvimento da economia nacional.

3 — A preocupação dominante que o Conselho de Administração tem tido, no ajustamento harmonioso das iniciativas da Empresa com os planos turísticos gerais, não seria tão perfeitamente eficaz se não fosse a feição muito especial como se concebeu a estrutura da TORRALTA.

Com efeito, a nossa Empresa não se confina nas tradicionais bases do comum das sociedades anónimas. Formada por acções, como todas, houve a intenção, felizmente realizada na prática e revigorada pela extraordinária adesão do público, de trazer o accionista à participação pessoal nos empreendimentos de forma a que, cada um, mesmo os mais modestos, os possam considerar efectivamente como seus. Possibilitando-se que o accionista planeie a sua vida para o aproveitamento dos tempos livres e defina um estilo próprio, contribuiu-se para uma melhor humanização da sua condição.

Na vanguarda das maiores empresas similares: a partir de meados do ano, uma capacidade disponível de 1600 camas

4 — A excelente localização dos empreendimentos turísticos da Empresa, para além dos aspectos de desenvolvimento geral desse sector de actividade no nosso País, permite fundamentadas esperanças num futuro de procura crescente de serviços e consequentemente de apreciáveis benefícios para os seus accionistas.

O movimento de entradas de turistas estrangeiros tem conhecido uma contínua curva ascendente.

(Continua na página seguinte)

Os accionistas e investidores da Torralta estão automàticamente seguros contra acidentes

(Cont. da página anterior)

muito significativas, as palavras de apreciação, conformidade e desvanecedor apreço que constam do Parecer do Conselho Fiscal e que para todos nós constituem tranquilizadora segurança.

Seria, portanto, desnecessário acrescentar quaisquer outras palavras em reforço do que a eloquência dos números e a frieza dos registos pùblicamente atestam. Acção, progresso, confiança, tranquilidade e a convicção dum dever cumprido, na defesa dos interesses nacionais e dos accionistas e na expansão dum ideal de vincada índole social, tudo isso se encontra visível e claro nos documentos referidos.

Perante o grande crescimento verificado no curto período de um ano, no qual a nossa Empresa se colocou na vanguarda do turismo no nosso País, talvez se pudesse concluir qualquer coisa de lisonjeiro sobre o poder criador, a originalidade e actualidade dos métodos, a capacidade administrativa e a vontade de progresso, o que tudo se traduziu na eficiência que caracterizaram a vida da TORRALTA.

Se aqui faço esta ligeira alusão é porque sinto não me pertencerem pessoalmente quaisquer manifestações de apreço, pois que elas seriam devidas àquelas que directamente criaram as iniciativas e, num esforço contínuo e total, numa tenacidade contra todas as rotinas e naturais dificuldades, lhes souberam dar a mais plena e feliz expansão. E como tudo isso foi possível graças ao apoio e confiança recebidos dos senhores accionistas, é a eles que pedimos que se debrucem sobre a maneira como essa confiança foi usada, traduzida em realizações alcançadas.»

Os que participam na Torralta: «dos mais humildes aos mais poderosos»

«Todo este sucesso verificado e em contínua ascensão, todos estes benefícios para o turismo nacional terão naturalmente de ser atribuídos a um grupo de factores, uns melhor identificados do que outros. Mas não desejaria deixar de mencionar a salutar disseminação do capital por numerosas pessoas, distribuídas de maneira impressionante por todas as camadas da população, na cultura, na capacidade financeira, na diversidade profissional; dos mais humildes aos mais poderosos, dos mais simples aos mais esclarecidos, dos mais variados interesses materiais aos mais qualificados economistas e homens de negócios. Todos eles, com o seu apoio, com o seu entusiasmo, com a sua confiança, contribuíram para que uma obra verdadeiramente nacionalizadora pudesse tomar forma e progredir, como se verificou.

Posto isto, esta simples referência às realidades existentes, julgo que não posso deixar de exprimir algumas esperanças e transmitir alguns planos para o futuro. Tanto mais que, se o Relatório em causa e sobre o qual a Assembleia se terá de pronunciar esta noite, diz respeito ao ano de 1970, o certo é que já vão passados quase três meses do ano corrente e nesse período de tempo, embora curto, a nossa Empresa não estagnou. Pelo contrário, continuou a formular novos planos e a realizar autênticos progressos. É tudo isto que eu não desejaria passar em claro, sem uma referência, embora breve.

No ano que decorre pode dizer-se que já se iniciou um novo período de engrandecimento da nossa Empresa, em vários aspectos.

No Algarve, começará a ser feita a utilização de todas as 32 moradias de Alvor, o que vai dar maior dimensão à nossa actividade, com uma diversificação de serviços que muito interessa ter em conta.

Está em curso neste momento a ampliação das instalações de «A Barca de Alvor», duplicando a capacidade do restaurante e construindo a seu lado um «self-service» capaz de atender os excedentes e também para uso daqueles que preferem o expedito sistema.

Nesse mesmo conjunto se está instalando uma nova piscina para crianças, a par da já existente, ao mesmo tempo que se edificam resguardos, jogos e outros dispositivos que tornam mais agradável e confortável o uso das piscinas.

Ao seu lado um novo mercado, embora sem grandes dimensões, veio já substituir o primeiro mini-mercado, o que também se revela muito vantajoso.

Na mesma área inauguraremos brevemente o novo e excelente hotel que se encontra em acabamentos e a que foi dado o prestigioso nome de «D. João II», o grande rei cuja memória tão ligada se encontra à vila de Alvor. Disporá de 220 quartos, duas piscinas, instalações de grande nível e duma situação privilegiada.

Não me deterei a referir o pleno aproveitamento que terá a nova e grande Adega, para os múltiplos designios para que foi concebida: depósito de materiais, lavandaria, câmaras frigoríficas, restaurante, tudo em escala muito considerável.

Nem as perspectivas para o desenvolvimento da Quinta de Santa Filomena e para a Restinga de Alvor, ambas dependentes das diligências que correm seus termos, agora já em bom caminho, para a completa aprovação dos projectos respectivos.

Nem o propósito de alargar a actividade, já em grande parte iniciada, de diversões e práticas desportivas — de ténis, mini-golf, de bowling, de navegação a motor e à vela, de ski, de pesca e de caça — para o que já dispomos de alguns elementos apreciáveis, como barcos e herdades.

Ou quanto à activação da produção de abastecimentos em géneros de consumo, nomeadamente carnes, leite, ovos, legumes, vinhos e frutas, contando para tanto com as substanciais possibilidades das nossas herdades e dos nossos armazéns.

O aspecto a que não poderíamos contudo deixar de dar o merecido relevo reside no alargamento das nossas actividades à península de Tróia.

O início da construção do Hotel Clube, com disposição para abrigo de barcos de recreio e instalações de 160 quartos, está na sequência natural da aquisição feita, pela TORRALTA, de 60 hectares na Ponta do Adoxe, onde já também possuímos o excelente restaurante TROIAMAR. É nossa intenção promover a intensa urbanização daquela área privilegiada, uma das que podem oferecer maiores garantias de êxito entre nós, dadas as suas excepcionais condições de clima, de disposições marítimas, de belezas naturais e de situação geográfica, próximo de grandes centros urbanos e de aeroportos internacionais.

O que estes progressos e realizações têm custado em canseiras, esforços dedicados, isso só a nós pertence e o que eles significam de imaginação criadora e de constante preocupação de arrojamento e expansão acelerada, que as pessoas isentas e esclarecidas o julguem. O progresso não é estático e o tempo perdido são oportunidades que desaparecem.

E nós, neste mundo, não estamos sós.»

> A actividade da Torralta no decurso do ano de 1970:
>
> «Acção, progresso, confiança, tranquilidade e a convicção dum dever cumprido, na defesa dos interesses nacionais e dos accionistas e na expansão dum ideal de vincada índole social».

> O presidente do Conselho de Administração da Torralta anunciou aos accionistas:
>
> **«Trata-se de uma medida que consideramos de grande alcance e significado, de natureza social, humana e ainda como um novo elo de ligação...**
>
> **... todos os accionistas e investidores, antigos e modernos, passarão a estar automàticamente seguros, em importância igual à do seu investimento, contra acidentes que possam sobrevir, quer no exercício da sua profissão, quer fora dela...»**

O seguro dos accionistas e investigadores da Torralta também abrange riscos de caça e de prática de desportos

«Dentro desta ordem de ideias, e para finalizar estas minhas tão breves quanto singelas considerações, desejaria anunciar uma última resolução tomada pelo Conselho de Administração, que passará a vigorar no próximo mês, comemorando assim a entrada do novo ano administrativo.

Trata-se duma medida que consideramos de grande alcance e significado, de natureza social, humana e ainda como um novo elo de ligação entre todos os que apoiam, compõem e prestam a sua valiosa assistência a TORRALTA, ou seja os Senhores Accionistas e todos os investidores desta Empresa.

A partir do dia 31 deste mês todos os accionistas e investidores, antigos e modernos, passarão a estar automàticamente seguros, em importância igual à do seu investimento, contra acidentes que possam sobrevir, quer no exercício da sua profissão, quer fora dela, designadamente nas seguintes circunstâncias:

— durante a condução de veículos ligeiros;
— durante o transporte como passageiros em:
— veículos de transporte público autorizado, para viagens terrestres e marítimas;
— veículos privativos da TORRALTA para viagens terrestres e marítimas;
— aeronaves de carreiras comerciais, dentro do Continente Português ou deste para as Ilhas Adjacentes, entre as referidas Ilhas e dentro das Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique.

As garantias deste seguro funcionam nos casos de asfixia, raiva, tétano ou carbúnculo e ainda nas infecções provenientes de incisões ou picadas acidentais. O seguro abrange ainda os riscos de caça a tiro de animais não ferozes, pesca e golfe. Haverá certificados individuais.

Esperamos assim reforçar ainda mais a solidariedade já felizmente existente entre os que confiam no futuro da TORRALTA.»

Evidenciada e agradecida a colaboração de entidades oficiais e privadas

«Por último, e apesar de não desejar repetir-me com esta despretensiosa exposição, sinto, no entanto, o desejo de reafirmar o muito que de reconhecimento nos consideramos devedores a várias entidades. À ANGLOPOR, a cuja Administração nos ligam relações das mais cordiais e compreensíveis; e à SOLVERDE e à SOCIEDADE TURÍSTICA DA PONTA DO ADOXE e seus ilustres dirigentes, a quem nos é grato manifestar a nossa simpatia e o sincero agrado de com eles colaborar na realização dum grande plano; e a outras organizações que nos honram com a sua confiança. E a nossa gratidão não podia deixar de se renovar para com todos os Departamentos do Estado e Municipais que tão clara e decididamente nos têm manifestado a sua concordância e estímulo, concedendo-nos facilidades para a nossa eficaz progressão. Fazêmo-lo na convicção de que se não enganam quando nos dispensam o seu indispensável apoio, porquanto o nosso objectivo é e continua a ser o que tivemos ocasião de traduzir na última Assembleia Geral:

«Valorizar a terra portuguesa: fixar aqui os capitais portugueses; dar trabalho compensador e empregos diversificados, evitando o êxodo, a numerosos braços portugueses; atrair a Portugal visitantes de outros países, oferecendo-lhes férias agradáveis; tornar a terra portuguesa, assim valorizada, propriedade de portugueses».

«Estamos conscientes de que, investindo e valorizando a terra, descobrindo caminhos, tomando iniciativas, fixando capitais, compartilhando confortos e distribuindo benefícios, cumprimos o nosso dever. Temos a consciência dos nossos deveres de portugueses, sobretudo neste momento em que o Governo patriòticamente se empenha em defender, à custa de todos os sacrifícios, a integridade do património nacional.»

> «A Torralta, além de ter tido sempre a preocupação de organizar diversões, promoveu e está promovendo pólos de grande interesse, por forma a que aqueles que utilizem os seus serviços tenham o seu tempo preenchido de molde a que se sintam verdadeiramente em férias»
>
> **(Do relatório do Conselho de Administração)**

A actuação da Torralta enquadra-se na programação oficial para o desenvolvimento da actividade turística em Portugal

O relatório do Conselho de Administração é do seguinte teor:

1 — A TORRALTA atingiu neste exercício a relevante e plena integração na actividade porventura mais fomentada pelo nosso Governo — O TURISMO — no sentido de conseguir promoção acelerada de fontes de rendimento nacional.

As directrizes de actuação da Empresa enquadram-se com evidente objectividade na programação delineada pelos organismos oficiais, dirigida ao desenvolvimento da actividade turística do nosso País.

2 — É já tradicionalmente conhecida a contribuição do Turismo para o aumento da riqueza nacional, pelo seu efeito multiplicador de rendimentos, pelas repercussões na Balança de Pagamentos resultantes de afluxos de capitais estrangeiros, fixação de divisas e diversas outras razões de acentuado valor económico. Assinalam-se, ainda, as válidas perspectivas que se abrem para o ramo industrial que explora o lazer: larga percentagem do Produto Nacional Bruto dos Países, de forma sistemàticamente crescente, será gasta no mercado da recreação.

No nosso País, o Turismo é já um valioso contribuinte para o saneamento da Balança Comercial, representando maior captação de divisas do que as exportações de conservas, vinhos e cortiça.

TORRALTA, como instrumento motor de promoção turística, constitui, portanto, elemento dinâmico do desenvolvimento da economia nacional.

3 — A preocupação dominante que o Conselho de Administração tem tido, no ajustamento harmonioso das iniciativas da Empresa com os planos turísticos gerais, não seria tão perfeitamente eficaz se não fosse a feição muito especial como se concebeu a estrutura da TORRALTA.

Com efeito, a nossa Empresa não se contenta nas tradicionais bases do comum das sociedades anónimas. Formada por acções, como todas, houve a intenção, felizmente realizada na prática e reforçada pela extraordinária adesão do público, de trazer o accionista à participação pessoal nos empreendimentos de forma a que, cada um, mesmo os mais modestos, os possam considerar efectivamente como seus. Possibilitando-se que o accionista planeie a sua vida para o aproveitamento dos tempos livres e defina um estilo próprio, contribuiu-se para uma melhor humanização da sua condição.

Na vanguarda das maiores empresas similares: a partir de meados do ano, uma capacidade disponível de 1600 camas

4 — A excelente localização dos empreendimentos turísticos da Empresa, para além dos aspectos de desenvolvimento geral desse sector de actividade no nosso País, permite fundamentadas esperanças num futuro de procura crescente de serviços e consequentemente de apreciáveis benefícios para os seus accionistas.

O movimento de entradas de turistas estrangeiros tem conhecido uma contínua curva ascendente.

(Continua na página seguinte)

OS 200 MILHÕES DE ESCUDOS DA TORRALTA

ESTÃO DISTRIBUÍDOS POR TODAS AS CAMADAS DA POPULAÇÃO

— ESTA SALUTAR DISSEMINAÇÃO DO CAPITAL É UM DOS FACTORES DE ÊXITO DA EMPRESA

(Cont. da página anterior)

No distrito de Faro, entre 1966 e 1969, esse afluxo traduziu-se, quanto à ocupação hoteleira, numa subida de 65%, apresentando, só o ano de 1969, o número de 1 039 522 dormidas, e destas, cabendo 339 683 ao concelho de Portimão — o triplo do concelho que se lhe seguiu em volume de ocupação. Para se verificar quão representativa é a preferência turística pelo concelho de Portimão onde temos grande parte dos nossos empreendimentos, refira-se que o concelho de Cascais registou, no mesmo ano de 1969, 531 290 dormidas. Por outro lado, o índice das rendas de habitação cresceu, no distrito de Faro, de 160%, no período de 1962 para 1969.

Também Tróia constitui outro pólo de atracção turística, pela sua localização, pela sua beleza natural e pelas magníficas praias.

Afim de enquadrar a nossa Empresa na panorâmica nacional da indústria hoteleira frise-se que, a partir de meados do ano de 1971, teremos uma capacidade disponível de 1600 camas, dimensão que nos coloca na vanguarda das maiores Empresas similares.

5 — O ano de 1970 constituiu para a TORRALTA o termo da 1.ª fase de construção das infra-estruturas e estruturas mais essenciais, e consequentemente, o início da fase de expansão na prestação de serviços. Sem prejuízo disso, alicerçaram-se também as condições de imediato arranque de outros e importantes empreendimentos.

6 — O Hotel Golfinho, na Praia D. Ana, Lagos, registou em 1970 26 892 dormidas. A sua ampliação, pela qual se lutava há cerca de dois anos, foi finalmente aprovada, e, com a sua nova estrutura dispondo de 140 quartos, tornar-se-á num dos mais funcionais hotéis da sua categoria. Este aumento de dimensão, implicando uma maior diluição de custos fixos, permitirá a rentabilidade ambicionada.

No conjunto turístico de Alvor, as dormidas atingiram o número de 74 129.

Como no ano anterior as dormidas tinham sido respectivamente de 17 519 e 48 307, verificou-se em 1970 um aumento de 35 195 nos estabelecimentos hoteleiros da TORRALTA, traduzido numa taxa de crescimento de ocupação de 54%.

Devido à conclusão das obras de construção da primeira fase do empreendimento turístico da Praia de Alvor, as condições de oferta de serviços para o ano de 1971 permitem estimar um assinalável crescimento de ocupação, e portanto de receitas, tendo em atenção que vamos inaugurar o Hotel D. João II, dotado de 220 quartos, salas de convívio, restaurante e duas piscinas.

Em Troia: um restaurante ao nível dos adoptados nos centros de turismo europeus

7 — No que diz respeito a Tróia, a TORRALTA irá ali possuir, dentro de pouco tempo, um importante complexo turístico denominado TROIAMAR — um hotel, hotéis-apartamentos e outras estruturas complementares, tais como: restaurantes, piscinas, campos de jogos e centro comercial — com capacidade para mais de 8000 pessoas.

O restaurante, ao nível dos adoptados nos centros de turismo europeus, que a empresa já ali possui em funcionamento, iniciou a actividade no mês de Agosto. Logo se impôs de forma que merece ser assinalada: serviços a 33 800 pessoas, de Agosto a Dezembro, prevendo-se 150 000 refeições em 1971.

O complexo turístico, no seu conjunto, está projectado segundo as mais avançadas concepções, técnica e de previsão turística, das características humanas e sociais nas futuras décadas.

> **«Estamos conscientes de que, investindo e valorizando a terra, descobrindo caminhos, tomando iniciativas, fixando capitais, compartilhando confortos e distribuindo benefícios, cumprimos o nosso dever. Temos a consciência dos nossos deveres de portugueses, sobretudo neste momento em que o Governo patriòticamente se empenha em defender, à custa de todos os sacrifícios, a integridade do património nacional».**
> (Da comunicação do almirante Sármento Rodrigues aos accionistas da Torralta)

8 — O Conjunto Turístico Santa Filomena, em Alvor, encontra-se em fase de imediato arranque; embora tivessemos realizado os estudos deste empreendimento há mais de dois anos e parte das infra-estruturas estejam já efectuadas, só agora, por motivos das tramitações burocráticas, que infelizmente se têm deparado, foi atingida a fase referida. Neste conjunto de Santa Filomena integrar-se-á o Club Náutico, que consideramos como uma iniciativa turística complementar de muito interesse.

9 — Tem tido, efectivamente, o Conselho de Administração a dominante preocupação de imprimir aos seus empreendimentos um enquadramento nas necessidades actuais do turismo, mas sem nunca perder uma necessária projecção das iniciativas, com vista ás grandes transformações de vida que se avizinham.

O Turismo, na sua função de ocupar os tempos livres, não se pode limitar ao oferecimento de instalações, sem embargo de se reconhecer que constituem as fundamentais estruturas. Uma válida e actuante política turística tem de ir também ao encontro do utente, proporcionando-lhe motivos de aliciante entretenimento. O tédio é, na verdade, o maior inimigo do turista e facto muito influente para o seu afastamento.

A TORRALTA, além de ter tido sempre a preocupação de organizar diversões, promoveu e está promovendo pólos de grande interesse, por forma a que aquêles que utilizam os seus serviços tenham o seu tempo preenchido de molde a que se sintam verdadeiramente em férias.

Nessa orientação, procedemos à aquisição de quatro herdades no Baixo Alentejo no valor global de 11 000 contos, e ao arrendamento de outras a longo prazo, num total superior 20 000 hectares, as quais são colocadas à disposição dos accionistas e dos turistas para a prática de caça e de pesca de rio e em barragens.

Também nos mereceu especial atenção a pesca desportiva junto à costa e no alto mar, á qual iremos dar maior incremento a partir de Maio de 1971, assim como aos desportos náuticos.

No que respeita à caça, consideramos esta da maior relevância, dado que se processa na chamada época de baixa estação, integrando-se assim no planeamento do turismo de inverno, que a Secretaria de Estado da Informação e Turismo com tanto denodo e assento está promovendo.

Uma orientação que se integra numa política de contensão do fenómeno inflacionista e social de conjunto

10 — O Turismo, como todos sabemos, além das suas próprias e ricas potencialidades, comporta uma força vivificadora de outras importantes actividades, nomeadamente as que se criam e desenvolvem em seu apoio.

O Conselho de Administração estudou atentamente o problema e concluiu que, tanto dos pontos de vista económico e social, como administrativo e de fomento, se torna aconselhável a exploração das principais actividades complementares e subsidiárias.

Deste modo, ao mesmo tempo que afectámos grande parte das herdades referidas ás actividades cinegéticas, piscatórias e outras modalidades desportivas, estabelecemos nelas explorações pecuárias onde já se contam mais de 5000 cabeças de gado — vacum, porcino, ovino e caprino —, destinadas ao abastecimento dos nossos hotéis e restaurantes. E também frutícolas e hortícolas, bem se podendo dizer que, nos principais aspectos da alimentação humana, a TORRALTA produz grande parte do que consome.

Ainda nesta orientação e para apoiar o ritmo crescente da procura de produtos e serviços nos estabelecimentos da nossa Empresa, adquirimos em Alvor um complexo de armaz[illegible] [illegible] de [illegible] de [illegible]

Este importante complexo encontra-se em pleno funcionamento num edifício de dois pisos e compõe-se de um armazém central abastecedor, grandes câmaras frigoríficas para produtos alimentares, uma central de lavandaria com a capacidade para roupas de 10 000 pessoas, uma Adega Regional com capacidade para cerca de 1000 pessoas e dotada de palco, pista para dançar, cabine de sonorização, bares e cozinhas, tendo anexo um laboratório para análise dos vinhos.

Por outro lado, e ainda neste aspecto, o Conselho de Administração prestou especial atenção ao reflexos que as promoções turísticas estão provocando no nível de vida dos agregados populacionais fixados circunvizinhamente.

Tem-se, na verdade, assistido a uma elevação de preços das mercadorias e a um desequilíbrio da produção das regiões mais intensamente ordenadas para o turismo, com evidentes prejuízos para os seus habitantes. A orientação seguida no sentido de manter explorações próprias, de organizar complexos de armazenagem e de procurar abastecer-se em outras regiões menos desenvolvidas, estimulando assim o seu desenvolvimento, além de fixar ao mesmo tempo os residentes na sua própria região, integra-se assim numa política de contensão do fenómeno inflacionista e social de conjunto, que não poderia ser esquecida.

11 — Não podemos deixar de nos referir à benéfica colaboração que temos encontrado na Anglopor — Companhia Imobiliária Anglo-Portuguesa, S. A. R. L., na qual a TORRALTA tem relevante posição de accionista.

É com efeito a Anglopor que constrói todo o complexo turístico da Praia de Alvor, orientando-se, na concepção e realização de estruturas, com exacto e inteligente sentido turístico. Desta forma, todo o trabalho da Anglopor, além de valioso em si mesmo, reflectiu-se em aceleração de tempo e qualidade, alcançando assim o termo da primeira fase do empreendimento em meados de 1971, de acordo com o programa prèviamente estabelecido.

Uma provisão de mais de 44 mil contos para o encargo do pagamento de cupões

12 — A análise do ponto de vista de rentabilidade das ex[illegible] turísticas da TOR[illegible] funcionamento, [illegible]ostra-nos que a sua expres[illegible] [illegible] muito embora ascendente de ano para ano, não é ainda a desejada estando a Administração da Empresa consciente que só em 1972 se atingirão rendimentos bem definidores da rentabilidade possível.

A necessidade de continuar obras e melhoramentos nas zonas de exploração e à volta das edificações já habitáveis, obras que se concluirão durante o ano de 1971, não permitiram a expansão e ocupação desejadas.

Verifica-se contudo serem já muito significativos os resultados brutos conseguidos pela «Exploração dos Conjuntos» e pela «Exploração das Torres» que atingem a soma de 32 000 contos de receitas para 25 000 contos de custos directos (sem amortizações), quando em 1969, esses valores eram respectivamente de 15 000 e 14 600 contos.

Quanto a outras receitas, há que salientar a venda de Quotas Partes de Apartamentos (Títulos de Ocupação) que somaram 33 462 contos.

No que se refere a Títulos de Férias, pelo facto de o valor resultante da sua colocação não representar receitas traduzidas em lucros imediatos, procedeu-se à criação de uma provisão de 44 793 contos de modo a permitir a satisfação do encargo respeitante a pagamento de cupões durante o período de formação do investimento e enquanto estes não se transformam em fontes de rendimentos para a Empesa.

No fim do período previsto, as provisões estarão absorvidas com os encargos liquidados ano a ano, e os cupões passam a constituir custo das explorações respectivas.

Sob o ponto de vista de custos de exploração, assinale-se sòmente que se constituíram 17 500 contos de amortizações, realizando, especialmente apreciável redução das despesas de organização.

Quanto aos resultados líquidos apurados, o Conselho de Administração de TORRALTA, que tem dedicado a sua especial atenção à criação de estruturas necessárias ao desenvolvimento da sua actividade no campo da exploração turística, tem plena consciência que, uma empresa em formação não pode apresentar resultados significativos nos primeiros anos da sua vida.

Testemunho do equilíbrio financeiro da empresa

13 — Do ponto de vista financeiro, tem de assinalar-se, pela expressão dos números do Balanço, o volume dos investimentos reais conseguidos demonstrativos da política do Conselho de Administração em criar as necessárias bases de desenvolvimento da Empresa. Assim, verifica-se numa análise dinâmica que, no ano de 1970, as principais origens de fundos foram:

Aumentos do Passivo: A Curto Prazo, 24 000 000$00; A Médio Prazo, 84 000 000$; A Longo Prazo, 13 000 000$.

Aumentos do Capital Próprio: Capital Social, 10 000 000$00; Provisões, 44 500 000$00; Ganhos e Perdas, 3 500 000$00; Total, 179 000 000$00.

E que as aplicações de fundos foram exclusivamente traduzidas em aumentos do Activo, a saber:

Disponível, 7 500 000$00; Realizável, 92 000 000$00; Fixo Corpóreo, 72 000 000$00; Fixo Incorpóreo, 7 500 000$; Total, 179 000 000$00.

Também se verifica que o valor do Activo quase duplicou em relação a 1969.

Numa análise estática do Balanço, concluiu-se ainda que os «ratios» de solvabilidade a curto prazo e a longo prazo testemunham bem o equilíbrio financeiro da Empresa.

Refira-se ainda que se se procedesse a uma reavaliação do património da Empresa se encontraria uma riqueza muito superior aos valores demonstrados no Balanço.

14 — Finalmente, e no meio dos assinalados progressos realizados, que se traduziram no aumento de património e no crescimento dos serviços prestados, e apesar de algumas dificuldades, é-nos imensamente grato referir o apoio que recebemos de muitos e qualificados Departamentos da Administração Pública, nos vários sectores que se relacionam com a actividade do Turismo. Este facto, se traduz uma feliz identificação da nossa parte com as directivas oficiais da promoção turística significa também uma esclarecida e estimulante atitude por parte de muitos responsáveis Departamentos do Estado. Para todos vai o nosso respeitoso apreço e a nossa especial gratidão.

E não poderíamos esquecer esse valioso apoio que às nossas actividades tem sido gentilmente dispensado pelos Orgãos da Informação.

Apraz-nos ainda referir a dedicação manifestada por todos os nossos colaboradores, dos mais modestos aos mais altos postos, pois em todos se manifestou um desvanecedor propósito, não isento de sacrifícios, de prestigiar a Empresa que todos servimos.

Ao mui digno Conselho Fiscal sentimos o dever de testemunhar o reconhecimento que nos merece o seu amparo constante e a segurança que nos têm dado os seus esclarecidos juízos.

E queremos ainda agradecer a confiança, dia-a-dia acrescida, nunca negada e por tantas vezes eloquentemente expressa pelos Senhores Accionistas.

15 — Deduzidas todas as despesas e os diversos encargos os resultados globais de exploração cifram-se em 21 366 670$57, ilíquidos, e depois de realizadas as convenientes amortizações no valor de 17 801 530$35, os resultados líquidos apurados no exercício totalizaram 3 565 140$22.

— Propomos para o lucro líquido apurado a seguinte distribuição: Reserva Legal, 500 000$00; Reservas Livres, 3 065 140$22; — 3 565 140$22.

OS 200 MILHÕES DE ESCUDOS DA TORRALTA
ESTÃO DISTRIBUÍDOS POR TODAS AS CAMADAS DA POPULAÇÃO

– ESTA SALUTAR DISSEMINAÇÃO DO CAPITAL É UM DOS FACTORES DE ÊXITO DA EMPRESA

(Cont. da página anterior)

No distrito de Faro, entre 1966 e 1969, esse afluxo traduziu-se, quanto à ocupação hoteleira, numa subida de 65%, apresentando, só o ano de 1969, o número de 1 039 522 dormidas, e destas, cabendo 339 683 ao concelho de Portimão — o triplo do concelho que se lhe seguiu em volume de ocupação. Para se verificar quão representativa é a preferência turística pelo concelho de Portimão onde temos grande parte dos nossos empreendimentos, refira-se que o concelho de Cascais registou, no mesmo ano de 1969, 531 290 dormidas. Por outro lado, o índice das vendas de habitação cresceu, no distrito de Faro, de 160%, no período de 1962 para 1969.

Também Tróia constitui outro pólo de atracção turística, pela sua localização, pela sua beleza natural e pelas magníficas praias.

Afim de enquadrar a nossa Empresa na panorâmica nacional da indústria hoteleira frise-se que, a partir de meados do ano de 1971, teremos uma capacidade disponível de 1600 camas, dimensão que nos coloca na vanguarda das maiores Empresas similares.

5 — O ano de 1970 constituiu para a TORRALTA o termo da 1.ª fase de construção das infra-estruturas e estruturas mais essenciais, e consequentemente, o início da fase de expansão na prestação de serviços. Sem prejuízo disso, alicerçaram-se também as condições de imediato arranque de outros e importantes empreendimentos.

6 — O Hotel Golfinho, na Praia D. Ana, Lagos, registou em 1970 26 892 dormidas. A sua ampliação, pela qual se lutara há cerca de dois anos, foi finalmente aprovada, e, com a sua nova estrutura dispondo de 140 quartos, tornar-se-á num dos mais funcionais hotéis da sua categoria. Este aumento de dimensão, implicando uma maior diluição de custos fixos, permitirá a rentabilidade ambicionada.

No conjunto turístico de Alvor, as dormidas atingiram o número de 74 129.

Como no ano anterior as dormidas tinham sido respectivamente de 17 519 e 48 307, verificou-se em 1970 um aumento de 35 195 nos estabelecimentos hoteleiros da TORRALTA, traduzido numa taxa de crescimento de ocupação de 54%.

Devido à conclusão das obras de construção da primeira fase do empreendimento turístico da Praia de Alvor, as condições de oferta de serviços para o ano de 1971 permitem estimar um assinalável crescimento de ocupação, e portanto de receitas, tendo em atenção que vamos inaugurar o Hotel D. João II, dotado de 220 quartos, salas de convívio, restaurante e duas piscinas.

Em Troia: um restaurante ao nível dos adoptados nos centros de turismo europeus

7 — No que diz respeito a Tróia, a TORRALTA irá ali possuir, dentro de pouco tempo, um importante complexo turístico denominado TROIA-MAR — um hotel, hotéis-apartamentos e outras estruturas complementares, tais como: restaurantes, piscinas, campos de jogos e centro comercial — com capacidade para mais de 8000 pessoas.

O restaurante, ao nível dos adoptados nos centros de turismo europeus, que a empresa já ali possui em funcionamento, iniciou a actividade no mês de Agosto. Logo se impôs de forma que merece ser assinalada: serviços a 33 800 pessoas, de Agosto a Dezembro, prevendo-se 150 000 refeições em 1971.

O complexo turístico, no seu conjunto, está projectado segundo as mais avançadas concepções, técnica e de previsão turística, das características humanas e sociais nas futuras décadas.

8 — O Conjunto Turístico Santa Filomena, em Alvor, encontra-se em fase de imediato arranque; embora tivessemos realizado os estudos deste empreendimento há mais de dois anos e parte das infra-estruturas estejam já efectuadas, só agora, por motivos das tramitações burocráticas, que infelizmente se têm deparado, foi atingida a fase referida. Neste conjunto de Santa Filomena integrar-se-á o Club Náutico, que consideramos como uma iniciativa turística complementar de muito interesse.

9 — Tem tido, efectivamente, o Conselho de Administração a dominante preocupação de imprimir aos seus empreendimentos um enquadramento nas necessidades actuais do turismo, mas sem nunca perder uma necessária projecção das iniciativas, com vista às grandes transformações de vida que se avizinham.

O Turismo, na sua função de ocupar os tempos livres, não se pode limitar ao oferecimento de instalações, sem embargo de se reconhecer que constituem as fundamentais estruturas. Uma válida e actuante política turística tem de ir também ao encontro do utente, proporcionando-lhe motivos de aliciante entretenimento. O tédio é, na verdade, o maior inimigo do turista e facto muito influente para o seu afastamento.

A TORRALTA, além de ter tido sempre a preocupação de organizar diversões, promoveu e está promovendo pólos de grande interesse, por forma a que aqueles que utilizam os seus serviços tenham o seu tempo preenchido de molde a que se sintam verdadeiramente em férias.

Nessa orientação, procedemos à aquisição de quatro herdades no Baixo Alentejo no valor global de 11 000 contos, e ao arrendamento de outras a longo prazo, num total superior 20 000 hectares, as quais são colocadas à disposição dos accionistas e dos turistas para a prática de caça e de pesca de rio e em barragens.

Também nos mereceu especial atenção a pesca desportiva junto à costa e no alto mar, á qual iremos dar maior incremento a partir de Maio de 1971, assim como aos desportos náuticos.

No que respeita à caça, consideramos esta da maior relevância, dado que se processa na chamada época de baixa estação, integrando-se assim no planeamento do turismo de inverno, que a Secretaria de Estado da Informação e Turismo com tanto denodo e assento está promovendo.

Uma orientação que se integra numa política de contensão do fenómeno inflacionista e social de conjunto

10 — O Turismo, como todos sabemos, além das suas próprias e ricas potencialidades, comporta uma força vivificadora de outras importantes actividades, nomeadamente as que se criam e desenvolvem em seu apoio.

O Conselho de Administração estudou atentamente o problema e concluiu que, tanto dos pontos de vista económico e social, como administrativo e de fomento, se torna aconselhável a exploração das principais actividades complementares e subsidiárias.

Deste modo, ao mesmo tempo que afectámos grande parte das herdades referidas ás actividades cinegéticas, piscatórias e outras modalidades desportivas, estabelecemos nelas explorações pecuárias onde já se contam mais de 5000 cabeças de gado — vacum, porcino, ovino e caprino —, destinadas ao abastecimento dos nossos hotéis e restaurantes. E também frutícolas e hortícolas, bem se podendo dizer que, nos principais aspectos da alimentação humana, a TORRALTA produz grande parte do que consome.

Ainda nesta orientação e para apoiar o ritmo crescente da procura de produtos e serviços nos estabelecimentos da nossa Empresa, adquirimos em Alvor um complexo de armazenagem, com parques de estacionamento [illegible] entradas de acesso [illegible] sujeito a uma elevação de preços das mercadorias e a um desequilíbrio da produção das regiões mais intensamente ordenadas para o turismo, com evidentes prejuízos para os seus habitantes. A orientação seguida no sentido de manter explorações próprias, de organizar complexos de armazenagem e de procurar abastecer-se em outras regiões menos desenvolvidas, estimulando assim o seu desenvolvimento, além de fixar ao mesmo tempo os residentes na sua própria região, integra-se assim numa política de contensão do fenómeno inflacionista e social de conjunto, que não poderia ser esquecida

11 — Não podemos deixar de nos referir à benéfica colaboração que temos encontrado na Anglopor — Companhia Imobiliária Anglo-Portuguesa, S. A. R. L., na qual a TORRALTA tem relevante posição de accionista.

É com efeito a Anglopor que constrói todo o complexo turístico da Praia de Alvor, orientando-se, na concepção e realização de estruturas, com exacto e inteligente sentido turístico. Desta forma, todo o trabalho da Anglopor, além de valioso em si mesmo, reflecte-se em aceleração de tempo e qualidade, alcançando assim o termo da primeira fase do empreendimento em meados de 1971, de acordo com o programa préviamente estabelecido.

Uma provisão de mais de 44 mil contos para o encargo do pagamento de cupões

12 — A análise do ponto de vista de rentabilidade das explorações turísticas da TORRALTA em funcionamento, mostra-nos que a sua expressão económica, muito embora ascendente de ano para ano, não é ainda a desejada estando a Administração da Empresa consciente que só em 1972 se atingirão rendimentos bem definidores da rentabilidade possível.

A necessidade de continuar obras e melhoramentos nas zonas de exploração e à volta das edificações já habitáveis, obras que se concluirão durante o ano de 1971, não permitiram a expansão e ocupação desejadas.

Verifica-se contudo serem já muito significativos os resultados brutos conseguidos pela «Exploração dos Conjuntos» e pela «Exploração das Torres» que atingem a soma de 32 000 contos de receitas para 25 000 contos de custos directos (sem amortizações), quando em 1969, esses valores eram respectivamente de 15 000 e 14 600 contos.

Quanto a outras receitas, há que salientar a venda de Quotas Partes de Apartamentos (Títulos de Ocupação) que somaram 33 462 contos.

No que se refere a Títulos de Férias, pelo facto de o valor resultante da sua colocação não representar receitas traduzidas em lucros imediatos, procedeu-se à criação de uma provisão de 44 793 contos de modo a permitir a satisfação do encargo respeitante a pagamento de cupões durante o período de formação do investimento e enquanto estes não se transformam em fontes de rendimentos para a Empesa.

No fim do período previsto, as provisões estarão absorvidas com os encargos liquidados ano a ano, e os cupões passam a constituir custo das explorações respectivas.

Sob o ponto de vista de custos de exploração, assinale-se sòmente que se constituíram 17 500 contos de amortizações, realizando, especialmente apreciável redução das despesas de organização.

Quanto aos resultados líquidos apurados, o Conselho de Administração de TORRALTA, que tem dedicado a sua especial atenção à criação de estruturas necessárias ao desenvolvimento da sua actividade no campo da exploração turística, tem plena consciência que, uma empresa em formação não pode apresentar resultados significativos nos primeiros anos da sua vida.

Testemunho do equilíbrio financeiro da empresa

13 — Do ponto de vista financeiro, tem de assinalar-se, pela expressão dos números do Balanço, o volume dos investimentos reais conseguidos demonstrativos da política do Conselho de Administração em criar as necessárias bases de desenvolvimento da Empresa. Assim, verifica-se numa análise dinâmica que, no ano de 1970, os principais origens de fundos foram:

Aumentos do Passivo: A Curto Prazo, 24 000 000$00; A Médio Prazo, 84 000 000$; A Longo Prazo, 13 000 000$.

Aumentos do Capital Próprio: Capital Social, 10 000 000$00; Provisões, 44 500 000$00; Ganhos e Perdas, 3 500 000$00; Total, 179 000 000$00.

E que as aplicações de fundos foram exclusivamente traduzidas em aumentos do Activo, a saber:

Disponível, 7 500 000$00; Realizável, 92 000 000$00; Fixo Corpóreo, 72 000 000$00; Fixo Incorpóreo, 7 500 000$; Total, 179 000 000$00

Também se verifica que o valor do Activo quase duplicou em relação a 1969

Numa análise estática do Balanço, conclui-se ainda que os «ratios» de solvabilidade a curto prazo e a longo prazo testemunham bem o equilíbrio financeiro da Empresa.

Refira-se ainda que se se procedesse a uma revalização do património da Empresa se encontraria uma riqueza muito superior aos valores demonstrados no Balanço

14 — Finalmente, e no meio dos assinalados progressos realizados, que se traduziram no aumento de património e no crescimento dos serviços prestados, e apesar de algumas dificuldades, temos imensamente grato referir o apoio que recebemos de muitos e qualificados Departamentos da Administração Pública, nos vários sectores que se relacionam com a actividade do Turismo. Este facto, se traduz uma feliz identificação da nossa parte com as directivas oficiais da promoção turística significa também uma esclarecida e estimulante atitude por parte de muitos responsáveis Departamentos do Estado. Para todos vai o nosso respeitoso apreço e a nossa especial gratidão.

E não poderíamos esquecer esse valioso apoio que às nossas actividades tem sido gentilmente dispensado pelos Orgãos da Informação

Apraz-nos ainda relevar a dedicação manifestada por todos os nossos colaboradores, dos mais modestos aos mais altos postos, pois em todos se manifestou um desvanecedor propósito, não isento de sacrifícios, de prestigiar a Empresa que todos servimos.

Ao mui digno Conselho Fiscal sentimos o dever de testemunhar o reconhecimento que nos merece o seu amparo constante e a segurança que nos têm dado os seus esclarecidos juízos.

E queremos ainda agradecer a confiança, dia-a-dia acrescida, nunca negada e por tantas vezes eloquentemente expressa pelos Senhores Accionistas.

15 — Deduzidas todas as despesas e os diversos encargos os resultados globais de exploração cifram-se em 21 366 670$57, ilíquidos, e depois de realizadas as convenientes amortizações no valor de 17 801 530$35, os resultados líquidos apurados no exercício totalizaram 3 565 140$22.

— Propomos para o lucro líquido apurado a seguinte distribuição: Reserva Legal, 500 000$00; Reservas Livres, 3 065 140$22; — 3 565 140$22.

«Estamos conscientes de que, investindo e valorizando a terra, descobrindo caminhos, tomando iniciativas, fixando capitais, compartilhando confortos e distribuindo benefícios, cumprimos o nosso dever. Temos a consciência dos nossos deveres de portugueses, sobretudo neste momento em que o Governo patrióticamente se empenha em defender, à custa de todos os sacrifícios, a integridade do património nacional».

(Da comunicação do almirante Sarmento Rodrigues aos accionistas da Torralta)

TORRALTA CLUBE INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S. A. R. L.

Sede: Hotel Golfinho — Praia D. Ana — Lagos

BALANÇO: Referente a 31 de Dezembro de 1970

ACTIVO

I. DISPONÍVEL:			
1. Caixa:			
Em Lisboa, Praia de Alvor, Golfinho, Tróia e Beja		4 407 309$40	
2. Bancos		14 248 878$27	18 656 187$67
II. REALIZÁVEL:			
1. Letras a Receber		6 948 248$00	
2. Dev. e Cred. «Devedores»		55 170 904$75	
3. Armazéns		1 586 711$23	
4. Quotas P. Apartamentos		45 112 704$12	108 818 568$10
III. IMOBILIZADO:			
A. CORPÓREO:			
1. Imóveis	89 975 801$00		
Amortizações	3 257 155$60	86 718 645$40	
2. Maquinaria	7 365 400$30		
Amortizações	2 068 273$60	5 297 126$70	
3. Móveis e Utensílios	17 362 982$15		
Amortizações	7 160 606$05	10 202 376$10	
4. Viaturas	2 894 079$00		
Amortizações	419 076$00	2 475 003$00	
5. Instalações	11 293 764$60		
Amortizações	70 000$00	11 223 764$60	
6. Propriedades		50 444 479$20	
7. Prop. Transacção		4 755 000$00	
8. Taras		356 599$10	171 472 994$10
B. INCORPÓREO:			
1. Desp. de Organização		33 461 905$60	
Amortizações		16 068 273$00	17 393 632$60
C. PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS:			49 989 520$00
IV. TRANSITÓRIO:			
1. Clube Náutico em Organização		985 129$80	
2. Meia Praia		33 343$60	1 018 473$40
			367 349 375$87
CONTAS DE ORDEM: Dev. P. Garantias Prestadas			605 000$00

PASSIVO

I. EXIGÍVEL A CURTO PRAZO:			
1. Dev. e Cred. «Credores»		47 786 902$80	
2. Cred. p. Dep. Reserva		11 451$24	47 798 354$04
II. EXIGÍVEL A MÉDIO PRAZO:			
1. Letras a Pagar		22 485 610$30	
2. Livranças a Pagar		3 188 000$00	
3. Dev. e Cred. «Credores»		101 795 782$26	127 469 392$56
III. EXIGÍVEL A LONGO PRAZO:			
1. Créditos			21 730 886$50
IV. PROVISÃO P. PAG. CUPÕES E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:			44 793 546$60
V. CAPITAL PRÓPRIO:			
1. Capital Social		120 000 000$00	
2. Reserva Legal		1 050 569$32	
3. Reservas Livres		941 486$63	
4. Resultado do Exercício		3 565 140$22	125 557 196$17
			367 349 375$87
CONTAS DE ORDEM: Garantias Prestadas			605 000$00

O Director Administrativo,
Tenente-Coronel João Maria Bento

O Técnico de Contas,
José António Martins Sanches

O Presidente do Conselho de Administração,
C/Alm. Manoel Maria Sarmento Rodrigues

Vogais:
Dr. Joaquim José de Paiva Corrêa
Eng.º Viriato de Sousa Campos
Agostinho da Silva
José da Silva

CONTA DE GANHOS E PERDAS: Referente a 31 de Dezembro de 1970

DÉBITO

I. DESPESAS GERAIS:		10 264 639$20
II. REND. DE TÍTULOS DE OCUPAÇÃO:		1 426 310$70
III. JUROS E DESCONTOS:		2 686 850$20
IV. DESPESAS EXTRAORDINÁRIAS:		134 808$70
V. CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS:		1 873 023$30
VI. COMPRA DE CUPÕES:		20 537 863$90
VII. RENDAS:		3 348 884$30
VIII. AMORTIZAÇÕES:		17 560 602$95
IX. PROVISÃO P. PAG. DE CUPÕES E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:		44 793 546$60
X. QUEB. E DEP. MERCADORIAS:		13 246$51
XI. RESULTADO DO EXERCÍCIO:		3 565 140$22
		106 204 916$58

CRÉDITO

I. EXPLORAÇÃO CONJUNTOS:			
1. Golfinho; 2. Barca; 3. Cabana; 4. Troiamar; 5. Piscina; 6. Praia; 7. Meia Praia; 8. Mercado; 9. Adega:			
a. Receitas Globais		22 369 252$90	
b. Custos e Despesas Inerentes		18 348 759$94	4 020 492$96
II. EXPLORAÇÃO TORRES:			
1. Torre A; 2. Torre B; 3. Torre C; 4. Torre D; 5. Torre E; 6. Torre F;			
a. Receitas Globais		10 099 067$00	
b. Custos e Despesas Inerentes		7 016 680$10	3 082 386$90
III. COLOCAÇÃO DE ACÇÕES:			64 655 911$00
IV. RECEITAS DE QUOTAS P. APARTAMENTOS:			33 462 125$72
V. RECEITAS DIVERSAS:			984 000$00
			106 204 916$58

O Director Administrativo,
Tenente-Coronel João Maria Bento

O Técnico de Contas,
José António Martins Sanches

O Presidente do Conselho de Administração,
C/Alm. Manoel Maria Sarmento Rodrigues

Vogais:
Dr. Joaquim José de Paiva Corrêa
Eng.º Viriato de Sousa Campos
Agostinho da Silva
José da Silva

OS PEANUTS

CAROL DAY

HÁ 30 ANOS

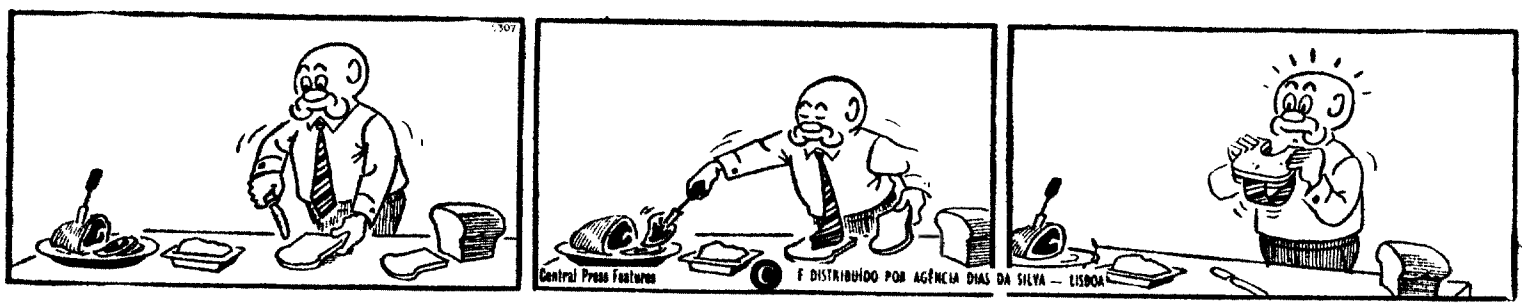
O «Diário de Lisboa» de 2 de Abril de 1941 publicava:

«O dr. Ramada Curto, que é sem contestação, um dos nossos primeiros dramaturgos, vai afrontar amanhã, mais uma vez, o fogo da ribalta. Nestes combates, o ilustre advogado alcança, por via de regra, uma vitória brilhante.

«Conhece o teatro por dentro e por fora, e o seu publico que é, afinal, todo aquele que ainda tem um culto veemente pela palavra única, e os sentimentos, as paixões, o drama ou a comédia que ele exprime.

«O que será «O tio rico»? Ramada Curto levanta, ligeiramente, uma ponta do véu, com a sua ironia flamejante de bom humor. Dizem os que conhecem a peça que é um dos melhores trabalhos de Ramada Curto, vivido e sentido com o melhor da sua inteligência e da sua emoção. O autor do «Caso do dia» escreve como quer, e faz do teatro o que quer, de tal maneira a sua vida dramática é fecunda e a sua experiência é grande.»

AVENTURAS DO TIO CARLOS



TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

Palavras cruzadas

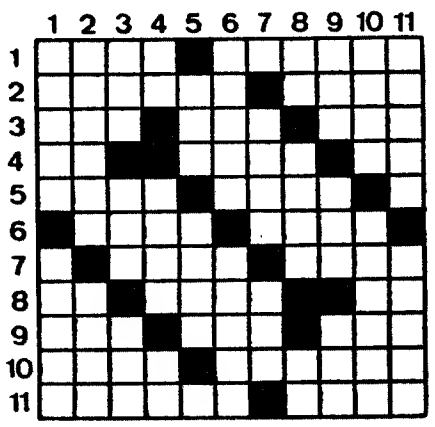
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5851

HORIZONTAIS: 1 — Aquele que Sacudir. 2 — Exclusivos. Oculto. 3 — Suspiros. Seguios. Preposição. 4 — Caminhar. Rio de França. Satélite de Júpiter. 5 — Dança dos Samoanos. Mãe de Ismael. 6 — Encoleriza. Vazios. 7 — Lugar onde se arremata o peixe à chegada dos barcos de pesca. Acolá. 8 — Artigo definido (ant.). Falta de chuva. Ruim. 9 — Em os. Uma das Cíclades. Matemática (abrev.). 10 — Remar para trás. Habitante de Roma. 11 — Benefício. Pronome pessoal (pl.).

VERTICAIS: 1 — Pronome relativo (pl.). Domina. 2 — Ligaria. Ponta da verga. 3 — Aguí está. Mísero. Figura que simboliza o povo americano. 4 — Mil e cem em romano. Cinchos. Letra grega. 5 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Freguesia do concelho de Mondim de Basto. 6 — Vasilha com asas (prov.). Assanha. 7 — Suardo. Guarnição de asas. 8 — Antes de Cristo. Casta. Pronome pessoal. 9 — Lanugem de certos frutos. Lista. Calamidade. 10 — Icei. Período de sete dias seguidos. 11 — Pernadas. Apelido.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5850

HORIZONTAIS: 1 — Ataco. Lemas. 2 — Pela. Pelota. 3 — Amai. Ivã. Al. 4 — Pirata. Ida. 5 — Cosano. Aros. 6 — O. Ali. 7 — Morada. Aams. 8 — Ramais. Soa. 9 — Sama. Dom. Ti. 10 — Atar. Avisar. 11 — Messe. Amara.

VERTICAIS: 1 — Apó. Com. Sam. 2 — TEMPO. Orate. 3 — Alars. Orate. 4 — Caira. Amars. 5 — An. DA. E. 6 — Pito. Aida. 7 — LEVA. Sova. 8 — Ela. Ala. Mim. 9 — Má. Irias. So. 10 — Atado. Notar. 11 — Salas. Salra.

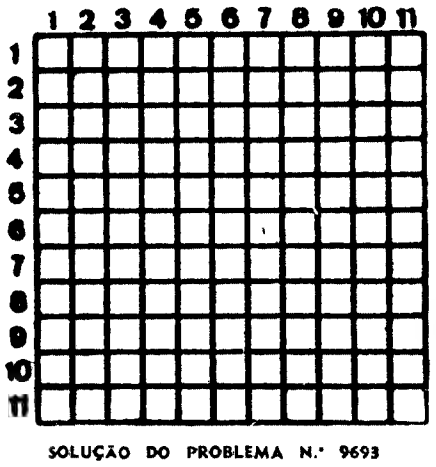
Provérbio: O TEMPO DÁ E LEVA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9694

HORIZONTAIS: 1 — Cidade japonesa na ilha de Hondo. Antiga província de França. 2 — Prendo. Erudito italiano que publicou em 822 fragmentos importantes da Republica de Cícero Maior. 3 — Passar rápidamente. Tombar. 4 — Rádio (s. q.). Aplaca. Fútil. 5 — Obrigarias (tig.). 6 — Em partes iguais. Preposição latina que designa movimento. 7 — Rio de Portugal. Acrescentei. Palavra árabe, que significa servo e entra na composição de muitos nomes próprios. 8 — Artigo definido. Saíra frequentemente á rua. Letra grega. 9 — Batráquio anuro semelhante á rã. Soam. 10 — Intervalo de meio tom (Mús.). Dejequadouro. 11 — Irmão de Moisés. Glóbulos.

VERTICAIS: 1 — Porto e cidade de França. Falta. 2 — Levas á sirga. Rio de França. 3 — Distrito da India Portuguesa. Utensílios domésticos. Preposição. 4 — Invulgar. Cidade de Itália. 5 — Prefixo de negação. Pata. Ouro (s. q.). Preposição e artigo definido. 6 — Dispostas em camadas. 7 — Nota musical. Germânio (s. q.). Caminhar. Pago (abrev.). 8 — Rosto. Prender. 9 — Magnete natural. Passada. Agora. 10 — Mulher casada há pouco. Fero. 11 — Vagueias. Domesticas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9693

HORIZONTAIS: 1 — Egeta. Avear. 2 — Laços. Sarai. 3 — Itaca. Siara. 4 — Sá. Ad. Ua. Om. 5 — Ado. Arm. 6 — Pia. Ais. 7 — Cró. Aço. Lar. 8 — Ro. Avano. Ló. 9 — Avaré. Unes. 10 — Vala. Cava. 11 — Arola. Casas.

VERTICAIS: 1 — Elisa. Crava. 2 — Gata. Provar. 3 — Eça. Aio. Alá. 4 — Tacada. Aral. 5 — Asada. Ave. 6 — Uçá. 7 — Assua. ONU. 8 — Vaiara. Orça. 9 — Ente. Mil. Ras. 10 — Aaro. Salaia. 11 — Liame. Roças.

Rb Orrjety?— 8239 823[illegible]

SERVENTES DE IMPRESSÃO OFFSET

PRECISAM-SE

Resposta, com informações detalhadas ao n.º 754 deste Jornal.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

FOLAR DA PÁSCOA
ALTA FIDELIDADE
DISCOTECA
RÁDIOS
T. V.
GIRA DISCOS
GRAVADORES
MÁQ. LAVAR
LOUÇA E ROUPA
FRIGORÍFICOS
FOGÕES
ASPIRADORES
ATÉ 36 MESES
SEM FIADOR
CASA MAX
193 R. D. Estefânia, 193-F

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«Quelimane» *	8 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 5 DE ABRIL. Lobito, Lourenço Marques, Beira e Nacala
«P. Perfeito»	19 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 16 DE ABRIL. Luanda e Lobito.
«Moçâmedes» *	28 de Abril	Príncipe, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Novo Redondo (se necessário), Porto Amboim e Cabinda.
«Moçambique» *	29 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 26 DE ABRIL. Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«Angola»	30 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 27 DE ABRIL. Luanda e Lobito.
Agência de Carga Aérea	QUINZENALMENTE	PARA TODO O MUNDO

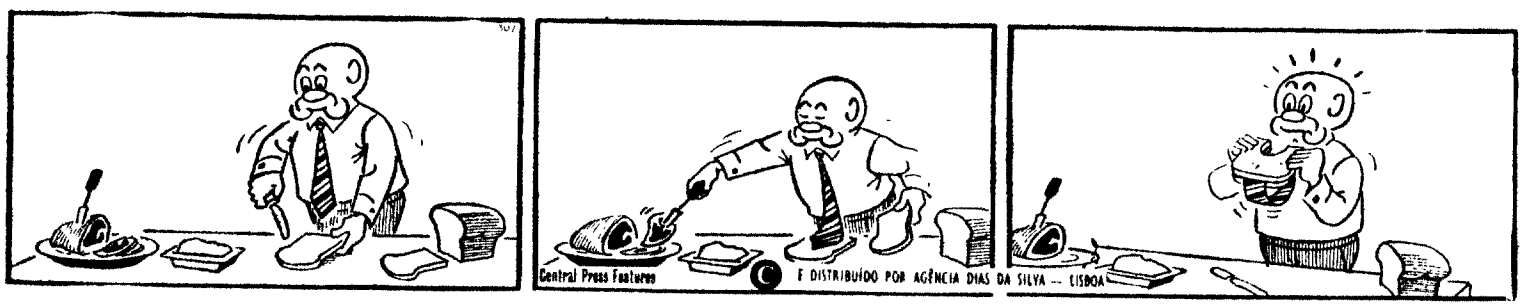
* Com escala prévia por Lobitos

SEDE: R. DO COMÉRCIO [illegible] AGÊNCIA NO PORTO: NORTENAVE — R. INFANTE D. HENRIQUE [illegible]

OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 2 de Abril de 1941 publicava:

«O dr. Ramada Curto, que é sem contestação, um dos nossos primeiros dramaturgos, vai afrontar amanhã, mais uma vez, o fogo da ribalta. Nestes combates, o ilustre advogado alcança, por via de regra, uma vitória brilhante.

«Conhece o teatro por dentro e por fora, e o seu publico que é, afinal, todo aquele que ainda tem um culto veemente pela palavra única, e os sentimentos, as paixões, o drama ou a comédia que ele exprime.

«O que será «O tio rico»? Ramada Curto levanta, ligeiramente, uma ponta do véu, com a sua ironia flamejante de bom humor. Dizem os que conhecem a peça que é um dos melhores trabalhos de Ramada Curto, vivido e sentido com o melhor da sua inteligência e da sua emoção. O autor do «Caso do dia» escreve como quer, e faz do teatro o que quer, de tal maneira a sua vida dramática é fecunda e a sua experiência é grande.»

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

Palavras cruzadas

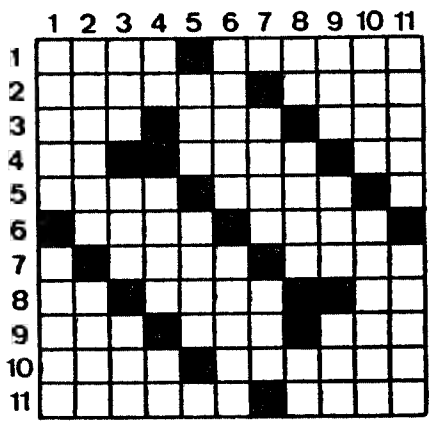
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5851

HORIZONTAIS: 1 — Aquele que Sacudir. 2 — Exclusivos. Oculto. 3 — Suspiros. Seguias. Preposição. 4 — Caminhar. Rio de França. Satélite de Júpiter. 5 — Dança dos Samoanos. Mãe de Ismael. 6 — Encoberta. Vazios. 7 — Lugar onde se arremata o peixe à chegada dos barcos de pesca. Acolá. 8 — Artigo definido (ant.) Falta de chuva. Ruim. 9 — Em os. Uma das Cíclades. Matemática (abrev.). 10 — Remar para trás. Habitante de [illegible] — Benefício. Pronome pessoal (pl.)

VERTICAIS: 1 — Pronome relativo (pl.) Domina. 2 — Ligaria. Ponta da verga. 3 — Aqui está. Mísero. Figura que simboliza o povo americano. 4 — Mil e cem em romano. Cinchos. Letra grega. 5 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Freguesia do concelho de Mondim de Basto. 6 — Vasilha com asas (prov.). Assanha. 7 — Suarda. Guarnição de asas. 8 — Antes de Cristo. Casta. Pronome pessoal. 9 — Lanugem de certos frutos. Lista. Calamidade. 10 — Icei. Período de sete dias seguidos. 11 — Pernadas. Apelido.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5850

HORIZONTAIS: 1 — Ataco. Lemas. 2 — Pela. Pelota. 3 — Amai. Ivã. Al. 4 — Pirata. Ida. 5 — Cosano. Aros. 6 — O. Ali. 7 — Morada. Aans. 8 — Ramais. Soa. 9 — Sama. Dom. Ti. 10 — Atai. Avisar. 11 — Messe. Amara.

VERTICAIS: 1 — Apá. Com. Sam. 2 — TEMPO. Orate. 3 — Atais. Orate. 4 — Caira. Amais. 5 — An. DÁ. E. 6 — Pito. Aida. 7 — LEVA. Sova. 8 — Ela. Ala. Mim. 9 — Mó. Irias. So. 10 — Atado. Notar. 11 — Salas. Safra.

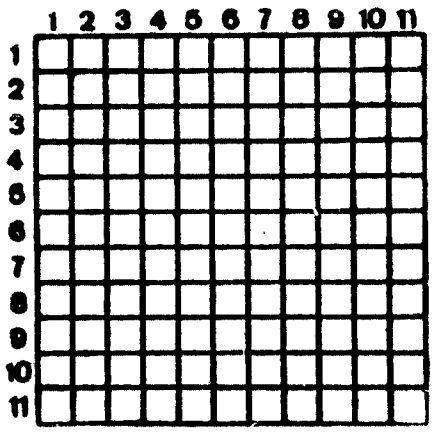
Provérbio: O TEMPO DÁ E LEVA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9694

HORIZONTAIS: 1 — Cidade japonesa na ilha de Hondo. Antiga província de França. 2 — Prendo. Erudito italiano que publicou em 822 fragmentos importantes da República de Cícero Maior. 3 — Passar rápidamente. Tombar. 4 — Rádio (s. q.). Aplaca. Fútil. 5 — Obrigarias (fig.). 6 — Em partes iguais. Preposição latina que designa movimento. 7 — Rio de Portugal. Acrescentei. Palavra árabe, que significa servo e entra na composição de muitos nomes próprios. 8 — Artigo definido. Saíra frequentemente á rua. Letra grega. 9 — Batráquio anuro semelhante á rã. Soam. 10 — Intervalo de meio tom (Mús.). Dejequadouro. 11 — Irmã. [illegible] Globulos.

VERTICAIS: 1 — Porto e cidade de França. Fala. 2 — Levas á sirga. Rio de França. 3 — Distrito da Índia Portuguesa. Utensílios domésticos. Preposição. 4 — Invulgar. Cidade de Itália. 5 — Prefixo de negação. Pata. Ouro (s. q.). Preposição e artigo definido. 6 — Dispostos em camadas. 7 — Nota musica. Germânio (s. q.). Caminhar. Pago (abrev.). 8 — Rosto. Prender. 9 — Magnete natural. Passada. Agora. 10 — Mulher casada há pouco. Fero. 11 — Vagueiras. Domesticas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9693

HORIZONTAIS: 1 — Egeta. Arca. 2 — Laços. Sarai. 3 — Itaca. Siara. 4 — Sá. Ad. Ua. Om. 5 — Ada. Amm. 6 — Pia. Ais. 7 — Cró. Aço. Lar. 8 — Ro. Avano. Ló. 9 — Avaré. Urros. 10 — Vala. Cana. 11 — Arola. Casas.

VERTICAIS: 1 — Elisa. Crava. 2 — Gato. Provar. 3 — Eça. Aio. Aló. 4 — Tacada. Aral. 5 — Asada. Ave. 6 — Uçá. 7 — Assua. ONU. 8 — Vaiara. Orça. 9 — Erê. Mil. Ras. 10 — Aaro. Salaia. 11 — Liame. Rosas.

Rb Orrjely?— 8239 8239 8299 8239 2838

SERVENTES DE IMPRESSÃO OFFSET
PRECISAM-SE
Resposta, com informações detalhadas ao n.º 754 deste Jornal.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

FOLAR DA PÁSCOA
ALTA FIDELIDADE
DISCOTECA
RÁDIOS
T. V.
GIRA DISCOS
GRAVADORES
MÁQ. LAVAR
LOUÇA E ROUPA
FRIGORÍFICOS
FOGÕES
ASPIRADORES
ATÉ 36 MESES
SEM FIADOR
CASA MAX
193 R D. Estefânia, 193-F

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«Quelimane» *	8 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 5 DE ABRIL. Lobito, Lourenço Marques, Beira e Nacala
«P. Perfeito»	19 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 16 DE ABRIL. Luanda e Lobito.
«Moçâmedes» *	28 de Abril	Príncipe, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Novo Redondo (se necessário), Porto Amboim e Cabinda.
«Moçambique» *	29 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 26 DE ABRIL. Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«Angola»	30 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 27 DE ABRIL. Luanda e Lobito.
Agência de Carga Aérea	DIARIAMENTE	PARA TODO O MUNDO

* Com escala prévia por Leixões

LISBOA — R. DO COMÉRCIO, 85 TEL. 323021; Reserva de Passagens: 34764 369172
AGÊNCIA NO PORTO: NORTEMAR R. INFANTE D. HENRIQUE, 63 TEL. 22438

A CRIANÇA E OS AVÓS — Em algumas aldeias da Alta Baviera ainda existe o costume de os lados dos bancos serem representações dos antepassados. Neste belo exemplar em Ohlstadt, perto de Bad Tölz, o avô e a avó da criança loira, aí estão talhados e pintados a cores vivas, ostentam os trajos regionais da sua época

E. U. A.: MUSKIE E McGOVERN DISPUTAM O APOIO DOS JOVENS

WASHINGTON — Robert Squier, o brilhante produtor da TV norte-americana, que foi responsável pela intervenção espectacular do senador Muskie, na véspera das eleições de 1970, tem agora um escritório no edifício onde está instalado o quartel-general nacional de Muskie.

Squies garante que o antigo candidato à vice-presidência só o contratou em «part-time» — «o que parece querer dizer das 10 da manhã às 10 da noite». A sua chegada ao quartel-general de Muskie ilustra a expansão constante de uma organização que compreende já mais de 40 colaboradores assalariados, além doutros colaboradores parciais como Squier e de um número apreciável de voluntários.

Por DAVID BRODER

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

Os esforços do senador Muskie estão actualmente, numa fase interessante — e estranha — atirando para várias direcções ao mesmo tempo. As suas despesas aumentam, as suas sondagens estão em baixo, enquanto procura tomar posições ousadas, mantendo, embora, um «perfil baixo» e não pretendendo fechar a porta a nenhuma opção. Foi exactamente isso o que os seus *managers* lhe prediseram para este estádio da campanha, e será essa a consolação que agora lhe resta.

Há alguns meses, quando foi oficialmente designado como director da campanha de Muskie, numa altura em que outros se entregavam á euforia de trabalhar para um candidato que levava um grande avanço sobre os outros, o advogado de Washington, Berl Bernhardt, começou a tentar encontrar a solução para o seguinte problema: que fazer quando chegar a hora do refluxo?

Bernhardt nunca duvidou de que as sondagens conheciam uma curva descendente. O *boom* que se seguira ao discurso da véspera das eleições — devido a uma vaga de admiração dos democráticos e dos independentes para com o discurso moderado de Muskie depois da intervenção errada de Nixon em Phoenix — fora tão espectacular que a única coisa a esperar seria um recuo. E as circunstâncias da intervenção de Muskie não permitiam esperar um *boom* semelhante antes das próximas eleições

Bernhardt entendeu, muito antes de o recuo se verificar, que esse «refluxo da onda» não deveria implicar uma modificação dos seus planos de campanha para 1971. Desde que mantenha uma base sólida e que as suas sondagens não revelem uma queda prolongada e acelerada, pouco interessa (diz o director da campanha de Muskye) que a popularidade do senador marque seis pontos a mais ou seis pontos a menos que a do seu mais próximo rival.

O que explica que as sondagens pessimistas não consternam o campo de Muskie, como o não alegram as sondagens optimistas.

A MÁQUINA MAIS IMPORTANTE

Segundo uma sondagem Gallup da segunda semana de Março, o senador Muskie perdeu sete pontos em relação ao seu máximo de Novembro passado, e hoje seria escolhido por 26% dos democráticos contra 25% para Edward Kennedy, 21% para Hubert Humphrey e 5% para Lindsay e McGovern

Os responsáveis da campanha de Muskye entendem que a presença de Kennedy e Humphrey a poucos pontos de atraso em relação a Muskie é uma boa notícia, dado que nem um nem outro deverão opor-se a Muskie por altura das primeiras eleições primárias do próximo ano.

Mas, na semana a seguir, tornou-se evidente que os colaboradores de Muskie reagiam ao desafio da equipa mais pequena, mas mais nervosa e mais alerta de McGovern.

Bernhard, o responsável da organização de Muskie, assinalara-lhe as tarefas seguintes para 1971: a criação de uma organização sólida — realizações legislativas substanciais no domínio em que se especializou — e tomadas de posição claras sobre os pontos que provàvelmente dominarão a campanha de 1972.

Muskie ainda não resolveu todos os seus problemas de organização. A máquina de Muskie é a mais importante até hoje posta em marcha por um candidato á presidência, vinte meses antes das eleições, mas faltam-lhe ainda certos elementos vitais: por exemplo, Muskie não escolheu ainda um *attaché de presse*.

O que é mais preocupante, a longo prazo, é a necessidade, para o senador Muskie, de se identificar com tomadas de posição específicas. Estes esforços entram em conflito com a resistência de alguns dos seus conselheiros, os quais entendem pelo contrário, que não convem alterar a prudência natural do senador, que este não deve tomar posições precipitadas susceptíveis de virem a revelar-se pouco convenientes em 1972, e que ele não deve fazer-se ouvir demasiadas vezes em 1971, para evitar que as pessoas se sintam enfadadas do simples timbre da sua voz.

Mas Muskie não levou em conta os conselhos daqueles que lhe sugeriam uma política de «astúcia» em 1971. Em parte porque isso era contrário ás ideias de Bernhardt, e em parte porque a presença de McGovern torna essa política demasiado perigosa. O senador do Dakota do Sul tem obtido uma fraca pontuação nas sondagens, mas as multidões que atraiu no New Hampshire e no Wisconsin convenceram certos jornalistas céptico de Washington de que McGovern poderia ser um adversário sério para Muskie.

A FAVOR DA RETIRADA TOTAL

McGovern toma posições em flecha e tem uma grande tendência para reduzir as questões mais complexas a frases que fazem a alegria dos jornais — que frustam terrivelmente os *managers* de Muskie Na semana passada, fazendo um esforço para reduzir a vantagem de McGovern e para fazer desaparecer a impressão de que Muskie estava deliberadamente «fora do» quanto ás questões importantes, a organização de Muskie enviou 9000 exemplares do recente discurso de Muskie em Filadélfia sobre a guerra da Indochina — o que é particularmente interessante — aos directores das organizações de estudantes e aos chefes de

(Continua na 22.ª página)

PARA ALÉM DE LIMITES INVISÍVEIS...

...há um mundo enorme à sua espera. Um mundo feito de jardins. De correrias. De liberdade. Um mundo de traquinices. De diversão. De risos. Todo um mundo que a chuva inesperadamente proibiu. Evade-se então a criança, olhando através dos vidros molhados da janela.

Imagina, triste, o que fica para além. Fugindo. Correndo alegre. Livre. Inventando o mundo bom que de momento lhe escapa.

Mas para além, mais para além de tudo aquilo que a criança pensa, há ainda um mundo que ela ignora. Um mundo feito de competição. De lutas. De riscos. De acidentes. Um mundo de vencedores e também de vencidos. De homens hábeis. De tensões, de pausas. De amor e também de ódio. O mundo em que hoje está tranquila, mas que amanhã terá de enfrentar sòzinha, empunhando as suas próprias armas.

Este é o mundo que a criança desconhece ainda, mas é precisamente aquele em que pensamos. Aquele em que a ajudaremos a situar. A vencer. Esta é uma das razões por que existimos.

FIDELIDADE 1836

FIDELIDADE · SEGUROS

uma companhia para toda a vida

Actualidade internacional

Partidários e adversários da guerra rejeitam a condenação de Calley

WASHINGTON, 2 - (R.) — A inesperada decisão do presidente Nixon de ordenar a libertação do tenente William Calley, que poderá aguardar nessas condições o julgamento do recurso que apresentou ao Supremo Tribunal Militar, deverá acalmar hoje a vaga de protestos que se levantou em todo o país quando aquele oficial foi condenado a prisão perpétua pelo massa[illegible] de My Lai.

A decisão do presidente foi aplaudida no Congresso, onde anteriormente a pesada pena aplicada a Calley tinha tinha sido criticada.

A libertação de Calley foi ordenada por Nixon depois de milhares de cartas, telegramas e telefonemas terem chegado á Casa Branca, de todos os pontos do país, rejeitando a condenação na proporção de cem para um.

O mais curioso é que se opõem á condenação de Calley tanto aqueles que são a favor da guerra do Vietnam como os que a reprovam.

Para os primeiros, o jovem tenente cumpriu apenas o seu dever e obedeceu ás ordens dos seus superiores, além de que era impossível, [illegible] circunstancias, distinguir [illegible]re vietcongs e civ[illegible]

«DUELO NO AR» ENTRE AS MENTIRAS DE 1 DE ABRIL

LONDRES, 2 — (ANI) — Como de costume, jornais e emissoras de muitos países pregaram as suas partidas no dia 1 de Abril.

A BBC há quatro meses que preparava a sua — a atribuição de um prémio que não existe a um homem que nunca existiu. O prémio chamava-se «Ettore Savini Memorial» e o galardoado «Gerald Burley», «um notável antropólogo e filantropo».

A propósito da atribuição deste prémio foram ouvidas pessoas conhecidas, entre elas o violinista Yehudi Menuhin.

Mais tarde, um informador da BBC afirmou que tinham sido recebidos muitos telefonemas por causa do programa, incluindo um de uma mulher que, afirmando ser amiga de «Gerald Burley», queria saber porque razão não a tinham convidado também a dar sua opinião sobre a concessão do prémio.

O programa de Televisão da BBC anunciou que dois veteranos da primeira guerra mundial tinham travado um duelo no ar, por causa de uma mulher. Actores desempenharam o papel dos apaixonados e na sequência filmada da luta foram usados modelos de aviões daquele tempo.

Mais de 2600 mortos só em Comilla

— revela um refugiado paquistanês

NOVA DELI, 2 — (R.) — Um oficial da Polícia [illegible] fugiu hoje do Paquistão Oriental, declarou á agência PTI que só na cidade de Comilla já morreram mais de 2600 pessoas, em resultado da sanguinolenta luta no fim da semana passada, junto á área da base militar daquela cidade.

Entre os mortos contam-se cerca de 500 polícias do Paquistão Oriental e 100 soldados do Paquistão Ocidental.

A agência PTI informa simultaneamente que estão a entrar no estado indiano de Megalaia centenas de refugiados do Paquistão Oriental, desde que, ontem á noite, a Força Aérea bombardeou e metralhou impiedosamente a cidade de Sunamganj. Referindo-se a notícias que considera de boa fonte, a agência informa que o numero de baixas deve ser muito elevado.

Sunamganj fica situada junto á fronteira com a União Indiana e a cerca de 50 quilómetros de Sylhet, no Paquistão Oriental.

A agência PTI, que tem estado a dar notícias de grandes êxitos dos «combatentes da liberdade», informou também que a sorte se virou contra as forças de Bangla Desh quando o Exército voltou a assumir o domínio de Dacca e da região de Comilla. Estas vitórias foram obtidas á custa de uma ofensiva em grande escala, que incluiu o bombardeamento aéreo de numerosas cidades. Porém, os círculos diplomáticos e os observadores duvidam que o Exército tenha perdido alguma vez o domínio de Dacca.

Fernando Miranda

MISSA DO 7.º DIA

Sua esposa e família, cumprem o doloroso dever de participar que será celebrada missa pelo seu eterno descanso no dia 8 pelas 9.30 horas na igreja dos Jerónimos, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

RESGATE DE 3450 CONTOS

CHICAGO, 2 — (R.) — O presidente de um banco entregou ontem um resgate de 118 000 dólares (cerca de 3450 contos) a uma automobilista misteriosa, após uma quadrilha invadir a sua residência, amarrar a esposa e ameaçar matá-la.

Mais tarde, agentes do F. B. I. prenderam dois homens e uma mulher, em relação com o caso, mas continuam as investigações para encontrar o dinheiro do resgate.

Peregrinação de doentes mentais a Lourdes

LONDRES, 2 — (L. P.) — Pela primeira vez na história das peregrinações internacionais, vai haver uma na Páscoa, a Lourdes, de doentes mentais, com a participação de 12 mil pessoas, vindas de 15 países da Europa, Africa e América.

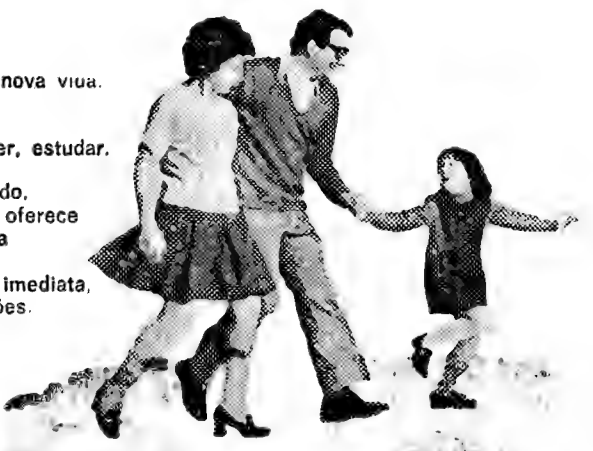
Cada doente mental é acompanhado por dois responsáveis. A delegação mais numerosa é a inglesa. Os organizadores ingleses da peregrinação são todos católicos, mas beneficiando do apoio dos anglicanos. A organização recolheu 80 mil libras de todas as proveniências e tendências religiosas, mesmo de ateus, para levar a cabo a peregrinação, que tem como organizador internacional Jean Vanier, do Canadá.

A peregrinação levou dois anos a preparar. Os seus objectivos são criar um lugar para os doentes mentais na sociedade moderna, estimular as hierarquias religiosas a facilitarem o acesso do diminuido mental a uma vida espiritual e estimular as autoridades civis a ocuparem-se dos doentes mentais, de maneira mais construtiva, lançando as bases de uma larga comunidade, que acabe com o isolamento moral, como no caso de muitos pais desses doentes.

tudo novo na sua casa

Ao chegar, com a família, à sua nova casa
em Santo António dos Cavaleiros,
encontra decoração original, sensibilidade, nova vida.
Veja que espaço interior!
Todo ele estudado racionalmente e mobilado.
E lá fora os seus filhos podem brincar, sonhar, correr, estudar.
Podem crescer. A casa é sua.
Introduza alterações na disposição e no conteúdo,
aproveitando as vantagens especiais que a Icesa lhe oferece
e a ajuda de um decorador que esta Empresa
põe ao seu serviço, gratuitamente.
Em Santo António dos Cavaleiros encontra, para entrega imediata,
9 tipos diferentes de habitações — de 3 a 9 divisões.
São casas que se valorizam de ano para ano,
numa cidade nova, a dois passos de Lisboa.

Visite os nossos andares-tipo, mobilados por Olaio



SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS Uma certeza de felicidade

Um empreendimento [illegible]A — Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL. • Av. da Liberdade, 8 — Lisboa 2/Telef.: 328214 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros — Estrada de Loures — Telef.: 2[illegible] • Visitas todos os dias, das 9 às 13 e das 15 às 19 horas, excepto às 2.as feiras.

Actualidade internacional

Partidários e adversários da guerra rejeitam a condenação de Calley

WASHINGTON, 2 - (R.) — A inesperada decisão do presidente Nixon de ordenar a libertação do tenente William Calley, que poderá aguardar nessas condições o julgamento do recurso que apresentou ao Supremo Tribunal Militar, deverá acalmar hoje a vaga de protestos que se levantou em todo o país quando aquele oficial foi condenado a prisão perpétua pelo massacre de My Lai.

A decisão do presidente foi aplaudida no Congresso, onde anteriormente a pesada pena aplicada a Calley tinha tinha sido criticada.

A libertação de Calley foi ordenada por Nixon depois de milhares de cartas, telegramas e telefonemas terem chegado á Casa Branca, de todos os pontos do país, rejeitando a condenação na proporção de cem para um.

O mais curioso é que se opõem á condenação de Calley tanto aqueles que são a favor da guerra do Vietnam como os que a reprovam.

Para os primeiros, o jovem tenente cumpriu apenas o seu dever e obedeceu ás ordens dos seus superiores, além de que era impossível, nas circunstancias, distinguir entre vietcongs e civis.

«DUELO NO AR» ENTRE AS MENTIRAS DE 1 DE ABRIL

LONDRES, 2 — (ANI) — Como de costume, jornais e emissoras de muitos países pregaram as suas partidas no dia 1 de Abril.

A BBC há quatro meses que preparava a sua — a atribuição de um prémio que não existe a um homem que nunca existiu. O prémio chamava-se «Ettore Savini Memorial» e o galardoado «Gerald Burley», «um notável antropólogo e filantropo».

A propósito da atribuição deste prémio foram ouvidas pessoas conhecidas, entre elas o violinista Yehudi Menuhin.

Mais tarde, um informador da BBC afirmou que tinham sido recebidos muitos telefonemas por causa do programa, incluindo um de uma mulher que, afirmando ser amiga de «Gerald Burley», queria saber porque razão não a tinham convidado também a dar sua opinião sobre a concessão do prémio.

O programa de Televisão da BBC anunciou que dois veteranos da primeira guerra mundial tinham travado um duelo no ar, por causa de uma mulher. Actores desempenharam o papel dos apaixonados e na sequência filmada da luta foram usados modelos de aviões daquele tempo.

Peregrinação de doentes mentais a Lourdes

LONDRES, 2 — (U. P.) — Pela primeira vez na história das peregrinações internacionais, vai haver uma na Páscoa, a Lourdes, de doentes mentais, com a participação de 12 mil pessoas, vindas de 15 países da Europa, Africa e América.

Cada doente mental é acompanhado por dois responsáveis. A delegação mais numerosa é a inglesa. Os organizadores ingleses da peregrinação são todos católicos, mas beneficiando de apoio dos anglicanos. A organização recolheu 80 mil libras de todas as proveniências e tendências religiosas, mesmo de ateus, para levar a cabo a peregrinação, que tem como organizador internacional Jean Vanier, do Canadá.

A peregrinação levou dois anos a preparar. Os seus objectivos são criar um lugar para os doentes mentais na sociedade moderna, estimular as hierarquias religiosas a facilitarem o acesso do diminuido mental a uma vida espiritual e estimular as autoridades civis a ocuparem-se dos doentes mentais, de maneira mais construtiva, lançando as bases de uma larga comunidade, que acabe com o isolamento moral, como no caso de muitos pais desses doentes.

Mais de 2600 mortos só em Comilla

— revela um refugiado paquistanês

NOVA DELI, 2 — (R.) — Um oficial da Polícia que fugiu hoje do Paquistão Oriental, declarou á agência PTI que só na cidade de Comilla já morreram mais de 2600 pessoas, em resultado da sangrenta luta no fim da semana passada, junto á área da base militar daquela cidade.

Entre os mortos contam-se cerca de 500 polícias do Paquistão Oriental e 100 soldados do Paquistão Ocidental.

A agência PTI informa simultaneamente que estão a entrar no estado indiano de Megalaia centenas de refugiados do Paquistão Oriental, desde que, ontem á noite, a Força Aérea bombardeou e metralhou impiedosamente a cidade de Sunamganj. Referindo-se a notícias que considera de boa fonte, a agência informa que o numero de baixas deve ser muito elevado.

Sunamganj fica situada junto á fronteira com a União Indiana e a cerca de 50 quilómetros de Sylhet, no Paquistão Oriental.

A agência PTI, que tem estado a dar notícias de grandes êxitos dos «combatentes da liberdade», informou também que a sorte se virou contra as forças de Bangla Desh quando o Exército voltou a assumir o domínio de Dacca e da região de Comilla. Estas vitórias foram obtidas á custa de uma ofensiva em grande escala, que incluiu o bombardeamento aéreo de numerosas cidades. Porém, os círculos diplomáticos e os observadores duvidam que o Exército tenha perdido alguma vez o domínio de Dacca.

Fernando Miranda

MISSA DO 7.º DIA

Sua esposa e família, cumprem o doloroso dever de participar que será celebrada missa pelo seu eterno descanso no dia 3 pelas 9.30 horas na igreja dos Jerónimos, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

RESGATE DE 3450 CONTOS

CHICAGO, 2 — (R.) — O presidente de um banco entregou ontem um resgate de 118 000 dólares (cerca de 3450 contos) a uma automobilista misteriosa, após uma quadrilha invadir a sua residência, amarrar a esposa e ameaçar matá-la.

Mais tarde, agentes do F. B. I. prenderam dois homens e uma mulher, em relação com o caso, mas continuam as investigações para encontrar o dinheiro do resgate.

tudo novo na sua casa

Ao chegar, com a família, à sua nova casa
em Santo António dos Cavaleiros,
encontra decoração original, sensibilidade, nova vida.
Veja que espaço interior!
Todo ele estudado racionalmente e mobilado.
E lá fora os seus filhos podem brincar, sonhar, correr, estudar.
Podem crescer. A casa é sua.
Introduza alterações na disposição e no conteúdo,
aproveitando as vantagens especiais que a Icesa lhe oferece
e a ajuda de um decorador que esta Empresa
põe ao seu serviço, gratuitamente.
Em Santo António dos Cavaleiros encontra, para entrega imediata,
9 tipos diferentes de habitações — de 3 a 9 divisões
São casas que se valorizam de ano para ano,
numa cidade nova, a dois passos de Lisboa.

Visite os nossos andares-tipo, mobilados por Olaio

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS Uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA—Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL. • Av. da Liberdade, 9—Lisboa 2/Telef.: 320314 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros—Estrada de Loures—Telef.: 2530000 • Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.ªs feiras.

Actualidade internacional

SHAPE — 20 anos de vida

Completam-se hoje 20 anos sobre a criação do Grande Quartel-General das Potências Aliadas na Europa (SHAPE). Este foi constituído por decisão do Conselho do Atlantico Norte, o organismo político dirigente da N. A. T. O. Trata-se do nucleo cerebral e do centro orientador organização ... para defesa da Europa. O general Eisenhower foi o primeiro comandante supremo das Potências Aliadas na Europa (de Dezembro de 1950 até 1952). Sucederam-lhe os generais Ridgeway, Gruenther, Norstad e Lemnitzer. Actualmente tais funções são exercidas pelo general Andrew J. Goodpaster. Aliás, o Comando Supremo das Potências Aliadas na Europa é assumido, obrigatóriamente, por um norte-americano, como são os Estados Unidos que cobrem cerca de 40 por cento da Organização Atlantica. Recorde-se, a propósito, que o Tratado do Atlantico Norte, de que Portugal é um dos signatários, foi assinado em Washington, em 4 de Abril de 1949.

O SHAPE foi instalado inicialmente perto de Rocquencourt, a alguns quilómetros a Oeste de Paris. O general de Gaulle, como se sabe, decidiu a retirada da França da organização militar do Pacto do Atlantico, implicando tal decisão a saída do SHAPE do território francês. O quartel-general foi então transferido para território belga, perto de Mons. A instalação aqui data de 31 de Março de 1967.

Na sua qualidade de comandante supremo aliado na Europa, o general Goodpaster exerce o comando total dos Quarteis-Generais militares integrados da N. A. T. O. em todo o continente europeu. A sua jurisdição abrange, assim, os estados-maiores internacionais do SHAPE e os Altos Comandos subordinados para as regiões do Norte da Europa, da Europa Central e do Sul da Europa. Estes Altos Comandos têm as suas sedes, respectivamente, em Oslo (Noruega), Brússum (Holanda) e Nápoles (Itália). O referido alto comando engloba também os estados maiores integrados dos Agrupamentos do Exército e das Forças Aéreas Tácticas Aliadas.

A assinatura do Tratado do Atlantico Norte explicar-se-á no ambiente de desconfiança e de despeito («guerra fria») que caracterizou as relações entre o Leste e o Ocidente, após a Segunda Guerra Mundial. O Pacto de Varsóvia e o seu equivalente no bloco dos países socialistas. De então para cá, porém, muitas coisas evoluiram. Há muitos que têm sido sucessivamente destruídos e obstáculos que o tempo tem ajudado a aplanar. As políticas de que Foster Dulles e Adenauer foram símbolos, são considerados factos do passado. Kennedy iniciou novo período nas relações internacionais. E pena que o assassínio de Dallas lhe tenha posto termo ou, pelo menos, tenha retardado a sua evolução. Mas o fim das organizações militares de bloco, tanto o Pacto do Atlantico como o Pacto de Varsóvia, ... corresponder cada vez mais ao anseio de paz que domina o espírito da maioria dos homens.

«BONNIE» E «CLYDE» (dois golfinhos que estão a ser exibidos em Londres) roubaram o «show» a actriz da TV inglesa Susan Stranks, apesar dos «hot-pants» desta. Estava previsto que a jovem cavalgasse um dos golfinhos, mas Susan teve de contentar-se em dar-lhes de comer, á mão, o que foi facilitado pela inteligência e pelo treino daqueles animais.

A Jordânia à beira da guerra civil

AMÃ 2 — (A. N. I.) — A Jordânia parece estar à beira de uma guerra civil, informando o Governo que se estão a registar combate entre as suas tropas e os guerrilheiros palestinianos na própria capital no Vale do Jordão e nas áreas de Jewash e de Aiu'oun no Norte.

O informador governamental disse que estes combates foram iniciados pelos guerrilheiros ao atacarem as forças de segurança. Dentro de poucas horas numerosos postos avançados da Polícia e do Exército estavam sob o fogo dos guerrilheiros que utilizavam armas ligeiras, metralhadoras, foguetões e morteiros.

OLEODUTO SABOTADO

AMÃ, 2 — (R.) — Guerrilheiros palestinianos sabotaram um ramal do oleoduto Tapline, que fornece petróleo em rama da Arábia Saudita á refinaria jordana de Zerka, a mais importante do país — anunciou um informador do Ministério do Interior.

O oleoduto da companhia Trans-Arabian Pipeline (Tapline) liga os poços de petróleo da Arábia Saudita ao porto libanês de Zahrani, perto de Sidon, depois de atravessar a Síria.

O atentado hoje verificado deu-se num ramal que transporta o petróleo do oleoduto principal até ao território jordano. Uma secção de três metros do ramal foi destruída e declarou-se um incêndio que durou mais de cinco horas, antes de ser dominado, esta manhã.

O informador não revelou o valor dos prejuízos causados, mas observadores estrangeiros calculam que ... foi o mais severo golpe desferido pelos palestinianos contra as autoridades jordanas desde os combates travados em Irbid, na semana passada.

O oleoduto principal, que desta vez não foi afectado, continuando o petróleo a correr para o porto terminal, já foi atacado por várias vezes desde a «guerra dos seis dias», no sector sírio, ocupado pelos israelitas.

Em Maio do ano passado, foi ... acidental ... por um tractor e a Síria recusou-se a autorizar a sua reparação enquanto não conseguiu obter da companhia americana um substancial aumento dos direitos de transito, após o que o oleoduto voltou a funcionar normalmente, em Janeiro deste ano.

Os observadores em Amã notam que os guerrilheiros palestinianos estão a adoptar contra o regime jordano métodos de sabotagem idênticos aos que normalmente empregam contra Israel nos territórios ocupados.

SADAT RENOVA A OFERTA DE REABERTURA DO CANAL

CAIRO, 2 — (R.) — O presidente Sadat, do Egipto, renovou a sua anterior oferta de reabertura do Canal de Suez, com a condição de se verificar uma retirada parcial das tropas israelitas da margem leste do Canal.

Sadat insistiu novamente neste plano ao fazer, ontem a noite, uma análise pormenorizada da atitude egípcia em relação á crise no Médio-Oriente e disse que a sua iniciativa deve ser encarada como um caminho para a paz completa e final.

Pouco antes, fontes bem informadas haviam dito que o dirigente egípcio recebera uma carta do presidente Nixon sobre a crise.

Sadat apresentou pela primeira vez, a 4 de Fevereiro, a sua proposta, para a reabertura do Canal ao dizer que o Egipto é partidário de medidas concretas que conduzam á paz e não se contenta com resultados superficiais.

A agência Mena disse que o presidente sublinhou ontem á noite que esta iniciativa de reabertura do Canal não deve ser encarada como uma solução provisória e parcial do conflito mas sim como um passo no sentido de um acordo geral, baseado no cumprimento da moção do Conselho de Segurança de Novembro de 1967. Essa moção pedia entre outras coisas, a evacuação israelita de todos os territórios árabes ocupados.

A agência egipcia não mencionou ontem á noite a distancia para onde os israelitas deviam recuar, mas, numa recente entrevista, Sadat disse que a evacuação deveria fazer-se para uma linha situada para lá de El Arish, a cidade costeira do Sinai que fica a meio caminho entre Port Said e Tel-Aviv.

BANCO DE ANGOLA

S. A. R. L.

De conformidade com o artigo 37.° dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária do Banco de Angola para o dia 17 do próximo mês de Abril, na sua Sede, na Rua da Prata, n.° 10, em Lisboa, pelas 11 horas, para:

1.° — Apreciação e votação do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1970;

2.° — Deliberar sobre a matéria a que se refere o § único do artigo 43.° dos Estatutos;

3.° — Deliberar sobre a alteração do § 2.° do artigo 10.° e do artigo 25.° dos Estatutos;

4.° — Deliberar sobre a matéria constante do citado § 2.° do artigo 10.°, quando aprovada a sua alteração;

5.° — Proceder ao preenchimento de vagas existentes nos Conselhos de Administração e Fiscal e indicar o Presidente deste último Conselho.

Lisboa, 19 de Março de 1971

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Pela Fazenda Nacional

António Cândido Mouteira Guerreiro
(Director-Geral da Fazenda Pública)

VOO INAUGURAL DA TAP PARA MONTREAL

MONTREAL, 2 — (F. P.) Um Boeing 707 da companhia portuguesa TAP, estabelecendo a ligação inaugural Lisboa-Montreal, chegou ao aeroporto internacional de Dorval-Montreal ontem, ao fim da tarde, voltando a partir á noite para Portugal, via Santa Maria, nos Açores.

A TAP assegurará, de agora em diante, todas as semanas, três ligações entre Lisboa e a metrópole canadiana ... às segundas ... quintas-feiras.

O APOIO DOS JOVENS

(Continuação da 20.ª página)

redacção das publicações universitárias. Neste discurso, que é um dos mais enérgicos dos que Muskie até hoje tem feito sobre a guerra da Indochina, o senador do Maine pronunciou-se a favor da retirada de todas as tropas americanas do Vietnam do Sul até 31 de Dezembro próximo.

Não foi por acaso que as cópias deste discurso foram enviadas ás organizações de estudantes e aos jornais universitários — porque se trata de um sector onde Muskie está em nítido recuo em relação a McGovern

Ed. O'Donnel, o organizador da campanha de McGovern junto dos jovens, pretende ter já agentes «coordenadores» em 900 «campus» e se perguntarmos na Organização Muskie ... nesse campus, forçoso é reconhecer que McGovern já recrutou a grande parte dos melhores estudantes».

Lannie Davies, o responsável da campanha de Muskie junto dos jovens, está convencido de que «os estudantes têm grandes reservas contra Muskie», perguntando «constantemente qual é a posição do senador sobre a guerra».

O envio dos exemplares do discurso de Muskie é a primeira tentativa séria para responder a esta pergunta dos estudantes — e dos outros. Isso significa, também, que Muskie decidiu enfrentar McGovern no terreno das grandes tomadas de posição. Os que lhe tinham aconselhado a prudência não aprovaram esta atitude, mas é opinião geral no campo de Muskie que o senador não podia arriscar-se, mesmo contando com um produtor de TV como Bob Squier, a não se aventurar pelo terreno das tomadas de posição francas.

Actualidade internacional

SHAPE — 20 anos de vida

Completam-se hoje 20 anos sobre a criação do Grande Quartel-General das Potências Aliadas na Europa (SHAPE). Este foi constituído por decisão do Conselho do Atlantico Norte, o organismo político dirigente da N. A. T. O. Trata-se do nucleo cerebral e do centro orientador [illegible] defesa da Europa. O general Eisenhower foi o primeiro comandante supremo das Potências Aliadas na Europa (de Dezembro de 1950 até 1952). Sucederam-lhe os generais Ridgeway, Gruenther, Norstad e Lemnitzer. Actualmente as funções são exercidas pelo general [illegible] J. Goodpaster. Aliás, o Comando Supremo das Potências Aliadas na Europa é assumido, obrigatóriamente, por um norte-americano [illegible] os Estados Unidos [illegible] cobrem cerca de 40 por cento da Organização do Atlantico. Recorde-se a propósito, que o Tratado do Atlantico Norte, de que Portugal é um dos signatários, foi assinado em Washington, em 4 de Abril de 1949.

O SHAPE foi instalado inicialmente perto de Rocquencourt, a alguns quilómetros a Oeste de Paris. O general de Gaulle, como se sabe, [illegible] da organização militar do Pacto do Atlantico, implicando tal decisão [illegible] do SHAPE [illegible] francês. O quartel-general foi [illegible] transferido para território belga, perto de Mons [illegible] aqui [illegible] 31 de Março de 1967.

Na sua qualidade de comandante supremo aliado na Europa, o general Goodpaster [illegible] o comando total dos Quarteis-Generais militares integrados da N. A. T. O. em todo o continente europeu. A sua jurisdição abrange, assim, os estados maiores internacionais do SHAPE e os Altos Comandos [illegible] coordinados para as regiões do Norte da Europa, da Europa Central e do Sul da Europa. Estes Altos Comandos têm as suas sedes, respectivamente, em Oslo (Noruega), Brússum (Holanda) e Nápoles (Itália). O referido alto comando engloba também os estados maiores integrados dos Agrupamentos do Exército e das Forças Aéreas Tácticas Aliadas.

A assinatura do Tratado do Atlantico Norte explicar-se-á no ambiente de desconfiança e de despeito («guerra fria») que caracterizou as relações entre o Leste e o Ocidente, após a Segunda Guerra Mundial. O Pacto de Varsóvia e o seu equivalente no bloco dos países socialistas. De então para cá, porém, muitas coisas evoluiram. Há muros que têm sido sucessivamente destruídos e obstáculos que o tempo tem ajudado a aplanar. As políticas de que Foster Dulles e Adenauer foram símbolos, são considerados factos do passado. Kennedy iniciou novo periodo nas relações internacionais. É pena que o assassínio de Dallas lhe tenha posto termo ou, pelo menos, tenha retardado a sua evolução. Mas o fim das organizações militares do bloco, tanto o Pacto do Atlantico como o Pacto de Varsóvia, [illegible] corresponder cada vez mais ao anseio de paz que domina o espírito da maioria dos homens.

[illegible] golfinhos que estão a ser exibidos em Londres roubaram o «show» a actriz da TV inglesa Susan Stranks apesar dos «hot-pants» desta. Estava previsto que a jovem cavalgasse um dos golfinhos, mas Susan teve de contentar-se em dar-lhes de comer à mão, o que foi facilitado pela inteligência e pelo treino daqueles animais

A Jordânia à beira da guerra civil

AMÃ, 2 — (A. N. I.) — A Jordânia parece estar à beira de uma guerra civil, informando o Governo que se estão a registar combates entre as suas tropas e os guerrilheiros palestinianos na própria capital no Vale do Jordão e nas áreas de Jewash e de Ajuloun no Norte.

O informador governamental disse que estes combates foram iniciados pelos guerrilheiros ao atacarem as forças de segurança. Dentro de poucas horas numerosos postos avançados da Polícia e do Exército estavam sob o fogo dos guerrilheiros que utilizavam armas ligeiras, metralhadoras, foguetões e morteiros.

OLEODUTO SABOTADO

AMÃ, 2 — (R.) — Guerrilheiros palestinianos sabotaram um ramal do oleoduto Tapline, que fornece petróleo em rama da Arábia Saudita á refinaria jordana de Zerka, a mais importante do país — anunciou um informador do Ministério do Interior.

O oleoduto da companhia Trans-Arabian Pipeline (Tapline) liga os poços de petróleo da Arábia Saudita ao porto libanês de Zahrani, perto de Sidon, depois de atravessar a Síria.

O atentado hoje verificado deu-se num ramal que transporta o petróleo do oleoduto principal até ao território jordano. Uma secção de três metros do ramal foi destruída e declarou-se um incêndio que durou mais de cinco horas, antes de ser dominado, esta manhã.

O informador não revelou o valor dos prejuízos causados, mas observadores estrangeiros calculam que este foi o mais severo golpe desferido pelos palestinianos contra as autoridades jordanas desde os combates travados em Irbid, na semana passada.

O oleoduto principal, que desta vez não foi afectado, continuando o petróleo a correr para o porto terminal, já foi atacado por várias vezes desde a «guerra dos seis dias», no sector sírio, ocupado pelos israelitas.

Em Maio do ano passado, foi [illegible] acidentalmente por um tractor e a Síria recusou-se a autorizar a sua reparação enquanto não conseguiu obter da companhia americana um substancial aumento dos direitos de transito, após o que o oleoduto voltou a funcionar normalmente, em Janeiro deste ano.

Os observadores em Amã notam que os guerrilheiros palestinianos estão a adoptar contra o regime jordano métodos de sabotagem idênticos aos que normalmente empregam contra Israel nos territórios ocupados.

SADAT RENOVA A OFERTA DE REABERTURA DO CANAL

CAIRO, 2 — (R.) — O presidente Sadat, do Egipto, renovou a sua anterior oferta de reabertura do Canal [illegible] Sadat, com a condição de se verificar uma retirada parcial das tropas israelitas da [illegible] leste do Canal.

Sadat insistiu novamente neste plano ao fazer, ontem [illegible] uma análise pormenorizada da atitude egípcia em relação à crise no Médio Oriente e disse que a sua iniciativa deve ser encarada como um caminho para a [illegible] completa e final.

Pouco antes, fontes bem informadas haviam dito que o dirigente egípcio recebera uma carta do presidente Nixon sobre a crise.

Sadat apresentou pela primeira vez, a 4 de Fevereiro, a sua proposta, para a reabertura do Canal ao dizer que o Egipto é partidário de medidas concretas que conduzam á paz e não se contenta com retiradas superficiais.

A agência Mena disse que o presidente sublinhou ontem a noite que esta iniciativa de reabertura do Canal não deve ser encarada como uma solução provisória e parcial do conflito mas sim como um passo no sentido de um acordo geral, baseado no cumprimento da moção do Conselho de Segurança de Novembro de 1967. Essa moção pedia entre outras coisas, a evacuação israelita de todos os territórios árabes ocupados.

A agência egipcia não mencionou ontem á noite a distancia para onde os israelitas deviam recuar, mas, numa recente entrevista, Sadat disse que a evacuação deveria fazer-se para uma linha situada para lá de El Arish, a cidade costeira do Sinai que fica a meio caminho entre Port Said e Tel-Aviv.

BANCO DE ANGOLA

S. A. R. L.

De conformidade com o artigo 37.° dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária do Banco de Angola para o dia 17 do próximo mês de Abril, na sua Sede, na Rua da Prata, n.° 10, em Lisboa, pelas 11 horas, para:

1.° — Apreciação e votação do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1970;

2.° — Deliberar sobre a matéria a que se refere o § único do artigo 43.° dos Estatutos;

3.° — Deliberar sobre a alteração do § 2.° do artigo 10.° e do artigo 25.° dos Estatutos;

4.° — Deliberar sobre a matéria constante do citado § 2.° do artigo 10.°, quando aprovada a sua alteração;

5.° — Proceder ao preenchimento de vagas existentes nos Conselhos de Administração e Fiscal e indicar o Presidente deste último Conselho.

Lisboa, 19 de Março de 1971

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Pela Fazenda Nacional

António Cândido Mouteira Guerreiro
(Director-Geral da Fazenda Pública)

VOO INAUGURAL DA TAP PARA MONTREAL

MONTREAL, 2 — (F. P.) Um Boeing 707 da companhia portuguesa TAP, estabelecendo a ligação inaugural Lisboa-Montreal, chegou ao aeroporto internacional de Dorval-Montreal, ontem, ao fim da tarde, voltando a partir á noite para Portugal, via Santa Maria, nos Açores.

A TAP assegurará, de agora em diante, todas as semanas, três ligações entre Lisboa e aquela metrópole canadiana: uma directa, aos sábados, e duas com escala nos Açores, ás segundas e quintas-feiras.

O APOIO DOS JOVENS

(Continuação da 20.ª pagina)

redacção das publicações universitárias. Neste discurso, que é um dos mais enérgicos dos que Muskie até hoje tem feito sobre a guerra da Indochina, o senador do Maine pronunciou-se a favor da retirada de todas as tropas americanas do Vietnam do Sul até 31 de Dezembro próximo.

Não foi por acaso que as cópias deste discurso foram enviadas ás organizações de estudantes e aos jornais universitários — porque se trata de um sector onde Muskie está em nítido recuo em relação a McGovern.

Ed. O'Donnel, o organizador da campanha de McGovern junto dos jovens, pretende ter já agentes «coordenadores» em 300 «campus» e se perguntarmos na Organização Muskie se o senador do Dakota do Sul tem muito que coordenar nesse *campus*, forçoso é reconhecer que McGovern já recrutou a grande parte dos melhores estudantes».

Lannie Davies, o responsável da campanha de Muskie junto dos jovens, está convencido de que «os estudantes têm grandes reservas contra Muskie», perguntando «constantemente qual é a posição do senador sobre a guerra».

O envio dos exemplares do discurso de Muskie é a primeira tentativa séria para responder a esta pergunta dos estudantes — e dos outros. Isso significa, também, que Muskie decidiu enfrentar McGovern no terreno das grandes tomadas de posição. Os que lhe tinham aconselhado a prudência não aprovaram essa atitude, mas é opinião geral no campo de Muskie que o senador não podia arriscar-se, mesmo contando com um produtor de TV como Bob Squier, a não se aventurar pelo terreno das tomadas de posição francas.

FUSÃO NUCLEAR E ENERGIA ELÉCTRICA

ÊXITO NAS EXPERIÊNCIAS NÃO SIGNIFICA PASSAGEM CERTA À FASE INDUSTRIAL

AFIRMOU-NOS O DR. CARLOS CACHO, DIRECTOR DO L. F. E. N.

Obter energia eléctrica por um processo de fusão termonuclear vai ser de primordial importância para a Humanidade, segundo sublinhou o dr. Carlos Cacho, director do Laboratório de Física e Energia Nucleares, em entrevista que lhe solicitámos para esclarecimento do artigo por nós publicado há dias, subordinado ao título «É possível produzir energia eléctrica por fusão nuclear».

Esta possibilidade, tão complexa, do aproveitamento da energia nuclear resultante de reacções de fusão termonuclear para produzir directamente energia eléctrica, só poderá verificar-se, porém, a longo prazo, pois o êxito em experiências não significa passagem assegurada à fase industrial.

Dominar a libertação de energia incontrolada

Começou por nos dizer o dr. Carlos Cacho:

— *Existem dois processos possíveis para conceber a utilização da energia nuclear para produção de energia eléctrica. O primeiro é a cisão do urânio, processo já posto em prática em centrais de diversos países, as quais possuem potência espantosa. Nos Estados Unidos, por exemplo, existem cerca de 76 dessas centrais em funcionamento ou em construção. Para dar uma ideia, basta dizer-se que em alguns dos casos uma só dessas centrais aproxima-se, em capacidade produtora, da potência total instalada no nosso País. Aliás, considera-se a hipótese de montar uma central desse tipo, em Portugal, em 1978. Este é um processo, portanto, de obtenção de energia eléctrica a partir da energia nuclear. Implica, no entanto, a transformação em energia calorica e a desta em energia eléctrica. O outro processo baseia-se na fusão de núcleos de átomos leves. São reacções de fusão termonuclear do mesmo tipo aas que se passam no Sol, semelhantes ás que ocorrem na explosão de uma bomba de hidrogénio. Ora, aqui reside o problema. Na bomba de hidrogénio, a energia que se liberta é incontrolada e precisamente, pretende-se, para fins pacíficos, controlar essa energia. O caminho a seguir é a produção de um plasma...*

— E pode o senhor doutor explicar, de maneira acessível, em que consiste esse plasma?

— *O plasma é o estado mais natural da matéria, tal como existe no Universo. As estrelas, por exemplo, estão no estado de plasma, enquanto a Terra se encontra no estado neutro. No estado de plasma, as cargas eléctricas positivas encontram-se afastadas das cargas eléctricas negativas, não sendo o conjunto eléctricamente neutro. São condições para produzir energia util por reacções de fusão termonuclear — o que, eventualmente, se torna necessário no futuro, pois vão-se esgotando as outras reservas de produção de energia. E digo eventualmente, porque não quero excluir a hipótese de se descobrirem outras fontes e outros processos.*

Quatrocentos milhões de graus centígrados

E acrescentou

— *As condições para utilização do plasma, do ponto de vista experimental, são muito difíceis. Torna-se necessário produzir um plasma de certa densidade e aquecê-lo a temperaturas muito elevadas (cerca de 400 milhões de graus centígrados) por meio de correntes magnéticas que fazem circular as partículas a velocidades enormes, durante um tempo relativamente longo. A esta agitação de partículas corresponde aquela temperatura muito alta e as reacções de fusão nuclear dão-se com saldo positivo na produção de energia eléctrica. Porem, se o plasma bater nas paredes do tubo em que está a ser aquecido, arrefece imediatamente, invalidando a experiência. São condições tão severas que muitos põem em dúvida que seja processo vidável e até já se afirmou que seriam precisos 10 anos para se saber se o processo é ou não exequível, do ponto de vista prático. Faz-se um grande esforço laboratorial em muitos países, tais como os Estados Unidos, a União Soviética e a República Federal da Alemanha. Já têm sido produzidos plasmas, mas a temperaturas (ainda relativamente) baixas, mais para estudos de base.*

Um gigantesco esforço em marcha

Disse ainda:

— *É um gigantesco esforço em marcha. Quando se conseguirem temperaturas muito elevadas, densidades de plasma suficientemente altas e tempo de estabilidade do plasma suficientemente longo — tudo isso significa esperança de que a energia de fusão possa ser dominada.*

Foi certamente o que se passou em relação ao que o vosso artigo descreve. Houve certos progressos nestes domínios, as esperanças aumentaram, mas isso não significa que a energia tenha sido dominada, ao ponto de se passar ao processo industrial. Se um dia se alcançasse pleno êxito nestas experiências, obter-se-ia a transformação directa da energia nuclear em energia eléctrica, e isto torna-se importantíssimo, porque deixa de haver a fase intermédia de passagem pela energia calórica. Ora, como se verifica com as soluções industriais actuais da exploração da cisão nuclear, este processo implica perdas de rendimento da ordem dos 30 e tal por cento. Na fusão termonuclear há uma transformação directa, pois as partículas electricas em movimento correspondem a uma corrente eléctrica que pode ser transformada pelos processos conhecidos. No Sol, tudo se passa da mesma maneira, os processos são os mesmos, simplesmente o plasma tem densidade adequada, e está confinado e existe durante tempo suficiente, devido á acção da gravidade. As partículas são atiradas a distancias incríveis, mas voltam ao Sol, por acção dessa gravidade.

«Plasma é o estado mais natural da matéria, tal como existe no Universo», diz-nos o dr. Carlos Cacho, director do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares

A verdadeira sociedade da abundância

— Um conjunto harmonioso, portanto?!

— *Exactamente. No Sol, a temperatura é de cerca de 10 milhões de graus centígrados. A temperatura da bomba atómica que faz detonar a explosão de uma bomba de hidrogénio também ascende a cerca de 10 milhões de graus centígrados, mas simplesmente não se controla essa reacção. Controlá-la, como se pode fàcilmente ver, torna-se importantíssimo. O combustível adequado para a fusão nuclear é o deutério, hidrogénio pesado, que existe na água em quantidade muito grande mas a água existe na Terra em quantidade muito grande. Um combustível inesgotável, portanto, que poria termo ao preocupante problema de ficarem esgotadas as fontes de energia habitualmente usadas, até porque o processo de aproveitamento do deutério se faz sem qualquer diminuição de quantidade e da qualidade da água existente.*

— Com essa fonte inesgotável de energia, o homem caminhará para a verdadeira sociedade da abundância...

— *Sim, pode ser por esse prisma.*

Recomeço do princípio

O Laboratório de Física e Engenharia Nucleares já tem um grupo de Física do plasma, para estudo de algumas das suas propriedades básicas, segundo nos disse o dr. Carlos Cacho. Todas as experiências, como não se pode aperceber à extrema dificuldade. Há alguns anos, os ingleses julgaram ter resolvido o problema. Construíram uma máquina onde os plasmas eram aquecidos. Convidaram cientistas de toda a parte, para apreciar a experiência e, entre eles, o dr. Carlos Cacho. Este, numa conferência pronunciada na altura, afirmou que a experiência só seria importante se as partículas que constituíam o plasma, uma vez postas em movimento, não tomassem qualquer direcção definida. Algum tempo depois, verificou-se que havia uma tendência direccional (semelhante à de um vulgar acelerador de partículas) e a máquina foi desmontada...

Em ciência, como sublinhou o nosso entrevistado, **há que se recomeçar muitas vezes do princípio, para que se obtenham resultados cada vez mais aperfeiçoados.**

Corporação da Imprensa e Artes Gráficas

Sob a presidência do dr. Luís Borges de Castro, reuniu-se o Conselho da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas para discutir e votar o relatório e as contas do exercício da gerência do ano de 1970 e para deliberar sobre uma sugestão de alteração da designação do Conselho da 3.ª Secção, relativa ao sector fabril das indústrias do papel e das suas indústrias transformadoras.

O sr. José Fernando Pimenta Mendes fez várias considerações elogiosas sobre o trabalho levado a efeito pela direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas no ano de 1970.

Por iniciativa dos srs. Gentil Marques e coronel Celso Mendes de Magalhães foi apreciada a atitude da Direcção relativa à regulamentação do exercício da profissão de jornalistas, que veio a ser aprovada pela unanimidade dos presentes depois de ter recebido inteiro apoio do jornalista Silva Costa.

Os demais pontos do relatório foram também aprovados.

A propósito das contas, igualmente aprovadas por unanimidade, foi ventilada a hipótese de obterem as Corporações — na medida em que prosseguem, para além dos fins próprios dos sectores que representam, os interesses gerais da colectividade designadamente a defesa da paz social — subvenções inscritas no orçamento geral do Estado, desde que fossem tomadas as precauções necessárias para que não perigasse a sua independência e autonomia.

Foi resolvido propor ao Governo a modificação da denominação da 3.ª Secção da Corporação para Secção das Indústrias do Papel.

A terminar o Conselho congratulou-se pela nomeação do sr. dr. Heitor Salgueiro, representante do Ministério das Corporações e Previdência Social junto da Corporação, para elevadas funções naquele Ministério e louvou a sua actuação junto da Corporação e dos vários organismos nela integrados, com os quais contactara com frequência.

FUSÃO NUCLEAR E ENERGIA ELÉCTRICA

ÊXITO NAS EXPERIÊNCIAS NÃO SIGNIFICA PASSAGEM CERTA À FASE INDUSTRIAL

AFIRMOU-NOS O DR. CARLOS CACHO, DIRECTOR DO L. F. E. N.

Obter energia eléctrica por um processo de fusão termonuclear vai ser de primordial importância para a Humanidade, segundo sublinhou o dr. Carlos Cacho, director do Laboratório de Física e Energia Nucleares, em entrevista que lhe solicitámos para esclarecimento do artigo por nós publicado há dias, subordinado ao título «É possível produzir energia eléctrica por fusão nuclear».

Esta possibilidade, tão complexa, do aproveitamento da energia nuclear resultante de reacções de fusão termonuclear para produzir directamente energia eléctrica, só poderá verificar-se, porém, a longo prazo, pois o êxito em experiências não significa passagem assegurada à fase industrial.

Dominar a libertação de energia incontrolada

Começou por nos dizer o dr. Carlos Cacho:

— *Existem dois processos possíveis para conceber a utilização da energia nuclear para produção de energia eléctrica. O primeiro é a cisão do urânio, processo já posto em prática em centrais de diversos países, as quais possuem potência espantosa. Nos Estados Unidos, por exemplo, existem cerca de 76 dessas centrais em funcionamento ou em construção. Para dar uma ideia, basta dizer-se que em alguns dos casos uma só dessas centrais aproxima-se, em capacidade produtora, da potência total instalada no nosso País. Aliás, considera-se a hipótese de montar uma central desse tipo, em Portugal, em 1978. Este é um processo, portanto, de obtenção de energia eléctrica a partir da energia nuclear. Implica, no entanto, a transformação em energia calorica e a desta em energia eléctrica. O outro processo baseia-se na fusão de núcleos de átomos leves. São reacções de fusão termonuclear do mesmo tipo das que se passam no Sol, semelhantes às que ocorrem na explosão de uma bomba de hidrogénio. Ora, aqui reside o problema. Na bomba de hidrogénio, a energia que se liberta é incontrolada e precisamente, pretende-se, para fins pacíficos, controlar essa energia. O caminho a seguir é a produção de um plasma...*

— E pode o senhor doutor explicar, de maneira acessível, em que consiste esse plasma?

— *O plasma é o estado mais natural da matéria, tal como existe no Universo. As estrelas, por exemplo, estão no estado de plasma, enquanto a Terra se encontra no estado neutro. No estado de plasma, as cargas eléctricas positivas encontram-se afastadas das cargas eléctricas negativas, não sendo o conjunto eléctricamente neutro. São condições para produzir energia util por reacções de fusão termonuclear — o que, eventualmente, se torna necessário no futuro, pois vão-se esgotando as outras reservas de produção de energia. E digo eventualmente, porque não quero excluir a hipótese de se descobrirem outras fontes e outros processos.*

Quatrocentos milhões de graus centígrados

E acrescentou

— *As condições para utilização do plasma, do ponto de vista experimental, são muito difíceis. Torna-se necessário produzir um plasma de certa densidade e aquecê-lo a temperaturas muito elevadas (cerca de 400 milhões de graus centígrados) por meio de correntes magnéticas que fazem circular as partículas a velocidades enormes, durante um tempo relativamente longo. A esta agitação de partículas corresponde aquela temperatura muito alta e as reacções de fusão nuclear dão-se com saldo positivo na produção de energia eléctrica. Porem, se o plasma bater nas paredes do tubo em que está a ser aquecido, arrefece imediatamente, invalidando a experiência. São condições tão severas que muitos põem em dúvida que seja processo viável e até já se afirmou que seriam precisos 10 anos para se saber se o processo é ou não exequível, do ponto de vista prático. Faz-se um grande esforço laboratorial em muitos países, tais como os Estados Unidos, a União Soviética e a República Federal da Alemanha. Já têm sido produzidos plasmas, mas a temperaturas (ainda relativamente) baixas, mais para estudos de base.*

Um gigantesco esforço em marcha

Disse ainda

— *É um gigantesco esforço em marcha. Quando se conseguirem temperaturas muito elevadas, densidades de plasma suficientemente altas e tempo de estabilidade do plasma suficientemente longo — tudo isso significa esperança de que a energia de fusão nuclear pode ser dominada.*

Foi certamente o que se passou em relação ao que o vosso artigo descreve. Houve certos progressos nestes domínios, as esperanças aumentaram, mas isso não significa que a energia tenha sido dominada, ao ponto de se passar ao processo industrial. Se um dia se alcançasse pleno êxito nestas experiências, obter-se-ia a transformação directa da energia nuclear em energia eléctrica, e isto torna-se importantíssimo, porque deixa de haver a fase intermédia de passagem pela energia calórica. Ora, como se verifica com as soluções industriais actuais da exploração da cisão nuclear, este processo implica perdas de rendimento da ordem dos 30 e tal por cento. Na fusão termonuclear há uma transformação directa, pois as partículas eléctricas em movimento correspondem a uma corrente eléctrica que pode ser transformada pelos processos conhecidos. No Sol, tudo se passa da mesma maneira, os processos são os mesmos, simplesmente o plasma tem densidade adequada, e [illegible] existe do

«Plasma é o estado mais natural da matéria, tal como existe no Universo», diz-nos o dr. Carlos Cacho, director do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares

rante tempo suficiente, devido à acção da gravidade. As partículas são atiradas a distâncias incríveis, mas voltam ao Sol, por acção desse gravidade.

A verdadeira sociedade da abundância

— Um conjunto harmonioso, portanto?!

— *Exactamente. No Sol, a temperatura é de cerca de 10 milhões de graus centígrados. A temperatura da bomba atómica que faz detonar a explosão de uma bomba de hidrogénio também excede a cerca de 10 milhões de graus centígrados, mas simplesmente não se controla essa reacção. Controlá-la, como se pode fàcilmente ver, torna-se importantíssimo. O combustível adequado para a fusão nuclear é o deutério, hidrogénio pesado, que existe na água em quantidade [illegible] mas a água existe na Terra em quantidade muito grande. Um combustível inesgotável, portanto, que poria termo ao preocupante problema de ficarem esgotadas as fontes de energia habitualmente usadas, até porque o processo de aproveitamento do deutério se faz sem qualquer diminuição de quantidade e da qualidade da água existente.*

— Com essa fonte inesgotável de energia, o homem caminhará para a verdadeira sociedade da abundância

— *Sim, pode ver-se assim esse prisma.*

Recomeço do princípio

O Laboratório de Física e Engenharia Nucleares já tem um grupo de Física do plasma, para estudo de algumas das suas propriedades básicas, segundo nos disse o dr. Carlos Cacho. Todas as experiências, como se pode aperceber, [illegible] extrema dificuldade. Há alguns anos, os ingleses julgaram ter resolvido o problema. Construíram uma máquina onde os plasmas eram aprisionados. Convidaram cientistas de toda a parte, para apreciarem a experiência e, entre eles, o dr. Carlos Cacho. Este, na conferência pronunciada na altura, afirmou que a experiência só teria importância se as partículas que constituíam o plasma, uma vez dentro em movimento, não tomassem qualquer direcção definida. Algum tempo depois, verificou-se que havia uma tendência direccional (semelhante à de um vulgar acelerador de partículas) e a máquina foi desmontada...

Em ciência, como sublinhou o nosso entrevistado, há que se recomeçar muitas vezes do princípio, para que se obtenham resultados cada vez mais aperfeiçoados.

Corporação da Imprensa e Artes Gráficas

Sob a presidência do dr. Luís Borges de Castro, reuniu-se o Conselho da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas para discutir e votar o relatório e as contas do exercício da gerência do ano de 1970 e para deliberar sobre uma sugestão de alteração da designação do Conselho da 3.ª Secção, relativa ao sector fabril das indústrias do papel e das suas indústrias transformadoras.

O sr. José Fernando Pimenta Mendes fez várias considerações elogiosas sobre o trabalho levado a efeito pela direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas no ano de 1970.

Por iniciativa dos srs. Gentil Marques e coronel Celso Mendes de Magalhães foi apreciada a atitude da Direcção relativa à regulamentação do exercício da profissão de jornalistas, que veio a ser aprovada pela unanimidade dos presentes depois de ter recebido inteiro apoio do jornalista Silva Costa.

Os demais pontos do relatório foram também aprovados.

A propósito das contas, igualmente aprovadas por unanimidade, foi ventilada a hipótese de obterem as Corporações — na medida em que prosseguem, para além dos fins próprios dos sectores que representam, os interesses gerais da colectividade designadamente a defesa da paz social — subvenções inscritas no orçamento geral do Estado, desde que fossem tomadas as precauções necessárias para que não perigasse a sua independência e autonomia.

Foi resolvido propor ao Governo a modificação da denominação da 3.ª Secção da Corporação para Secção das Indústrias do Papel.

A terminar o Conselho congratulou-se pela nomeação do sr. dr. Heitor Salgueiro, representante do Ministério das Corporações e Previdência Social junto da Corporação, para elevadas funções naquele Ministério e louvou a sua actuação junto da Corporação e dos vários organismos nela integrados, com os quais contactara com frequência.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Foi movimentada e assinalada por viva discussão a 105.ª audiência do julgamento do caso da herança Sommer, que teve numerosa assistência. No primeira parte da sessão esteve em foco a testemunha sr. Constantino Esteves Sobral, atingido na contradita apresentada pelo sr. dr. Sidónio Rito, patrono do industrial sr. António Champalimaud. Na segunda parte houve uma importante acareação entre aquele depoente e outra testemunha, sr. Francisco Graça. Por causa de um gesto do sr. Constantino Sobral, quando depunha, houve vivo diálogo entre os drs. Proença de Carvalho, que também defende os interesses do réu revel, e Eridano de Abreu, representante dos queixosos e assistentes. O juiz-presidente sr. corregedor Bernardino de Sousa e os seus assessores srs. dr. Marques Cordeiro e Saraiva Lima, puseram termo ao incidente entre os dois causídicos.

Ao entrar-se na ordem dos trabalhos, o presidente mandou recolher à secretaria o sr. Francisco Graça, não lhe sendo permitido comunicar fosse com quem fosse. O corregedor Bernardino de Sousa, dirigindo-se ao sr. Constantino Sobral:

— O sr. deve estar calmo. Advirto-o para que diga tudo, mesmo tudo... Parece que quando fez o seu depoimento, o sr. não quis dizer tudo. Convido-o portanto, a contar tudo.

Seguiu-se um apertado interrogatório, com intervenções do dr. Antero Monteiro Dinis adiunto do procurador da República. E após uma série de perguntas formuladas pelo presidente ficou escrito:

«Que a testemunha Graça, na opinião do depoente ao ser convidado de surpresa a depor neste julgamento, não teve tempo para receber instruções da defesa do réu António Champalimaud, não querendo com isto significar que essas instruções tivessem que ser dadas pelos srs. advogados que o defendem neste julgamento, mas porventura por outras pessoas que estão interessadas na absolvição do mesmo réu. Disto não tem o depoente um conhecimento directo, mas fácil foi aperceber-se dessa circunstância pelo comportamento da testemunha Graça na primeira sessão em que foi ouvida.

«Assim, a testemunha Graça deve ter tido a recordação de que teria havido uma reunião na sede da Siderurgia Nacional a que assistiu o falecido Julio Costa.

«A mesma testemunha situou essa reunião nos anos 1966 ou 1967, mas no intervalo das duas sessões, alertada por terceiros que lhe terão dito que aquele Júlio Costa havia falecido em 4 de Novembro de 1964, vem depois, por sua iniciativa, e a título de rectificação, recuar para alguns anos antes essa reunião, consequência de a ela não poder ter assistido, na data primitivamente indicada, o Júlio Costa, por já ter falecido.

«Mas as coisas devem-se ter passado da seguinte maneira: como já deixou dito em sessão anterior a última vez que se encontrou com o réu António Champalimaud na Siderurgia Nacional ocorreu nos anos de 1964 ou 1965.

«Recordou-se, entretanto e agora o refere, que cerca de um ano antes desse último encontro com o réu António Champalimaud, acompanhou à presença do mesmo o antigo guarda-livros da Casa Sommer, Júlio Costa, que ali foi chamado pelo mesmo réu; o depoente limitou-se a acompanhar o dito Júlio Costa, por, nessa altura, se encontrar já muito combalido e num estado de extrema depressão nervosa. A testemunha Francisco Graça, quando inesperada e bruscamente foi chamada a tribunal para prestar esclarecimentos, deveria saber que interessava à defesa situar no mês de Julho do ano de 1968 o encontro havido entre o depoente e o réu António Champalimaud nos anos de 1964 ou 1965, como antes relatou; e na sequência desse seu conhecimento, e da necessidade que sabia existir quanto à fixação dessa data, referiu que o encontro que realmente teve lugar nos anos de 1964/65 ocorreu em 1968.

«A mesma testemunha Francisco Graça deveria saber, sabia concerteza, das datas exactas e correctas em que as visitas do depoente ao réu António Champalimaud tiveram lugar, pois a ambas assistiu, quer a que o depoente fez isoladamente, quer àquela em que foi acompanhado do Júlio Costa. Assim sendo, quando deslocou a reunião de 1964-65 para o ano de 1968, deslocou, também por uma necessidade de coerência lógica, a visita que o depoente fez ao réu António, acompanhado de Júlio Costa para os anos de 1966/67, tudo isto para manter entre essas duas visitas o tempo que na realidade medeou entre elas — um ano, um ano e meio.

«Todavia, a testemunha Graça, ao assim proceder, provou que Júlio Costa tinha falecido em Novembro de 1964, facto esse só por si destruidor das afirmações por ele produzidas acerca deste ponto concreto; o depoente está convicto de que a testemunha Francisco Graça, por ser do Júlio Costa, ignorava, aquando do seu primeiro depoimento, a data em que havia corrido o falecimento daquele, razão pela qual indicou o ano de 1966 ou 1967, sem se ter apercebido que dessa maneira invalidava tudo quanto sobre tal ponto afirmasse.

«O depoente tem para si como certo que, entretanto, isto é, no tempo que medeou entre as sessões de 26 e 29 do mês em curso, alguma pessoa interessada na pessoa do réu António Champalimaud e conhecedora da data em que Júlio Costa havia falecido o avisou do lapso que aquele cometera, sendo em consequência desse aviso que o mesmo Francisco Graça, produziu a rectificação espontânea acerca deste ponto, embora estruturada numa razão em que o depoente não acredita.

«A testemunha Graça voltou a faltar à verdade quando afirmou que o depoente houvesse intercedido junto do réu António, em favor do réu Henrique; e duplamente: pois nem só como já disse, tal reunião teve lugar na data por ele referida, como também quando ela efectivamente se realizou o depoente não interedeu junto do réu António em favor do réu Henrique nas circunstâncias que aquele relatou.

«O depoente limitava-se, quando encontrava qualquer dos irmãos Champalimaud a perguntar como é que se encontrava o problema entre eles existente, sem que todavia fizesse a qualquer deles, pedidos concretos neste ou naquele sentido, pois nem á vontade para isso tinha.

«Faltou ainda à verdade a testemunha Graça, quando afirmou, embora tal não conste de acta que a mulher do depoente, aquando do nascimento de um dos seus filhos, havia sido assistida durante uma noite inteira pela mulher do réu Henrique Champalimaud, pois sua mulher nem sequer conhece nenhuma das senhoras Champalimaud. Crê o depoente que a testemunha Graça ao produzir as afirmações que produziu, relativamente ao réu Henrique e a sua mulher, quis dar a ideia de que o depoente se encontra dominado sentimentalmente por aquele e por isso inclinado a depor a favor do mesmo.

«Perguntado ao depoente quais as razões por que a testemunha Graça falta assim, no seu entender, á verdade, e procura inutilizar o seu depoimento, diz o depoente que a testemunha Graça depende económicamente da E. C. L., que o mesmo é dizer do réu António Champalimaud. O depoente crê que seria difícil à testemunha Graça dizer algo que ao réu António não conviesse.

«Que a testemunha Graça com a idade que tem, se saisse do emprego que actualmente ocupa não lhe seria fácil ou até possível uma situação do mesmo nível ou semelhante á que goza actualmente, embora em pormenor não saiba o que é auferido pela mesma testemunha.

«Que até ao início do julgamento a testemunha Graça teve com o depoente as melhores relações, mas crê que as suas afirmações em relação ao depoente se fundam naquelas circunstancias e não próprianente em má vontade contra si. Que o depoimento do Graça está influenciado pela dependência em que se encontra dentro da E. C. L. do réu António Champalimaud, a qual o leva a sacrificar o depoente.»

Após um curto intervalo, os juizes procederam a uma acareação entre os srs. Constantino Esteves Sobral e Francisco Graça. O primeiro, nervoso; o segundo com a máxima calma. O presidente do colectivo procurou esclarecer ponto por ponto sobre a matéria em debate. As testemunhas desmentiam-se mutuamente,, Os magistrados intervinham, o mesmo fazendo o Ministério Publico. A diligência demorou duas horas e meia.

Em dado momento, o juiz-presidente ditou para a acta o seguinte: «Sendo perguntado á testemunha Graça quais eram, em seu entender as razões que levavam a testemunha Sobral a faltar á verdade, por ela foi dito que ignorava completamente essas razões. Feita igual pergunta á testemunha Sobral esta declarou que a testemunha Graça defende os interesses dos Cimentos de Leiria, o mesmo é dizer do réu revel Antóio Champalimaud.»

O «EUROFESTIVAL» VISTO DA SUÉCIA

(Continuação da 6.ª página)

zes de acelerar a pulsação vibrátil do sentimentalismo doméstico), mas a de melodias simples, talvez frivolidades, leves, bonitas, simpáticas, fáceis de decorar, de cantarolar, de assobiar. E não apenas pelos noctívagos do Bairro Alto e as românticas de Alfama, mas pelas grandes massas populares do mundo inteiro. Será «Menina» um caso destes?

A enorme desilusão de *Desfolhada* (que era, no entanto, a meu ver, de melhor nível musical e maiores originalidade e vivacidade de contrastes) deve ser realísticamente aqui evocada, como precaução contra nova explosão de histerismos grotescos, com laivos de «drama nacional»...

Menina parece-nos algo incaracterístico, sem forma, não obstante o preciosismo do texto (que ninguém cá fora tem o mínimo interesse em conhecer) e o valor indiscutível da jovem intérprete.

A voz linda e a presença cativante de Tonicha são, em todo o caso, notas bem positivas numa competição que pertence quase exclusivamente a raparigas bonitas e insinuantes (e quanto mais jovens melhor) e em que os homens são geralmente discriminados. Nos últimos dez anos do Grande Prémio só um homem triunfou (o austríaco Udo Jurgens, com Merci Chéri)...

E amanhã á noite teremos nova prova do maciço investimento das nações no sexo feminino: dos 13 solistas, apenas 4 serão homens (mulheres, 9; mais 2 pares, 2 trios e um quarteto). O quarteto pertence á Suécia. Chama-se «Family Four» (dois rapazes e duas raparigas) e tem uma história trágica. A sua actual formação é a terceira. A primeira, constituída por quatro irmãos (dois de cada sexo), desfez-se devido a um desastre de automóvel em que morreram dois elementos.

A comparticipação nórdica

A canção sueca, *Horizontes brancos*, é agradável e melodiosa, mas sem grandes aspirações. Dos nórdicos (a Dinamarca continua amuada e alheia) a melodia norueguesa, *Feiz de Voce*, mal cantada pela mais jovem das jovens, parece-me a mais própria de um concurso destes.

De todas as finalistas que já ouvi e registei no meu gravador (no primeiro momento todas as canções nos parecem mais ou menos iguais, sem interesse; após depois de escutadas um certo número de vezes, começamos a gostar definidamente de umas tantas e fixá-las na memória) eu colocaria no «pelotão» da frente as da Itália, França, Mónaco, Luxemburgo, Irlanda e, talvez mesmo, da Espanha (que causou excelente impressão no belo filme apresentador, em que não faltaram longas praias, as tipoias de Málaga, a «Plaza Mayor», os aviões da «Iberia»...).

Enfim — preparemo-nos tranquilamente para mais uma noite excitante de televisão. Um acontecimento que, com certeza, lançará no mundo do «show-business» uma série de melodias que se tornarão, durante algum tempo, presa do ouvido e da voz dos povos e dos gira-discos dos estudios de rádio e dos amadores (que amam) de coisas sem complicações (muitas delas são ainda favoritas do público: *Tom Pillibi, Non ho l'età, Puppet on a string, Un jour un enfant...*).

Uma manifestação que revelará nomes (novas Gigliolas e Sandies, novos Romualdos e Jurgens); impulsionará o consumo dos discos; ajudará a enriquecer artistas, autores e marcas.

Entreguemo-nos ao espectáculo!

Preparemo-nos para enfrentar uma «máquina» fabulosamente espectacular.

De produção de banalidades — de acordo com os críticos escravizados por intelectualismos torturantes. Comercializada? Por certo. Sofisticada? Sem dúvida. Manipulada? Acredita-se. Mas um espectáculo que representa um «oásis» no deserto das pressões, fadigas, problemas, angustias, que cobre a chamada «civilização» de hoje. Por isso nos regozijamos, com o maior dos entusiasmos, pela decisão inteligente da Televisão Portuguesa de voltar a comparticipar e a transmitir essa manifestação admirável que se destina essencialmente ás massas.

E, atenção, telespectadores e ouvintes portugueses: nada de paixões absurdas, de tormentos ridículos por causa de votações e classificações mais ou menos prefabricadas e adulteradas. Conservai a serenidade e o bom senso. *Menina* não tem grandes possibilidades. Nada, portanto, de perder o domínio do equilíbrio. Pontuações são coisas de muito menor interesse do que um espectáculo grandioso e generoso que temos o direito e o dever de desfrutar literalmente como oferta feita para nos distrair confortável e descontraídamente nas nossas próprias casas. Certo?

O curioso é que, ouvida já uma duzia de vezes, começo a gostar da nossa *Menina*...

As Contas Gerais do Estado de 1969

(Continua na 3.ª página)

cial e económico. Os excessos de receitas ordinárias provêm, em parte, da compressão de despesas, o que na conjuntura actual é salutar quando incide sobre as improdutivas, sumptuárias ou dispensáveis.»

A defesa nacional

Afirma-se ainda nas conclusões do parecer que, no que respeita ao orçamento de receitas e despesas extraordinárias, «a conta mostra uma grande subida das despesas extraordinárias. O seu total atingiu 12 605 748 contos, ou 83,4 por cento das despesas ordinárias».

A constituição das despesas totais (sendo as ordinárias 54,5 por cento e as extraordinárias 45,5) «aproxima as extraordinárias das ordinárias e só é explicável pelas despesas com a defesa nacional e obras de carácter social.

«A grandeza destas cifras põe em relevo a importancia que reveste e coordenação entre a defesa nacional e o fomento económico de forma a extrair o maior rendimento do potencial humano da Nação, tão duramente solicitado pelos grandes esforços e sacrifícios que lhe são presentemente impostos.»

E á guisa de conclusão, acrescenta-se:

«Examinados os elementos das receitas e despesas, ordinárias e extraordinárias, no exercício financeiro de 1969, e verificado o emprego de empréstimos nos termos constitucionais, a Comissão sugere a aplicação de medidas que dêem satisfação ás recomendações acima formuladas, em especial ás relativas aos diversos factores que concorrem para o crescimento económico.»

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, N.º 104-CAVE

NOTÁRIO: LICENCIADO AURÉLIO ASSIS PEREIRA

CERTIFICO que, tendo examinado o livro de actas da COMPANHIA DE SEGUROS «A MUNDIAL», verifiquei que, por assembleia geral ordinária, de vinte cinco de Março de mil novecentos e setenta e um, foi aceite o pedido de demissão apresentado pelo administrador, Sr. Manuel de Madureira Fialho Prego, e que foi eleito, por unanimidade, para o substituir, o Sr. Dr Luis Mello Breyner Pereira, até ao fim do mandato em curso dos actuais corpos gerentes.

O presente certificado está conforme ao original que foi exibido e restituí ao apresentante, nada havendo nele em contrário daquilo que fica extractado.

Lisboa, um de Abril de mil novecentos e setenta e um.

O ajudante,

Artemisa [illegible]

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Foi movimentada e assinalada por viva discussão a 105.ª audiência do julgamento do caso da herança Sommer, que teve numerosa assistência. No primeira parte da sessão esteve em foco a testemunha sr. Constantino Esteves Sobral, atingido na contradita apresentada pelo sr. dr. Sidónio Rito, patrono do industrial sr. António Champalimaud. Na segunda parte houve uma importante acareação entre aquele depoente e outra testemunha, sr. Francisco Graça. Por causa de um gesto do sr. Constantino Sobral, quando depunha, houve vivo diálogo entre os drs. Proença de Carvalho, que também defende os interesses do réu revel, e Eridano de Abreu, representante dos queixosos e assistentes. O juiz-presidente sr. corregedor Bernardino de Sousa e os seus assessores srs. dr. Marques Cordeiro e Saraiva Lima, puseram termo ao incidente entre os dois causídicos.

Ao entrar-se na ordem dos trabalhos, o presidente mandou recolher à secretaria o sr. Francisco Graça, não lhe sendo permitido comunicar fosse com quem fosse. O corregedor Bernardino de Sousa, dirigindo-se ao sr. Constantino Sobral:

— O sr. deve estar calmo. Advirto-o para que diga tudo, mesmo tudo... Parece que quando fez o seu depoimento o sr. não quis dizer tudo. Convido-o portanto, a contar tudo.

Seguiu-se um aperiado interrogatório, com intervenções do dr. Antero Monteiro Dinis adjunto do procurador da República. E após uma série de perguntas formuladas pelo presidente ficou escrito:

«Que a testemunha Graça, na opinião do depoente ao ser convidado de surpresa a depor neste julgamento, não teve tempo para receber instruções da defesa do réu António Champalimaud, não querendo com isto significar que essas instruções tivessem que ser dadas pelos srs. advogados que o defendem neste julgamento, mas porventura por outras pessoas que estão interessadas na absolvição do mesmo réu. Disto não tem o depoente um conhecimento directo, mas fácil foi aperceber-se dessa circunstância pelo comportamento da testemunha Graça na primeira sessão em que foi ouvida.

«Assim, a testemunha Graça deve ter tido a recordação de que teria havido uma reunião na sede da Siderurgia Nacional a que assistiu o falecido Julio Costa.

«A mesma testemunha situou essa reunião nos anos 1966 ou 1967, mas no intervalo das duas sessões, alertada por terceiros que lhe terão dito que aquele Júlio Costa havia falecido em 4 de Novembro de 1964, vem depois, por sua iniciativa, e a título de rectificação, recuar para alguns anos antes essa reunião, consequência de a ela não poder ter assistido, na data primitivamente indicada, o Júlio Costa, por já ter falecido.

«Mas as coisas deveriam ter passado da seguinte maneira: como já deixou dito em sessão anterior a última vez que se encontrou com o réu António Champalimaud na Siderurgia Nacional ocorreu nos anos de 1964 ou 1965.

«Recordou-se, entretanto e agora o refere, que cerca de um ano antes desse último encontro com o réu António Champalimaud, acompanhou à presença do mesmo o antigo guarda-livros da Casa Sommer, Júlio Costa, que ali foi chamado pelo mesmo réu; o depoente limitou-se a acompanhar o dito Júlio Costa, por, nessa altura, se encontrar já muito combalido e num estado de extrema depressão nervosa. A testemunha Francisco Graça, quando inesperada e bruscamente foi chamada a tribunal para prestar esclarecimentos, deveria saber que interessava à defesa situar no mês de Julho do ano de 1968 o encontro havido entre o depoente e o réu António Champalimaud nos anos de 1964 ou 1965, como antes relatou; e na sequência desse seu conhecimento, e da necessidade que sabia existir quanto à fixação dessa data, referiu que o encontro que realmente teve lugar nos anos de 1964/65 ocorreu em 1968.

«A mesma testemunha Francisco Graça deveria saber, sabia concerteza, das datas exactas e correctas em que as visitas do depoente ao réu António Champalimaud tiveram lugar, pois a ambas assistiu, quer a que o depoente fez isoladamente, quer àquela em que foi acompanhado do Júlio Costa. Assim sendo, quando deslocou a reunião de 1964-65 para o ano de 1968, deslocou, também por uma necessidade de coerência lógica, a visita que o depoente fez ao réu António, acompanhado de Júlio Costa para os anos de 1966/67, tudo isto para manter entre essas duas visitas o tempo que na realidade mediou entre elas — um ano, um ano e meio.

«Todavia, a testemunha Graça, ao assim proceder, ignorou que Júlio Costa tinha falecido em Novembro de 1964, facto esse só por si destruidor das afirmações por ele produzidas acerca deste ponto concreto; o depoente está convicto de que a testemunha Francisco Graça, por não ser pessoa das relações do Júlio Costa ignorava, aquando do seu primeiro depoimento, a data em que havia corrido o falecimento daquele, razão pela qual indicou o ano de 1966 ou 1967, sem se ter apercebido que dessa maneira invalidava tudo quanto sobre tal ponto afirmasse.

«O depoente tem para si como certo que, entretanto, isto é, no tempo que medeou entre as sessões de 26 e 29 do mês em curso, alguma pessoa interessada na pessoa do réu António Champalimaud e conhecedora da data em que Júlio Costa havia falecido, o avisou do lapso que aquele cometera, sendo em consequência desse aviso que o mesmo Francisco Graça, produziu a rectificação espontânea acerca deste ponto, embora estruturada numa razão em que o depoente não acredita.

«A testemunha Graça voltou a faltar à verdade quando afirmou que o depoente houvesse intercedido junto do réu António, em favor do réu Henrique; e duplamente, pois nem só como já disse tal reunião teve lugar na data por ele referida, como também quando ela efectivamente se realizou o depoente não intercedeu junto do réu António em favor do réu Henrique nas circunstâncias que aquele relatou.

«O depoente limitava-se, quando encontrava qualquer dos irmãos Champalimaud a perguntar como é que se encaminhava o problema entre eles existente sem que toda via fizesse a qualquer deles, pedidos concretos neste ou naquele sentido, pois nem á vontade para isso tinha.

«Faltou ainda à verdade a testemunha Graça, quando afirmou embora tal não conste de acta que a mulher do depoente, aquando do nascimento de um dos seus filhos, havia sido assistida durante uma noite inteira pela mulher do réu Henrique Champalimaud, pois sua mulher nem sequer conhece nenhuma das senhoras Champalimaud. Crê o depoente que a testemunha Graça ao produzir as afirmações que produziu, relativamente ao réu Henrique e a sua mulher quis dar a ideia de que o depoente se encontra dominado sentimentalmente por aquele e por isso inclinado a depor a favor do mesmo.

«Perguntado ao depoente quais as razões por que a testemunha Graça falta assim, no seu entender, á verdade, e procura inutilizar o seu depoimento, diz o depoente que a testemunha Graça depende económicamente da E. C. L., que o mesmo é dizer do réu António Champalimaud. O depoente crê que seria difícil à testemunha Graça dizer algo que ao réu António não conviesse.

«Que a testemunha Graça com a idade que tem, se saisse do emprego que actualmente ocupa não lhe seria fácil ou até possível uma situação do mesmo nível ou semelhante á que goza actualmente, embora em pormenor não saiba o que é auferido pela mesma testemunha.

«Que até ao início do julgamento a testemunha Graça teve com o depoente as melhores relações, mas crê que as suas afirmações em relação ao depoente se fundam naquelas circunstandias e não propriamente em má vontade contra si. Que o depoimento do Graça está influenciado pela dependência em que se encontra dentro da E. C. L. do réu António Champalimaud, a qual o leva a sacrificar o depoente.»

Após um curto intervalo, os juízes procederam a uma acareação entre os srs. Constantino Esteves Sobral e Francisco Graça. O primeiro, nervoso; o segundo com a máxima calma. O presidente do colectivo procurou esclarecer ponto por ponto sobre a matéria em debate. As testemunhas desmentiam-se mutuamente. Os magistrados intervinham, o mesmo fazendo o Ministério Público. A diligência demorou duas horas e meia.

Em dado momento, o juiz-presidente ditou para a acta o seguinte: «Sendo perguntado á testemunha Graça quais eram, em seu entender as razões que levavam a testemunha Sobral a faltar á verdade, por ela foi dito que ignorava completamente essas razões. Feita igual pergunta á testemunha Sobral esta declarou que a testemunha Graça defende os interesses dos Cimentos de Leiria, o mesmo é dizer do réu revel António Champalimaud.»

O «EUROFESTIVAL» VISTO DA SUÉCIA

(Continuação da 6.ª página)

zes de acelerar a pulsação vibrátil do sentimentalismo doméstico), mas a de melodias simples, talvez frivolidades, leves, bonitas, simpáticas, fáceis de decorar, de cantarolar, de assobiar. E não apenas pelos noctívagos do Bairro Alto e as românticas de Alfama, mas pelas grandes massas populares do mundo inteiro. Será «Menina» um caso destes?

A enorme desilusão de *Desfolhada* (que era, no entanto, a meu ver, de melhor nível musical e maiores originalidade e vivacidade de contrastes) deve ser realísticamente aqui evocada, como precaução contra nova explosão de histerismos grotescos, com laivos de «drama nacional»...

Menina parece-nos algo incaracterístico, sem forma, não obstante o preciosismo do texto (que ninguém cá fora tem o mínimo interesse em conhecer) e o valor indiscutível da jovem intérprete.

A voz linda e a presença cativante de Tonicha são, em todo o caso, notas bem positivas numa competição que pertence quase exclusivamente a raparigas bonitas e insinuantes (e quanto mais jovens melhor) e em que os homens são geralmente discriminados. Nos últimos dez anos do Grande Prémio só um homem triunfou (o austríaco Udo Jurgens, com Merci Chéri)...

E amanhã á noite teremos nova prova do maciço investimento das nações no sexo feminino: dos 13 solistas, apenas 4 serão homens (mulheres, 9; mais 2 pares, 2 trios e um quarteto). O quarteto pertence á Suécia. Chama-se «Family Four» (dois rapazes e duas raparigas) e tem uma história trágica. A sua actual formação é a terceira. A primeira, constituída por quatro irmãos (dois de cada sexo), desfez-se devido a um desastre de automóvel em que morreram dois elementos.

A comparticipação nórdica

A canção sueca, *Horizontes brancos*, é agradável e melodiosa, mas sem grandes aspirações. Dos nórdicos (a Dinamarca continua amuada e ausente) a melodia norueguesa, *Feiz de Voce*, mal cantada pela mais jovem das jovens, parece-me a mais própria de um concurso destes.

De todas as finalistas que já ouvi e registei no meu gravador (no primeiro momento todas as canções nos parecem mais ou menos iguais, sem interesse, mas depois de escutadas um certo número de vezes, começamos a gostar definidamente de umas tantas e fixá-las na memória) eu colocaria no «pelotão» da frente as da Itália, França, Mónaco, Luxemburgo, Irlanda e, talvez mesmo, da Espanha (que causou excelente impressão no belo filme apresentador, em que não faltaram longas praias, as tapadas de Málaga, a «Plaza Mayor», os aviões da «Iberia»...).

Enfim — preparemo-nos tranquilamente para mais uma noite excitante de televisão. Um acontecimento que, com certeza, lançará do mundo do «show-business» uma série de melodias que se tornarão, durante algum tempo, presa do ouvido e da voz dos povos e dos gira-discos dos estúdios de rádio e dos amadores (que amam) de coisas sem complicações (muitas delas são ainda favoritas do público: *Tom Pillibi, Non ho l'età, Puppet on a string, Un jour un enfant...*).

Uma manifestação que revelará nomes (novas Gigliolas e Sandies, novos Romualdos e Jurgens); impulsionará o consumo dos discos; ajudará a enriquecer artistas, autores e marcas.

Entreguemo-nos ao espectáculo!

Preparemo-nos para enfrentar uma «máquina» fabulosamente espectacular.

De produção de banalidades — de acordo com os críticos escravizados por intelectualismos torturantes. Comercializada? Por certo. Sofisticada? Sem dúvida. Manipulada? Acredita-se. Mas um espectáculo que representa um «oásis» no deserto das pressões, fadigas, problemas, angustias, que cobre a chamada «civilização» de hoje. Por isso nos regozijamos, com o maior dos entusiasmos, pela decisão inteligente da Televisão Portuguesa de voltar a comparticipar e a transmitir essa manifestação admirável que se destina essencialmente ás massas.

E, atenção, telespectadores e ouvintes portugueses: nada de paixões absurdas, de tormentos ridículos por causa de votações e classificações mais ou menos prefabricadas e adulteradas. Conservai a serenidade e o bom senso. *Menina* não tem grandes possibilidades. Nada, portanto, de perder o domínio do equilíbrio. Pontuações são coisas de muito menor interesse do que um espectáculo grandioso e generoso que temos o direito e o dever de desfrutar literalmente como oferta feita para nos distrair confortável e descontraídamente nas nossas próprias casas. Certo?

O curioso é que, ouvida já uma duzia de vezes, começo a gostar da nossa *Menina*...

As Contas Gerais do Estado de 1969

(Continua na 3.ª página)

cial e económico. Os excessos de receitas ordinárias provêm, em parte, da compressão de despesas, o que na conjuntura actual é salutar quando incide sobre as improdutivas, sumptuárias ou dispensáveis.»

A defesa nacional

Afirma-se ainda nas conclusões do parecer que, no que respeita ao orçamento de receitas e despesas extraordinárias, «a conta mostra uma grande subida das despesas extraordinárias. O seu total atingiu 12 605 748 contos, ou 83,4 por cento das despesas ordinárias».

A constituição das despesas totais (sendo as ordinárias 54,5 por cento e as extraordinárias 45,5) «aproxima as extraordinárias das ordinárias e só é explicável pelas despesas com a defesa nacional», acentua-se nas conclusões do parecer, afirmando-se depois, sobre este ponto:

«A política seguida é a de liquidar estas despesas, em especial as derivadas das forças expedicionárias em África, com os excessos de receitas ordinárias. O recurso ao crédito é reduzido ao mínimo e somou 2 192 684 contos em 1969, menos do que em 1968 (3 090 436 contos). Os empréstimos foram utilizados em fins não militares.

«As forças expedicionárias em África despenderam 6 084 909 contos, menos 112 911 contos do que em 1968. Somando a ajuda financeira ao ultramar, o gasto elevou-se a 6 755 909 contos. Os excessos de receitas ordinárias foram suficientes para cobrir as despesas militares e deixaram ainda um resíduo, utilizado no pagamento de outras despesas relacionadas com a defesa nacional e obras de carácter social.

«A grandeza destas cifras põe em relevo a importancia que reveste e coordenação entre a defesa nacional e o fomento económico de forma a extrair o maior rendimento do potencial humano da Nação, tão duramente solicitado pelos grandes esforços e sacrifícios que lhe são presentemente impostos.»

E á guisa de conclusão, acrescenta-se:

«Examinados os elementos das receitas e despesas, ordinárias e extraordinárias, no exercício financeiro de 1969, e verificado o emprego de empréstimos nos termos constitucionais, a Comissão sugere a aplicação de medidas que dêem satisfação ás recomendações acima formuladas, em especial ás relativas aos diversos factores que concorrem para o crescimento económico.»

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, N.º 104-CAVE

NOTÁRIO: LICENCIADO AURÉLIO ASSIS PEREIRA

CERTIFICO que, tendo examinado o livro de actas da COMPANHIA DE SEGUROS «A MUNDIAL», verifiquei que, por assembleia geral ordinária, de vinte cinco de Março de mil novecentos e setenta e um, foi aceite o pedido de demissão apresentado pelo administrador, Sr. Manuel de Madureira Fialho Prego, e que foi eleito, por unanimidade, para o substituir, o Sr. Dr. Luis Mello Breyner Pereira, até ao fim do mandato em curso dos actuais corpos gerentes.

O presente certificado está conforme ao original que foi exibido e restituí ao apresentante, nada havendo nele em contrário daquilo que fica extractado.

Lisboa, um de Abril de mil novecentos e setenta e um.

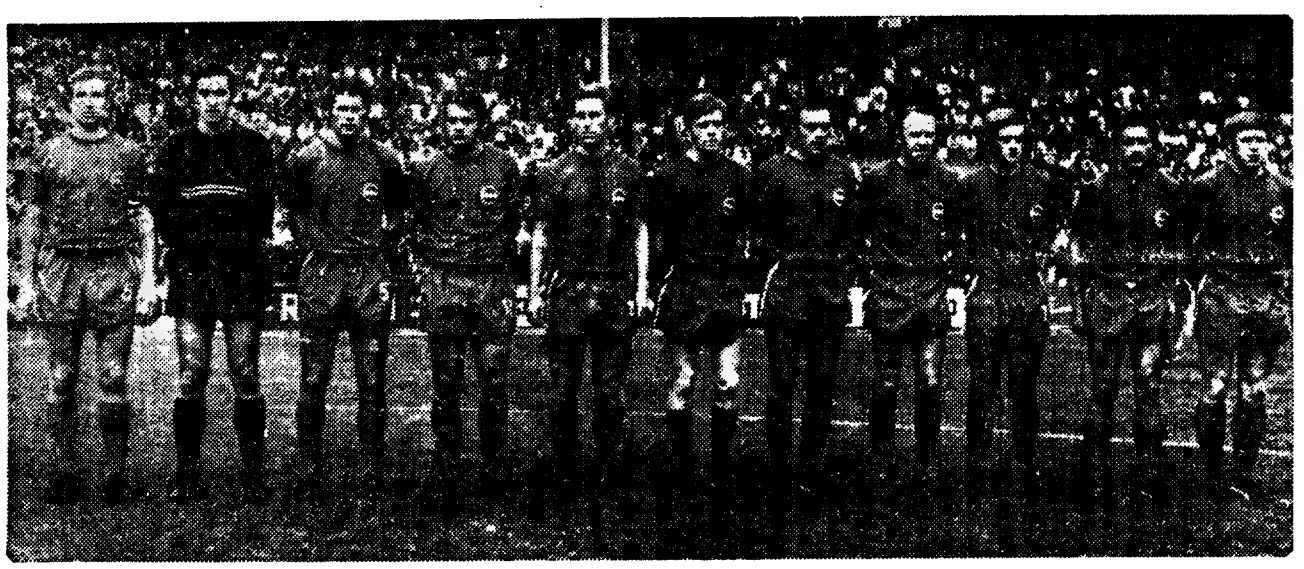
O ajudante,

Artemísia da Conceição Milheiro

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Visita do futebol alemão. Esta é a equipa do F. C. Kickers Offenbach que, pela Páscoa, fará três jogos entre nós. O primeiro, no dia 7, na Luz, contra o Benfica. Depois, em Aveiro, participará num torneio organizado pelo Beira-Mar, com o patrocínio da Associação de Futebol Aveirense e em que participará, também, o Boavista. Jogos nos dias 9, 10 e 12. O Kickers é o actual detentor da Taça da Alemanha, tendo, nas suas fileiras, vários «internacionais» — AA, Esperanças e Olímpicos. Seus principais valores o «capitão» Schmitt, Reich, Gecks, Kremers e Schafer

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

O Barreirense venceu o Luso por 61-46, em jogo a contar para o Campeonato Nacional de Basquetebol da II Divisão (zona Sul).

TÉNIS DE MESA

Primeira ronda da segunda volta do Campeonato de Lisboa de Ténis de Mesa (III Divisão): Oeiras-Alunos Apolo, 5-4; e Graça-Cimento Tejo 5-3.

NATAÇÃO

Torneio da Páscoa, em natação, com presença de representantes do Algés e Dafundo, Nacional de Natação, Benfica, Cimento Tejo e U. Piedense:

MASCULINOS — Inscrição livre: 400 m. livres: Porto Ambrósio (S. A. D.), 5 m e 16.3 s; 100 m mariposa: Nelva Maciel (S. A. D.), 1 m e 10 5 s; 200 m costas: Bleck da Silva (S. A. D.), 2 m e 36.5 s; 100 m bruços — Brito Rosa (S. A. D.), 1 m e 18 6 s;

INFANTIS — 100 m costas: Gameiro das Neves (S. A. D.), 1 m e 43.3 s; 100 m estilos: Carlos Cruchenho (S. L. B.), 1 m e 25.9 s.

FEMININOS — Inscrição livre — 200 m bruços: Manuela Banha (S. A. D.), 3 m e 09 2 s; 100 m costas: Cristina Patacas (S. A. D.) 1 m e 21 2 s; 100 m livres — Ana Canas Cunha (S. A. D.), 1 m e 12.0 s; 200 m estilo: Cristina Patacas (S. A. D.), 3 m e 0.1 s;

INFANTIS — 100 m livres: Ana Banha (S. A. D.), 1 m e 21 0 s; 100 m costas: Ana Banha (S. A. D.), 1 m e 33 3 s

XADREZ

O eng. Rui Fonseca triunfou no torneio de xadrez promovido pela Académica da Amadora.

ESTA NOITE HÁ DESPORTO

BASQUETEBOL — Posse dos novos dirigentes da Federação na sede às 21 e 30.

Campeonato Nacional da II Divisão: C. Quebradense-C. D. U. L., ás 21: Atlético-Oriental ás 22 e 30, no pavilhão da Ajuda.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da II Divisão (fase de Lisboa): Física-Cimento Tejo, Queluz-Vila Franquense Cascais-Belenenses Liga de Algés-Sintra, F Benfica-Azeitonense e Académica da Amadora-Estremoz, nos rinques dos primeiros ás 22.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Seniores de Santarém: União de Tomar-Riomaiorense e União de Santarém-Sporting de Tomar, ás 21 e 30 nas mesas dos primeiros

Campeonato de Lisboa de Juniores: Sporting - Benfica, Águias-Alunos Apolo e Belenenses - Carmo, nas mesas dos primeiros ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Nacional de Ginástica - Sintrense, ás 22 no Liceu de Oeiras

FUTEBOL-TV EM DIRECTO NO DOMINGO?

Pràticamente esgotadas as lotações dos Estádios da Luz e das Antas, para os jogos Benfica-Vitória de Setúbal e Futebol Clube do Porto-Sporting, porque não chegarem a acordo clubes-Federação-R. T. P. no sentido de, pelo menos, uma destas importantes partidas, do Campeonato Nacional, ser transmitida pela Televisão: em directo ainda que sejam de considerar os interesses de outros clubes.

Aqui fica a sugestão, tanto mais de ponderar já que não abriria uma excepção. Recordemos o recente F. C. Porto-Benfica, em jornada de interesse semelhante.

«VOLTA A MAIORCA»

Agostinho desistiu logo na 1.ª etapa

A «Volta a Maiorca» está a constituir um fracasso para a maioria dos ciclistas portugueses concorrentes.

Logo na primeira étapa Joaquim Agostinho teve uma avaria e desistiu. Quase simultaneamente, o sportinguista Manuel Mendes e António Pereira (da Coelima) surpreendidos pela fiscalização da prova quando seguiam agarrados a veículos, foram (lógicamente) desclassificados. E também Firmino Bernardino, que alinhara doente, não chegou ao termo da étapa inaugural. Dia negro para os ciclistas lusos na bela paisagem de Maiorca.

A primeira étapa foi ganha pelo espanhol Miguel Maria Lasa, em 5 horas, 5 minutos e 34 segundos. Os portugueses classificaram-se como indicamos: 8.º, Leonel Miranda (Sporting), 5 h 08 m 02 s; 28.º, Emiliano Dionísio (Sp.), 5.09.08; 32.º, Vicente Rocha (Sporting), 5.11.57; 48.º, N. Correia (Coelima), m. t.; 53.º, J. Moreira (Coelima) 5.19.25; 55.º, J. Fonseca (Coelima), 5.19.26; 61.º, M. Miranda (Sporting), m. t.; 65.º J. Pereira (Coelima), 5.21 29.

Na tabela geral, por equipas, comanda a Werner, da Espanha, com 15 h 21 m 53 s.

Em 6.º lugar está o Sporting, com 15.29.07, seguido da Coelima no mesmo tempo.

FESTIVAL DE GINÁSTICA

Hoje à noite, na sede do Vitória Clube de Lisboa, realiza-se um festival de ginástica em que participarão além do campeão nacional, vários atletas ultramarinos actualmente na Metrópole.

O acontecimento está a ser aguardado com muito interesse.

FESTA DO ANDEBOL DE ALCÂNTARA

Com um jantar na Adega Mesquita, efectuou-se a anunciada homenagem da direcção do Atlético Clube de Portugal aos campeões lisboetas de andebol.

Cerca de centena e meia de convivas — notando-se a presença de inúmeras senhoras — associaram-se a esta festa.

Aos brindes, falaram Paulo Elisiário (que testemunhou o seu reconhecimento á turma de andebol, tendo ainda palavras de muito apreço para os órgãos da informação), Rui Severino, dr. António Ilídio (que, após várias considerações, focou a esperança de o Atlético ver em breve erguer-se na Tapadinha o tão ambicionado Pavilhão Gimnodesportivo), o nosso camarada Alves dos Santos (que usou da palavra em nome dos órgãos da informação) e ainda o coronel Soares de Oliveira [illegible] de muita [illegible]

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Benfica-Arsenal: na Luz, a 19 de Maio

O Benfica aceitou fazer dois jogos de futebol contra a equipa inglesa do Arsenal. Primeira partida: no Estádio da Luz, a 19 de Maio. Retribuição da visita: em Londres, a 31 de Julho.

★

A 18 do corrente será homenageado, em Guimarães, o ex-futebolista Augusto Silva. Prato forte da festa: um Vitória-Benfica (em primeiras categorias).

★

A «Taça das Cidades com Feira» passa a denominar-se «Taça U. E. F. A.». Na próxima temporada, três clubes portugueses concorrem ao troféu.

Hipismo em Cascais

O 5.º CONCURSO DA PRIMAVERA DISPUTA-SE AMANHÃ E NO DOMINGO

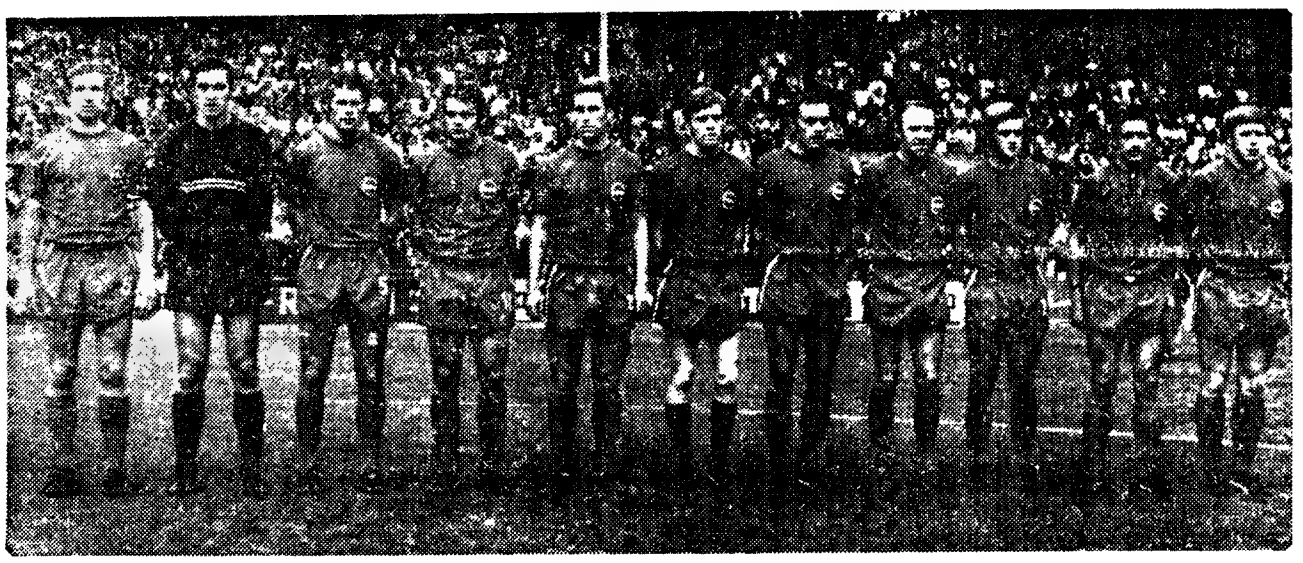
A Sociedade de Propaganda de Cascais inaugura, amanhã, a série de concursos hípicos de 1971 que não sabemos por que certames será continuada, visto que o calendário oficial continua a não ser conhecido, pelo menos até anteontem

Mas os certames cascalenses não sofrerão interrupção e isso é que importa Continuam a ocupar o seu lugar no programa nacional, graças á dedicação de Manuel Possolo. O 5.º Concurso de Cascais da Primavera (seniores) ocupará dois dias (3 e 4 de Abril); o 13.º Concurso de Cascais de juniores preencherá outras duas datas (17 e 18 de Abril) e a Taça «General Kaulza de Arriaga», terá a sua segunda edição em 10 e 11 de Abril.

Mas falemos por agora, do certame que inaugura a actividade da Sociedade de Propaganda de Cascais. A jornada de amanhã é reservada á prova «Juna de Turismo da Costa do Sol», em três séries para as três categorias de cavalos. As três provas são disputadas pela tabela A com cronómetro com obstáculos á altura máxima de 1,10 metro (3.ª categoria), 1,20 metro (2.ª categoria) e 1,30 metro (1.ª categoria) A velocidade é de 350 m/m

Depois de amanhã disputa-se a prova «Estoril-Sol», em percursos de caça para as provas da 3.ª e 2.ª séries e pela tabela A mista, com barragem ao cronómetro para a 1.ª série Os obstáculos terão as alturas máximas, indicadas para as provas de amanhã.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Visita do futebol alemão. Esta é a equipa do F. C. Kickers Offenbach que, pela Páscoa, fará três jogos entre nós. O primeiro, no dia 7, na Luz, contra o Benfica. Depois, em Aveiro, participará num torneio organizado pelo Beira-Mar, com o patrocínio da Associação de Futebol Aveirense e em que participará, também, o Boavista. Jogos nos dias 9, 10 e 12. O Kickers é o actual detentor da Taça da Alemanha, tendo, nas suas fileiras, vários «internacionais» — AA, Esperanças e Olímpicos. Seus principais valores o «capitão» Schmitt, Reich, Gecks, Kremers e Schafer

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

O Barreirense venceu o Luso por 61-46, em jogo a contar para o Campeonato Nacional de Basquetebol da II Divisão (zona Sul).

TÉNIS DE MESA

Primeira ronda da segunda volta do Campeonato de Lisboa de Ténis de Mesa (III Divisão): Olivais-Alunos Apolo, 5-4, e Graça-Cimento Tejo, 5-3.

NATAÇÃO

Torneio da Páscoa, em natação, com presença de representantes do Algés e Dafundo, Nacional de Natação Benfica, Cimento Tejo e U. Piedense:

MASCULINOS — Inscrição livre: 400 m. livres: Porto Ambrósio (S. A. D.), 5 m e 16.3 s; 100 m mariposa: Neiva Maciel (S. A. D.), 1 m e 10.5 s; 200 m costas: Bleck da Silva (S. A. D.), 2 m e 36.5 s; 100 m bruços — Brito Rosa (S. A. D.), 1 m e 18.6 s;

INFANTIS — 100 m costas: Gameiro das Neves (S. A. D.), 1 m e 43.3 s; 100 m estilos: Carlos Cruchenho (S. L. B.) 1 m e 25.9 s

FEMININOS — Inscrição livre — 200 m bruços: Manuela Banha (S. A. D.) 3 m e 09.2 s; 100 m costas: Cristina Patacas (S. A. D.) 1 m e 21.2 s; 100 m livres — Ana Canas Cunha (S. A. D.), 1 m e 12.0 s; 200 m estilo: Cristina Patacas (S. A. D.) 3 m e 0.1 s;

INFANTIS — 100 m livres: Ana Banha (S. A. D.), 1 m e 21.0 s; 100 m costas: Ana Banha (S. A. D.), 1 m e 33.3 s

XADREZ

O eng. Rui Fonseca triunfou no torneio de xadrez promovido pela Académica da Amadora

ESTA NOITE HÁ DESPORTO

VOLEIBOL — Posse dos novos dirigentes da Federação na sede às 21 e 30.

Campeonato Nacional da II Divisão: C. Quebradense-C. D. U. L., ás 21; Atlético-Oriental ás 22 e 30, no pavilhão da Ajuda.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da II Divisão (fase de Lisboa): Física-Cimento Tejo, Queluz-Vila Franquense Cascais-Belenenses Liga de Algés-Sintra, F. Benfica-Azeitonense e Académica da Amadora-Estremoz, nos rinques dos primeiros ás 22.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Seniores de Santarém: União de Tomar-Riomaiorense e União de Santarém-Sporting de Tomar, ás 21 e 30 nas mesas dos primeiros

Campeonato de Lisboa de Juniores: Sporting-Benfica, Águias-Alunos Apolo e Belenenses-Carmo, nas mesas dos primeiros ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Nacional de Ginástica-Sintrense, ás 22 no Liceu de Oeiras

FUTEBOL-TV EM DIRECTO NO DOMINGO?

Pràticamente esgotadas as lotações dos Estádios da Luz e das Antas, para os jogos Benfica-Vitória de Setúbal e Futebol Clube do Porto-Sporting, porque não chegarem a acordo clubes-Federação-R. T. P. no sentido de, pelo menos, uma destas importantes partidas, do Campeonato Nacional, ser transmitida pela Televisão: em directo ainda que sejam de considerar os interesses de outros clubes.

Aqui fica a sugestão, tanto mais de ponderar já que não abriria uma excepção. Recordemos o recente F. C. Porto-Benfica, em jornada de interesse semelhante.

«VOLTA A MAIORCA»

Agostinho desistiu logo na 1.ª etapa

A «Volta a Maiorca» está a constituir um fracasso para a maioria dos ciclistas portugueses concorrentes.

Logo na primeira étapa Joaquim Agostinho teve uma avaria e desistiu. Quase simultaneamente, o sportinquista Manuel Mendes e António Pereira (da Coelima) surpreendidos pela fiscalização da prova quando seguiam agarrados a veículos, foram (lógicamente) desclassificados. E também Firmino Bernardino, que alinhara doente, não chegou ao termo da étapa inaugural. Dia negro para os ciclistas lusos na bela paisagem de Maiorca.

A primeira étapa foi ganha pelo espanhol Miguel Maria Lasa, em 5 horas, 5 minutos e 34 segundos. Os portugueses classificaram-se como indicamos: 8.º, Leonel Miranda (Sporting), 5 h 08 m 02 s; 28.º, Emiliano Dionísio (Sp.), 5.09.08; 32.º, Vicente Rocha (Sporting), 5.11.57; 48.º, N. Correia (Coelima), m. t.; 53.º, J. Moreira (Coelima) 5.19.25; 55.º, J. Fonseca (Coelima), 5.19.26; 61.º, M. Miranda (Sporting), m. t.; 65.º J. Pereira (Coelima), 5.21.29.

Na tabela geral, por equipas, comanda a Werner, da Espanha, com 15 h 21 m 53 s.

Em 6.º lugar esta o Sporting, com 15.29.07, seguido da Coelima no mesmo tempo.

FESTIVAL DE GINÁSTICA

Hoje à noite, na sede do Vitória Clube de Lisboa, realiza-se um festival de ginástica em que participarão além do campeão nacional, vários atletas ultramarinos actualmente na Metrópole.

O acontecimento está a ser aguardado com muito interesse.

FESTA DO ANDEBOL DE ALCÂNTARA

Com um jantar na Adega Mesquita, efectuou-se a anunciada homenagem da direcção do Atlético Clube de Portugal aos campeões lisboetas de andebol.

Cerca de centena e meia de convivas — notando-se a presença de inúmeras senhoras — associaram-se a esta festa.

Aos brindes, falaram Paulo Elisiário (que testemunhou o seu reconhecimento á turma de andebol, tendo ainda palavras de muito apreço para os órgãos da informação), Rui Severino, dr. António Ilídio (que, após várias considerações, focou a esperança de o Atlético ver em breve erguer-se na Tapadinha o tão ambicionado Pavilhão Gimnodesportivo), o nosso camarada Alves dos Santos (que usou da palavra em nome dos órgãos da informação) e ainda o coronel Soares de Oliveira (em [illegible] de muita fé clubista).

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Benfica-Arsenal: na Luz, a 19 de Maio

O Benfica aceitou fazer dois jogos de futebol contra a equipa inglesa do Arsenal. Primeira partida: no Estádio da Luz, a 19 de Maio. Retribuição da visita: em Londres, a 31 de Julho.

★

A 18 do corrente será homenageado, em Guimarães, o ex-futebolista Augusto Silva. Prato forte da festa: um Vitória-Benfica (em primeiras categorias).

★

A «Taça das Cidades com Feira» passa a denominar-se «Taça U. E. F. A.». Na próxima temporada, três clubes portugueses concorrem ao troféu.

Hipismo em Cascais

O 5.º CONCURSO DA PRIMAVERA DISPUTA-SE AMANHÃ E NO DOMINGO

A Sociedade de Propaganda de Cascais inaugura, amanhã, a série de concursos hípicos de 1971 que não sabemos por que certames será continuada, visto que o calendário oficial continua a não ser conhecido, pelo menos até anteontem.

Mas os certâmenes cascalenses não sofrerão interrupção e isso é que importa. Continuam a ocupar o seu lugar no programa nacional, graças á dedicação de Manuel Possolo. O 5.º Concurso de Cascais da Primavera (seniores) ocupará dois dias (3 e 4 de Abril); o 13.º Concurso de Cascais de juniores preencherá outros duas datas (17 e 18 de Abril) e a Taça «General Kaulza de Arriaga», terá a sua segunda edição em 10 e 11 de Abril.

Mas falemos por agora, do certame que inaugura a actividade da Sociedade de Propaganda de Cascais. A jornada de amanhã é reservada á prova «Duna de Turismo da Costa do Sol», em três séries para as três categorias de cavalos. As três provas são disputadas pela tabela A com cronómetro, com obstáculos á altura máxima de 1.10 metro (3.ª categoria), 1.20 metro (2.ª categoria) e 1.30 metro (1.ª categoria). A velocidade é de 350 m/m.

Depois de amanhã disputa-se a prova «Estoril-Sol», em percursos de caça para as provas de 3.ª e 2.ª séries e pela tabela A mista, com barragem ao cronómetro para a 1.ª série. Os obstáculos terão as alturas máximas, indicadas para as provas de amanhã.

Necrologia

FUNERAIS

Eng.º agr. António Campos de Albuquerque de Azevedo Coutinho

Para o cemitério da Guia, em Cascais, saiu esta tarde o funeral do sr. eng.º agr. António Campos de Azevedo Coutinho, ontem falecido subitamente em Lisboa, depois de haver estado na estação de Santa Apolónia a despedir-se da esposa e de dois filhos, que seguiam no «Sud-Express» para Paris e que, avisados do sucedido, desembarcaram em Coimbra, de onde regressaram a Lisboa.

O eng.º Azevedo Coutinho, de 51 anos, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Cid de Araujo Juzarte Lopes Jomet de Azevedo Coutinho, e pai dos srs. Miguel Maria, Jorge Maria, Francisco Maria e António Maria e das meninas Maria da Glória e Maria da Conceição Jomet de Azevedo Coutinho, foi durante oito anos presidente da Câmara Municipal de Cascais. Era, ainda, irmão dos eng. agrs. Norberto de Campos Azevedo Coutinho e Manuel Sobral de Campos Azevedo Coutinho, e da madre Maria Catarina de Albuquerque de Azevedo Coutinho, religiosa no convento das Dominicanas de Baza, Granada, Espanha.

SUFRÁGIOS

João Plácido Gomes Duarte

Mandada dizer pela família enlutada é celebrada amanhã — sábado — às 10 e 30, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, missa do 7.º dia, por alma de João Plácido Gomes Duarte agente de publicidade dos nossos prezados colegas «Diário do Norte» e «Época», falecido no passado dia 28, nos quartos particulares do Hospital de São José, vítima de grave enfermidade.

O extinto era casado com a sr.ª D. Odília Trindade Gomes Duarte, pai do quartanista de Medicina João Manuel Trindade Gomes Duarte, irmão da sr. D. Henriqueta Gomes Duarte Alvarez e Gabriel Paulo Gomes Duarte, e primo dos nossos camaradas de Imprensa, Artur, José Estêvão e Luís Santos Jorge.

D. António Maria Corrêa da Silva Sampaio

Sua família participa que amanhã, dia 3, pelas 12 e 15 horas, na igreja de S. Mamede e no domingo, dia 4, pelas 19 horas, na capela da sua casa em Castelo Novo, será celebrada missa de 7.º dia pelo seu eterno descanso.

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades.

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45-3.º
LISBOA

Telefs. 36 74 44 - 32 31 72

Moradias – Seixal

TERRENOS

Os que restam c/ projecto cálculos registo, escritura Alvará da C M S Perto escolas técnica e primária Zona comercial cinema etc Baratos. Uma pechincha.
Telef 2790998

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que, morreram em combate: na província da Guiné, o soldado do recrutamento provincial n.º 821799/69, Malan Quebé; na província de Angola o soldado n.º 015309/70, Manuel Rodrigues Amorim, natural de Arcos de Valdevez, filho de Olídia Rodrigues Amorim, e na província de Moçambique o soldado do recrutamento provincial n.º 708286/69, Gervásio Bernardo, e o primeiro-cabo n.º 091868/79, Fernando Pestana, natural do Funchal, filho de Manuel Pestana Domingos e de Teresa de Jesus Caldeira.

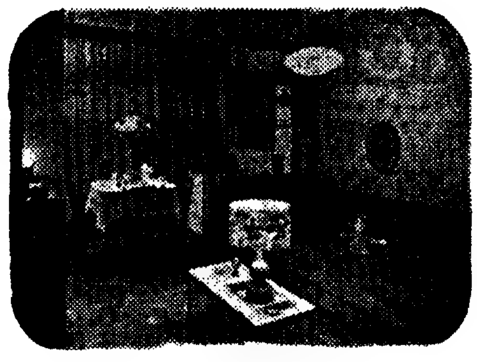
Imposto profissional

Termina no dia 15 o prazo para reclamações sobre o rendimento do Imposto Profissional, respeitante ao ano de 1970.

A reclamação, escrita em papel selado, deve ser dirigida à Comissão a que alude o artigo 15.º do Código do Imposto Profissional.

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.



Conforto, elegância e modernismo, três características dos nossos magníficos apartamentos

APARTAMENTOS MOBILADOS
J. PIMENTA, S. A. R. L.

ÓPTIMA APLICAÇÃO PARA O SEU CAPITAL

Em Lisboa, Amadora, Reboleira, Paço de Arcos e Cascais pode comprar para habitação ou rendimento propriedades de 140 a 1100 contos

6.000 CLIENTES SATISFEITOS RECOMENDAM-NOS

INFORMAÇÕES PARA ALUGUER E VENDA

LISBOA — PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, N.º 15 — Tels 45843-47843

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, N.º 104-CAVE

NOTÁRIO: LICENCIADO AURÉLIO ASSIS FERREIRA

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 26 do mês em curso, lavrada de fls. 6, v.º a fls. 8, v.º do livro N.º 132-C, deste cartório, foi alterado o artigo 3.º do pacto social da sociedade comercial por quotas «ANÍBAL, ADELINO, VAZ & FERNANDES, LIMITADA», com sede em Lisboa, na Rua Conde Redondo, 53-A, o qual foi substituído pelo seguinte:

3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores que constituem o activo da sociedade, é de 50.000$00 e está representado e dividido por duas quotas de valor igual pertencendo uma a cada sócio.

É certidão de narrativa e teor parcial que está conforme ao original, não havendo nada em contrário ou além dele.

Lisboa, vinte e nove de Março de mil novecentos e setenta e um.

O Ajudante,

Artemísia da Conceição Milheiro

D. António Maria Corrêa da Silva Sampaio

Confortado com todos os Sacramentos da St.ª Madre Igreja

MISSA DO 7.º DIA

Thereza Gil de Borja Corrêa de Sampaio, Pedro Gil Corrêa de Sampaio sua mulher e filhos, Maria Rita Gil Corrêa de Sampaio, Maria das Dores Corrêa de Sampaio Fortes da Gama seu marido e filhos, Tereza Maria Corrêa de Sampaio Calheiros Ponces seu marido e filhos, José Gil Corrêa de Sampaio sua mulher e filhos, Maria Antónia Corrêa de Sampaio de Castelo Branco, Luísa d'Avillez Corrêa de Sampaio, Maria da Conceição Van-Zeller Gil de Borja, participam que foi Deus Servido Chamar À Sua Divina Presença, o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, e cunhado, e que amanhã, dia 3, será celebrada Missa, pelas 12.15 horas, na Igreja de S. Mamede, e no Domingo, dia 4 às 19 horas, na Capela de sua casa em Castelo Novo.

A. G. MAGNO, LDA.
L. Frei Heitor Pinto, 2-B
Telef. 723??6

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	[illegible]	Compra	Venda
Consolidado 3 1/4%	—	—	486$
Consolidado 4%	495$	—	495$
Consolidado 3 ?/4%	—	—	604$
Centenário 4%	1.400$	—	1.400$
Obr. do Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª série	—	585$	—
Externo 2.ª série	—	605$	—
Externo 3.ª série	—	680$	—
Externo 4.ª série	—	—	770$
Cautelas 3.ª série	—	165$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P L 3% 36	—	—	—
A P L 5% 58	—	—	—
C P 4 1/4% 65	—	—	—
C P 5 1/4% 67	—	—	—
C U F 6%	935$	930$	940$
C U F 6% 58	—	905$	925$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/4% 53	—	855$	—
Gás Elect 5% 54	—	—	—
Gás Elect 5% 56	—	840$	—
Gás Elect 5% 59	—	830$	—
Gás Elect 5% 62	—	955$	980$
Gás Elect 5% 63	—	950$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	970$	—
H E Alto Alentejo 5%	—	780$	795$
H E Cávado 5%	765$	765$	—
H E Cávado 6%	—	930$	940$
H E Douro 5%	765$	765$	—
H E Douro 6%	—	930$	945$
H E Norte Port. 5%	—	—	850$
H E Estreito 6%	—	925$	—
H E Zêzere 5% 58	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	770$
Lisnave 6%	—	930$	—
Metropolitano 4%	890$	890$	895$
Metropolitano 5 1/4%	960$	960$	965$
Moçambique 5%	—	680$	—
Nac. Elect. 5%	—	750$	755$
Nitratos 5%	—	750$	—
Nitratos 5% 60	—	750$	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port. Celu. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	965$	970$
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	730$	730$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	—
Sonefe 5%	—	780$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U E P 5 3/4%	—	—	—
U E P 4%	89$	—	—
U E P ?/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	700$	730$
U E P 5% 60	—	710$	—
U E P 5% 63	—	860$	—

AI MEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro 52 54 — LISBOA — Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO — Telex 47 ALAP P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.785$	2.785$	2.790$
Alentejo	1.170$	1.160$	1.170$
Angola	3.940$	3.910$	3.940$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	7.800$	7.800$	8.000$
E. Santo	6.497$	6.495$	6.499$
E. Santo N	—	—	—
Fonsecas S. B	—	—	26.000$
Fomento	2.900$	2.880$	2.920$
L. ? Açores P	—	—	—
L. ? Açores N	—	—	—
? Atlântico P	6.200$	6.200$	6.250$
Portugal N	—	3.350$	3.370$
Portugal P	—	4.050$	4.300$
Totta Aliança	5.860$	5.850$	5.860$
Ultramarino N	3.895$	3.895$	3.900$
Ultramarino P	4.220$	4.210$	4.230$
Seguros			
Alentejo	158$	158$	159$
Douro	—	2.200$	—
Mundial	10.25$	1.022$	1.030$
Sagres	—	2.860$	2.950$
Tranquilidade	—	—	95.000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	750$	780$
Ag. Cassequel	620$	618$	625$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—

Ultramarinas	[illegible]	Compra	Venda
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	200$	230$
Sorar	—	124$	128$
Sul	—	68$	70$
Ganda	—	212$	220$
Diamantes Angola	—	2.150$	2.200$
[illegible] Revue	—	620$	650$
Ilha do Príncipe	—	—	700$
Moçambique	—	80$	—
Sonefe N	—	420$	423$
Sonefe P	429$	428$	430$
Zambézia	—	66$	—
Diversas			
Cidla	6.950$	—	7.100$
Cim. Leiria	—	4.400$	4.600$
Cim. Tejo	—	8.000$	8.200$
Cia. Navegação	—	—	—
C U F	—	1.350$	1.440$
Fna Aliança	—	650$	700$
Nac. Navegação	3.800$	3.750$	3.850$
Petroquímica	1.240$	1.230$	1.300$
Port. e Colónias	—	—	1.250$
Port. Celulose	5.220$	4.200$	4.250$
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	—	610$	620$
Sacor	4.070$	4.070$	4.100$
Siderurgia Nac.	2.270$	2.270$	—
Soce	3.66 [illegible]	3.650$	3.680$
Tabacos de Portugal	—	—	1.500$
Tabaqueira	6.250$	6.230$	6.300$
[illegible] Alsata	665$	660$	670$
Água Elect. e Gás			
Águas Lisboa P	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	423$	430$
Águas Lisboa 36	—	400$	—
C. ? Electricidade	1.199$	1.199$	1.200$
C. P. Electricidade nom.	—	1.190$	1.200$
C. P. Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beiras	1.730$	1.725$	1.735$
Gás Electr.	446$5	446$	447$
H E Alto Alentejo	180$	179$5	180$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E Estreito	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U E P	—	203$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Fundo Atlântico	—	126$2	130$
F I D E S	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	26/3/71	1/4/71	2/4/71
GERAL	151,9	152,2	152,2
METROPOL.	148,1	148,1	149,0
ULTRAM.	179,6	182,6	182,8

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
—Dollars de ...	27$90	28$40
— de 5 a 20	28$20	28$70
— de 50 a 100	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	5$00	6$50
Áustria — Schilling	$ 0	$ 6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40.5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$ 0
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04.4	$04.7
Marrocos — Dirham	4$90	5$50
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$20	38$20

J. BURNAY, L.DA — RUA DO OURO, 72 — Papéis de crédito — Notas estrangeiras — Tel. 23127?

CENÍCER

CENTRO DE INDUSTRIAIS DE CERÂMICA, S. C. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

2.ª CONVOCAÇÃO

Nos termos dos artigos 14.º e 17.º do Estatuto, convoco os Senhores Associados a reunirem-se em assembleia geral (em 2.ª convocação) no próximo dia 16 de Abril pelas 19 horas, na sua sede provisória Telheiras de Cima, 144 (Quinta de S. Vicente), Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

— Apreciação e votação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal, relativos ao exercício de 1970.

Lisboa, 30 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Pela CERÂMICA DO SUL, LDA.
a) Eng.º João Barata Gagliardini Graça

Bilhetes de «Fim-de-Semana»

A C. P. informa que, na semana da Páscoa, os bilhetes de «Fim de Semana» são válidos, para início da viagem de Ida, desde as 17-00 horas do dia 7, quarta-feira, até às 12-00 horas de domingo, dia 11, e, para início da viagem de Regresso, desde as 12-00 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 13.

Necrologia

FUNERAIS

Eng.º agr. António Campos de Albuquerque de Azevedo Coutinho

Para o cemitério da Guia, em Cascais, sai esta tarde o funeral do sr. eng.º agr. António Campos de Azevedo Coutinho, ontem falecido subitamente em Lisboa, depois de haver estado na estação de Santa Apolónia a despedir-se da esposa e de dois filhos, que seguiam no «Sud - Express» para Paris e que avisados do sucedido, desembarcaram em Coimbra, de onde regressaram a Lisboa.

O eng.º Azevedo Coutinho, de 51 anos, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Cid de Araujo Juzarte Lopes Jomet de Azevedo Coutinho, e pai dos srs. Miguel Maria, Jorge Maria, Francisco Maria e António Maria e das meninas Maria da Glória e Maria da Conceição Jomet de Azevedo Coutinho, foi durante oito anos presidente da Câmara Municipal de Cascais. Era, ainda, irmão dos eng.os agr.os Norberto de Campos Azevedo Coutinho e Manuel Sobral de Campos Azevedo Coutinho e da madre Maria Catarina de Albuquerque de Azevedo Coutinho, religiosa no convento das Dominicanas de Baza, Granada, Espanha.

SUFRÁGIOS

João Plácido Gomes Duarte

Mandada dizer pela família enlutada é celebrada amanhã — sábado — às 10 e 30, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, missa do 7.º dia, por alma de João Plácido Gomes Duarte agente de publicidade dos nossos prezados colegas «Diário do Norte» e «Época» falecido no passado dia 28, nos quartos particulares do Hospital de São José vítima de grave enfermidade.

O extinto era casado com a sr.ª D. Odília Trindade Gomes Duarte, pai do quartanista de Medicina João Manuel Trindade Gomes Duarte irmão da sr.ª D. Henriqueta Gomes Duarte Alvarez e Gabriel Paulo Gomes Duarte e primo dos nossos camaradas de Imprensa, Artur, José Estêvão e Luís Santos Jorge.

D. António Maria Corrêa da Silva Sampaio

Sua família participa que amanhã, dia 3, pelas 12 e 15 horas, na igreja de S. Mamede e no domingo, dia 4, pelas 19 horas, na capela da sua casa em Castelo Novo, será celebrada missa de 7.º dia pelo seu eterno descanso.

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades.

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45-3.º
LISBOA

Telefs. 36 74 44 - 32 31 72

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que, morreram em combate: na província da Guiné, o soldado do recrutamento provincial n.º 821799/69, Malan Quebé; na província de Angola o soldado n.º 015309/70 Manuel Rodrigues Amorim, natural de Arcos de Valdevez, filho de Olídia Rodrigues Amorim, e na província de Moçambique o soldado do recrutamento provincial n.º 708286/69, Gervásio Bernardo e o primeiro-cabo n.º 091868/79, Fernando Pestana, natural do Funchal, filho de Manuel Pestana Domingos e de Teresa de Jesus Caldeira.

Imposto profissional

Termina no dia 15 o prazo para reclamações sobre o rendimento do Imposto Profissional, respeitante ao ano de 1970.

A reclamação escrita em papel selado, deve ser dirigida á Comissão a que alude o artigo 15.º do Código de Imposto Profissional.

Moradias – Seixal

TERRENOS

Os que restam c/ projecto cálculos registo, escritura Alvará da C M S Perto escolas técnica e primária Zona comercial cinema etc Baratos. Uma pechincha.
Telef 2790998

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

CENÍCER

CENTRO DE INDUSTRIAIS DE CERÂMICA, S. C. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

2.ª CONVOCAÇÃO

Nos termos dos artigos 14.º e 17.º do Estatuto, convoco os Senhores Associados a reunirem-se em assembleia geral (em 2.ª convocação) no próximo dia 16 de Abril pelas 19 horas, na sua sede provisória Telheiras de Cima, 144 (Quinta de S. Vicente), Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

— Apreciação e votação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal, relativos ao exercício de 1970.

Lisboa, 30 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Pela CERÂMICA DO SUL, LDA.
a) Eng.º João Barata Gagliardini Graça

Conforto, elegância e modernismo três características dos nossos magníficos apartamentos

APARTAMENTOS MOBILADOS

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ÓPTIMA APLICAÇÃO PARA O SEU CAPITAL

Em Lisboa, Amadora, Reboleira, Paço de Arcos e Cascais pode comprar para habitação ou rendimento propriedades de 140 a 1100 contos

6.000 CLIENTES SATISFEITOS RECOMENDAM-NOS

INFORMAÇÕES PARA ALUGUER E VENDA

LISBOA — PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, N.º 15 — Tels 45843-47843

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, N.º 104-CAVE

NOTÁRIO: LICENCIADO AURÉLIO ASSIS FERREIRA

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 26 do mês em curso, lavrada de fls. 6, v.º a fls. 8, v.º do livro N.º 132-C, deste cartório, foi alterado o artigo 3.º do pacto social da sociedade comercial por quotas «ANÍBAL, ADELINO, VAZ & FERNANDES, LIMITADA» com sede em Lisboa, na Rua Conde Redondo, 53-A, o qual foi substituído pelo seguinte:

3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores que constituem o activo da sociedade, é de 50.000$00 e está representado e dividido por duas quotas de valor igual pertencendo uma a cada sócio.

É certidão de narrativa e teor parcial que está conforme ao original, não havendo nada em contrário ou além dele.

Lisboa, vinte e nove de Março de mil novecentos e setenta e um.

O Ajudante,

Artemísia da Conceição Milheiro

D. António Maria Corrêa da Silva Sampaio

Confortado com todos os Sacramentos da St.ª Madre Igreja

MISSA DO 7.º DIA

Thereza Gil de Borja Corrêa de Sampaio, Pedro Gil Corrêa de Sampaio sua mulher e filhos, Maria Rita Gil Corrêa de Sampaio, Maria das Dores Corrêa de Sampaio Fortes da Gama seu marido e filhos, Tereza Maria Corrêa de Sampaio Calheiros Ponces seu marido e filhos, José Gil Corrêa de Sampaio sua mulher e filhos, Maria Antónia Corrêa de Sampaio de Castelo Branco, Luísa d'Avillez Corrêa de Sampaio, Maria da Conceição Van-Zeller Gil de Borja, participam que foi Deus Servido Chamar À Sua Divina Presença, o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, e cunhado, e que amanhã, dia 3, será celebrada Missa, pelas 12 15 horas, na Igreja de S. Mamede, e no Domingo, dia 4 ás 19 horas, na Capela de sua casa em Castelo Novo.

A. G. MAGNO, LDA.
L. Frei Heitor Pinto, 2-B
Telef. 723595

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 3 1/4%	—	—	486$
Consolidado 3%	495$	—	495$
Consolidado 3 1/2%	—	—	604$
Centenário 4%	1.400$	—	[illegible]
Obr. Tesouro 5%	1.000$	—	[illegible]
Externo 1.ª série	—	585$	—
Externo 1.ª série B	—	605$	—
Externo 3.ª série	—	680$	—
Externo 3.ª série C	—	—	770$
Cautelas 3.ª série	—	165$	—

OBRIGAÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A ... 5% 56	—	—	—
A ... 5% 58	—	—	—
C P 4 1/4% 65	—	—	—
C P 5 1/4% 67	—	—	—
C U F 6%	935$	930$	940$
C U F 6% 68	—	905$	925$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/4% 51	—	855$	—
Gás Elect 5% 54	—	—	—
Gás Elect 5% 56	—	840$	—
Gás Elect 5% 59	—	830$	—
Gás Elect 5% 62	—	955$	980$
Gás Elect 5% 64	—	950$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 61	—	970$	—
H E Alentejo 5%	—	780$	795$
H E Cávado 5%	765$	765$	—
H E Cávado 6%	—	930$	940$
H E Douro 5%	765$	765$	—
H E Douro 6%	—	930$	945$
H E Norte Port 5%	—	—	860$
H E S. Estrela 6%	—	925$	—
H E Zêzere 5% 58	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	770$
Lisnave 6%	—	930$	—
Metropolitano 4%	890$	890$	895$
Metropolitano 5 1/4%	960$	960$	965$
Moçambique 5%	—	680$	—
Nac. Elect 5%	—	750$	755$
Nitratos 5%	—	750$	—
Nitratos 5% 60	—	750$	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	965$	970$
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	730$	730$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	—
Sonefe 5%	—	780$	—
... A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 5 3/4%	—	—	—
U E P 4%	89$	—	—
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	700$	730$
U E P 5% 60	—	710$	—
U E P 5% 63	—	860$	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro 52 54 — LISBOA — Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 47 ALAP P

ACÇÕES — Bancos	Efec.	Compra	Venda
Agricultura	2.785$	2.785$	2.790$
Alentejo	1.170$	1.160$	1.170$
Angola	3.940$	3.910$	3.940$
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	7.800$	7.800$	8.000$
E. Santo	6.497$	6.495$	6.499$
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas S B	—	—	26.000$
Fomento	2.900$	2.880$	[illegible]
L S Açores p	—	—	—
L S Açores n	—	—	—
... Atlântico p	6.200$	6.200$	6.250$
Portugal n	—	3.350$	3.370$
Portugal p	—	4.050$	4.300$
Tott. Aliança	5.860$	5.850$	5.860$
Ultramarino n	3.895$	3.895$	3.900$
Ultramarino p	4.220$	4.210$	4.230$
Seguros			
Alentejo	158$	158$	159$
Douro	—	2.200$	—
Mundial	10.25$	1.022$	1.030$
Sagres	—	2.860$	2.950$
Tranquilidade	—	—	95.000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	750$	780$
Ag. Cassequel	620$	618$	625$
Ag. ...comah	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	[illegible]00$	[illegible]30$
Sorar	—	124$	[illegible]28$
Sul	—	68$	70$
...anda	—	212$	220$
Diamantes Angola	—	2.150$	2.200$
... Leste	—	620$	650$
Ilha do Príncipe	—	—	700$
Moçambique	—	80$	—
Sonefe n	—	420$	423$
Sonefe p	429$	428$	430$
Zambézia	—	66$	—
Diversas			
Cidla	6.950$	—	7.100$
Cim. Leiria	—	4.400$	4.600$
Cim. Tejo	—	8.000$	8.200$
Co. Navegação	—	—	—
C U F	—	1.350$	[illegible]440$
... Aliança	—	650$	700$
Nac. Navegação	3.800$	3.750$	3.850$
Petroquímica	1.240$	1.230$	[illegible]300$
Port. e Colónias	—	—	1.250$
Port. Celulose	5.220$	4.200$	4.250$
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	—	610$	620$
Sacor	4.070$	4.070$	4.100$
Siderurgia Nac.	2.270$	2.270$	—
Soce	3.66[illegible]	3.650$	3.680$
Tabacos de Portugal	—	—	1.500$
Tabaqueira	6.250$	6.230$	6.300$
U F Azoto	665$	660$	670$
Águas Elect. e Gás			
Águas Lisboa p	—	390$	—
Águas Lisboa 54	—	423$	430$
Águas Lisboa 56	—	400$	—
C R Electricidade	1.199$	1.199$	[illegible]200$
C R Electricidade nom	—	[illegible]190$	[illegible]
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beiras	[illegible]730$	[illegible]725$	735$
Gás Electr	446$5	446$	447$
H E Alto Alentejo	180$	179$5	180$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S. Estrela	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U E P	—	203$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
... Atlântico	—	126$2	130$
F I D E S	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	26/3/71	1/4/71	2/4/71
GERAL	151,9	152,2	152,2
METROPOL.	148,1	148,1	149,0
ULTRAM.	179,6	182,6	182,8

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
—Dollars de 1 a ...	27$90	28$40
— de 5 a 20	28$20	28$70
— de 50 a 1000	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	5$00	6$50
Áustria — Schilling	[illegible]	[illegible]
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40.5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$[illegible]0
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04.4	$04.7
Marrocos — Dirham	4$90	5$50
Noruega — Coroa	3$85	4$[illegible]5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$20	38$20

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Papéis de crédito
Notas estrangeiras
Tel. 231278

Bilhetes de «Fim-de-Semana»

A A. C. P. informa que, na semana da Páscoa, os bilhetes de «Fim de Semana» são válidos, para início da viagem de Ida, desde as 17-00 horas do dia 7, quarta-feira, até às 12-00 horas de domingo, dia 11, e, para início da viagem de Regresso, desde as 12-00 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 13.

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

ESTREIA HOJE ÀS 21.30
Color
Jack Nicholson e **Karen Black**
em
DESTINOS OPOSTOS

Às 15.15 e 18.15 — Adultos — Últimas exibições de
ENTRE A HONRA E O AMOR

ALVALADE

(M 12 anos) Tel. 717480

Às 15.45 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Technicolor
Um filme de Howard Hawke

EUROPA

(M: 6 anos) Tel. 661016

Hoje, ás 15.15 e 21.30
A maior obra-prima no desenho animado
Música — Alegria — Ternura
Um filme de **Walt Disney**
B A M B I
Technicolor
Versão portuguesa

POLITEAMA

(M 12 anos) Tel 426305

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA
UM FILME DE ALTA EMOÇÃO E DE SENSAÇÃO ESPECTACULAR
AS RODAS DA LOUCURA
com **Darren McGavin**, **Sean Garrison**, **Susan Clark** e **Anne Baxter**

DOMINGO — ÀS 11 HORAS
SESSAO INFANTIL
com 2 filmes admiráveis e brindes. BRINDE ESPECIAL: as crianças que fizerem anos no **domingo** têm **entrada grátis** e uma foto colorida, que lhes tira o fotógrafo **Rod**
(M. 6 anos)

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593

Às 21.30 h.
Uma história apaixonante com **Jean Paul Belmondo** e **Annie Girardot**
O HOMEM DE QUEM EU GOSTO
Um êxito do realizador **Claude Lelouch**

SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel 54153

Às 15.15 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
DE UM INVULGAR ÊXITO!
O PATIFE
com Jean-Louis Trintignant

DOMINGO, às 11 h. da manhã
CINEMA COM CRITÉRIO
A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD
com Jean-Louis Trintignant e Françoise Fabian
Patrocínio do Cineclube Católico
(M. 17 anos) Preço 15$00

ODEON

(M. 6 anos) Tel. 326283

Às 15.15 e às 18.15 (pr red.)
EM ÊXITO TOTAL
O GRANDIOSO FILME DE DESENHOS ANIMADOS PARA CRIANÇAS
AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA
(Eastmancolor)
SÓ A NOITE, ÀS 21.30
(M 17 anos)
Sara Montiel em 5.ª semana triunfal no filme **ESSA MULHER**

VOX

(Adultos) Tel 720808

Às 21.45 h
5.ª SEMANA DE SENSAÇÃO
Com o excitante e discutido filme colorido de **André Cayatte**
OS CAMINHOS DE KATMANDOU
Soberbo desempenho de **Pascale Andret**, **Serge Gainsbourg** e **Arlène Dahl**

Às 18.30 (M 6 anos)
A RAPARIGA DOS ALPES
Um belo filme em Technicolor
Junto à Av. de Roma

CHIADO TERRASSE

(M 17 anos) Tel. 320917

Às 21 h
COLUNA DE CINZAS
OS AMBICIOSOS

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 264821

Às 17 e ás 21.30 h.
MAIS ESCURO QUE AMBAR
com **Rod Taylor**, **Suzy Kendall**, **Theodore Bikel** e **Jane Russel**

SÁBADO — Matinée **Infantil** ás 15.30 h. — (M. 6 anos)
UM MILHAO DE DÓLARES NUMA COLEIRA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel 555131

Às 15.15 e 21.30
O talento e a voz
A presença e o charme de **Barbra Streisande** e **Yves Montand** em
MELINDA
Realização de **Vicente Minnelli**
Technicolor — Panavision

QUINZENA SÉRIE NEGRA
Hoje — Adultos — 18.45 h.
O PRISIONEIRO DO PASSADO
de Delmer Daves, c. Humphrey Bogart e Lauren Bacal

SATÉLITE

(Adultos) Tel 362632

6.ª SEMANA
Às 15.30 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Sautet
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Prémio Louis Dellus
com Michel Piccoli, Romy Schneider, Lea Massari

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

Às 15.30 18.30 e 21.45
13.ª SEMANA
Um filme romântico
O SILENCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Matthieu Carrière
EASTMANCOLOR

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743

Às 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine e **Clint Eastwood** numa espectacular aventura para não mais esquecer!
OS ABUTRES TEM FOME
Um filme de mestre Don Siegel
Em Panavision e Technicolor
(...) Estação Picoas

ROMA

(Adultos) Tel. 72778

Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
A grande interpretação de **Jean Gabin**
A HONRA DA FAMILIA
Technicolor

CONDES

(Adultos) Tel 322523-326710

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Um filme de **François Truffaut**
DOMICILIO CONJUGAL
com **Jean Pierre Léaud** e **Claude Jade**

BERNA

(M 12 anos) Tel 776098

Às 18.30 e 21.45 h.
2.ª SEMANA SENSACIONAL!
Peter O'Toole, **Ava Gardner** e **Richard Harris** na espectacular superprodução de **Lino de Laurentiis**, realizada por mestre **John Huston**
A BIBLIA
Um filme de todos os tempos, agora em Panavision de 70 mm. e Technicolor!
À Av. Marquês de Tomar

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 795293

Às 21 horas
OS 3 SUPER-HOMENS EM TÓQUIO
KIOWA

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037

Às 21 horas
CHUVA NA PRIMAVERA
UM PERIGO EM CADA CURVA

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

Às 21 horas
JUVENTUDE INQUIETA
UMA MULHER NO CIMENTO

TIVOLI

(M 17 anos) Telef. 50595

4.ª SEMANA
Às 3 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
Lilli Palmer, **Cristina Galbo** e **John Moulder Brown** em
INTERNATO DE RAPARIGAS

RESTAURADORES

(M. 12 anos) Tel. 610375

Às 21.30
NEM SEMPRE SE PODE GANHAR
com **Tony Curtis** e **Charles Bronson**

AVIS

(Adultos) Tel 47163

Às 15.30 e 21.45
Divertida comedia sentimental!
QUEM SE METE COM RAPAZES...
com Gianni Morandi
Technicolor

IMPERIAL

(M 17 anos) Tel. [illegible]

Às 21 h
GIGANTES NO INFERNO
O MISTÉRIO DA ORQUÍDEA VERMELHA

IMPÉRIO

(Adultos) Tels 555134/5

Às 15 e às 21.15
2.ª SEMANA
A mais bela história de **amor** no ambiente escaldante da revolução
Segundo **Boris Pasternack**
Um filme de **David Lean**
«DOUTOR JIVAGO»
com Omar Sharif, Geraldine Chaplin — Julie Christie
70 mm — Metrocolor
ATENÇÃO: O filme começa a ser exibido às 15.15 e às 21.30

ESTÚDIO

(Adultos) Tel 555134

4.ª SEMANA
Às 15.30 18.30 e 21.45
A obra-prima de **Jean Luc Godard**
«O ACOSSADO»
(A Bout de Souffle)
com **Jean Paul Belmond** e **Jean Seberg**

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320760

Às 15.15, 18.30 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Um filme de Howard **Hawks**
com **Jennifer O'Neil**
Technicolor

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contrato» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Frangos na grelha» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 40: «A Cozinha» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «O Duelo» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «As Irmãzinhas» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45: «Depois da queda» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «Tarzan em Nova York» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Os 7 magníficos» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Ben-Hur» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «O Advogado» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Jamaica» (17 anos).
ARCO-IRIS — Às 21: «Tempo de massacres» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «David Copperfield» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «A Fúria do Ouro» e «Doze mais um» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Mais escuro que Ambar» (17 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Ansia de Amar» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Que há de novo gatinha» (17 anos).

● Linha de Sintra

QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Que há de novo gatinha» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15. «Joe procura um sítio para morrer» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Isadora» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «A vida é sempre assim» (12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 15: «O Pirata invisível» (12 anos).

● PORTO

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45:

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Vem aí Tepeda» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Antes morto que vivo!» (12 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Porto Massacre» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Cinco para o Inferno» (17 anos
BATALHA — Às 21 e 30: «O gendarme em férias» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Meninas» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Uma mulher meiga» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Django desafio Sartana» e «A vingança de Spartacus» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O preço do poder» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Ben-Hur» (12 anos).
NUN'ALVARES — Às 21 e 30: «Assalto ao Queen Mary» (12 anos)

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A filha de Ryan» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «A honra da família» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Um tiro pelo culatra» (17 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda 222 (tel 638256) * **Tapada**, Calçada da Tapada 83-A (tel 634721)
ALCÂNTARA — Estei Nogueira, Rua de Alcântara 5-A (tel 637563)
ALFAMA — Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro, 36 (tel 886126)
ALTO DE S. JOÃO — Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque (á Praça Paiva Couceiro), 7-A (tel 843571)
ALVALADE — Líbia, Av da Igreja, 4-B (t 71168) * **Celta**, Rua Moura Girão 3-B (tel 710621)
AMOREIRAS — Amoreiras Praça das Aguas Livres 8-D (tel 681515)
ANJOS — Antolin, Avenida Almirante Reis, 88-B (tel 44 73) * **Magalhães**, Avenida Almirante Reis, 4-D (tel 49479)
ARCO DO CEGO — Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (tel 770324
AREEIRO — Marbel, Av de Roma, 31-A (telefone 776235) * **Lusitânia**, Avenida de Roma, 8-A (tel 725443 * **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel 71033) * **Celta** R Moura Girão, 3-B (telefone 710621)
BAIRRO ALTO — Gonçalves, Rua da Rosa 76 (tel 262687.
BAIRRO DA LIBERDADE — Zenel, Rua A 82 (tel 65 840)
BAIXA — Formosinho, Praça dos Restauradores, 8 (tel 30927) * **Normal**, Rua da Prata, 220 (tels 32 342-325553)
BELÉM — Botânica, R da Junqueira, 38 (telefone 638132)
BENFICA — Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (t 703697) * **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444-A (tel 782606) * **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (telefone 78084)
CAMPOLIDE — Nova, Rua de Campolide, 297-C (tel 687475) * **Ronil** Rua Rodrigo da Fonseca 53 (tel 683438
CAMPO DE OURIQUE — Findor, Rua Maria Pia 514 (tel 687949
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria 7 (tel 553308)
CASTELO — Santa Luzia Rua da Saudade 2-B (tel 86983)
CONDE BARÃO — Aceitona, Largo do Conde Barão, 2 (tel 66 330)
ENCARNAÇÃO — [illegible] Praça das Casas Novas, lote 66 (Bairro da Encarnação) (tel 310172)
ESTEFÂNIA — Dévio, Rua Açores 32 (t 52388)
ESTRADA DA DAMAIA — Progresso, Estrada da Damaia 64-C (t 702226)
ESTRELA — Lmalde, R Ferreira Borges, 30 (telefone 660955) * **Neves**, R da Bela Vista, 35 (telefone 66125)
LUMIAR — Patuleia, R do Lumiar 22 (t 790332 * **Douro**, Alameda das Linhas de Torres 93-A (t 99131)
MADRE DE DEUS — Madre de Deus, Rua do Margem, 5-B (ao Bairro do Grilo) (tel 382470)
OLIVAIS — Simão, Rua Cidade de Cabinda, 6-A (junto à piscina) (telefone 31058)
PEDROUÇOS — Higilux Rua de Pedrouços, 50 (telefone 610280)
PENHA DE FRANÇA — Europa, Avenida General Roçadas 27-A (t 843880) **Fonseca**, Rua Carvalho Araujo, 46-B (tel 84 708) **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado 20-A (telefone 84436) * **Zema**, Rua General Justiniano Padrel, (à Calçada dos Barbadinhos) (tel 837580)
PICHELEIRA — [illegible] Calçada da Picheleira, 40-B (t 720703-728395)
SANTA MARTA — Meireis Sarmento, R de Santa Marta 5-A-B (telefone 46490)
S. BENTO — Micael, R de S. Bento, 380 (telefone 66462)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Berna, Avenida de Berna, 44-A (telefone 773568 * **Sá da Bandeira** Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (telefones 4 76 -54672) * **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (tel 48966-553601)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miraflores — R António Granio, 2 (Tel. 2 316
CAXIAS — Nova — R Bernardim Ribeiro -A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho de Silva — Av Patrão Lopes 4 (T 2432039)
OEIRAS — Central — R João [illegible] Simões, 18 (Tel 2430058)
PAREDE — Grincho — Av da Republica 87 (tel 247 204)
ESTORIL — Marques dos Santos — R Ferreira, J-A, 5 (Tel 260116)
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Tel 280078) * **A. Costa** — R Freitas Reis 24-C (Tel 280241)
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (Tel 263052)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P D João I Lote 46 — Bairro Janeiro (T. 932210) * **Central** — Av Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932710) * **Igreja** — P da Igreja, 22-A (Tel 937740) * **Jardim** — Av Conde de Oeiras, Loja X-1 (T. 938424).
DAMAIA — D João V — Av Gurgel do Amaral, 2-A (Tel 970461)
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 78 (Telefone 950 71) * **Simões Lopes** — Av Elias Garcia 5 (Tel 950123)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est Mem Martins, 285 (Tel 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel [illegible]0456)
SINTRA — [illegible] — L. [illegible] (Tel. [illegible]058).
COLARES — Colares — [illegible]eia (Tel. 299088

● Outra banda

ALCOCHETE — Gameiro — L António dos Santos Jorge, 5 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (Tel 224070
ALMADA — Magalhães — R Capitão Leitão 8-A (Tel 270241)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional, 74 (Tel 224302
BARREIRO — Avenida — Av Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2273216).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro, 8 (T 270254)
MOITA — Silva Rocha — P da Republica 6 (Tel 239029)
MONTIJO — Giraldes, R Almirante Reis, 45 (Tel 230008)
SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Tel 229471)
SETUBAL — Marques — R Arronches Junqueiro (T 22783) * **Bonfim** — Av Rodrigues Manitto, 8 (Tel. 24558)
SEIXAL — Seromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560)

PORTO

Alves, R. Exército Libertador, 62 (Tel 60002) * **Alves Moreira** Av Rodrigues de Freitas, 61 (Tel 51889) * **Antiga Porta do Olival** Campo M. da Pátria, 22 Tel 24262) * **Avenida**, Av da Boavista, 106 (Tel 60342) * **Barros**, Rua do Bonjardim, 292 (Tel 47032) * **Batalha** P da Batalha, 26 (Tel 29524) * **Boa Hora**, R da Boa Hora, 80 (Telefone 28783) * **Campo**, P da República, 8 (Telefone 25116) * **Couto**, L de S. Domingos 06 (Tel 25963) * **Estácio**, Rua de Sá da Bandeira, 20 (Telefone 22664 * **Menezes de Lima**, P Dr Pedro I Pereira, 227 (Tel 51764) * **Nau Vitória**, Rua Nau Vitória, 123 (Tel 490427 * **Silva Pereira**, Rua Costa Cabral, 293 (T 40761) * **Foz**, Rua Senhora da Luz, 382-Foz (T 680 27)

● COIMBRA

Machado — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 23787) * **Sílvia** — Largo do Sé Velha (tel. 23234) * **Cudiano & Matos** — Rua da Sofia (tel 22147).

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

ESTREIA HOJE ÀS 21.30
Color
Jack Nicholson e Karen Black
em
DESTINOS OPOSTOS

Às 15.15 e 18.15 — Adultos — Últimas exibições de
ENTRE A HONRA E O AMOR

ALVALADE

(M 12 anos) Tel. 717480

Às 15.45 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Technicolor
Um filme de Howard Hawke

EUROPA

(M: 6 anos) Tel. 661016

Hoje, ás 15.15 e 21.30
A maior obra-prima no desenho animado
Música — Alegria — Ternura
Um filme de **Walt Disney**
BAMBI
Technicolor
Versão portuguesa

POLITEAMA

(M 12 anos) Tel 426305

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA
UM FILME DE ALTA EMOÇÃO E DE SENSAÇÃO ESPECTACULAR
AS RODAS DA LOUCURA
com Darren McGavin, Sean Garrison, Susan Clark e Anne Baxter

DOMINGO — ÀS 11 HORAS SESSÃO INFANTIL
com 2 filmes admiráveis e brindes. BRINDE ESPECIAL: as crianças que fizerem anos no **domingo** têm **entrada grátis** e uma foto colorida, que lhes tira o fotógrafo **Rod**
(M. 6 anos)

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593

Às 21.30 h.
Uma história apaixonante
com **Jean Paul Belmondo e Annie Girardot**
O HOMEM DE QUEM EU GOSTO
Um êxito do realizador
Claude Lelouch

SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel 54153

Às 15.15 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
DE UM INVULGAR EXITO!
O PATIFE
com Jean-Louis Trintignant

DOMINGO, às 11 h. da manhã
CINEMA COM CRITÉRIO
A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD
com Jean-Louis Trintignant
e Françoise Fabian
Patrocínio do Cineclube Católico
(M. 17 anos) Preço 15$00

ODEON

(M. 6 anos) Tel. 326283

Às 15.15 e às 18.15 (pr red.)
EM ÊXITO TOTAL
O GRANDIOSO FILME DE DESENHOS ANIMADOS PARA CRIANÇAS
AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA
Eastmancolor)
SÓ À NOITE, ÀS 21.30.
(M 17 anos)
Sara Montiel em 5.ª semana triunfal no filme **ESSA MULHER**

VOX

(Adultos) Tel 720808

Às 21.45 h
5.ª SEMANA DE SENSAÇÃO
Com o excitante e discutido filme colorido de **Andre Cayatte**
OS CAMINHOS DE KATMANDOU
Soberbo desempenho de
Pascale Andret, Serge Gainsbourg e Arlène Dahl

Às 18.30 (M 6 anos)
A RAPARIGA DOS ALPES
Um belo filme em Technicolor
Junto à Av. de Roma

CHIADO TERRASSE

(M 17 anos Tel. 320917

Às 21 h
COLUNA DE CINZAS
OS AMBICIOSOS

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 264821

Às 17 e ás 21.30 h.
MAIS ESCURO QUE AMBAR
com **Rod Taylor, Suzy Kendall, Theodore Bikel e Jane Russel**

SÁBADO — **Matinée Infantil** ás 15.30 h. — (M. 6 anos)
UM MILHÃO DE DÓLARES NUMA COLEIRA

MONUMENTAL

(M 12 anos) Tel 555131

Às 15.15 e 21.30
O talento e a voz
A presença e o charme **de Barbra Streisande e Yves Montand** em
MELINDA
Realização de **Vicente Minnelli**
Technicolor — Panavision

QUINZENA SÉRIE NEGRA
Hoje — Adultos — 18.45 h.
O PRISIONEIRO DO PASSADO
de Delmer Daves, c Humphrey Bogart e Lauren Bacal

SATÉLITE

(Adultos Tel 762632

6.ª SEMANA
As 15.30 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Soutet
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Premio Louis Delluc
com Michel Piccoli, Romy Schneider, Lea Massari

ESTÚDIO 444

(Adultos Tel 779095

As 15.30 18.30 21.45
13.ª SEMANA
Um filme romântico
O SILENCIO DO AMOR
com Marie Dubois
e Matthieu Carrière
EASTMANCOLOR

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743

Às 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine e Clint Eastwood numa espectacular aventura para não mais esquecer!
OS ABUTRES TEM FOME
Um filme de mestre Don Siegel
Em Panavision e Technicolor

1971 Estação Pessoas

ROMA

(Adultos) Tel. 72778

Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
A grande interpretação de
Jean Gabin
A HONRA DA FAMILIA
Technicolor

CONDES

(Adultos) Tel 322523-326710

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Um filme de **François Truffaut**
DOMICILIO CONJUGAL
com **Jean Pierre Léaud e Claude Jade**

BERNA

M 12 anos) Tel 776098

Às 18.30 e 21.45 h
2.ª SEMANA SENSACIONAL!
Peter O'Toole, Ava Gardner e Richard Harris
na espectacular superprodução de **Dino de Laurentiis, realizada** por mestre **John Huston**
A BIBLIA
Um filme de todos os tempos, agora em Panavision de 70 mm e Technicolor!
À Av. Marquês de Tomar

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 795293

Às 21 horas
OS 3 SUPER-HOMENS EM TÓQUIO
KIOWA

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037

Às 21 horas
CHUVA NA PRIMAVERA
UM PERIGO EM CADA CURVA

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

Às 21 horas
JUVENTUDE INQUIETA
UMA MULHER NO CIMENTO

TIVOLI

M 17 anos Telef 50595

4 SEMANA
Às 3 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
Lilli Palmer, Cristina Galbo e John Moulder Brown em
INTERNATO DE RAPARIGAS

REX

(M. 12 anos) Tel. 610375

Às 21.30
NEM SEMPRE SE PODE GANHAR
com **Tony Curtis** e **Charles Bronson**

AVIS

(Adultos) Tel 47163

Às 15.30 e 21.45
Divertida comedia sentimental!
QUEM SE METE COM RAPAZES ..
com Gianni Morandi
Technicolor

IMPERIAL

(M 17 anos

Às 21 h
GIGANTES NO INFERNO
O MISTÉRIO DA ORQUÍDEA VERMELHA

IMPÉRIO

(Adultos) Tels 555134/5

Às 15 e às 21.15
2. SEMANA
A mais bela história **de amor** no ambiente escaldante da evolução
Segundo **Boris Pasternack**
Um filme de **David Lean**
«DOUTOR JIVAGO»
com Omar Sharif, Geraldine Chaplin — Julie Christie
70 mm — Metrocolor
ATENÇÃO O filme começa **a** ser exibido às 15.15 e às 21.30

ESTÚDIO

Adultos Tel 555134

4.ª SEMANA
Às 15.30 18.30 e 21.45
A obra-prima de
Jean Luc Godard
«O ACOSSADO»
A Bout de Souffle)
com **Jean Paul Belmond e Jean Seberg**

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Um filme de Howard **Hawks**
com **Jennifer O'Neil**
Technicolor

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contrato» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Frangos na grelha» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 40: «A Cozinha» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «O Duelo» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «As Irmãzinhas» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45 «Depois da queda» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21 e 9: «Tarzan em Nova York» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Os 7 magníficos» (12 anos)
PARIS — Às 21: «Ben-Hur» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «O Advogado» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Jamaica» (17 anos).
ARCO-IRIS — Às 21: «Tempo de massacre» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «David Copperfield» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «A Fúria do Ouro» e «Doze mais um» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Mais escuro que Ambar» (17 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Ansia de Amar» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Que há de novo gatinha» (17 anos).

Linha de Sintra

QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Que há de novo gatinha» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15 «Joe procura um sítio para morrer» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Isadora» (17 anos)

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «A vida é sempre assim» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 15: «O Pirata invisível» (12 anos).

PORTO

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: [illegible]

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Vem aí Tepeda» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Antes morto que vivo!» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Porto Massacre» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Cinco para o Inferno» (17 anos
BATALHA — Às 21 e 30 «O gendarme em férias» (12 anos
TRINDADE — Às 21 e 30: «Meninas» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30 «Uma mulher meiga» (17 anos
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Django desafia Sartana» e «A vingança de Spartacus» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O preço do poder» (12 anos
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Ben-Hur» (12 anos).
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «Assalto ao Queen Mary» (12 anos)

COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A filha de Ryan» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «A honra da família» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Um tiro pelo culatra» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda 222 (tel 638256) * **Tapada**, Calçada da Tapada 83-A (tel 634721)
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, Rua de Alcântara 5-A (tel 637563)
ALFAMA — Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro, 36 (tel 886126)
ALTO DE S. JOÃO — Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque (à Praça Paiva Couceiro), 7-A (te 843571)
ALVALADE — Líbia, Av da Igreja, 4-B (t 71 68') * **Celta**, Rua Moura Girão 3-B (tel 71062')
AMOREIRAS — Amoreiras Praça das Aguas Livres 8-D (tel 68'5'5)
ANJOS — Antolin, Avenida Almirante Reis, 88-B (tel 44 73) * **Magalhães**, Avenida Almirante Reis, 4-D (te 49479)
ARCO DO CEGO — Providência, Rua D Filipa de Vilhena, 9-C (tel 770324
AREEIRO — Marbel, Av de Roma, 31-A (teletone 776235) * **Lusitânia**, Avenida de Roma, 8-A (tel 725443 * **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel 71033') * **Celta** R Moura Girão, 3-B (telefone 710621)
BAIRRO ALTO — Gonçalves, Rua da Rosa 76 (te 262687.
BAIRRO DA LIBERDADE — Zenel, Rua A 82 tel 65 840)
BAIXA — Formosinho, Praça dos Restauradores, 8 (te 30927) * **Normal**, Rua da Prata, 220 (teis 32 342-325553)
BELÉM — Botânica, R da Junqueira, 38 (telefone 638'32)
BENFICA — Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (t 703697) * **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444-A (tel 782606) * **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (telefone 78084')
CAMPOLIDE — Novo, Rua de Campolide, 297-C (tel 687475) * **Ronil** Rua Rodrigo da Fonseca 53 (tel 683438
CAMPO DE OURIQUE — Findor, Rua Maria Pia 514 (te 687949
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria 17 (te 553308)
CASTELO — Santa Luzia Rua da Saudade 2-B (te 86983')
CONDE BARÃO — Acoriana, Largo do Conde Barão, 2 (tel 66 330)
ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Bairro da Encarnação (tel 310 72)
ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores 32 (t 523881)
ESTRADA DA DAMAIA — Progresso, Estrada da Damaia 64-C (t 702261)
ESTRELA — Linalde, R Ferreira Borges, 30 (telefone 660955) * **Neves**, R da Bela Vista, 35 (telefone 66'25)
LUMIAR — Patuleia, R do Lumiar 22 (t 790332) * **Douro**, Alameda das Linhas de Torres 93-A (t 99''31)
MADRE DE DEUS — Madre de Deus, Rua da Margem 5-B (ao Bairro do Grilo, (tel 382470)
OLIVAIS — Simão, Rua Cidade de Cabinda, 6-A junto à piscina) (telefone 31058
PEDROUÇOS — Higilux Rua de Pedrouços, 50 (telefone 610280)
PENHA DE FRANÇA — Europa, Avenida General Roçadas, 27-A (t 843880) **Fonseca**, Rua Carvalho Araujo, 46-B (tel 84 708 **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado 20-A (telefone 84436) * **Zema**, Rua General Justiniano Padrel (à Calçada dos Barbadinhos) (tel 837580)
PICHELEIRA — Martins, Calçada da Picheleira, 40-B (t 720703-728395)
SANTA MARTA — Moreis Sarmento, R de Santa Marta 5-A-B (telefone 46490)
S BENTO — Micael, R de S. Bento, 380 (telefone 56262.
S SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Berna, Avenida de Berna, 44-A (telefone 773568 * **Sá da Bandeira** Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (telefones 4 96 54672) * **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (tel 48966-55360')

Linha de Cascais

ALGÉS — Miraflores — R António Granjo, 2 (Tel. 2 3 6
CAXIAS — Nova — R Bernardim Ribeiro -A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes 4 (T 2432039)
OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058)
PAREDE — Grincho — Av da Republica 87 (tel 247 204)
ESTORIL — Marques dos Santos — R Ferreira, J-A, 5 (Tel 260'16)
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Tel 280078) * **A. Costa** — R Freitas Reis 24-C (Tel 2802 4)
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (Tel 263052)

Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P D João I Lote 46 — Bairro Janeiro (T. 932210) * **Central** — Av Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932710) * **Igreja** — P da Igreja, 22-A (Tel 937740) * **Jardim** — Av Conde de Oeiras, Loja X-1 (T. 938424).
DAMAIA — D João V — Av Gurgel do Amaral, 2-A (Tel 97046')
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 78 (Telefone 950 71) * **Simões Lopes** — Av Elias Garcia 5 (Te 950'23)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est Mem Martins, 285 (Tel 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Colares — Azoreia (Te 299088

Outra banda

ALCOCHETE — Gameiro — L António dos Santos Jorge, 5 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (Te 224070
ALMADA — Magalhães — R Capitão Leitão 8-A (Tel 270241)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 74 (Tel 224302
BARREIRO — Avenida — Av Alfredo da Silva 88 (Tel. 2273216).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro, 8 (T 270254)
MOITA — Silva Rocha — P da Republica 6 (Tel 239029)
MONTIJO — Giraldes, R Almirante Reis, 45 (Tel 230008)
SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Te 22947')
SETUBAL — Marques — R Arronches Junqueiro (T 22783) * **Bonfim** — Av Rodrigues Manitto, 18 (Tel. 24558)
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel 22'8560)

PORTO

Alves, R. Exército Libertador, 62 (Tel 60002) * **Alves Moreira** Av Rodrigues de Freitas, 67 (Tel 5 889) * **Antiga Porta do Olival** Campo M da Pátria, 22 Te 24262) * **Avenida**, Av da Boavista, 6 (Tel 60342) * **Barros**, Rua do Bonjardim, 292 (Tel 47032) * **Batalha** P da Batalha, 26 (Tel 29524) * **Boa Hora**, R da Boa Hora, 80 (Telefone 28783) * **Campo**, P da República, 8 (Telefone 25'6) * **Couto**, L de S. Domingos 06 (Te 25963) * **Estácio**, Rua de Sá da Bandeira, 20 (Telefone 22664 * **Menezes de Lima**, P Dr Pedro I Pereira, 227 (Tel 5'764) * **Nau Vitória**, Rua Nau Vitória 123 (Tel 490427 * **Silva Pereira**, Rua Costa Cabral, 293 (T 4076 * **Foz**, Rua Senhora da Luz 382-Foz (T 680 27)

COIMBRA

Machado — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 23767) * **Sitália** — Largo da Sé Velha (tel. 23234) * **Luciano & Matos** — Rua da Sofia (tel 22147).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o céu estava muito nublado; o vento era moderado de Noroeste; caíam aguaceiros em alguns locais do Centro e Norte e chovia no Algarve.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa, 8°,2; mínima: Penhas da Saude. — 2°

TEMPERATURAS AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 8°; Penhas Douradas, 0°; Coimbra, 9° Portalegre, 6°; Lisboa, 10°, Faro, [illegible] Funchal, 5°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera, 11°; na água do mar, 13°.

PREVISAO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHA

Céu com periodos de muito nublado; vento moderado de Noroeste, soprando por vezes com rajadas, e aguaceiros que poderão ser de granizo nas regiões montanhosas.

Amanhã
Nascer ás 7 e 21
Ocaso ás 20 e 1

Hoje Dia 10 Dia 18 Dia 25

MARES:

PREIA-MAR: **Hoje** — 9 e 30 (3,2 m); 22 e 01 (3,3 m) **Dia 3** — 10 e 49 (3 m); 23 e 22 (3,2 m). **Dia 4** — 12 e 20 (3,1 m).

BAIXA-MAR. **Hoje** — 2 e 22 (1,6 m); 14 e 45 (1,8 m). **Dia 3** — 4 e 05 (1,8 m); 16 e 35 (2,m) **Dia 4** — 5 e 47 (1,8 m); 18 e 08 (1,9 m).

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

FUNERAIS DAS 14 VÍTIMAS DA TRAGÉDIA NO LOBITO

LOBITO (Angola), 2 — (ANI) — Milhares de pessoas participaram nos funerais das 14 vítimas do desmoronamento da represa do Liro, no Lobito, tendo os caixões sido transportados em viaturas dos bombeiros voluntários.

Incorporam-se no préstito o governador do Distrito, coronel Franco do Carmo, e o bispo da diocese, D. Armando Amaral dos Santos, bem como presidentes e vereadores das câmaras do Lobito e Benguela.

No cemitério, os caixões foram conduzidos por elementos das Forças Armadas, da Defesa Civil, bombeiros e Mocidade Portuguesa.

VEM AÍ A CURA DA LEUCEMIA?

JERUSALÉM, 2 — (R.) — Cientistas do Hospital (hebraico) Hadassah, desta cidade, anunciaram hoje ter alcançado «importante progresso no tratamento e possível prevenção da leucemia».

O prof. Goldblum disse aos jornalistas que uma equipa chefiada pelo dr. Emmanuel Heller está a trabalhar há dois anos á base do antibiótico Rifamphicina no tratamento de leucémicos.

O professor não afirmou que o tratamento na sua actual fase permite curar a leucemia, mas afirmou que ele constitui um importante passo em frente nesse sentido.

OS TELESPECTADORES INGLESES perderam uma noiva em potência. Julie Crossthwaite, de 19 anos, continuará a fazer anúncios de tabaco de cachimbo, mas o seu estado é diferente, pois casou-se com um escritor grego, Ion Voyantsis. Os sonhos desvaneceram-se em fumo... de cachimbo

Autorizados os partidos na Argentina

(Continuação da 1.ª página)

contra Peron, por alegado delito privado contra uma menor, cometido durante o exercício da presidência.

É este o unico processo que Peron tem pendente na Argentina.

O advogado do ex-presidente invoca a favor do seu pedido de prescrição declarações oficiais recentes sobre a unidade dos argentinos.

Por seu lado, o general Roberto Levingston comparecerá em breve diante do tribunal especial, que deverá proferir um julgamento sobre a conduta do ex-chefe de Estado durante o seu período de mandato presidencial.

Levingston, que como presidente da República destituiu o general Lanusse, foi, por sua vez deposto em 17 do mês passado pelos comandantes-chefes das três armas.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

SUBSECRETÁRIO DA SAÚDE NO CARTAXO

CARTAXO 2 — O subsecretário de Estado da Saúde, dr.ª D. Maria Teresa Lobo, desloca-se amanhã a esta vila, em visita de estudo. A chegada ao limite do concelho está prevista para as 9 e 30.

FEBRE-AMARELA EM ANGOLA

DEZANOVE CASOS (DOS QUAIS 11 MORTAIS) DE 15 A 21 DE MARÇO

LUANDA, 2 — (L.) — Na semania de 15 a 21 de Março passado, registaram-se 19 casos de febre amarela, com 11 óbitos — revelou a Direcção Provincial dos Serviços de Saude e Assistência de Angola, na sua informação periódica sobre a ocorrência de doenças infecto-contagiosas no território da província.

No seu ultimo comunicado, sobre febre amarela, aque-les Seerviços informam que «não se pensa, por enquanto, justificado considerar-se o surto epidémico como debelado, tanto mais que, como já foi assinalado em comunicados anteriores, os inquéritos a que se procedeu, e continua procedendo, têm revelado uma percentagem de população por vácinar ainda assaz elevada (32,4 por cento) em certas zonas da cidade (Cazenga)».

Seis párocos de Coimbra admitem a substituição da visita pascal

COIMBRA, 2 — Os párocos das freguesias de Santa Clara, Santa Cruz, S. Bartolomeu, da Sé Nova, da Sé Velha e de Nossa Senhora de Lurdes pedem-nos a publicação do seguinte:

«1) Desde o principio do ano passado, os párocos do arciprestado da zona urbana vêm reflectindo atentamente, a respeito das condições em que tem decorrido a Visita Pascal nas suas paróquias. Verificaram o reduzido valor pastoral da visita feita na forma habitual. E para melhor informação, procederam a consulta aos seus paroquianos em contactos pessoais, sondagem junto das famílias e assembleias publicas, preparadas e anunciadas através de convites dirigidos aos chefes de família e convocatória nos jornais.

«2) Colhidas as informações e sujeitas a cuidadoso exame, os referidos párocos concluíram que a Visita Pascal, por motivo das condições actuais da vida citadina, e desvirtuamento do verdadeiro sentido do referido acto religioso, carecia de valor pastoral e tornava urgente a conveniente renovação, preconizada aliás, por documento oportunamente enviado pelo rev. vigário-geral, ouvido o parecer do rev. arcipreste.

«3) Nesse sentido, os párocos acima indicados iniciaram o estudo de novas formas de contacto com os paroquianos em ordem a renovar ou a substituir a Visita Pascal ou realizá-la em moldes mais convenientes.

«4) Cada paróquia tomará, neste propósito, as iniciativas mais oportunas e eficazes, consoante as possibilidades e condicionalismos das respectivas comunidades.

«Oportunamente foram dadas as informações conveniente e pelos meios julgados mais idóneos.»

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO REUNIU-SE COM AS AUTORIDADES UNIVERSITÁRIAS

O ministro da Educação Nacional, prof. dr. Veiga Simão, voltou hoje a reunir-se com os reitores, vice-reitores e directores das Faculdades e Escolas Universitárias e outros membros dos Senados e Conselhos das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto e da Universidade Técnica de Lisboa.

Nas reuniões tomam também parte os subsecretários de Estado da Administração Escolar e da Juventude e Desportos, o presidente do Instituto de Alta Cultura e o director-geral do Ensino Superior.

As reuniões do ministro da Educação Nacional com as referidas autoridades universitárias, que começaram ontem, prosseguem amanhã.

SIDIAL
AVENIDA DE ROMA, 15-B
LISBOA

HILLMAN
SIMCA
SUNBEAM

É com prazer que o convida a visitar o seu Stand na Avenida de Roma, 15-B, onde de 1 até 7 de Abril, tem em exposição o novo automóvel.

Simca - 1100. S

Das 9 h
Até às 24 h
Aberto Sábado 3 de Abril

CHRYSLER DE PORTUGAL

SE PROVAR CASTELÕES SÓ PEDIRÁ CASTELÕES
Castelões é um queijo pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade

LOTARIA DA PÁSCOA
6.ª-feira, dia 9 de Abril
16 MIL CONTOS
Bilhetes e fracções à venda na
CASA COSTA
75, Rua de S. Paulo — Lisboa 2

Na Covilhã

As operárias à procura de infantários

1 — Movimentos de mulheres, sim ou não? A pergunta foi, ainda recentemente, posta durante um colóquio realizado no Cine-Clube do Barreiro, onde a mesa era constituída por Isabel do Carmo (médica), Sérgio Ribeiro (economista), e Helena Neves (nossa camarada de Redacção).

Se aquela médica era inequívocamente pelos movimentos femininos: — «*Tem de ser a mulher a lutar pelos seus direitos, pois, é a mais reprimida socialmente*» — Sérgio Ribeiro recordou que um movimento racista não tem cor, nem os movimentos de mulheres podem perder de vista a situação global.

Helena Neves, por seu turno, manifestou-se contra as secções femininas dos Sindicatos, e discordou da existência de movimentos femininos nos locais de trabalho. «*Fora deles (destes) concordo com movimentos de mulheres*», afirmou a concluir a sua intervenção.

E a pergunta volta a por-se-nos a todos nós. Movimentos de mulheres: sim ou não?

Não é menos importante para o caso assinalarmos algumas das posições assumidas pelos assistentes ao colóquio Houve, de facto, quem discordasse de qualquer segregação:

— «*Os movimentos reivindicativos são de todos*», defendeu uma jovem. Houve quem defendesse tal segregação — «*Muitas mulheres só começarão a lutar ao lado de mulheres*», opinou uma assistente. E, não se deixou de considerar que «*a própria gravidez não é um problema exclusivamente feminino*», em especial, no respeitante ao tempo remunerado em que se não trabalha, por virtude daquele estado.

Sim ou não? — perguntou-se de novo.

2 — Em termos de DEVER-SER, o que mais importa é lutar pelo desaparecimento da condição de assalariado, precisou o economista presente. Ao que é possível acrescentar: a posição da mulher no seio de uma sociedade de assalariados é já uma consequência secundária em face da consequência primeira (a de sequência primeira. Há que procurar uma assistência materno-infatil eficaz, ou lutar pela instauração de uma assistência médico-social ampla e efectiva para todos os membros activos de uma sociedade?

A disjunção não tem sentido. Qualquer dos caminhos a percorrer para a realização daquelas metas não são autonomizados. Antes se interpenetram. Não se excluem, antes se conjugam dialécticamente. E a eles terão que estar atentos uns e outras, homens e mulheres. A primazia dada a este ou áquele ponto resulta de uma táctica que as condições concretas de determinado momento aconselhem, e não de uma estratégia global.

Mas regressando ao tema em foco: os movimentos de mulheres são legítimos?

3 — Não pode negar-se a especificidade da situação feminina e de alguns dos seus problemas. Essa especificidade, aliada a razões de ordem táctica, explica (e justifica) a existência de movimentos de mulheres. A prática, de resto, tem demonstrado a sua razão de ser. Anotem-se os movimentos femininos nos E. U. A., que se outra utilidade não tivessem, deram a conhecer a situação concreta, real, da população feminina numa sociedade desenvolvida. Não se esqueça também a existência de tais movimentos nos países socialistas. Assim se compreende a legitimidade dos movimentos de mulheres, os quais deixarão de a ter sempre que a especificidade se transfor-

Cont. na pág. 4

O ensino secundário e o projecto da reforma

DURANTE três dias (11, 12 e 13 de Março) assistu-se em Braga a uma série de colóquios sobre a Reforma do Ensino. Do mesmo, apresentamos hoje a comunicação do dr. Raul Gomes, sobre o Ensino Secundário. Professor do Ensino Técnico no Porto, o dr. Raul Gomes é director da revista de cultura «Vértice», e responsável pela página semanal de EDUCAÇÃO de «O Comércio do Porto». (Páginas centrais)

MESA REDONDA

Crise de vocações na Marinha Mercante

Na década de 60-70, a frota mercante mundial evoluiu de 22 965 unidades para 28 141, o que representa um crescimento de 64 por cento. Acompanhando a expansão do comércio mundial, a tonelagem transportada por via marítima duplicou neste período. Só entre 1968 e 1969, o tráfego marítimo aumentou cerca de 9 por cento. Neste decénio, duas surpresas na situação dos transportes marítimos. Os Estados Unidos, em 161, com uma frota de 2854 navios, possuíam em 1970, 2083, o que significa uma redução de 4,7 milhões de toneladas. A U. R. S. S. em 1961, afastada do grupo das dez primeiras frotas, durante estes anos, emerge com uma das principais frotas mercantes mundiais, progredindo «de 3.6 milhões de TAB para 10,8 milhões na actualidade».

Um relance á panoramica mundial dos transportes marítimos, faz adivinhar um balanço positivo e perspectivas futuras.

Neste contexto, a posição da frota mercante nacional entre os países marítimos não é das mais favoráveis: 28.° lugar e um acréscimo, na década de 60-70, de 37 por cento para 64 por cento de acréscimo a nível mundial: Causa fundamental da situação verificada na marinha mercante portuguesa, é sem duvida, a rarefacção de pessoal e o baixo nível de qualificação dos que ainda persistem na vida do mar. Este mal, que se [illegible] além-fronteiras, não foi até aqui contrabalançado por um sistema salarial capaz de impedir a «emigração» do pessoal marítimo para unidades estrangeiras e o «êxodo progressivo de pessoal de mar para terra».

Mais que o horário

No cais de Alcantara, em velho navio de nome bizarro, fomos encontrar alguns destes homens do mar. José Nunes da Conceição, nesta vida [illegible] contra-mestre e poucas esperanças de mudança, confessa-nos:

— *Gostava de ter vida em que estivesse ao pé da família. Se o salário fosse razoável ainda dava para pagar a condução dos meus, [illegible] a gente está [illegible], trabalha 10 a 12 horas por dia e recebe á volta de 3720$00 por mês.*

— Mas o vosso horário não é de 8 horas? — interrogamos.

— *Lá ser, é. Mas a gente tem de ganhar mais e de suprir as fallas. Que isto do mar já não atrai ninguém. As vezes, pergunte se vale a pena tanto esforço. Até agora têm-nos pago por hora extraordinária, 23$30. O grande problema é o salário. E também custa a gente só trabalhar e dormir. Não temos nenhuma vida associativa.*

Fausto Cuco, do concelho de Lagoa, no Algarve, empregado de camaras, intervém na conversa:

— *Dez horas diárias, trabalho eu. Tenho folga de 10 em 10 dias. Talvez as coisas mudem agora com o novo contrato de trabalho. Isto é uma vida ingrata. A vida do mar não dá compensação para termos uma vida e velhice que salve o sacrifício do trabalho. Ganho 2169$90 desde que houve aumento.*

Francisco da Silva, ajudante de motorista mas desempenhando o lugar de oficial

Cont. na pág. 4

Na Covilhã

As operárias à procura de infantários

1 — Movimentos de mulheres, sim ou não? A pergunta foi, ainda recentemente, posta durante um colóquio realizado no Cine-Clube do Barreiro, onde a mesa era constituída por Isabel do Carmo (médica), Sérgio Ribeiro (economista), e Helena Neves (nossa camarada de Redacção).

Se aquela médica era inequívocamente pelos movimentos femininos: — «*Tem de ser a mulher a lutar pelos seus direitos, pois, é a mais reprimida socialmente*» — Sérgio Ribeiro recordou que um movimento racista não tem cor, nem os movimentos de mulheres podem perder de vista a situação global.

Helena Neves, por seu turno, manifestou-se contra as secções femininas dos Sindicatos, e discordou da existência de movimentos femininos nos locais de trabalho. «*Fora deles (destes) concordo com movimentos de mulheres*», afirmou a concluir a sua intervenção.

E a pergunta volta a por-se-nos a todos nós. Movimentos de mulheres: sim ou não?

Não é menos importante para o caso assinalarmos algumas das posições assumidas pelos assistentes ao colóquio. Houve, de facto, quem discordasse de qualquer segregação:

— «*Os movimentos reivindicativos são de todos*», defendeu uma jovem. Houve quem defendesse tal segregação — «*Muitas mulheres só começarão a lutar ao lado de mulheres*», opiniou uma assistente. E, não se deixou de considerar que «*a própria gravidez não é um problema exclusivamente feminino*», em especial, no respeitante ao tempo remunerado em que se não trabalha, por virtude daquele estado.

Sim ou não? — perguntou-se de novo.

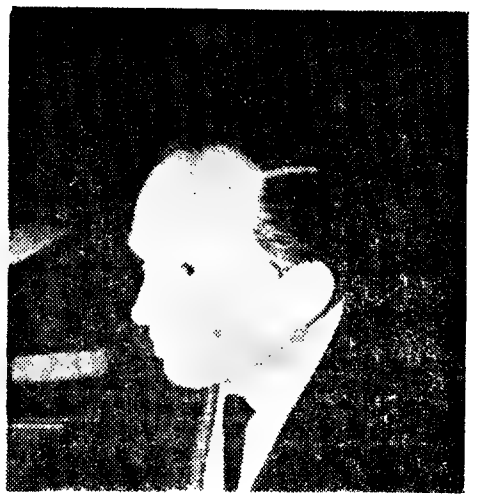
2 — Em termos de DEVER-SER, o que mais importa é lutar pelo desaparecimento da condição de assalariado, precisou o economista presente. Ao que é possível acrescentar: a posição da mulher no seio de uma sociedade de assalariados é já uma consequência secundária em face da consequência primeira (a de sequência primeira. Há que procurar uma assistência materno-infantil eficaz, ou lutar pela instauração de uma assistência médico-social ampla e efectiva para todos os membros activos de uma sociedade?

A disjunção não tem sentido. Qualquer dos caminhos a percorrer para a realização daquelas metas não são autonomizados. Antes se interpenetram. Não se excluem, antes se conjugam dialécticamente. E a eles terão que estar atentos uns e outras, homens e mulheres. A primazia dada a este ou áquele ponto resulta de uma táctica que as condições concretas de determinado momento aconselhem, e não de uma estratégia global.

Mas regressando ao tema em foco. os movimentos de mulheres são legítimos?

3 — Não pode negar-se a especificidade da situação feminina e de alguns dos seus problemas. Essa especificidade, aliada a razões de ordem táctica, explica (e justifica) a existência de movimentos de mulheres. A prática, de resto, tem demonstrado a sua razão de ser. Anotem-se os movimentos femininos nos E. U. A., que se outra utilidade não tivessem, deram a conhecer a situação concreta, real, da população feminina numa sociedade desenvolvida. Não se esqueça também a existência de tais movimentos nos países socialistas. Assim se compreende a legitimidade dos movimentos de mulheres, os quais deixarão de a ter sempre que a especificidade se transfor-

Cont. na pág. 4



O ensino secundário e o projecto da reforma

DURANTE três dias (11, 12 e 13 de Março) assistu-se em Braga a uma série de colóquios sobre a Reforma do Ensino. Do mesmo, apresentamos hoje a comunicação do dr. Raul Gomes, sobre o Ensino Secundário. Professor do Ensino Técnico no Porto, o dr. Raul Gomes é director da revista de cultura «Vértice», e responsável pela página semanal de EDUCAÇÃO de «O Comércio do Porto». (Páginas centrais)

MESA REDONDA

Crise de vocações na Marinha Mercante

Na década de 60-70, a frota mercante mundial evoluiu de 22 965 unidades para 28 141, o que representa um crescimento de 64 por cento. Acompanhando a expansão do comércio mundial, a tonelagem transportada por via marítima duplicou neste período. Só entre 1968 e 1969, o tráfego marítimo aumentou cerca de 9 por cento. Neste decénio, duas surpresas na situação dos transportes marítimos. Os Estados Unidos, em 161, com uma frota de 2854 navios, possuíam em 1970, 2083, o que significa uma redução de 4,7 milhões de toneladas. A U. R. S. S. em 1961, afastada do grupo das dez primeiras frotas, durante estes anos, emerge com uma das principais frotas mercantes mundiais, progredindo «de 3,6 milhões de TAB para 10,8 milhões na actualidade».

Um relance á panoramica mundial dos transportes marítimos, faz adivinhar um balanço positivo e perspectivas futuras.

Neste contexto, a posição da frota mercante nacional entre os países marítimos não é das mais favoráveis: 28.º lugar e um acréscimo, na década de 60-70, de 37 por cento para 64 por cento de acréscimo a nível mundial: Causa fundamental da situação verificada na marinha mercante portuguesa, é sem duvida, a rarefacção de pessoal e o baixo nível de qualificação dos que ainda persistem na vida do mar. Este mal, que se estende além-fronteiras, não foi até aqui contrabalançado por um sistema salarial capaz de impedir a «emigração» do pessoal marítimo para unidades estrangeiras e o «êxodo progressivo de pessoal de mar para terra».

Mais que o horário

No cais de Alcantara, em velho navio de nome bizarro, fomos encontrar alguns destes homens do mar. José Nunes da Conceição, nesta vida desde 1948, já contramestre e poucas esperanças de mudança; confessa-nos:

— *Gostava de ter vida em que estivesse ao pé da família. Se o salário fosse razoável ainda dava para pagar a ausência dos meus, assim a gente estafa-se, trabalha 10 a 12 horas por dia e recebe á volta de 3720$00 por mês.*

— Mas o vosso horário não é de 8 horas? — interrogamos.

— *Lá ser, é. Mas a gente tem de ganhar mais e de suprir as faltas. Que isto do mar já não atrai ninguém. Às vezes, pergunte se vale a pena tanto esforço. Até agora têm-nos pago por hora extraordinária, 23$30. O grande problema é o salário. E também custa a gente só trabalhar e dormir. Não temos nenhuma vida associativa.*

Fausto Cuco, do concelho de Lagoa, no Algarve, empregado de camaras, intervém na conversa:

— *Dez horas diárias, trabalho eu. Tenho folga de 10 em 10 dias. Talvez as coisas mudem agora com o novo contrato de trabalho. Isto é uma vida ingrata. A vida do mar não dá compensação para termos uma vida e velhice que salve o sacrifício de trabalho. Ganho 2160$00 desde que houve aumento.*

Francisco da Silva, ajudante de motorista mas desempenhando o lugar de oficial

Cont. na pág. 4

ASSIM VAI O MUNDO

Reconfortado

No momento da reabertura em Viena das SALT (Conversações para a Limitação das Armas Estratégicas, entre soviéticos e americanos), Nixon declara-se «reconfortado» pela maneira como essas conversações decorreram durante o ano de 1970. Numa mensagem dirigida ao Congresso, o presidente norte-americano escreve a propósito das SALT: «Pela primeira vez tem lugar um diálogo realista entre nós e a União Soviética quanto a relações estratégicas. Os interesses comuns que nos conduziram á mesa de conferência encorajam-nos na esperança de que as SALT resultarão. Estou reconfortado pelo trabalho já feito e espero que o carácter construtivo do diálogo se manterá no decurso da quarta fase».

Informações

Lembremo-nos de que em Dezembro passado, quando as conversações foram interrompidas (fim da 3.ª fase), o estado de

espírito era de mutua desconfiança. Comentava Haro Tecglen em princípios do corrente ano: «O complexo militar-industrial trabalha sobre três informações concretas provenientes da espionagem: a U.R.S.S., segundo uma das informações, duplicou o poder dos foguetões intercontinentais de multiplas cabeças, de que tem uns trezentos. Estes projécteis eram portadores de três cabeças nucleares independentes, capazes de atacarem, cada uma delas, um objectivo independente, uma vez transportadas por um foguetão ao território dos Estados Unidos.

Agora vão ser portadores de seis cabeças nucleares. Outra das informações revela que, desde há meses, os soviéticos dispõem de uma arma não nuclear capaz de destruir no espaço os satélites de espionagem dos Estados Unidos. Não sendo nuclear, o seu acto de destruição não pode detectar-se e, caso fosse usada, os Estados Unidos não poderiam atribuir a destruição dos seus satélites á acção do inimigo. A terceira informação refere-se á construção de um avião soviético do tipo «foxbat», especializado em interceptar e derrubar aviões espias, do tipo do famoso U-2. O panorama que estas três informações permitem desenhar aos especialistas do Pentágono é o seguinte: a U.R.S.S. pode, em dado momento, eliminar do espaço todos os meios de observação militar dos Estados Unidos, e utilizar esse tempo «em branco» para lançar um ataque repentino de grande envergadura com os seus novos foguetes de seis cabeças. Esta ideia — difundida principalmente pelo colunista Stewart Alsop, muito próximo do Pentágono — tende naturalmente a cimentar as pretensões da industria militar de não reduzir o esforço de rearmamento. Os seus adversários chegam a dizer que os informes estão falseados ou exagerados para forçar o presidente e o Congresso a aumentarem as despesas com a defesa, e para conterem alguns progressos havidos nas SALT».

A B M

As SALT foram interrompidas em Dezembro para que os Estados Unidos pudessem estudar uma proposta soviética de redução do sistema ABM (projécteis de defesa antibalística) que, de acordo com essa proposta, se limitariam na U.R.S.S. á defesa de Moscovo e nos Estados Unidos á de Washington. Os norte-americanos deviam dar uma resposta na reabertura das SALT, que se efectuou no dia 15 passado.

Sabe-se que há pressões na administração americana a favor da construção do sistema ABM (vindas naturalmente do complexo militar-industrial) e pressões em sentido contrário, com o argumento de que o ABM acarreta enormes encargos orçamentais que a economia norte-americana não está em condições de suportar.

Se as informações da espionagem americana são verdadeiras, a U.R.S.S. proporia a redução do ABM porque já não precisa dele, possuidora como é das novas armas atrás citadas. Mas nesse caso os Estados Unidos, em contra-partida, precisam do ABM mais do que nunca.

O que significa a mensagem de Nixon ao Congresso? Que não se confirmaram as informações da espionagem americana?

Emigração

Segundo a Conferência Mundial do Trabalho, a entrada de divisas dos trabalhadores gregos emigrados atingiu 150 milhões de dólares em 1967, 160 milhões em 1968; 210 milhões em 1969 e 230 milhões de dólares em 1970. Citando:

«Os anos precedentes, ao golpe de Estado de Abril de 1967, foram marcados por uma tomada de consciência de gravidade do problema da emigração. Foi realizado um esforço considerável para favorecer o regresso á Grécia, dando prioridade aos quadros superiores (professores, engenheiros, cientistas, etc....), de que, centenas e centenas, residem na Europa e sobretudo nos Estados Unidos, assim como o retorno de certos operários especializados».

«Parecia iniciar-se um movimento de regresso, correspondente ao desejo de numerósos intelectuais da «diaspora», capazes de contribuir para o desenvolvimento democrático e económico do país, mesmo se isso representa para eles sacrifícios de ordem financeira. Este movimento cessou a 21 de Abril de 1967... De modo que a situação actual é dramática: a Grécia torna-se um país de velhos e um país sem quadros novos dignos deste nome. O país corre o risco de um lento desaparecimento demográfico e, portanto, económico, social e político: a baixa de natalidade — precipitada desde 1967 — é constante, e também a alta da emigração — igualmente precipitada desde 1967...»

ASSIM VAMOS NÓS

Representação

Joaquim Inácio Calhau, entrevistado por «Agro Pecuária» põe o dedo na ferida em relação á organização dos proprietários, é sua representatividade:

«Ao fundar-se em 1934 a F. N. P. T. determinara o artigo 3.º dos seus estatutos que fossem eleitos o presidente e a direcção por um conselho geral formado por 40 membros, ou seja, um representante por cada Grémio da Lavoura existentes. Mas passados 36 anos a Direcção e o Conselho Geral continuam a ser nomeados por decisão ministerial.

Mais concretamente vejamos: como podem os Grémios da Lavoura representar os interesses da agricultura se são, de um modo geral, como o de Evora que é constituído por 42 procuradores, 22 dos quais são natos e os outros 20 são eleitos, na prática, segundo a vontade dos anteriores que além do mais já têm a maioria?

Note-se ainda, e a título de exemplo, que a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos tem delegados do Comércio da Industria e da Lavoura, estando este ultimo vago há vários anos.»

Carência

Uma informação do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra diz-nos que no fim do mês de Abril de 1970 permaneciam por satisfazer 15 624 pedidos de emprego e 8364 ofertas.

«A existência de um volume de pedidos de emprego quase duplo do de ofertas traduz, muito embora menor que em meses anteriores, um forte desajustamento entre os conjuntos constituídos pelas pessoas á espera de oportunidade de trabalho e o de lugares vagos nas empresas.

Os elementos mais predominantes que concorrem para este desajustamento, como em relatórios de meses anteriores se focou, [illegible] cidos pelas empresas [illegible] cação profissional da generalidade [illegible] que acorram ao Serviço Nacional de Emprego em busca de uma colocação.

O baixo nível de salários adquire uma importância relevante, [illegible] ção da empresa e do trabalhador não coincidem, pressupondo a satisfação da oferta a deslocação do trabalhador. Um outro elemento normalmente se lhe adiciona reduzindo as possibilidades da colocação: a falta de garantias na continuidade do trabalho.

Por outro lado, a constante emigração dos trabalhadores portugueses (note-se que em Abril o volume de pedidos para emigração foi de 6190) sobretudo de trabalhadores agrícolas — potenciais indiferenciados para a industria — e de trabalhadores da construção civil, tem originado uma falta destes ultimos, sentida ao nível nacional. Os trabalhadores que saem, não só neste grupo de profissões mas na sua generalidade, são sobretudo os mais aptos, os mais capazes, e as empresas começam a não encontrar, nos que ficam, a qualificação profissional que eventualmente exigiriam.»

Instituto alemão

Foi inaugurado um novo edifício do Instituto Alemão. O problema do excesso de lotação vinha a sentir-se há alguns anos.

O numero de alunos inscritos [illegible] Instituto tem diminuído desde a época escolar de 1965-66 (1424 alu[illegible]. Em 1966-67 o numero de alunos tinha baixado [illegible]49, em 1967-68 para 1007 e em 1968-69 para 943 alunos. Em 1969-70 o número de alunos subiu [illegible] 1023 alunos. Em 1971 [illegible] número de inscrições era inferior [illegible] mação de 971, cerca de 50 por cento dos pretendentes á inscrição não tinham sido atendidos. Na altura existiam 13 professores todos alemães, com excepção de uma portuguesa.

Deficit

O nosso défice em relação ao Mercado Comum, totalizava, em Novembro de 1970, mais de oito milhões de contos para um total de 12 milhões de contos de mercadorias importadas. Este «record deficitário» tem sido tomado como preocupação dominante, nos relatórios dos conselhos de administração dos diversos bancos.

Consumo

«Plásticos» é o nome da revista trimestral editada pelo Grémio Nacional dos Industriais de Composição e Transformação de Matérias Plásticas. Recentemente, no seu editorial afirmava:

«A evolução da conjuntura nacional encontra-se, de momento, dominada por três factores fundamentais: expansão por aumento do poder aquisitivo das massas consumidoras, associação ao espaço económico europeu, redução do espaço económico português.

A progressão do poder de compra das populações é sem dúvida, condição necessária a todo e qualquer desenvolvimento. Há muito que a equitativa distribuição de riqueza é reconhecida como sendo o melhor propulsor do crescimento económico e social.

A associação e integração ao espaço económico europeu, dada a nossa posição geográfica e as relações comerciais existentes, é geralmente aceite como opção inevitável e irreversível.

A redução do espaço económico português, já verificado pelas dificuldades de transferências do Ultramar e pelos contingentes de importação estabelecidos por algumas províncias ultramarinas em relação à Metrópole, tenderá a acentuar-se sobretudo nos artigos de maior consumo, na medida em que essas províncias se forem industrializando como consequência natural da expansão dos seus mercados internos, enquanto não for definida uma política de coordenação [illegible] actividades industriais no espaço português».

ASSIM VAI O MUNDO

Reconfortado

No momento da reabertura em Viena das SALT (Conversações para a Limitação das Armas Estratégicas, entre soviéticos e americanos), Nixon declara-se «reconfortado» pela maneira como essas conversações decorreram durante o ano de 1970. Numa mensagem dirigida ao Congresso, o presidente norte-americano escreve a propósito das SALT: «Pela primeira vez tem lugar um diálogo realista entre nós e a União Soviética quanto a relações estratégicas. Os interesses comuns que nos conduziram á mesa de conferência encorajam-nos na esperança de que as SALT resultarão. Estou reconfortado pelo trabalho já feito e espero que o carácter construtivo do diálogo se manterá no decurso da quarta fase».

Informações

Lembremo-nos de que em Dezembro passado, quando as conversações foram interrompidas (fim da 3.ª fase), o estado de

espírito era de mútua desconfiança. Comentava Haro Tecglen em princípios do corrente ano: «O complexo militar-industrial trabalha sobre três informações concretas provenientes da espionagem: a U.R.S.S., segundo uma das informações, duplicou o poder dos foguetões intercontinentais de múltiplas cabeças, de que tem uns trezentos. Estes projécteis eram portadores de três cabeças nucleares independentes, capazes de atacarem, cada uma delas, um objectivo independente, uma vez transportadas por um foguetão ao território dos Estados Unidos.

Agora vão ser portadores de seis cabeças nucleares. Outra das informações revela que, desde há meses, os soviéticos dispõem de uma arma não nuclear capaz de destruir no espaço os satélites de espionagem dos Estados Unidos. Não sendo nuclear, o seu acto de destruição não pode detectar-se e, caso fosse usada, os Estados Unidos não poderiam atribuir a destruição dos seus satélites á acção do inimigo. A terceira informação refere-se á construção de um avião soviético do tipo «foxbat», especializado em interceptar e derrubar aviões espias, do tipo do famoso U-2. O panorama que estas três informações permitem desenhar aos especialistas do Pentágono é o seguinte: a U.R.S.S. pode, em dado momento, eliminar do espaço todos os meios de observação militar dos Estados Unidos, e utilizar esse tempo «em branco» para lançar um ataque repentino de grande envergadura com os seus novos foguetes de seis cabeças. Esta ideia — difundida principalmente pelo colunista Stewart Alsop, muito próximo do Pentágono — tende naturalmente a cimentar as pretensões da indústria militar de não reduzir o esforço de rearmamento. Os seus adversários chegam a dizer que os informes estão falseados ou exagerados para forçar o presidente e o Congresso a aumentarem as despesas com a defesa, e para conterem alguns progressos havidos nas SALT».

A B M

As SALT foram interrompidas em Dezembro para que os Estados Unidos pudessem estudar uma proposta soviética de redução do sistema ABM (projécteis de defesa antibalística) que, de acordo com essa proposta, se limitariam na U.R.S.S. á defesa de Moscovo e nos Estados Unidos á de Washington. Os norte-americanos deviam dar uma resposta na reabertura das SALT, que se efectuou no dia 15 passado.

Sabe-se que há pressões na administração americana a favor da construção do sistema ABM (vindas naturalmente do complexo militar-industrial) e pressões em sentido contrário, com o argumento de que o ABM acarreta enormes encargos orçamentais que a economia norte-americana não está em condições de suportar.

Se as informações da espionagem americana são verdadeiras, a U.R.S.S. proporia a redução do ABM porque já não precisa dele, possuidora como é das novas armas atrás citadas. Mas nesse caso os Estados Unidos, em contra-partida, precisam do ABM mais do que nunca.

O que significa a mensagem de Nixon ao Congresso? Que não se confirmaram as informações da espionagem americana?

Emigração

Segundo a Conferência Mundial do Trabalho, a entrada de divisas dos trabalhadores gregos emigrados atingiu 150 milhões de dólares em 1967, 160 milhões em 1968; 210 milhões em 1969 e 230 milhões de dólares em 1970. Citando:

«Os anos precedentes, ao golpe de Estado de Abril de 1967, foram marcados por uma tomada de consciência de gravidade do problema da emigração. Foi realizado um esforço considerável para favorecer o regresso á Grécia, dando prioridade aos quadros superiores (professores, engenheiros, cientistas, etc....), de que, centenas e centenas, residem na Europa e sobretudo nos Estados Unidos, assim como o retorno de certos operários especializados».

«Parecia iniciar-se um movimento de regresso, correspondente ao desejo de numerosos intelectuais da «diaspora», capazes de contribuir para o desenvolvimento democrático e económico do país, mesmo se isso representa para eles sacrifícios de ordem financeira. Este movimento cessou a 21 de Abril de 1967... De modo que a situação actual é dramática: a Grécia torna-se um país de velhos e um país sem quadros novos dignos deste nome. O país corre o risco de um lento desaparecimento demográfico e, portanto, económico, social e político: a baixa de natalidade — precipitada desde 1967 — é constante, e também a alta da emigração — igualmente precipitada desde 1967. .»

ASSIM VAMOS NÓS

Representação

Joaquim Inácio Calhau, entrevistado por «Agro Pecuária» põe o dedo na ferida em relação á organização dos proprietários, e sua representatividade:

«Ao fundar-se em 1934 a F. N. P. T. determinava o artigo 3.º dos seus estatutos que fossem eleitos o presidente e a direcção por um conselho geral formado por 40 membros, ou seja, um representante por cada Grémio da Lavoura existentes. Mas passados 36 anos a Direcção e o Conselho Geral continuam a ser nomeados por decisão ministerial.

Mais concretamente vejamos: como podem os Grémios da Lavoura representar os interesses da agricultura se são, de um modo geral, como o de Evora que é constituído por 42 procuradores, 22 dos quais são natos e os outros 20 são eleitos, na prática, segundo a vontade dos anteriores que além do mais já têm a maioria?

Note-se ainda, e a título de exemplo, que a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos tem delegados do Comércio da Indústria e da Lavoura, estando este último vago há vários anos.»

Carência

Uma informação do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra diz-nos que no fim do mês de Abril de 1970 permaneciam por satisfazer 15 624 pedidos de emprego e 836 ofertas.

«A existência de um volume de pedidos de emprego quase duplo do de ofertas traduz, muito embora menor que em meses anteriores, um forte desajustamento entre os conjuntos constituídos pelas pessoas á espera de oportunidade de trabalho e o de lugares vagos nas empresas.

Os elementos mais predominantes que concorrem para este desajustamento, como em relatórios de meses anteriores se focou, são os salários oferecidos pelas empresas ofertantes e a deficiente qualificação profissional da generalidade dos trabalhadores que acorrem ao Serviço Nacional de Emprego em busca de uma colocação.

O baixo nível de salários adquire uma importância relevante, por exemplo, nos casos em que a localização da empresa e do trabalhador não coincidem, pressupondo a satisfação da oferta a deslocação do trabalhador. Um outro elemento normalmente se lhe adiciona relativamente as possibilidades da colocação: a falta de garantias na continuidade do trabalho.

Por outro lado, a constante emigração dos trabalhadores portugueses (note-se que em Abril o volume de pedidos para emigração foi de 6190) sobretudo de trabalhadores agrícolas — potenciais indiferenciados para a indústria — e de trabalhadores da construção civil, tem originado uma falta destes últimos, sentida ao nível nacional. Os trabalhadores que saem, não só neste grupo de profissões mas na sua generalidade, são sobretudo os mais aptos, os mais capazes, e as empresas começam a não encontrar, nos que ficam, a qualificação profissional que circunstancialmente exigiriam.»

Instituto alemão

Foi inaugurado um novo edifício do Instituto Alemão. O problema do excesso de lotação vinha a sentir-se há alguns anos.

O número de alunos inscritos no Instituto tem diminuído desde a época escolar de 1965 66 (1424 alunos). Em 1966 67 o número de alunos tinha baixado para 1349, em 1967-68 para 1007 e em 1968 69 para 943 alunos. Em 1969-70 o número de alunos subiu novamente para 1022 alunos. Em 1971 o número de inscrições era inferior ao milhar, estando uma informação de 964, cerca de 30 por cento dos pretendentes á inscrição não tinham sido atendidos. Na altura existiam 13 professores locais alemães, com excepção de uma colaboradora.

Deficit

O nosso déficit em relação ao Mercado Comum, totalizava, em Novembro de 1970, mais de oito milhões de contos para um total de 12 milhões de contos de mercadorias importadas. Este «record deficitário» tem sido tomado como preocupação dominante, nos relatórios dos conselhos de administração dos diversos bancos.

Consumo

«Plastcoss» é o nome da revista trimestral editada pelo Grémio Nacional dos Industriais de Composição e Transformação de Matérias Plásticas. Recentemente, no seu editorial afirmava:

«A evolução da conjuntura nacional encontra-se, de momento, dominada por três factores fundamentais: expansão por aumento do poder aquisitivo das massas consumidoras, associação ao espaço económico europeu, redução do espaço económico português.

A progressão do poder de compra das populações é sem dúvida, condição necessária a todo e qualquer desenvolvimento. Há muito que a equitativa distribuição de riqueza é reconhecida como sendo o melhor propulsor do crescimento económico e social.

A associação e integração ao espaço económico europeu, dada a nossa posição geográfica e as relações comerciais existentes, é geralmente aceite como opção inevitável e irreversível.

A redução do espaço económico português, já verificado pelas dificuldades de transferências do Ultramar e pelos contingentes de importação estabelecidos por algumas províncias ultramarinas em relação à Metrópole, tenderá a acentuar-se sobretudo nos artigos de maior consumo, na medida em que essas províncias se forem industrializando como consequência natural da expansão dos seus mercados internos, enquanto não for definida uma política de coordenação de actividades industriais no espaço português».

Lapas:
Uma aldeia como tantas...

Aldeia de Lapas, a cerca de 2 km de Torres Novas. Aldeia em transformação. Se o surto emigratório não a atingiu ainda intensamente, a industria vizinha despovoa-lhes os campos. Na aldeia de Lapas, os horizontes abrem-se. Voltando as costas aos campos, os homens e as mulheres encaminham-se num só sentido. Torres Novas e em menor escala Minde são sorvedores da força de trabalho.

Lapas, 1500 almas em 400 fogos, quase em ruínas, a electricidade escasseando em alguns lugares, sem água, sem esgotos Sem médico, sem enfermeiro, sem parteira, sem farmácia. A Casa do Povo das Lapas situaram-na em Torres Novas. E quase não existem transportes.

Lapas, aldeia quase sem civilização. Mas a civilização encerrada nas cidades e nas vilas, abastece-se da gente das aldeias.

Vivendo para a vila, a aldeia de Lapas funciona para a população activa apenas como dormitório. Mas o sentido aldeia-vila não tem regresso. Torres Novas não espalha a sua «civilização» de espaços industriais para as aldeias que a rodeiam. Lapas continua como na «época agrária». Os equipamentos sociais de assistência e convívio permanecem ausentes. Só as tabernas eram ainda uma força viva. Nelas os homens reuniam-se aquecendo gargantas e amizades. Mas há pouco, assistiu-se a um silêncio subito nas tabernas. Só os velhos permaneceram, grudados pelo hábito Os jovens debandaram. Algo os começou a atrair. Um local de encontro, nascido do seu esforço e da sua vontade. Como impulsionador, um padre. O padre Amilcar Luís Fialho. Exemplo de padre do nosso tempo. A Igreja compreendeu que o tradicional campo doutrinário, restrito ao pulpito, não podia combater com a ciência desvendando nos espíritos a origem animal do homem.

Ao local de culto (nós o vimos) as mulheres, e sobretudo as velhas, continuam fiéis. Por isso, a Igreja nova saiu para a rua, aprendendo a viver não num mundo de crentes, mas num mundo de homens. Da confissão até à preocupação viva pelos problemas da comunidade, vai mais do que uma geração. Na geração presente o padre Amílcar falou-nos não do seu «rebanho» mas dos homens e mulheres vivendo, como ele, na aldeia de Lapas:

P. AMILCAR — A vida da aldeia está centralizada na vila de Torres Novas. Com cerca de 400 fogos, e uma população a crescer, mais de metade da população serve as fábricas. O ambiente rural está a modificar-se a olhos vistos. Mas esta modificação económica não foi acompanhada por uma promoção cultural e de convívio. Ser a Igreja a proporcionar um ambiente social de promoção vem dentro do espírito da Igreja. A Igreja sem convívio não é Igreja. Já se viu a eficiência da dimensão horizontal entre o homem e a religião.

MESA REDONDA — A transformação rápida do ambiente, até agora rural, a transferência da população para a industria, não se reflectiu no ambiente familiar?

P. AMILCAR — Sim, a aldeia não tem valores positivos, fortes. A vila também não oferece aspectos construtivos. A fábrica não ajuda. A fábrica destrói. Tenho uma experiência limitada de um mês a trabalhar numa fábrica nas Caldas da Rainha. As gerações jovens vão para a fábrica em busca de melhor vida. É o dinheiro que as atrai. Não têm consciência do que é ser operário. A família sofre influências desagregadoras não só porque há um distanciamento, como também uma mudança de mentalidade. A vila exige económicamente das pessoas. As preocupações ressaltam, por exemplo, numa «necessidade» de vestir muito bem que afecta sobretudo os jovens.

M. R. — Considera que o facto da aldeia servir práticamente como dormitório, e dadas as carências de assistência e convívio, avoluma esse problema de desagregação de laços familiares e isolamento dos indivíduos?

P. AMILCAR—Por achar isso, é que me propus, com o auxílio da comunidade, criar um local de convívio e um sistema de serviços que abrangesse uma creche, ainda muito deficiente, para os filhos das trabalhadoras, e abrangesse também um ciclo de aulas, porque a juventude tem sómente a 4.ª classe ou frequência da escola técnica. Numa aldeia tão próxima de centros escolares, não há ninguém formado.

M. R. — Mas em Torres Novas existem empresas com creches para a população operária...

P. AMILCAR—Não aceitamos as crianças das trabalhadoras dessas fábricas. Servimos as restantes e também os filhos das empregadas no comércio e das lavadeiras á tarefa diária.

M. R. — Como foi a receptividade a esse conjunto de serviços e ao convívio?

P. AMILCAR — A receptividade [illegible] difícil, alargou-se bastante com o tempo. Pela parte da juventude foi espontanea. As pessoas de idade, num espírito tradicional, aceitam tudo o que o padre diz. Os indivíduos de [illegible] constituíram a camada [illegible] resistente.

M. R. — E conseguiram realmente que a frequência se alargasse, que inclusivamente a mulher afluísse ao local de convívio?

Conseguiram, numa zona como esta flagelada pelo alcoolismo, afastar as pessoas da taberna?

P. AMILCAR — Aqui existem seis tabernas e dois cafés que são quase a mesma coisa. Conseguimos realmente trazer alguns homens, não os velhos, até ao Centro de Convívio. A mulher aderiu bem e a sua frequência é corrente. Mas a juventude tem o maior caudal de entusiasmo. Na aldeia, os jovens atravessam uma crise de crescimento. Este meio exercia sobre eles uma pressão social, que não encontram na vila, para onde vão trabalhar ou estudar. Passando quase todo o dia num ambiente urbano, o que encontram aqui já não os trava nem os satisfaz. Com um local de convívio e as aulas, e a curto praso, biblioteca e serviços culturais, são chamados a uma actividade social que só pode beneficiá-los.

M. R. — Considera que com esta acção, resolve os problemas da comunidade?

P. AMILCAR — A comunidade é que está resolvendo os seus próprios problemas. A Igreja, saindo fora do espírito de capelinha, vive esses problemas e tenta contribuir para a sua solução. Existem claro, outros problemas, que neste momento não nos é possível resolver ou que não cabem dentro da competência da igreja. Uma das questões é o caso dos transportes. Existe uma camioneta que parte daqui ás 9 horas, não servindo, portanto, os operários e chega ás 19 e 15, o que só favorece uma minoria. Outro problema são as habitações muito deficientes e pobres. A Igreja vendeu terrenos em lotes para moradias mas é um contributo pequeno.

Vai longe o tempo em que á Igreja não era lícito o comércio. Hoje a Igreja é mais uma entidade que faz negócios. Há em projecto, aqui nas Lapas, uma cooperativa de transportes e até um plano ligado a um empreendimento turístico. Por ora, o jardim infantil é a meta mais próxima. A comunidade quotiza-se para se auto-equipar.

Lapas, aldeia quase sem civilização. Mas com esperanças de que os esforços particulares resolvam as lacunas menos graves.

(Entrevista de HELENA NEVES)

Mosaico da Feira de Março

Em Torres Novas, acontece em Março, a Feira.

Como todas é uma feira de multidões sem parentesco. Os que vendem e os que compram, tocam-se num único acto. Atrás do gesto fugidio e regateado da troca, as vidas dos feirantes permanecem um mosaico por desvendar.

1

Vida pequena é a da Maria do Céu Brito, dez anos, não suspeitados nos olhos sem idade.

— Não sei desde quando venho vender. Vim sempre com os meus pais, desde mais pequena. Saio da escola e corro logo para aqui. No resto do ano, não há tanta gente. Vêm meninos bonitos, com brinquedos bonitos. Só não gosto, porque faz muito frio e tenho de ficar aqui quieta para as pessoas comprarem e os miúdos não levarem nada.

Maria do Céu vende brinquedos, que nem toca. Os brinquedos não são coisa sua. Seu apenas, o frio que o casaco não defende. Suas as estranhas olheiras. Seu o esquecimento de ser criança.

2

No entardecer de Março sem Primavera, três crianças. Família de feirantes, não conhecem lar nem escola. De terra em terra, repetem o nomadismo dos pais quando meninos. A terra serve-lhes de leito. Tapetes estendidos amaciam a agrura das pedras. O casaco da mãe, a colcha que vem dos avós mal os defende da noite cristalizada no frio. O pão abre-se à sua fome. Da aventura resguarda-os o medo dos pais. Pássaros sem poiso, os ralhos cortaram-lhes as asas inquietas no desejo sufocado da descoberta da feira.

Limitados ao seu espaço. deixam correr as horas. Até á debandada para outra terra, para outra feira. Até quando? No rosto do mais pequeno, um quase rancor.

AZEVINDA GUIOMAR

Na voz que solta, farto de se esquivar, a determinação: «Não quero ser feirante!»

3

Azevinda Guiomar Salgueiro, de Macieira de Liz, «lá das bandas de Leiria», vende pinhões.

A feira de Março é local obrigatório no programa anual de vendas, que se estende até á praia da Nazaré, quando o calor aperta e as feiras não são já mercado apetecido.

— Há 15 anos que para cá venho. Corro as feiras todas dos arredores. Demais a minha vida sempre foi esta: vender e cavar. Que eu também cavo na minha terrinha. Semeio batata, milho, feijão, tudo o que a terra aceita. Olhe lá as minhas mãos?

Erguidas das fiadas de pinhões, as [illegible] de Azevinda, [illegible], revelando [illegible] da. As [illegible] pertem [illegible] do Alentejo até Leiria. As mesmas mãos procedem á tarefa de enfiar os pinhões, que depois torram, dando-lhes o tom de colares campestres.

— Não quero outro negócio enquanto isto durar. Mas não vejo jeitos dele dar! Antigamente vendia cada fiada a $20, agora vendo a 1$00 e ainda dá menos. Qualquer dia, meto-me no negócio da cal. As mulheres lá da minha terra vão comprar cal a Pataias e depois vendem-na. Mas é só em certas épocas. Os homens foram para o Canadá, e os campos, quem os amanha são as mulheres. Se fosse nova, olhe que já não vinha para esta vida. Queria era sair da terra e empregar-me.

Morre Março na [illegible] dos meses. Feirantes [illegible] em praça. No [illegible] outras estradas e caminho de outras feiras. Até Março, [illegible]vamente em Torres Novas, o mesmo círculo contínuo [illegible].

MARIA DO CÉU BRITO

Lapas:

Uma aldeia como tantas...

Aldeia de Lapas, a cerca de 2 km de Torres Novas. Aldeia em transformação. Se o surto emigratório não a atingiu ainda intensamente, a industria vizinha despovoa-lhes os campos. Na aldeia de Lapas, os horizontes abrem-se. Voltando as costas aos campos, os homens e as mulheres encaminham-se num só sentido. Torres Novas e em menor escala Minde são sorvedores da força de trabalho.

Lapas, 1500 almas em 400 fogos, quase em ruinas, a electricidade escasseando em alguns lugares, sem água, sem esgotos. Sem médico, sem enfermeiro, sem parteira, sem farmácia. A Casa do Povo das Lapas situa-a em Torres Novas. E quase não existem transportes.

Lapas, aldeia quase sem civilização. Mas a civilização encerrada nas cidades e nas vilas, abastece-se da gente das aldeias.

Vivendo para a vila, a aldeia de Lapas funciona para a população activa apenas como dormitório. Mas o sentido aldeia-vila não tem regresso. Torres Novas não espalha a sua «civilização» de espaços industriais para as aldeias que a rodeiam. Lapas continua como na «época agrária». Os equipamentos sociais de assistência e convívio permanecem ausentes. Só as tabernas eram ainda uma força viva. Nelas os homens reuniam-se aquecendo gargantas e amizades. Mas há pouco, assistiu-se a um silêncio subito nas tabernas. Só os velhos permaneceram, grudados pelo hábito. Os jovens debandaram. A ago os começou a atrair. Um local de encontro, nascido do seu esforço e da sua vontade. Como impulsionador, um padre. O padre Amílcar Luís Fialho. Exemplo de padre do nosso tempo. A Igreja compreendeu que o tradicional campo doutrinário, restrito ao pulpito, não podia combater com a ciência desvendando nos espíritos a origem um mal do homem.

Ao local de culto (nós o vimos) as mulheres, e sobretudo as velhas, continuam fiéis. Por isso, a igreja nova saiu para a rua, aprendendo a viver não num mundo de crentes, mas num mundo de homens. Da confissão até a preocupação viva pelos problemas da comunidade, vai mais do que uma geração. Na geração presente o padre Amílcar falou-nos não do seu «rebanho» mas dos homens e mulheres vivendo, como ele, na aldeia de Lapas:

P. AMILCAR — A vida da aldeia está centralizada na vila de Torres Novas. Com cerca de 400 fogos, e uma população a crescer, mais de metade da população serve as fábricas. O ambiente rural está a modificar-se a olhos vistos. Mas esta modificação económica não foi acompanhada por uma promoção cultural e de convívio. Ser a Igreja a proporcionar um ambiente social de promoção vem dentro do espírito da Igreja. A Igreja sem convívio não é Igreja. Já se viu a eficiência da dimensão horizontal entre o homem e a religião.

MESA REDONDA — A transformação rápida do ambiente, até agora rural, a transferência da população para a industria, não se reflectiu no ambiente familiar?

P. AMILCAR — Sim, a aldeia não tem valores positivos, fortes. A vila também não oferece aspectos construtivos. A fábrica não ajuda. A fábrica destrói. Tenho uma experiência limitada de um mês a trabalhar numa fábrica nas Caldas da Rainha. As gerações jovens vão para a fábrica em busca de melhor vida. É o dinheiro que as atrai. Não têm consciência do que é ser operário. A família sofre influências desagregadoras não só porque há um distanciamento, como também uma mudança de mentalidade. A vila erige económicamente das pessoas. As preocupações ressaltam, por exemplo, numa «necessidade» de vestir muito bem que afecta sobretudo os jovens.

M. R. — Considera que o facto da aldeia servir prà. ticamente como dormitório, e dadas as carências de assistência e convívio, avoluma esse problema de desagregação de laços familiares e isolamento dos indivíduos?

P. AMILCAR—Por achar isso, é que me propus, com o auxílio da comunidade, criar um local de convívio e um sistema de serviços que abrangesse uma creche, ainda muito deficiente, para os filhos das trabalhadoras, e abrangesse também um ciclo de aulas, porque a juventude tem sòmente a 4.ª classe ou frequência da escola técnica. Numa aldeia tão próxima de centros escolares, não foi ninguém formado.

M. R — Mas em Torres Novas existem empresas com creches para a população operária...

P. AMILCAR—Não aceitamos as crianças das trabalhadoras dessas fábricas. Servimos as restantes e também os filhos das empregadas no comércio e das lavadeiras à tarefa diária.

M. R. — Como foi a receptividade a esse conjunto de serviços e ao convívio?

P. AMILCAR — A receptividade, inicialmente difícil, alargou-se bastante com o tempo. Pela parte da juventude foi espontanea. As pessoas de idade, num espírito tradicional, aceitam tudo o que o padre diz. Os indivíduos de meia-idade constituíram a camada mais resistente.

M. R. — E conseguiram realmente que a frequência se alargasse, que inclusivamente a mulher afluísse ao local de convívio?

Conseguiram, numa zona como esta flagelada pelo alcoolismo, afastar as pessoas da taberna?

P. AMILCAR — Aqui existem seis tabernas e dois cafés que são quase a mesma coisa. Conseguimos realmente trazer alguns homens, não os velhos, até ao Centro de Convívio. A mulher aderiu bem e a sua frequência é corrente. Mas a juventude tem o maior caudal de entusiasmo. Na aldeia, os jovens atravessam uma crise de crescimento. Este meio exercia sobre eles uma pressão social, que não encontram na vila, para onde vão trabalhar ou estudar. Passando quase todo o dia num ambiente urbano, o que encontram aqui já não os trava nem os satisfaz. Com um local de convívio e as aulas, e a curto prazo, biblioteca e serviços culturais, são chamados a uma actividade social que só pode beneficiá-los.

M. R. — Considera que com esta acção, resolve os problemas da comunidade?

P. AMILCAR — A comunidade é que está resolvendo os seus próprios problemas. A Igreja, saindo fora do espírito de capelinha, vive esses problemas e tenta contribuir para a sua solução. Existem claro, outros problemas, que neste momento não nos é possível resolver ou que não cabem dentro da competência da igreja. Uma das questões é o caso dos transportes. Existe uma camioneta que parte daqui às 9 horas, não servindo, portanto, os operários e chega às 19 e 15, o que só favorece uma minoria. Outro problema são as habitações muito deficientes e pobres. A Igreja vende terrenos em lotes para moradias mas é um contributo pequeno.

Vai longe o tempo em que á Igreja não era lícito o comércio. Hoje a Igreja é mais uma entidade que faz negócios. Há em projecto, aqui nas Lapas, uma cooperativa de transportes e até um plano ligado a um empreendimento turístico. Por ora, o jardim infantil é a meta mais próxima. A comunidade quotiza-se para se auto-equipar.

Lapas, aldeia quase sem civilização. Mas com esperanças de que os esforços particulares resolvam as lacunas menos graves.

(Entrevista de HELENA NEVES)

Mosaico da Feira de Março

Em Torres Novas, acontece em Março, a Feira.

Como todas é uma feira de multidões sem parentesco. Os que vendem e os que compram, tocam-se num único acto. Atrás do gesto fugidio e regateado da troca, as vidas dos feirantes permanecem um mosaico por desvendar.

1

Vida pequena é a da Maria do Céu Brito, dez anos, não suspeitados nos olhos sem idade.

— Não sei desde quando venho vender. Vim sempre com os meus pais, desde mais pequena. Saio da escola e corro logo para aqui. No resto do ano, não há tanta gente. Vêm meninos bonitos, com brinquedos bonitos. Só não gosto, porque faz muito frio e tenho de ficar aqui quieta para as pessoas comprarem e os miúdos não levarem nada.

Maria do Céu vende brinquedos, que nem toca. Os brinquedos não são coisa sua. Seu apenas, o frio que o casaco não defende. Suas as estranhas olheiras. Seu o esquecimento de ser criança.

2

No entardecer de Março sem Primavera, três crianças. Família de feirantes, não conhecem lar nem escola. De terra em terra, repetem o nomadismo dos pais quando meninos. A terra serve-lhes de leito. Tapetes estendidos amaciam a agrura das pedras. O casaco da mãe, a colcha que vem dos avós mal os defende da noite cristalizada no frio. O pão abre-se à sua fome. Da aventura resguarda-os o medo dos pais. Pássaros sem poiso, os ralhos cortaram-lhes as asas inquietas no desejo sufocado da descoberta da feira.

Limitados ao seu espaço deixam correr as horas. Até á debandada para outra terra, para outra feira. Até quando? No rosto do mais pequeno, um quase rancor.

AZEVINDA GUIOMAR

Na voz que solta, farto de se esquivar, a determinação: «Não quero ser feirante!»

3

Azevinda Guiomar Salgueiro, de Macieira de Liz, «lá das bandas de Leiria», vende pinhões.

A feira de Março é local obrigatório no programa anual de vendas, que se estende até á praia da Nazaré, quando o calor aperta e as feiras não são já mercado apetecido.

— Há 15 anos que para cá venho. Corro as feiras todas dos arredores. Demais a minha vida sempre foi esta: vender e cavar. Que eu também cavo na minha terrinha. Semelo batata, milho, feijão, tudo o que a terra aceita. Olhe lá as minhas mãos?

Erguidas das fiadas de pinhões, as palmas de Azevinda, mostram-se, revelando enxada e terra amanhada. As mesmas mãos partem os pinhões que vêm do Alentejo até Leiria. As mesmas mãos procedem á tarefa de enfiar os pinhões, que depois torram, dando-lhes o tom de colares campestres.

— Não quero outro negócio enquanto isto durar. Mas não vejo jeitos dele dar! Antigamente vendia cada fiada a $20, agora vendo a 1$00 e ainda dá menos. Qualquer dia, meto-me no negócio da cal. As mulheres lá da minha terra vão comprar cal a Pataias e depois vendem-na. Mas é só em certas épocas. Os homens foram para o Canadá, e os campos, quem os amanha são as mulheres. Se fosse nova, olhe que já não vinha para esta vida. Queria era sair da terra e empregar-me.

Morre Março na queda dos meses. Feirantes levantam praça. No seu horizonte outras estradas a caminho de outras feiras. Até Março, novamente em Torres Novas, o mesmo círculo continuado de gestos repetidos.

MARIA DO CÉU BRITO

Pessoal da Marinha Mercante

Cont. da pág. 1

de máquinas, em virtude da falta de pessoal. Homem do mar desde os 14 anos, desabafa:

— Se fosse hoje, não vinha para aqui. Nem pensar nisso! Só escolhe este trabalho, quem não sabe fazer mais nada ou não tem outro meio de vida. Ganho 4200$00. Das horas extraordinárias vem muito pouco. Tenho casa em Setubal, 1000$00 de renda, mulher e filhos. A mulher, doente, não trabalha. E eu qualquer dia, adoeço também. Todas as horas metido nas máquinas. Dão-me 1 litro de leite E ainda por cima, é leite em pó!

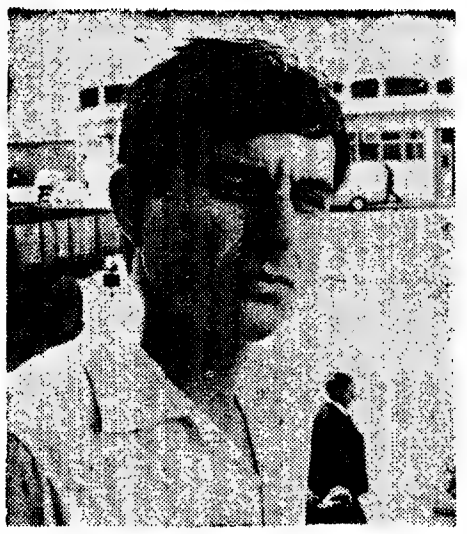
Navios estrangeiros com pessoal português

No II Colóquio Nacional dos Transportes, o comandante Mário da Fonseca Dias afirmava na sua comunicação:

«Essa grave crise de pessoal, numèricamente insuficiente para tripular todas as unidades da frota mercante nacional, e que tem chegado a paralisar temporàriamente algumas delas, compeliu as autoridades responsáveis e as empresas transportadoras, a admitirem mão-de-obra pouco qualificada e oportunista, abrindo assim as portas a um longo cortejo de nefastas consequências no campo técnico, económico e disciplinar»

Numa outra passagem, refere-se ao «êxodo progressivo do pesoal de mar em terra, e a uma crescente dificuldade no recrutamento de novo pessoal verdadeiramente interessado em se fixar nas profissões do mar cujas regalias económico-sociais se mantinham temporàriamente estacionárias não acompanhando a evolução socio-económica das outras profissões e não oferecendo, portanto, o indispensável atractivo para o ingresso de novo pessoal e fixação do antigo».

Estes problemas actuais e tanto mais importantes quanto se trata «de uma actividade de transcendente interesse nacional», afectam sobretudo a marinha mercante portuguesa porque ao êxodo para terra, vem acrescentar-se a «emigração para navios estrangeiros».



FAUSTO CUCO

JOSÉ NUNES DA CONCEIÇÃO

FRANCISCO DA SILVA

Dos nossos entrevistados, José Nunes da Conceição e Francisco da Silva têm saudades do serviço em unidades estrangeiras.

Em navio alemão, de 4500 toneladas e 14 nós, o segundo-piloto disse-nos:

— Só nós, os oficiais, somos alemães. De resto, todo o pessoal é português. É um bom pessoal. Gostam de trabalhar connosco. Um marinheiro de 1.ª classe ganha, no nosso navio 6200$00.

— As nossas viagens são longas — continua. — *De seis em seis meses é que geralmente vamos a casa. Mas ficamos 60 dias ou se preferirmos, procedem a reembolso.*

No convés a azáfama multiplica-se. Dentro de horas, o navio far-se-á ao largo. Dentro dele, movimentando-o e alimentando-o, tripulantes portugueses, os homens que escasseiam na frota mercante nacional

HELENA NEVES

Operárias da Covilhã

Cont. da pág. 1

me num elemento alienador e transforme esses movimentos em autênticos «ghettos», fechados sobre si mesmos, incapazes de se integrarem activamente numa estratégia global.

4 — Assim, chegamos ao «Jornal do Fundão», de 14 de Março, onde se publicava uma reportagem com o título: «As mães ao trabalho. E as crianças?». Nela se incluiam os dois documentos, abaixo transcritos, e que nos dão uma resposta prática á pergunta que sucessivamente formulámos ao longo deste texto. Não sabemos se as assinaturas são só de mulheres. Num caso ou noutro, são as mães operárias que se dirigem ás autoridades.

Carta ao presidente do Instituto de Obras Sociais

«Covilhã, 2 de Março de 1971.

Ex.mo Sr. Dr. Veiga de Macedo:

As mães operárias da Covilhã cumprimentam V. Ex.ª e vêm expor o seguinte:

Há cerca de 12 anos que se vem falando da criação de um Infantário na Covilhã. Atentas a esta tão desejada e urgente realização, sabem que as obras da casa já estão na ultima fase e que está para breve a sua abertura.

Se por um lado estão contentes e vêem aproximar-se a solução de um problema tão angustioso, como é a entrega dos filhos enquanto trabalham, por outro, levantam-se interrogações pelo que se ouve dizer:

1) Que só funcionará até ás [illegible] horas.

2) Que só darão uma refeição ás crianças.

3) Que só receberão crianças dos [illegible] aos 5 anos.

4) Que [illegible] há mais de 2000 mulheres que trabalham no turno da noite, saindo portanto ás 23 h. Destas, quantas dezenas ou centenas terão filhos pequenos?

2. As mães que vão trabalhar ás 7 h. terão de levar os filhos mais cedo ainda e só depois das 15 h. os poderão ir buscar. O mesmo problema se põe quanto ás que trabalham no 2.º turno. Estas crianças só vão ter uma refeição durante cerca de 9 h. que lá estão?

3. A partir dos 2 meses após o parto as mães têm que ir trabalhar. Quem lhes ficará com os filhos dos 2 meses aos 3 anos? E dos 5 anos aos 6. até irem para a escola?

4. As mães operárias da Covilhã lutam com imensas dificuldades, como poderão pagar uma mensalidade certa, que ultrapassa as suas possibilidades, até porque muitas têm mais de um e dois filhos em idade de infantário?

Atendendo também a que a Covilhã é já uma cidade bastante grande e dispersa, põe-se com acuidade o problema dos transportes. As mães que vivem nos suburbios da cidade, a quilómetros de distancia, como poderão beneficiar do infantário?

Estão ainda muito preocupadas se no infantário haverá uma forma de educação pré-primária que prepare as crianças para a entrada na escola.

As mães estão confiadas que os seus filhos ficarão bem entregues e que estes obstáculos que se põem e que tanto as aflige, serão removidos e verão muito em breve resolvida uma aspiração há tanto tempo desejada pelas mães desta terra de trabalhadores.

Sr. dr Veiga de Macedo, confiadas no interesse que V. Ex.ª terá pela solução deste problema, muito reconhecidas pelas mães trabalhadoras da Covilhã».

(Seguem 279 assinaturas)

Carta aos presidentes das Juntas de Freguesia

«Covilhã, 3 de Março de 1971

Ex.mo sr. presidente da Junta de Freguesia:

As mães trabalhadoras da Covilhã vêm junto de V. Ex.ª solicitar o interesse das entidades responsáveis, pela solução de um problema que há muito se faz sentir nesta cidade.

A criação do tão desejado e falado Parque Infantil.

Sabemos que já envidaram esforços e que até está planeado ser construído no antigo campo das festas, mas o certo é que nada se descortina ainda, como esperança de realidade breve.

E as nossas crianças não têm onde se expandir e brincar. As nossas habitações não têm condições para as crianças se desenvolverem e que ao menos o Parque Infantil venha depressa em ajuda das dificuldades criadas pelo problema da habitação que cada vez se sente com maior acuidade.

Além da falta que o Parque nos faz sentimo-nos ainda inferiorizados perante outras localidades não cidades, e que já o possuem há muitos anos.

Senhor Presidente, as mães trabalhadoras da Covilhã confiam que este problema seja resolvido muito em breve e pedem que de novo e com um interesse grande o assunto seja posto á Camara para que em breve possamos ver as nossas crianças no seu Parque Infantil.»

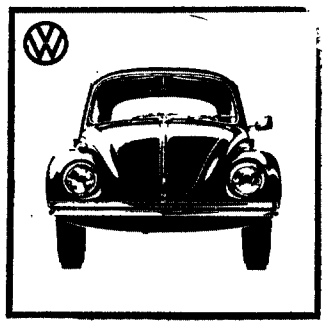
(Seguem 257 assinaturas)

Dois documentos significativos pela expressividade da consciência de uma situação: — a das mães-operárias num País onde não existem as necessárias estruturas para possibilitarem o acesso da mulher á produção social.

J. A. S.

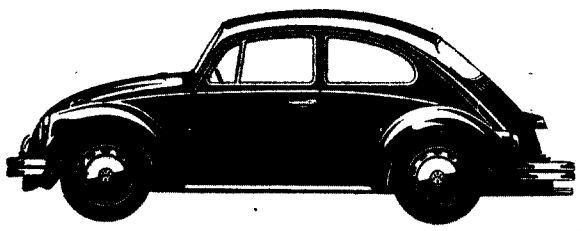
5 dias de carros usados

volkswagen com garantia



novamente... novo!

em exposição até às 0 horas do dia 6 de Abril
(excepto sábados e domingos)



torne a sua Páscoa mais feliz adquirindo um [illegible] como novo!

vendem-se com fac[illegible]

SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S.A.R.L.
Av. António [illegible]

Pessoal da Marinha Mercante

Cont. da pág. 1

de máquinas, em virtude da falta de pessoal. Homem do mar desde os 14 anos, desabafa:

— Se fosse hoje, não vinha para aqui. Nem pensar nisso! Só escolhe este trabalho, quem não sabe fazer mais nada ou não tem outro meio de vida. Ganho 4200$00. Das horas extraordinárias vem muito pouco. Tenho casa em Setubal, 1000$00 de renda, mulher e filhos. A mulher, doente, não trabalha. E eu qualquer dia, adoeço também. Todas as horas metido nas máquinas. Dão-me 1 litro de leite E ainda por cima, é leite em pó!

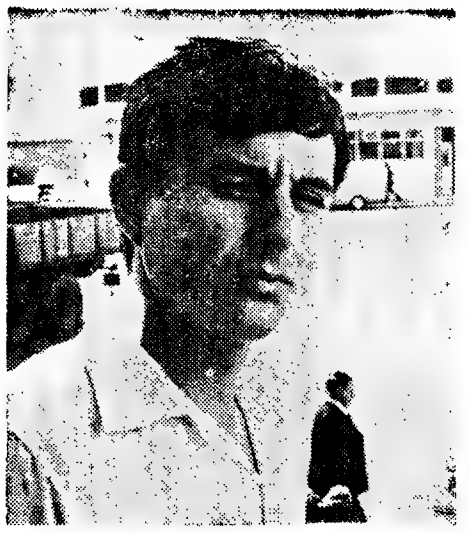
Navios estrangeiros com pessoal português

No II Colóquio Nacional dos Transportes, o comandante Mário da Fonseca Dias afirmava na sua comunicação:

«Essa grave crise de pessoal, numéricamente insuficiente para tripular todas as unidades da frota mercante nacional, e que tem chegado a paralisar temporàriamente algumas delas, compeliu as autoridades responsáveis e as empresas transportadoras, a admitirem mão-de-obra pouco qualificada e oportunista, abrindo assim as portas a um longo cortejo de nefastas consequências no campo técnico, económico e disciplinar»

Numa outra passagem, refere-se ao «êxodo progressivo do pesoal de mar em terra, e a uma crescente dificuldade no recrutamento de novo pessoal verdadeiramente interessado em se fixar nas profissões do mar cujas regalias económico-sociais se mantinham temporàriamente estacionárias não acompanhando a evolução socio-económica das outras profissões e não oferecendo, portanto, o indispensável atractivo para o ingresso de novo pessoal e fixação do antigo».

Estes problemas actuais e tanto mais importantes quanto se trata «de uma actividade de transcendente interesse nacional», afectam sobretudo a marinha mercante portuguesa porque ao êxodo para terra, vem acrescentar-se a «emigração para navios estrangeiros».



FAUSTO CUCO

JOSÉ NUNES DA CONCEIÇÃO

Dos nossos entrevistados, José Nunes da Conceição e Francisco da Silva têm saudades do serviço em unidades estrangeiras.

Em navio alemão, de 4500 toneladas e 11 nós, o segundo-piloto disse-nos:

— Só nós, os oficiais, somos alemães. De resto, todo o pessoal é português. É um bom pessoal. Gostam de trabalhar connosco. Um marinheiro de 1.ª classe ganha, no nosso navio 6200$00.

— As nossas viagens são longas — continua. — *De seis em seis meses é que geralmente vamos a casa. Mas ficamos 60 dias ou se preferirmos, procedem a reembolso.*

No convés a azáfama multiplica-se. Dentro de horas, o navio fará-se-á ao largo. Dentro dele, movimentando-o e alimentando os tripulantes portugueses, os homens que escasseiam na frota mercante nacional.

HELENA NEVES

FRANCISCO DA SILVA

Operárias da Covilhã

Cont. da pág. 1

me num elemento alienador e transforme esses movimentos em autênticos «ghettos», fechados sobre si mesmos, incapazes de se integrarem activamente numa estratégia global.

4 — Assim, chegamos ao «Jornal do Fundão», de 14 de Março, onde se publicava uma reportagem com o título: «As mães ao trabalho. E as crianças?». Nela se incluiam os dois documentos, abaixo transcritos, e que nos dão uma resposta prática á pergunta que sucessivamente formulámos ao longo deste texto. Não sabemos se as assinaturas são só de mulheres. Num caso ou noutro, são as mães operárias que se dirigem ás autoridades.

Carta ao presidente do Instituto de Obras Sociais

«Covilhã, 2 de Março de 1971.

Ex.mo Sr. Dr. Veiga de Macedo:

As mães operárias da Covilhã cumprimentam V. Ex.ª e vêm expor o seguinte:

Há cerca de 12 anos que se vem falando da criação de um Infantário na Covilhã. Atentas a esta tão desejada e urgente realização, sabem que as obras da casa já estão na ultima fase e que está para breve a sua abertura.

Se por um lado estão contentes e vêem aproximar-se a solução de um problema tão angustioso, como é a entrega dos filhos enquanto trabalham, por outro, levantam-se interrogações pelo que se ouve dizer:

1) Que só funcionará até ás 21 horas.

2) Que só darão uma refeição ás crianças.

3) Que só receberão crianças dos 2 aos 5 anos.

4) Que a mensalidade terá [illegible] 150$00.

1. Mas Sr. Dr. Veiga de Macedo, na Covilhã há mais de 2000 mulheres que trabalham no turno da noite, saindo portanto ás 23 h. Destas, quantas dezenas ou centenas terão filhos pequenos?

2. As mães que vão trabalhar ás 7 h. terão de levar os filhos mais cedo ainda e só depois das 15 h. os poderão ir buscar. O mesmo problema se põe quanto ás que trabalham no 2.º turno. Estas crianças só vão ter uma refeição durante cerca de 9 h. que lá estão?

3. A partir dos 2 meses após o parto as mães têm que ir trabalhar. Quem lhes ficará com os filhos dos 2 meses aos 3 anos? E dos 5 anos aos 6, até irem para a escola?

4. As mães operárias da Covilhã lutam com imensas dificuldades, como poderão pagar uma mensalidade certa, que ultrapassa as suas possibilidades, até porque muitas têm mais de um e dois filhos em idade de infantário?

Atendendo também a que a Covilhã é já uma cidade bastante grande e dispersa, põe-se com acuidade o problema dos transportes. As mães que vivem nos subúrbios da cidade, a quilómetros de distancia, como poderão beneficiar do infantário?

Estão ainda muito preocupadas se no infantário haverá uma forma de educação pré-primária que prepare as crianças para a entrada na escola.

As mães estão confiadas que os seus filhos ficarão bem entregues e que estes obstáculos que se põem e que tanto as aflige, serão removidos e verão muito em breve resolvida uma aspiração há tanto tempo desejada pelas mães desta terra de trabalhadores.

Sr. dr Veiga de Macedo, confiadas no interesse que V. Ex.ª terá pela solução deste problema, muito reconhecidas pelas mães trabalhadoras da Covilhã».

(Seguem 273 assinaturas)

Carta aos presidentes das Juntas de Freguesia

«Covilhã, 3 de Março de 1971

Ex.mo sr. presidente da Junta de Freguesia:

As mães trabalhadoras da Covilhã vêm junto de V. Ex.ª solicitar o interesse das entidades responsáveis, pela solução de um problema que há muito se faz sentir nesta cidade:

A criação do tão desejado e falado Parque Infantil.

Sabemos que já envidaram esforços e que até está planeado ser construído no antigo campo das festas, mas o certo é que nada se descortina ainda, como esperança de realidade breve.

E as nossas crianças não têm onde se expandir e brincar. As nossas habitações não têm condições para as crianças se desenvolverem e que ao menos o Parque Infantil venha depressa em ajuda das dificuldades criadas pelo problema da habitação que cada vez se sente com maior acuidade.

Além da falta que o Parque nos faz sentimo-nos ainda inferiorizados perante outras localidades não cidades, e que já o possuem há muitos anos.

Senhor Presidente, as mães trabalhadoras da Covilhã confiam que este problema seja resolvido muito em breve e pedem que de novo e com um interesse grande o assunto seja posto á Camara para que em breve possamos ver as nossas crianças no seu Parque Infantil.»

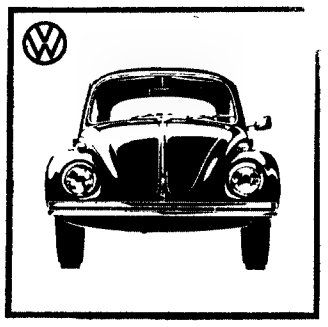
(Seguem 257 assinaturas)

Dois documentos significativos pela expressividade da consciência de uma situação: — a das mães-operárias num País onde não existem as necessárias estruturas para possibilitarem o acesso da mulher á produção social.

J. A. S.

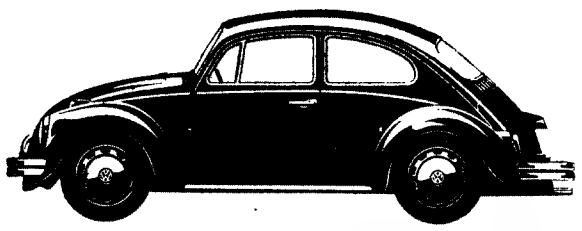
5 dias de carros usados

volkswagen com garantia



novamente... novo!

em exposição até às 0 horas do dia 6 de Abril
(excepto sábados e domingos)



torne a sua Páscoa mais feliz adquirindo um usado como novo!

vendem-se com facilidades de troca e pagamento

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L.
Av. António Augusto de Aguiar, 30-A—Telefs. 368751/7-370171/5

Opinião do leitor

Vamos lá pensar o desporto...

VASCO CRAVEIRO FEIO — (Professor de Educação Física em Lourenço Marques)

A Educação Física será hoje em dia obrigatòriamente um reflexo, com pequenas variações, do bemestar de todo um povo.

Encontrando-se o país em vias de maior desenvolvimento, oportuno será falar sobre a Educação Física nacional, sobre um problema que é vivido por um professor cuja experiência lhe permite sugerir alterações de alguns aspectos actuais.

Trata-se de considerações breves, tocando pontos que se consideram básicos, focando ou propondo algumas coordenadas que já são realidade, embora, admitindo o seu objectivo, algo diferente do que sugere.

Não houve preocupação de terminologia específica, aceitando, para já, formas correntes; este seria um dos assuntos primordiais que reclamaria a atenção do centro de estudos e investigação.

Estamos numa fase em que não nos podemos dispersar e apenas falar gratuitamente em doutrinações, princípios ideológicos, cientificação, etc., etc. mas atender ao bom senso, á observação objectiva sem clubismos, sem egoísmos, sem necessidade de afirmação perante outros

Não podemos motivar o desporto apenas pela competição e pelas medalhas e viagens, nem correr já atrás das actividades de ar livre e lazer, que são fruto duma vida desportiva vivida com prazer, com alegria, com respeito.

Temos de organizar e administrar, formar professores, instrutores, treinadores em bases reais e eficazes, olhar para as instalações e apetrechamento, prepararmos e prepararmo-nos para a vinda de todos os praticantes. que não é necessário aliciá-los.

Isso obriga a uma programação linear, simples, objectiva e firme, visando um futuro não imediato, sem publicação de dados estatísticos, sem desculpas mas com a simplicidade e humildade a que nos obriga a nossa posição no desporto europeu e mundial.

Só a escola pode dar início ao cumprimento deste programa. só ela pode motivar e por em situação todas as crianças e pré-adolescentes e dar a base larga e segura que permite chegar ás elites sem endeusamento, mas com aproveitamento escolar.

A escola falha, é certo. Mas a escola não tem autonomia em desporto, não tem clube; é um elemento de passagem valido para arcar com os desaires, é sempre a ultima razão, do «porquê tudo está mal», como tem sido afirmado por altos dirigentes. E as «vítimas» são sempre o desporto corporativo a viver numa autonomia concedida, que não conseguida e uns quantos clubes a arvorarem-se os sustentáculos do desporto, desporto esse que é cada vez mais caseiro se abandonarmos as estatísticas familiares e nos colocarmos no quadro internacional.

Necessário se torna «fazer o ponto» sem procurar soluções de prestígio nem enganar a história com citações animadoras «de compromisso». Nem tentar justificar a nossa posição do cômputo mundial lembrando as «imoralidades» praticadas além fronteiras.

Qualquer remendo, qualquer improvisação, qualquer solução de emergência só agrava a distancia até um desporto com forma actual.

Levantamos alguns problemas, esboçamos outras questões básicas que podem conduzir a uma programação coerente com as maltratadas expressões: planificação, organização. fomento:

1.º) Só centralizando num unico organismo, mas uma centralização efectiva, é possível comportar toda a gama de situações a resolver e controlar, é possivel programar uma Educação Física á escala nacional e não um conjunto disperso, em desacordos permanentes que se transformam numa absorção total sob forma preocupantemente burocrática, tentando resolver melindres, marcando pomposamente «posições de prestígio», subestimando o carácter acentuadamente apolítico a uma acção simples, natural, pura, em que o homem está na equipa, no grupo, na sociedade, mas pode procurar encontrar-se sem requerimentos, procurar ser mais rápido e mais forte, ser capaz de ver os mais rápidos e mais fortes, os menos fortes e menos rápidos, mas principalmente ser capaz de se ver, de seguir a sua posição no espaço e no tempo, em vaidades finais, sem angustias, sem náuseas.

Só centralizando tudo num organismo se poderá chegar á democratização, partindo do estado actual, sem interferência dos parentes ricos da democracia, como a demagogia, a anarquia, etc.

2.º) Estudo de um calendário unico, englobando todos os desportos, marcando épocas de acordo com:

a) Ligação clima — modalidade, visando saude e rentabilidade;

b) Períodos escolares (alguns desfasados no ambito regional);

c) Épocas dos países limítrofes;

d) Épocas de outras províncias ou países com ligação estreita, mas sem falsear os dados anteriores;

e) Calendários internacionais.

Definir as épocas em tempo de duração.

Procurar, nomeadamente em desportos individuais, a existência de campeonatos abertos.

Pensar sèriamente no interesse momentaneo da maioria das competições internacionais ou nacionais a longa distancia: esquecê-las por um período a determinar; e também grandes reuniões a nível «de prestígio».

Marcar como primeira etapa as olimpíadas de 1976.

3.º) Seria centralizado num organismo directamente dependente, talvez, I. N. E. F., a formação, actualização, coordenação dos professores, instrutores, treinadores, etc., em todos os níveis e modalidades.

Imediatamente estágios de actualização de todos os diplomados existentes, tanto revalidando automáticamente as habilitações, como promovendo logo provas de avaliação para confirmar ou não os certificados, nomeadamente em cursos «instantaneos».

Fazer um mapa estatístico com distribuição de todos os agentes, visando já o programa [illegible] locais, [illegible] a modalidades prioritárias, etc.

Só indivíduos reconhecidos pelo I. N. E. F. poderiam exercer essas funções no ambito gimnodesportivo.

Programar a seguir cursos regulares de actualização e de treinadores (claro que além dos cursos normais de professores e instrutores).

Esses cursos, de início também com a colaboração de alguns professores estrangeiros de reconhecida competência, não teriam duração inferior a um ano (em tempo livre) e três meses (tempo total), podendo admitir-se excepção em alguns cursos de actualização, mas com curta redução.

A todos os alunos dos cursos de professores e instrutores, paralelamente ao programa normal da escola, seria exigido o certificado de treinador em pelo menos um desporto individual e outro colectivo, para obtenção do diploma.

Aos já diplomados seria de aconselhar esses certificados, pois que normalmente no período das férias grandes vários cursos funcionariam em tempo pleno.

Pelo menos em treinadores seria considerada uma escala com vários graus, em que a subida obedeceria tanto a provas teóricas como a trabalho prático efectivo.

Seriam colocadas regularmente á disposição de diplomados de reconhecido interesse e de alunos finalistas com classificações e provas dadas, bolsas de estudo para o estrangeiro ou províncias distantes, para cursos considerados de interesse.

Paralelamente ao I. N. E. F. funcionariam dois centros:

O centro de documentação e Informação e Centro de Estudos e Investigação, que se ocuparia imediatamente, sob direcção efectiva do organismo [illegible] e com a colaboração de todos os escalões: a) de reestruturação dos cursos de professores, instrutores e treinadores; b) um primeiro estudo sobre Educação Física escolar, visando a avaliação, programas e um projecto para apreciação e estudo superior de horários e situação da Educação Física no corrículo escolar; c) seria de abordar a função e acção da medicina desportiva e serviços de saúde escolar, já que para este programa era forçoso poder contar com médicos, médicos especialistas, psicólogos, assistentes sociais.

4.º) Será um dos capitulos pior programados no âmbito gimnodesportivo; num país em que não existem convenientes instalações escolares, quase não possui campos, ginásios, piscinas de utilização pública e com rentabilidade correcta, temos uma densidade flagrante, ao âmbito mundial, de estádios de grande capacidade de espectadores, na maioria particulares e de que se pensa nunca foi feita a estatística do número de pessoas por ano que ocuparam essas bancadas: admite-se que poucos desses lugares foram ocupados 24 horas por ano (8760 horas). Numa época em que rentabilidade é palavra chave em economia, temos de ajuizar que fé e amor clubista são justificações precárias

Criar um gabinete dentro do centro de estudos, com arquitectos, engenheiros. economistas e professores de Educação Física, para prever todo o equipamento e tipos de instalações, dirigir a sua realização, para que de acordo com os outros sectores se procedesse á sua distribuição, conservação, fiscalização visando o seu melhor aproveitamento.

Claro que essa função não se limitará aos muitos afazeres de gabinete ou apenas a visitas de inspecção, a discursos, a entrevistas, a viagens, a fáceis palavras de motivação e encorajamento, mas a permanência em trabalho real.

Devem-se observar as instalações particulares que não ofereçam rendimento e em vez de subsídios, tomar conta da sua administração.

Deve acompanhar todos os planos de urbanização e ter voz activa nas zonas verdes, no estudo de instalações prevendo densidades, praticantes possíveis, etc., e facultar a utilização a todos, de acordo com programas estudados.

Dever-se-á pensar em descentralização, até pelo incremento imenso que acarretará esta solução, e esse pensar tem de ser imediato, mas como solução de continuidade.

5.º) Depois surgirá naturalmente o problema dos praticantes, amadores e profissionais (não sei o que são não-amadores), ou melhor, praticantes dos grupos A e B.

Os do grupo B terão um único escalão etário, terão as suas provas, pertencerão aos seus clubes (empresas, sociedades).

Os do grupo A passarão pelos diferentes escalões, pertencendo exclusivamente á escola, clube escolar, as provas dos dois primeiros escalões, para uma mais correcta passagem dos jogos desportivos aos desportos. Nos restantes estarão todos os clubes: escolares (secundários e superiores), empresas, grupos sociais, polícia, etc.

Claro que tem de ser observado o regulamento de transferências, tanto entre A e B, como no mesmo grupo e todas as soluções julgadas de interesse, não em milhares de artigos, em centenas de publicações, mas de forma simples, clara e curta, sem lugar a grandes processos. É que simplicidade e desporto têm de estar juntos

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

PRETENDE:

Preparadores

Que reunam os seguintes requisitos:

— Curso industrial completo ou 2.º ciclo liceal ou Instrução primária e formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade.
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos

OFERECE:

— Vencimento inicial compatível com as condições exigidas
— Benefícios sociais
— Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam às exigências postas

Inscrições no Serviço de Pessoal
Rua de Conde de Redondo, 79-1.º

Opinião do leitor

Vamos lá pensar o desporto...

VASCO CRAVEIRO FEIO — (Professor de Educação Física em Lourenço Marques)

A Educação Física será hoje em dia obrigatòriamente um reflexo, com pequenas variações, do bemestar de todo um povo.

Encontrando-se o país em vias de maior desenvolvimento, oportuno será falar sobre a Educação Física nacional, sobre um problema que é vivido por um professor cuja experiência lhe permite sugerir alterações de alguns aspectos actuais.

Trata-se de considerações breves, tocando pontos que se consideram básicos, focando ou propondo algumas coordenadas que já são realidade, embora, admitindo o seu objectivo, algo diferente do que sugere.

Não houve preocupação de terminologia específica, aceitando, para já, formas correntes; este seria um dos assuntos primordiais que reclamaria a atenção do centro de estudos e investigação.

Estamos numa fase em que não nos podemos dispersar e apenas falar gratuitamente em doutrinações, princípios ideológicos, cientificação, etc., etc. mas atender ao bom senso, à observação objectiva sem clubismos, sem egoísmos, sem necessidade de afirmação perante outros

Não podemos motivar o desporto apenas pela competição e pelas medalhas e viagens, nem correr já atrás das actividades de ar livre e lazer, que são fruto duma vida desportiva vivida com prazer, com alegria, com respeito.

Temos de organizar e administrar, formar professores, instrutores, treinadores em bases reais e eficazes, olhar para as instalações e apetrechamento, prepararmos e prepararmo-nos para a vinda de todos os praticantes, que não é necessário alicia-los.

Isso obriga a uma programação linear, simples, objectiva e firme, visando um futuro não imediato, sem publicação de dados estatísticos, sem desculpas mas com a simplicidade e humildade a que nos obriga a nossa posição no desporto europeu e mundial.

Só a escola pode dar início ao cumprimento deste programa só ela pode motivar e pôr em situação todas as crianças e pré-adolescentes e dar a base larga e segura que permite chegar ás elites sem endeusamento, mas com aproveitamento escolar.

A escola falha, é certo. Mas a escola não tem autonomia em desporto, não tem clube e um elemento de passagem válido para arcar com os desastres, é sempre a última razão, do «porquê tudo está mal», como tem sido afirmado por altos dirigentes. E as «vítimas» são sempre o desporto corporativo a viver numa autonomia concedida, que não conseguida e uns quantos clubes a arvorarem se os sustentáculos do desporto, desporto esse que é cada vez mais caseiro se abandonarmos as estatísticas familiares e nos colocarmos no quadro internacional.

Necessário se torna «fazer o ponto» sem procurar soluções de prestígio nem enganar a história com citações animadoras «de compromisso». Nem tentar justificar a nossa posição do cômputo mundial lembrando as «imoralidades» praticadas além fronteiras.

Qualquer remendo, qualquer improvisação, qualquer solução de emergência só agrava a distancia até um desporto com forma actual.

Levantamos alguns problemas, esboçamos outras questões básicas que podem conduzir a uma programação coerente com as maltratadas expressões: planificação, organização, fomento:

1.º) Só centralizando num único organismo, mas uma centralização efectiva, é possível comportar toda a gama de situações a resolver e controlar, é possível programar uma Educação Física á escala nacional e não um conjunto disperso, em desacordos permanentes que se transformam numa absorção total

a) Ligação clima — modalidade, visando saúde e rentabilidade;

b) Períodos escolares (alguns desfasados no âmbito regional);

c) Épocas dos países limítrofes;

d) Épocas de outras províncias ou países com ligação estreita, mas sem falsear os dados anteriores;

e) Calendários internacionais.

Definir as épocas em tempo de duração.

Procurar, nomeadamente em desportos individuais, a existência de campeonatos abertos.

sob forma preocupantemente burocrática, tentando resolver melindres, marcando pomposamente «posições de prestígio», subestimando o carácter acentuadamente apolítico a uma acção simples, natural, pura, em que o homem está na equipa, no grupo, na sociedade, mas pode procurar encontrar-se sem requerimentos, procurar ser mais rápido e mais forte, ser capaz de ver os mais rápidos e mais fortes, os menos fortes e menos rápidos, mas principalmente ser capaz de se ver, de seguir a sua posição no espaço e no tempo, em validades finais, sem angústias, sem náuseas.

Só centralizando tudo num organismo se poderá chegar á democratização, partindo do estado actual, sem interferência dos parentes ricos da democracia, como a demagogia, a anarquia, etc.

2.º) Estudo de um calendário único, englobando todos os desportos, marcando épocas de acordo com:

Pensar sèriamente no interesse momentaneo da maioria das competições internacionais ou nacionais a longa distancia: esquecê-las por um período a determinar; e também grandes reuniões a nível «de prestígio».

Marcar como primeira etapa as olimpíadas de 1976.

3.º) Seria centralizado num organismo directamente dependente, talvez, I. N. E. F., a formação, actualização, coordenação dos professores, instrutores, treinadores, etc., em todos os níveis e modalidades.

Imediatamente estágios de actualização de todos os diplomados existentes, tanto revalidando automàticamente as habilitações, como promovendo logo provas de avaliação para confirmar ou não os certificados, nomeadamente em cursos «instantaneos».

Fazer um mapa estatístico com distribuição de todos os agentes, visando já o programa de soluções locais, análise de apoio a modalidades prioritárias, etc.

Só indivíduos reconhecidos pelo I. N. E. F. poderiam exercer essas funções no ambito gimnodesportivo.

Programar a seguir cursos regulares de actualização e de treinadores (claro que além dos cursos normais de professores e instrutores).

Esses cursos, de início também com a colaboração de alguns professores estrangeiros de reconhecida competência, não teriam duração inferior a um ano (em tempo livre) e três meses (tempo total), podendo admitir-se excepção em alguns cursos de actualização, mas com curta redução.

A todos os alunos dos cursos de professores e instrutores, paralelamente ao programa normal da escola, seria exigido o certificado de treinador em pelo menos um desporto individual e outro colectivo, para obtenção do diploma.

Aos já diplomados seria de aconselhar esses certificados, pois que normalmente no período das férias grandes vários cursos funcionariam em tempo pleno.

Pelo menos em treinadores seria considerada uma escala com vários graus, em que a subida obedeceria tanto a provas teóricas como a trabalho prático efectivo.

Seriam colocadas regularmente á disposição de diplomados de reconhecido interesse e de alunos finalistas com classificações e provas dadas, bolsas de estudo para o estrangeiro ou províncias distantes, para cursos considerados de interesse.

Paralelamente ao I. N. E. F. funcionariam dois centros:

O centro de documentação e Informação e Centro de Estudos e Investigação, que se ocuparia imediatamente, sob direcção efectiva do organismo superior e com a colaboração de todos os escalões: a) da reestruturação dos cursos de professores, instrutores e treinadores; b) um primeiro estudo sobre Educação Física escolar, visando a avaliação, programas e um projecto para apreciação e estudo superior de horários e situação da Educação Física no corrículo escolar; c) seria de abordar a função e acção da medicina desportiva e serviços de saúde escolar, já que para este programa era forçoso poder contar com médicos, médicos especialistas, psicólogos, assistentes sociais.

4.º) Será um dos capítulos pior programados no âmbito gimnodesportivo; num país em que não existem convenientes instalações escolares, quase não possui campos, ginásios, piscinas de utilização pública e com rentabilidade correcta, temos uma densidade flagrante, ao âmbito mundial, de estádios de grande capacidade de espectadores, na maioria particulares e de que se pensa nunca foi feita a estatística do número de pessoas por ano que ocuparam essas bancadas: admite-se que poucos desses lugares foram ocupados 24 horas por ano (8760 horas). Numa época em que rentabilidade é palavra chave em economia, temos de ajuizar que fé e amor clubista são justificações precárias

Criar um gabinete dentro do centro de estudos, com arquitectos, engenheiros, economistas e professores de Educação Física, para prever todo o equipamento e tipos de instalações, dirigir a sua realização, para que de acordo com os outros sectores se procedesse á sua distribuição, conservação, fiscalização visando o seu melhor aproveitamento

Claro que essa função não se limitará aos muitos afazeres de gabinete ou apenas a visitas de inspecção, a discursos, a entrevistas, a viagens, a fáceis palavras de motivação e encorajamento, mas a permanência em trabalho real.

Devem-se observar as instalações particulares que não ofereçam rendimento e em vez de subsídios, tomar conta da sua administração.

Deve acompanhar todos os planos de urbanização e ter voz activa nas zonas verdes, no estudo de instalações prevendo densidades, praticantes possíveis, etc., e facultar a utilização a todos, de acordo com programas estudados.

Dever-se-á pensar em descentralização, até pelo incremento imenso que acarretará esta solução, e esse pensar tem de ser imediato mas como solução de continuidade.

5.º) Depois surgirá naturalmente o problema dos praticantes, amadores e profissionais (não ser o que são não-amadores), ou melhor, praticantes dos grupos A e B

Os do grupo B terão um único escalão etário, terão as suas provas, pertencerão aos seus clubes (empresas, sociedades).

Os do grupo A passarão pelos diferentes escalões, pertencendo exclusivamente á escola, clube escolar, as provas dos dois primeiros escalões, para uma mais correcta passagem dos jogos desportivos aos desportos. Nos restantes estarão todos os clubes: escolares (secundários e superiores), empresas, grupos sociais polícia, etc.

Claro que tem de ser observado o regulamento de transferências, tanto entre A e B, como no mesmo grupo e todas as soluções julgadas de interesse, não em milhares de artigos, em centenas de publicações, mas de forma simples, clara e curta, sem lugar a grandes processos. É que simplicidade e desporto têm de estar juntos

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
PRETE[illegible]

Preparadores

Que reunam os seguintes requisitos:
— Curso industrial completo ou
2. ciclo liceal ou
Instrução primária e formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade.
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos

OFERECE:
— Vencimento inicial compatível com as condições exigidas
— Benefícios sociais
— Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam às exigências postas

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º

O ensino secund
e o projecto da reforma

RAUL GOMES

Convidaram-me os organizadores destes colóquios para, no âmbito da discussão do projecto de ensino publicado pelo Ministério da Educação Nacional, falar hoje sobre o ensino secundário.

Dado que este grau de ensino tem, aliás como qualquer outro, uma função social, começarei exactamente por situar a sua problemática actual no contexto da evolução histórica da escolaridade obrigatória.

Efectivamente, uma das novidades do projecto em causa reside no facto de a escolaridade obrigatória ser elevada para oito anos, dos quais os quatro últimos decorrerão no ensino secundário.

Tem-se frequentemente considerado esta medida como um índice de democratização. Na realidade, o que significará ela, verdadeiramente, do ponto de vista histórico?

Como se sabe, a primeira medida legislativa tomada em Portugal com vista á obrigatoriedade do ensino, a nível primário, data de 1835. Reflexo, ainda, do idealismo remanescente da Revolução Francesa, era uma medida a que a própria Inglaterra só se abalançaria em 1880. Influenciada, talvez, pela decisão inglesa, é que, 4 anos depois, ou seja em 1884, a nossa legislação passou a ameaçar — teòricamente, é claro — com penalidades, as infracções á obrigatoriedade.

Mas, enquanto, em 1891, a Inglaterra tornava o ensino gratuito em quase todas as escolas primárias, Portugal fechava, 3 anos depois, 1000 das 4000 mil que possuía. A disparidade, como se vê, é flagrante.

Tem-se procurado explicar a falência da escolaridade obrigatória em Portugal, nos fins do século passado, pelo recurso da indústria á mão-de-obra infantil. Ora a verdade é que esse fenómeno só se verifica, historicamente, na fase inicial da industrialização. Onde essa fase foi ultrapassada, o índice de escolaridade passou a acompanhar o índice de industrialização, como se poderá deduzir do que se passou na Inglaterra e nos outros países industrialmente avançados.

Em 1911, a nossa legislação republicana restabeleceu a obrigatoriedade do ensino primário, então de 5 anos. Em 1936, a escolaridade obrigatória desce ao nível da terceira classe primária. Em 1952, torna-se extensiva á quarta classe primária. Em 1964, é elevada de mais dois anos, susceptíveis de cumprimento quer ao nível primário (ciclo complementar do ensino primário), quer ao nível secundário (ciclo preparatório do ensino secundário).

Finalmente, e numa altura em que, por escassez da rede escolar, a escolaridade dos 6 anos ainda não conseguiu abranger 50 por cento das crianças portuguesas, pensa-se em elevá-la para 8 anos.

Entretanto, qual o panorama que nos oferecem, a este respeito, os países chamados desenvolvidos? Não incluindo a escolaridade pré-primária, a restante escolaridade subiu em alguns deles, como os E. U. da América, a Suíça e a Rússia, para 12 anos, atingindo os escalões etários de 17/18 anos.

A ESCOLARIDADE NÃO SE PODE AUMENTAR ARBITRÀRIAMENTE

Se o período de escolaridade obrigatória devesse ser tomado como índice de democratização, creio que pouco nos teríamos de envaidecer pelo nvel atingido até agora.

A verdade é que a escolaridade não se pode aumentar ou diminuir arbitràriamente. Para que se eleve, torna-se necessário que subam as exigências de qualificação escolar da mão-de-obra; caso contrário, a preparação escolar não tem cotação no mercado do trabalho.

A instrução é uma mercadoria que, como as outras mercadorias, se rege pela lei da oferta e da procura. A elevação do período de escolaridade obrigatória e o aumento das exigências de qualificação da mão-de-obra são, na realidade, fenómenos concomitantes. Não estranhemos, por isso mesmo, que o que a Revolução Francesa não conseguiu pela força exclusiva do seu idealismo, tenha sido conseguido pela Revolução Industrial sem idealismo algum.

Assim fácilmente se entenderá que a primeira coisa a explicar não é tanto a lentidão do nosso processo de escolarização como a lentidão do nosso processo de industrialização. Como se compreende que este processo se encontrasse ainda emperrado entre nós, a seguir á segunda guerra mundial?

A nosso ver, o processo de industrialização português foi contrariado por duas razões principais:

1) Como medida de defesa do sector agrário, ansioso por impedir a inflação salarial e o êxodo da mão-de-obra rural para os centros urbanos;

2) Pela política de condicionamento industrial e de oposição á política económica da livre concorrência capitalista.

Tinha-se em vista, com esta política, evitar a agudização dos conflitos entre o capital e o trabalho, que, historicamente, acompanharam a concentração industrial e a concomitante proletarização das massas.

Esta política de contenção do processo capitalista contribuiu para alargar ainda mais o fosso que já nos separava dos países onde o liberalismo económico deixara o campo livre á concorrência.

A verdadeira consciência disto surgiu quando o nosso País, por força da sua participação na E. F. T. A., contraiu o compromisso de, num determinado prazo, através da abolição das barreiras alfandegárias, abrir o mercado nacional á concorrência estrangeira.

Tratar-se-á agora, para o sistema político vigente — e o projecto de reforma em causa filiar-se-á nessa tendência — de reajustar a sua ideologia e os seus métodos a uma política de desenvolvimento de tipo neocapitalista.

Em que medida é que o projecto da reforma se inserirá nesta perspectiva?

Dizia, ainda há pouco, mais precisamente no dia três do mês findo, o secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins, numa conferência proferida no Instituto de Altos Estudos Militares, sobre os problemas da indústria portuguesa:

«A primeira das condições que buscamos como causadoras de desenvolvimento é um sistema de ensino adequado. Isto é, extensivo á dimensão de todo um povo, intensivo na exigência de seriedade e trabalho, progressivo na abertura ao pleno aproveitamento das capacidades, correctivo dos defeitos herdados de mentalidade e feitio, científico na atitude informadora do currículo, respeitado como primordial força da Nação. Ora, lembremo-nos de que em 1960, do conjunto de pessoas que trabalhavam no total da nossa indústria, mais de 64 por cento eram operários não qualificados e apenas 0,9 por cento dirigentes e quadros superiores; e que dos dirigentes e quadros superiores, só dezoito por cento tinham cursos universitários e haviam trinta e sete por cento apenas com instrução primária. Na Itália, nessa altura, o primeiro número era de trinta e três por cento e o segundo 1,6 por cento; quer dizer, havia na sua indústria proporcionalmente metade dos nossos serventes e o dobro dos nossos dirigentes e quadros superiores. E destes, trinta por cento tinham curso superior; isto é, no interior do grupo dirigente industrial havia o dobro de diplomados, entre nós. Um estudo mais recente sobre «O escol industrial português» (de Harry Makler, publicado em 1969) verifica que, comparado com o país vizinho, «as empresas espanholas têm ao seu serviço, em média, mais técnicos do que as portuguesas.»

Destes dados, extraiu o orador as seguintes ilações:

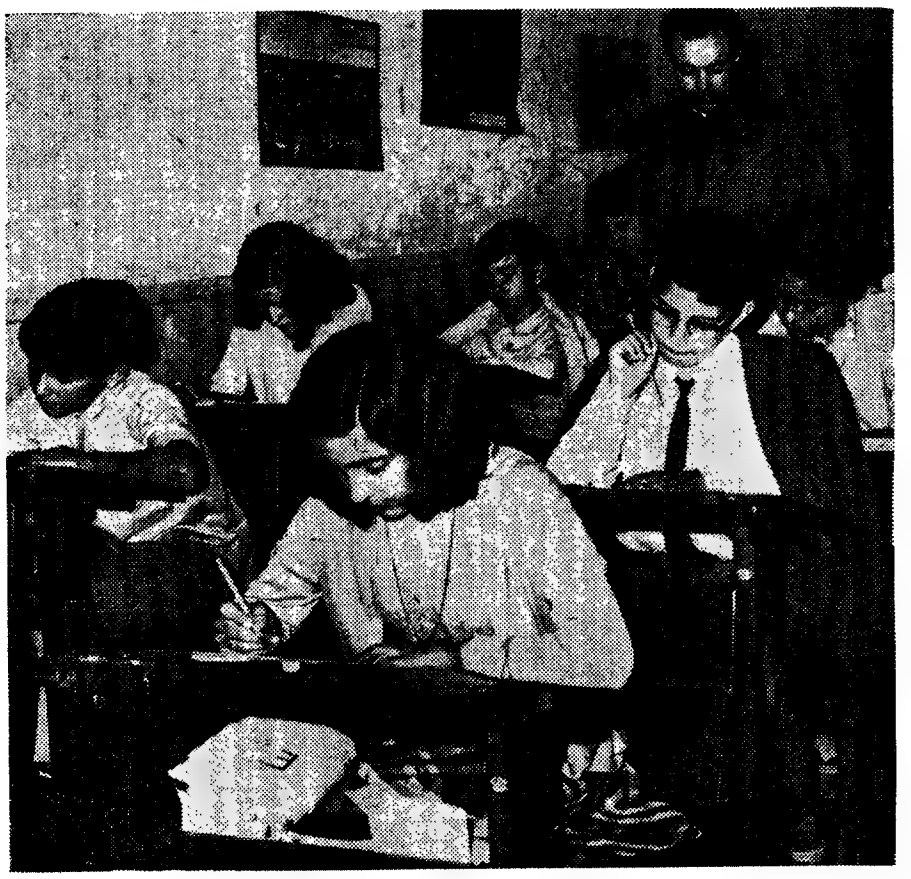
— A lição destes números é que nos tempos que imediatamente nos precedem, e independentemente das intenções e doutrinas, não foi possível dispor, de facto, deste factor decisivo, que é o ensino, em potência e gradiente proporcionados á sua influência na aceleração do desenvolvimento.

Assim se entenderá a importância verdadeiramente histórica que, mesmo sob uma óptica exclusivamente desenvolvimentista como esta, tem o recente anúncio por parte do senhor ministro da Educação Nacional do seu plano de reforma integral do sistema educativo português.»

Ao empregar a expressão «mesmo sob uma óptica exclusivamente desenvolvimentista» pretendia, óbviamente, o eng.º Rogério Martins significar que havia outras ópticas a considerar. Efectivamente, no dia seguinte ao da conferência daquele membro do Governo, mais precisamente no dia 4 do mês passado, o eng.º Adelino Amaro da Costa, no primeiro colóquio de um ciclo dedicado ao projecto de reforma da Universidade, efectuado em Coimbra, na Residência dos Estudantes da Beira, afirmava:

«A reforma do sistema escolar constitui um primeiro sinal, no sector educativo, de uma inserção deliberada no fenómeno da socialização.

«Socialização, porquê? Porque, por um lado, se procura considerar a expansão educativa no quadro geral da expansão social que não no âmbito exclusivo da expansão económica; depois, porque as estruturas projectadas tendem a promover a integração social e convivência de pessoas originárias de diferentes estratos, acentuando fortemente a necessidade de concretização do princípio de igualdade de oportunidades, a que os projectos ministeriais fazem várias referências».



«É preferível aprender a montar e a desmontar um motor...»

«A escolaridade não se pode aumentar arbitràriamente»

HUMANISMO E «DESENVOLVIMENTISMO»

Este e outros comentadores do projecto têm-se referido ainda aos valores humanísticos que a reforma pretende salvaguardar. Mas, serão os objectivos desenvolvimentistas desta reforma tão predominantes que não deixem margem ou deixem uma margem demasiado reduzida a outro tipo de formação diferente daquela que mais directamente interessa a uma política neocapitalista de industrialização?

A este respeito, as opiniões divergem.

Há, em primeiro lugar, os que pensam que tal problema se resolverá mediante uma espécie de co-existência pacífica entre a preparação prática e utilitária e a formação teórica e inutilitária, isto é, entre a tecnologia moderna e o humanismo clássico.

E há, em segundo lugar, os que pensam

O ensino secund
e o projecto da reforma

RAUL GOMES

Convidaram-me os organizadores destes colóquios para, no âmbito da discussão do projecto de ensino publicado pelo Ministério da Educação Nacional, falar hoje sobre o ensino secundário.

Dado que este grau de ensino tem, aliás como qualquer outro, uma função social, começarei exactamente por situar a sua problemática actual no contexto da evolução histórica da escolaridade obrigatória.

Efectivamente, uma das novidades do projecto em causa reside no facto de a escolaridade obrigatória ser elevada para oito anos, dos quais os quatro últimos decorrerão no ensino secundário.

Tem-se frequentemente considerado esta medida como um índice de democratização. Na realidade, o que significará ela, verdadeiramente, do ponto de vista histórico?

Como se sabe, a primeira medida legislativa tomada em Portugal com vista á obrigatoriedade do ensino, a nível primário, data de 1835. Reflexo, ainda, do idealismo remanescente da Revolução Francesa, era uma medida a que a própria Inglaterra só se abalançaria em 1880. Influenciada, talvez, pela decisão inglesa, é que, 4 anos depois, ou seja em 1884, a nossa legislação passou a ameaçar — teòricamente, é claro — com penalidades, as infracções á obrigatoriedade.

Mas, enquanto, em 1891, a Inglaterra tornava o ensino gratuito em quase todas as escolas primárias, Portugal fechava, 3 anos depois, 1000 das 4000 mil que possuía. A disparidade, como se vê, é flagrante.

Tem-se procurado explicar a falência da escolaridade obrigatória em Portugal, nos fins do século passado, pelo recurso da indústria á mão-de-obra infantil. Ora a verdade é que esse fenómeno só se verifica, historicamente, na fase inicial da industrialização. Onde essa fase foi ultrapassada, o índice de escolaridade passou a acompanhar o índice de industrialização, como se poderá deduzir do que se passou na Inglaterra e nos outros países industrialmente avançados.

Em 1911, a nossa legislação republicana restabeleceu a obrigatoriedade do ensino primário, então de 5 anos. Em 1936, a escolaridade obrigatória desce ao nível da terceira classe primária. Em 1952, torna-se extensiva á quarta classe primária. Em 1964, é elevada de mais dois anos, susceptíveis de cumprimento quer ao nível primário (ciclo complementar do ensino primário), quer ao nível secundário (ciclo preparatório do ensino secundário).

Finalmente, e numa altura em que, por escassez da rede escolar, a escolaridade dos 6 anos ainda não conseguiu abranger 50 por cento das crianças portuguesas, pensa-se em elevá-la para 8 anos.

Entretanto, qual o panorama que nos oferecem, a este respeito, os países chamados desenvolvidos? Não incluindo a escolaridade pré-primária, a restante escolaridade subiu em alguns deles, como os E. U. da América, a Suíça e a Rússia, para 12 anos, atingindo os escalões etários de 17 18 anos.

A ESCOLARIDADE NÃO SE PODE AUMENTAR ARBITRÀRIAMENTE

Se o período de escolaridade obrigatória devesse ser tomado como índice de democratização, creio que pouco nos teríamos de envaidecer pelo nvel atingido até agora.

A verdade é que a escolaridade não se pode aumentar ou diminuir arbitrariamente. Para que se eleve, torna-se necessário que subam as exigências de qualificação escolar da mão-de-obra; caso contrário, a preparação escolar não tem cotação no mercado do trabalho.

A instrução é uma mercadoria que, como as outras mercadorias, se rege pela lei da oferta e da procura. A elevação do período de escolaridade obrigatória e o aumento das exigências de qualificação da mão-de-obra são, na realidade, fenómenos concomitantes. Não estranhemos, por isso mesmo, que o que a Revolução Francesa não conseguiu pela força exclusiva do seu idealismo, tenha sido conseguido pela Revolução Industrial sem idealismo algum.

Assim fácilmente se entenderá que a primeira coisa a explicar não é tanto a lentidão do nosso processo de escolarização como a lentidão do nosso processo de industrialização. Como se compreende que este processo se encontrasse ainda emperrado entre nós, a seguir á segunda guerra mundial?

A nosso ver, o processo de industrialização português foi contrariado por duas razões principais:

1) Como medida de defesa do sector agrário, ansioso por impedir a inflação salarial e o êxodo da mão-de-obra rural para os centros urbanos;

2) Pela política de condicionamento industrial e de oposição á política económica da livre concorrência capitalista.

Tinha-se em vista, com esta política, evitar a agudização dos conflitos entre o capital e o trabalho, que, historicamente, acompanharam a concentração industrial e a concomitante proletarização das massas.

Esta política de contenção do processo capitalista contribuiu para alargar ainda mais o fosso que já nos separava dos países onde o liberalismo económico deixara o campo livre á concorrência.

A verdadeira consciência disto surgiu quando o nosso País, por força da sua participação na E. F. T. A., contraiu o compromisso de, num determinado prazo, através da abolição das barreiras alfandegárias, abrir o mercado nacional á concorrência estrangeira.

Tratar-se-á agora, para o sistema político vigente — e o projecto de reforma em causa filiar-se-á nessa tendência — de reajustar a sua ideologia e os seus métodos a uma política de desenvolvimento de tipo neocapitalista.

Em que medida é que o projecto da reforma se inserirá nesta perspectiva?

Dizia, ainda há pouco, mais precisamente no dia três do mês findo, o secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins, numa conferência proferida no Instituto de Altos Estudos Militares, sobre os problemas da indústria portuguesa:

«A primeira das condições que buscamos como causadoras de desenvolvimento é um sistema de ensino adequado. Isto é, extensivo á dimensão de todo um povo, intensivo na exigência de seriedade e trabalho, progressivo na abertura ao pleno aproveitamento das capacidades, correctivo dos defeitos herdados de mentalidade e feitio, científico na atitude informadora do currículo, respeitado como primordial força da Nação. Ora, lembremo-nos de que em 1960, do conjunto de pessoas que trabalhavam no total da nossa indústria, mais de 64 por cento eram operários não qualificados e apenas 0,9 por cento dirigentes e quadros superiores; e que dos dirigentes e quadros superiores, só dezoito por cento tinham cursos universitários e haviam trinta e sete por cento apenas com instrução primária. Na Itália, nessa altura, o primeiro número era de trinta e três por cento e o segundo 1,6 por cento; quer dizer, havia na sua indústria proporcionalmente metade dos nossos serventes e o dobro dos nossos dirigentes e quadros superiores. E destes, trinta por cento tinham curso superior; isto é, no interior do grupo dirigente industrial havia o dobro de diplomados, entre nós. Um estudo mais recente sobre «O escol industrial português» (de Harry Makler, publicado em 1969) verifica que, comparado com o país vizinho, «as empresas espanholas têm ao seu serviço, em média, mais técnicos do que as portuguesas.»

Destes dados, extraiu o orador as seguintes ilações:

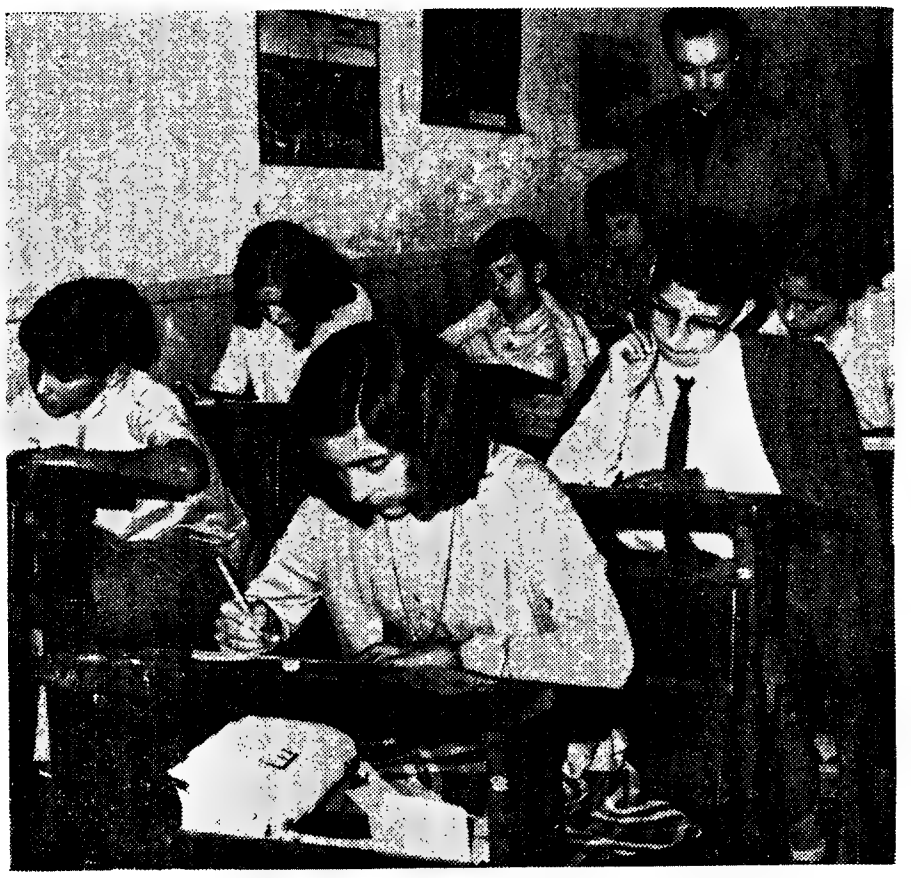
— A lição destes números é que nos tempos que imediatamente nos precedem, e independentemente das intenções e doutrinas, não foi possível dispor, de facto, deste factor decisivo, que é o ensino, em potência e gradiente proporcionados á sua influência na aceleração do desenvolvimento.

Por aqui se entenderá a importância verdadeiramente histórica que, mesmo sob uma óptica exclusivamente desenvolvimentista como esta, tem o recente anúncio por parte do senhor ministro da Educação Nacional do seu plano de reforma integral do sistema educativo português.»

Ao empregar a expressão «mesmo sob uma óptica exclusivamente desenvolvimentista» pretendia, óbviamente, o eng.º Rogério Martins significar que havia outras ópticas a considerar. Efectivamente, no dia seguinte ao da conferência daquele membro do Governo, mais precisamente no dia 4 do mês passado, o eng.º Adelino Amaro da Costa, no primeiro colóquio de um ciclo dedicado ao projecto de reforma da Universidade, efectuado em Coimbra, na Residência dos Estudantes da Beira, afirmava:

«A reforma do sistema escolar constitui um primeiro sinal, no sector educativo, de uma inserção deliberada no fenómeno da socialização.

«Socialização, porquê? Porque, por um lado, se procura considerar a expansão educativa no quadro geral da expansão social que não no âmbito exclusivo da expansão económica; depois, porque as estruturas projectadas tendem a promover a integração social e convivência de pessoas originárias de diferentes estratos, acentuando fortemente a necessidade de concretização do princípio de igualdade de oportunidades, a que os projectos ministeriais fazem várias referências».



«É preferível aprender a montar e a desmontar um motor...»

«A escolaridade não se pode aumentar arbitràriamente»

HUMANISMO E «DESENVOLVIMENTISMO»

Este e outros comentadores do projecto têm-se referido ainda aos valores humanísticos que a reforma pretende salvaguardar. Mas, serão os objectivos desenvolvimentistas desta reforma tão predominantes que não deixem margem ou deixem uma margem demasiado reduzida a outro tipo de formação diferente daquela que mais directamente interessa a uma política neocapitalista de industrialização?

A este respeito, as opiniões divergem.

Há, em primeiro lugar, os que pensam que tal problema se resolverá mediante uma espécie de co-existência pacífica entre a preparação prática e utilitária e a formação teórica e inutilitária, isto é, entre a tecnologia moderna e o humanismo clássico.

E há, em segundo lugar, os que pensam

dário
na

que esse problema se resolverá pela integração da formação tecnológica e da ideologia neocapitalista, isto é, pela subordinação do progresso técnico aos objectivos da rentabilidade e do consumo.

De momento e face aos textos programáticos publicados pelo Ministério da Educação Nacional, não podemos prever rigorosamente como virá a ser resolvido tal problema. Só a publicação dos programas que estão a ser elaborados nos virá dar uma resposta satisfatória a este respeito. Isto não quer dizer que através da análise do organograma publicado e dos textos que o acompanhavam não se possam descortinar certas intenções.

Essas intenções transparecem particularmente do carácter predominantemente prático da preparação a ministrar pelos liceus técnicos e da preparação predominantemente teórica a ministrar pelos liceus clássicos. Transparece ainda do critério de acesso ao ensino superior, em que a via directa para o ensino universitário é o liceu clássico. Filia-se este critério no preconceito tradicional da separação entre a teoria e a prática, entre a ciência pura e a ciência aplcada, entre dirigentes e executantes (eufemísticamente rotulados, os primeiros, de quadros superiores, e os segundos de quadros médios e inferiores). Isto está, aliás, de acordo com as concepções do humanismo clássico, moldadas a partir das estruturas sociais da sociedade clássica e renascentista, que eram, como se sabe, profundamente hierarquizados, continuando, por isso, no nosso tempo a representar um obstáculo sério á mobilidade vertical dos vários estratos sociais.

QUE DESENVOLVIMENTO?

Dir-me-ão que o liceu técnico também dá acesso, por enquanto indirectamente, ou seja através dos Institutos Politécnicos, á Universidade. Talvez aí se encontre uma tentativa para estabelecer a ponte entre a ideologia hierarquizante que nos é transmitida pelo humanismo clássico e a ideologia mobilista que caracteriza o neocapitalismo. Neste e noutros aspectos, os textos programáticos afiguram-se-nos um produto híbrido, resultante do cruzamento das concepções de imobilismo e de mobilismo sociais.

Concretamente o que se pretende com esta reforma? Aproximar a sociedade portuguesa, considerada subdesenvolvida, ou, se quiserem, em vias de desenvolvimento, das sociedades chamadas desenvolvidas.

Mas, qual é o padrão da sociedade desenvolvida? Será o americano, será o europeu tipo nórdico, será o europeu tipo alemão ou francês, será o soviético?

O conceito de padrão de sociedade desenvolvida tornou-se extremamente ambíguo na medida em que nele estão simultâneamente contidos elementos de natureza tecnológica e elementos de natureza socioeconómica. E é exactamente em virtude da ambiguidade desse conceito que alguns adversários do neocapitalismo e da ideologia da rentabilidade e do consumo atacam também o progresso técnico. É esse, aliás, um dos mais graves erros de Marcuse.

Afigura-se-me de uma importância enorme acabar com esta ambiguidade. Importa, e definitivamente, separar a técnica dos sistemas socioeconómicos que a utilizam.

Ora o problema que se põe relativamente a este padrão de sociedade é o de saber se ele é possível sem o progresso tecnológico. Ora eu acho que não, que não é possível. E é o próprio Marcuse que reconhece que tal padrão de sociedade só é possível a partir da fase tecnológica da automação.

Só essa fase tecnológica proporcionará as condições de produtividade indispensáveis á satisfação das necessidades fundamentais de todos os homens, proporcionando-lhes, simultâneamente, o tempo livre necessário para se realizarem individualmente.

Ora eu pergunto: a sociedade portuguesa já se encontrará na fase tecnológica da automação? Evidentemente que não. E não só não atingiu essa fase, como não se encontra ainda em plena fase de trabalho em cadeia. O que quer dizer que, se verdadeiramente quisermos constituir a sociedade da abundância, teremos ainda de percorrer um longo caminho no domínio tecnológico.

Como vamos então percorrer esse caminho? Através de que sistema socioeconómico? Através de que sistema político? Qual dos sistemas existentes nos poderia levar mais depressa á meta almejada?

Há quem seja da opinião de que uma resposta a esta pergunta deveria ter prioridade sobre as restantes. Mas a verdade é que nós estamos aqui para discutir o projecto da reforma e o que nos cabe perguntar a este respeito é em que medida esse projecto encara e procura resolver o problema do nosso desenvolvimento tecnológico.

Temos que reconhecer que ele vem alargar consideràvelmente o leque da formação profissional, quer a nível secundário, quer a nível superior; temos de reconhecer que o grau de qualificação técnica e científica foi melhorado com a criação dos Institutos Politécnicos e as perspectivas abertas á investigação científica mas não nos parece que o avanço tecnológico possa vir a lucrar com a preconceituosa separação a que atrás fizemos referência, entre cursos predominantemente teóricos e cursos predominantemente práticos ao nível do ensino secundário e ao nível dos primeiros anos do ensino superior.

ORIENTAÇÃO ESCOLAR

Relacionado ainda com a formação tecnológica, há o problema da função social dos dois últimos anos de escolaridade obrigatória. Os textos programáticos são omissos a este respeito.

Debrucemo-nos um pouco sobre este assunto. O primeiro ciclo do ensino secundário, constituído por 4 anos, virá a ser de escolaridade obrigatória. Desses 4 anos, os 2 primeiros, já em funcionamento e com carácter obrigatório para aqueles que não cumpram a escolaridade obrigatória por outras vias, destinar-se-ão á observação dos alunos. Os dois últimos destinar-se-ão á orientação escolar, isto é, a prospecção das aptidões específicas dos alunos com vista á colheita de indicações para a escolha de estudos subsequentes. Não me proponho discutir aqui se essas indicações serão mais ou menos válidas ou se os alunos e respectivas famílias as levarão em conta. Mesmo que a título informativo é possível que tais prospecções sejam válidas, tudo dependerá, sob este aspecto, do nível de qualificação dos serviços encarregados do trabalho de orientação. Mas mais que não fosse, quer-me parecer que as técnicas de observação e de orientação podem dar um largo contributo para o conhecimento do processo de aprendizagem.

É geralmente admitido que as aptidões específicas se manifestam por altura dos 13/14 anos. Mas a verdade é que há excepções, com relevo especial para a aptidão musical, que se manifesta muito mais cedo. Transferir a iniciação instrumental para os 15 anos, como está previsto no projecto, constitui, sob este aspecto, um verdadeiro absurdo.

De qualquer forma, a orientação escolar, objectivo dos dois últimos anos da escolaridade obrigatória, só poderá ter interesse para os alunos que venham a prosseguir estudos. Para os outros, que serão a maioria, que interesse poderá ter uma orientação puramente escolar, isto é, com vista a estudos subsequentes?

Como serão organizados o currículo e os programas destes dois anos terminais do ensino obrigatório? Terão em atenção os interesses dos alunos que vão imediatamente ingressar na vida activa?

REFORMA DO ENSINO E REFORMA DAS ESTRUTURAS SOCIAIS

Por força das circunstâncias, o nível da sua preparação virá a constituir o primeiro nível de qualificação da nossa mão-de-obra. Corresponderá tal nível ás exigências tecnológicas da nossa indústria e da nossa agricultura? Mas de que indústria? Mas de que agricultura? Das actuais ou daquelas que nos poderão aproximar dos padrões mais desenvolvidos? Que reformas estruturais se prevêem para possibilitar a dinamização da nossa agricultura e da nossa indústria?

Como vêem, a reforma educativa e a reforma das estruturas económicas são interdependentes. E ou se fazem conjugadamente ou competirá ao sector que vier a dar o primeiro passo fazer simplesmente os melhores votos por que os outros sectores o acompanhem.

Entretanto, o currículo e os programas do ciclo de orientação terão de ser elaborados e dependerá da maneira como forem elaborados o nível de preparação da maioria dos trabalhadores e cidadãos portugueses durante algumas décadas.

Tendo particularmente em conta a imperiosa necessidade de reformar as nossas estruturas agrárias, condição, aliás, indispensável do processo de industrialização, eu preconizava, em artigo recentemente publicado, um currículo susceptível de proporcionar a uma futura estruturação cooperativista da nossa agricultura os quadros humanos indispensáveis á sua dinamização.

Eis o nível de preparação que pedimos a esse currículo:

Em primeiro lugar, o nível necessário para garantir a mecanização do trabalho, o que, no plano escolar, implicava a aprendizagem teórico-prática de tudo o que dissesse respeito, a um nível elementar, ao funcionamento e reparação de motores de explosão e eléctricos. Daí a necessidade de disciplinas como Noções de Física Aplicada e Trabalhos Manuais ou oficinais, mediante os quais os alunos se familiarizassem com as leis fundamentais que regem o mundo físico e aprendessem, embora rudimentarmente, as artes da carpintaria, da olaria e da serralharia.

Em segundo lugar, a qualificação necessária para facilitar a abordagem da natureza em termos operacionais, em que Ciências como a Mineralogia, a Botânica e a Zoologia, despidas das velhas pretensões enciclopédicas, que tanto viciaram e continuam a viciar o seu estudo, fossem postas ao serviço da racionalização de certas práticas como a fertilização dos solos, a poda, a enxertia, a avicultura, a pecuária, etc.

Em terceiro lugar, a qualificação necessária para o domínio da simbologia das várias formas de linguagem: a oral e a escrita da língua materna e duma língua estrangeira, a gráfica (Desenho), a corporal (Educação Física), a Musical, a Matemática (Cálculo), e a Económica (Noções de Contabilidade), correspondentes ás exigências culturais de base indispensáveis ao exercício duma actividade produtiva e á participação consciente na vida cívica.

Em quarto lugar, a formação intelectual e humanística proporcionável pela aprendizagem das seguintes disciplinas: Rudimentos da Vida Económica, como iniciação aos segredos do mundo em que os alunos vão viver e que, sob certos aspectos, será para eles mais real ou, pelo menos, mais actuante do que o próprio ambiente físico que os circunda; História da Civilização, destinada a fornecer ao aluno o quadro histórico da sua inserção humana e social; e Geografia, uma Geografia concebida para dar ao aluno o quadro actual duma humanidade diversificada pelo meio físico, pelos tipos humanos, pelas culturas e pelos sistemas políticos, mas simultâneamente unificada pelos meios de comunicação e pela complementaridade das necessidades e das experiências humanas.

As pessoas de marcada formação clássica poderão encontrar neste currículo um excesso de preparação tecnológica, desnecessária aos alunos que vão prosseguir estudos. Mas a verdade é que estamos inseridos num mundo que já é mais técnico do que natural e que teremos de compreender para dominar.

Entre decorar 17 páginas sobre a flor ou sete sobre o lagarto, como se vem fazendo nos liceus, acho que é preferível aprender a montar e a desmontar um motor, porque é uma forma de conhecer e de agir sobre o mundo em que vivemos. Parece-me, por outro lado, que o sócio de uma cooperativa que não tenha umas noçõezinhas de Contabilidade será um mau sócio e um mau cidadão, porque poderá deixar-se enganar e poderá contribuir para que o enganem.

De resto, eu pergunto: serão os interesses dos que vão prosseguir estudos dissociáveis do sucesso ou da derrocada da nossa agricultura? E pergunto, ainda: se a concorrência vitoriosa do produto agrícola estrangeiro no mercado nacional não virá comprometer a própria política de industrialização do País?

«As aptidões específicas manifestam-se pelos 13/14 anos»

dário
na

que esse problema se resolverá pela integração da formação tecnológica e da ideologia neocapitalista, isto é, pela subordinação do progresso técnico aos objectivos da rentabilidade e do consumo.

De momento e face aos textos programáticos publicados pelo Ministério da Educação Nacional, não podemos prever rigorosamente como virá a ser resolvido tal problema. Só a publicação dos programas que estão a ser elaborados nos virá dar uma resposta satisfatória a este respeito. Isto não quer dizer que através da análise do organograma publicado e dos textos que o acompanhavam não se possam descortinar certas intenções.

Essas intenções transparecem particularmente do carácter predominantemente prático da preparação a ministrar pelos liceus técnicos e da preparação predominantemente teórica a ministrar pelos liceus clássicos. Transparece ainda do critério de acesso ao ensino superior, em que a via directa para o ensino universitário é o liceu clássico. Filia-se este critério no preconceito tradicional da separação entre a teoria e a prática, entre a ciência pura e a ciência aplcada, entre dirigentes e executantes (eufemísticamente rotulados, os primeiros, de quadros superiores, e os segundos de quadros médios e inferiores). Isto está, aliás, de acordo com as concepções do humanismo clássico, moldadas a partir das estruturas sociais da sociedade clássica e renascentista, que eram, como se sabe, profundamente hierarquizados, continuando, por isso, no nosso tempo a representar um obstáculo sério á mobilidade vertical dos vários estratos sociais.

QUE DESENVOLVIMENTO?

Dir-me-ão que o liceu técnico também dá acesso, por enquanto indirectamente, ou seja através dos Institutos Politécnicos, á Universidade. Talvez aí se encontre uma tentativa para estabelecer a ponte entre a ideologia hierarquizante que nos é transmitida pelo humanismo clássico e a ideologia mobilista que caracteriza o neocapitalismo. Neste e noutros aspectos, os textos programáticos afiguram-se-nos um produto híbrido, resultante do cruzamento das concepções de imobilismo e de mobilismo sociais.

Concretamente o que se pretende com esta reforma? Aproximar a sociedade portuguesa, considerada subdesenvolvida, ou, se quiserem, em vias de desenvolvimento, das sociedades chamadas desenvolvidas.

Mas, qual é o padrão da sociedade desenvolvida? Será o americano, será o europeu tipo nórdico, será o europeu tipo alemão ou francês, será o soviético?

O conceito de padrão de sociedade desenvolvida tornou-se extremamente ambíguo na medida em que nele estão simultâneamente contidos elementos de natureza tecnológica e elementos de natureza socioeconómica. E é exactamente em virtude da ambiguidade desse conceito que alguns adversários do neocapitalismo e da ideologia da rentabilidade e do consumo atacam também o progresso técnico. É esse, aliás, um dos mais graves erros de Marcuse.

Afigura-se-me de uma importância enorme acabar com esta ambiguidade. Importa, e definitivamente, separar a técnica dos sistemas socioeconómicos que a utilizam.

Ora o problema que se põe relativamente a este padrão de sociedade é o de saber se ele é possível sem o progresso tecnológico. Ora eu acho que não, que não é possível. E é o próprio Marcuse que reconhece que tal padrão de sociedade só é possível a partir da fase tecnológica da automação.

Só essa fase tecnológica proporcionará as condições de produtividade indispensáveis á satisfação das necessidades fundamentais de todos os homens, proporcionando-lhes, simultâneamente, o tempo livre necessário para se realizarem individualmente.

Ora eu pergunto: a sociedade portuguesa já se encontrará na fase tecnológica da automação? Evidentemente que não. E não só não atingiu essa fase, como não se encontra ainda em plena fase de trabalho em cadeia. O que quer dizer que, se verdadeiramente quisermos constituir a sociedade da abundância, teremos ainda de percorrer um longo caminho no domínio tecnológico.

Como vamos então percorrer esse caminho? Através de que sistema socioeconómico? Através de que sistema político? Qual dos sistemas existentes nos poderia levar mais depressa á meta almejada?

Há quem seja da opinião de que uma resposta a esta pergunta deveria ter prioridade sobre as restantes. Mas a verdade é que nós estamos aqui para discutir o projecto da reforma e o que nos cabe perguntar a este respeito é em que medida esse projecto encara e procura resolver o problema do nosso desenvolvimento tecnológico.

Temos que reconhecer que ele vem alargar consideràvelmente o leque da formação profissional, quer a nível secundário, quer a nível superior; temos de reconhecer que o grau de qualificação técnica e científica foi melhorado com a criação dos Institutos Politécnicos e as perspectivas abertas á investigação científica mas não nos parece que o avanço tecnológico possa vir a lucrar com a preconceituosa separação a que atrás fizemos referência, entre cursos predominantemente teóricos e cursos predominantemente práticos ao nível do ensino secundário e ao nível dos primeiros anos do ensino superior.

ORIENTAÇÃO ESCOLAR

Relacionado ainda com a formação tecnológica, há o problema da função social dos dois últimos anos de escolaridade obrigatória. Os textos programáticos são omissos a este respeito.

Debrucemo-nos um pouco sobre este assunto. O primeiro ciclo do ensino secundário, constituído por 4 anos, virá a ser de escolaridade obrigatória. Desses 4 anos, os 2 primeiros, já em funcionamento e com carácter obrigatório para aqueles que não cumpram a escolaridade obrigatória por outras vias, destinar-se-ão á observação dos alunos. Os dois últimos destinar-se-ão á orientação escolar, isto é, a prospecção das aptidões específicas dos alunos com vista á colheita de indicações para a escolha de estudos subsequentes. Não me proponho discutir aqui se essas indicações serão mais ou menos válidas ou se os alunos e respectivas famílias as levarão em conta. Mesmo que a título informativo é possível que tais prospecções sejam válidas, tudo dependendo, sob este aspecto, do nível de qualificação dos serviços encarregados do trabalho de orientação. Mas mais que não fosse, quer-me parecer que as técnicas de observação e de orientação podem dar um largo contributo para o conhecimento do processo de aprendizagem».

É geralmente admitido que as aptidões específicas se manifestam por altura dos 13/14 anos. Mas a verdade é que há excepções, com relevo especial para a aptidão musical, que se manifesta muito mais cedo. Transferir a iniciação instrumental para os 15 anos, como está previsto no projecto, constitui, sob este aspecto, um verdadeiro absurdo.

De qualquer forma, a orientação escolar, objectivo dos dois últimos anos da escolaridade obrigatória, só poderá ter interesse para os alunos que venham a prosseguir estudos. Para os outros, que serão a maioria, que interesse poderá ter uma orientação puramente escolar, isto é, com vista a estudos subsequentes?

Como serão organizados o currículo e os programas destes dois anos terminais do ensino obrigatório? Terão em atenção os interesses dos alunos que vão imediatamente ingressar na vida activa?

REFORMA DO ENSINO E REFORMA DAS ESTRUTURAS SOCIAIS

Por força das circunstâncias, o nível da sua preparação virá a constituir o primeiro nível de qualificação da nossa mão-de-obra. Corresponderá tal nível ás exigências tecnológicas da nossa indústria e da nossa agricultura? Mas de que indústria? Mas de que agricultura? Das actuais ou daquelas que nos poderão aproximar dos padrões mais desenvolvidos? Que reformas estruturais se prevêem para possibilitar a dinamização da nossa agricultura e da nossa indústria?

Como vêem, a reforma educativa e a reforma das estruturas económicas são interdependentes. E ou se fazem conjugadamente ou competirá ao sector que vier a dar o primeiro passo fazer simplesmente os melhores votos por que os outros sectores o acompanhem.

Entretanto, o currículo e os programas do ciclo de orientação terão de ser elaborados e dependerá da maneira como forem elaborados o nível de preparação da maioria dos trabalhadores e cidadãos portugueses durante algumas décadas.

Tendo particularmente em conta a imperiosa necessidade de reformar as nossas estruturas agrárias, condição, aliás, indissociável do processo de industrialização, eu preconizava, em artigo recentemente publicado, um currículo susceptível de proporcionar a uma futura estruturação cooperativista da nossa agricultura os quadros humanos indispensáveis á sua dinamização.

Eis o nível de preparação que pedimos a esse currículo:

Em primeiro lugar, o nível necessário para garantir a mecanização do trabalho, o que, no plano escolar, implicava a aprendizagem teórico-prática de tudo o que dissesse respeito, a um nível elementar, ao funcionamento e reparação de motores de explosão e eléctricos. Daí a necessidade de disciplinas como Noções de Física Aplicada e Trabalhos Manuais ou oficinais, mediante os quais os alunos se familiarizassem com as leis fundamentais que regem o mundo físico e aprendessem, embora rudimentarmente, as artes da carpintaria, da olaria e da serralharia.

Em segundo lugar, a qualificação necessária para facilitar a abordagem da natureza em termos operacionais, em que Ciências como a Mineralogia, a Botânica e a Zoologia, despidas das velhas pretensões enciclopédicas, que tanto viciaram e continuam a viciar o seu estudo, fossem postas ao serviço da racionalização de certas práticas como a fertilização dos solos, a poda, a enxertia, a avicultura, a pecuária, etc.

Em terceiro lugar, a qualificação necessária para o domínio da simbologia das várias formas de linguagem: a oral e a escrita da língua materna e duma língua estrangeira, a gráfica (Desenho), a corporal (Educação Física), a Musical, a Matemática (Cálculo), e a Económica (Noções de Contabilidade), correspondentes ás exigências culturais de base indispensáveis ao exercício duma actividade produtiva e á participação consciente na vida cívica.

Em quarto lugar, a formação intelectual e humanística proporcionável pela aprendizagem das seguintes disciplinas: Rudimentos da Vida Económica, como iniciação aos segredos do mundo em que os alunos vão viver e que, sob certos aspectos, será para eles mais real ou, pelo menos, mais actuante do que o próprio ambiente físico que os circunda; História da Civilização, destinada a fornecer ao aluno o quadro histórico da sua inserção humana e social; e Geografia, uma Geografia concebida para dar ao aluno o quadro actual duma humanidade diversificada pelo meio físico, pelos tipos humanos, pelas culturas e pelos sistemas políticos, mas simultâneamente unificada pelos meios de comunicação e pela complementaridade das necessidades e das experiências humanas.

As pessoas de marcada formação clássica poderão encontrar neste currículo um excesso de preparação tecnológica, desnecessária aos alunos que vão prosseguir estudos. Mas a verdade é que estamos inseridos num mundo que já é mais técnico do que natural e que teremos de compreender para dominar.

Entre decorar 17 páginas sobre a flor ou sete sobre o lagarto, como se vem fazendo nos liceus, acho que é preferível aprender a montar e a desmontar um motor, porque é uma forma de conhecer e de agir sobre o mundo em que vivemos. Parece-me, por outro lado, que o sócio de uma cooperativa que não tenha umas noçõezinhas de Contabilidade será um mau sócio e um mau cidadão, porque poderá deixar-se enganar e poderá contribuir para que o enganem.

De resto, eu pergunto: serão os interesses dos que vão prosseguir estudos dissociáveis do sucesso ou da derrocada da nossa agricultura? E pergunto, ainda: se a concorrência vitoriosa do produto agrícola estrangeiro no mercado nacional não virá comprometer a própria política de industrialização do País?

«As aptidões específicas manifestam-se pelos 13/14 anos»

Objectivos das associações de quadros técnicos femininos

A recente realização, em França, de um colóquio, promovido pela U. G. I. C. T. e pela sua comissão «Quadros Femininos», abordando especificamente o problema da mulher técnica, veio actualizar algumas linhas da temática já expressa pela Unesco, no seu programa relativo aos elementos femininos técnicos e científicos.

Neste programa, considera-se que o potencial científico da mulher, cujo aproveitamento é uma necessidade social, é insuficiente ou pèssimamente utilizado. Independentemente da educação ministrada às raparigas as afastar dos problemas técnicos e científicos, existem muitas mulheres, com formação adequada que não exercem actividade. Como nota Madeleine Guilbert, «o homem ocioso é, nos nossos dias, uma excepção ou um objecto de escândalo. Não acontece o mesmo em relação à mulher, cujo afastamento de toda a actividade profissional encontra, muitas vezes, uma justificação no cumprimento das tarefas domésticas.» Ora este aspecto de inatividade de quadros reflecte-se na fraca participação feminina nas actividades técnicas e industriais. Mesmo quando se não exprimem claramente discriminações, elas existem, na prática, na desigualdade quando as possibilidades de real acesso aos estabelecimentos de formação profissional e aos lugares de responsabilidade técnica e administrativa, na desigualdade de promoção profissional, nas diferenciações de remuneração na menor participação nas actividades políticas e sindicais

CAMBRIDGE 1967: II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MULHERES TÉCNICAS

«Se nada se opõe directamente à presença da mulher na nossa sociedade, nada na educação pública a convida a preparar-se para uma participação activa; não se combate mais a emancipação feminina, mas acha-se sempre natural que a mulher se confirme e confine numa existência familiar associal. Assim negligencia a necessidade de modificar sistemàticamente a sua atitude política passiva, que faz dela uma menor cultural e sobretudo política.»

Desta realidade expressa por G. Dottrens, as mulheres técnicas, baseadas no programa da Unesco, propõem-se cooperar em programas de educação que orientem as raparigas para as actividades científicas e técnicas Foi este um dos pontos fundamentais abordados na II Conferência Internacional da Mulher Técnica e Cientista realizada em 1967. Consideraram-se nesta conferência, três tipos de aceitação e aproveitamento dos quadros técnicos femininos no mundo. Na classe I «Economias Desenvolvidas», de alta utilização relativa integrou-se a Polónia e a Rússia (35 por cento de técnicas e 85 por cento de médicas, 36 por cento de engenheiras, 35 por cento de juristas e 45 por cento do conjunto de sábios).

Na classe II, compreenderam-se os países desenvolvidos com baixa utilização relativa, diferenciando o Canadá, E. Unidos, Suécia, em que se assistia já a um recrutamento activo e grandes oportunidades de emprego, a França, Japão, Turquia, Inglaterra, Portugal e Filipinas, em que se verificava uma aceitação relutante, e a Bélgica, Alemanha, Itália e Suíça em que a utilização da mulher não só era muito baixa mas até sujeita a indiferença ou mesmo hostilidade, na receptividade do elemento feminino. Nos países subdesenvolvidos, Gana, Índia, Nigéria e Uganda, inseridos na classe III a utilização continuava quase nula.

Na resolução destas e de outras questões abordadas na conferência e mais recentemente no colóquio da U. G. I. C. T., e atendendo a que mais de cinquenta anos de industrialização provocaram mutações profundas na condição feminina, colaboram associações de mulheres técnicas da Inglaterra (fundada em 1918), da Rússia, («Soviet Women's Comittee») de França Itália, Japão, Filipinas Alemanha e Brasil No essencial, as mulheres técnicas lutam para que a mentalidade expressa por Friedrich Schiller «sendo dado a sua maravilhosa missão, a mulher não pode compartilhar com o homem o domínio da ciência», como espelho de toda uma época, se torne, cada vez mais, do domínio do passado. O desenvolvimento económico e social, postulando necessidades cada vez mais vastas, abre aos quadros técnicos femininos amplas vias de participação.

«Fraca participação feminina nas actividades técnicas e industriais.»

Mercado Comum contra monopólios americanos

O departamento anti-«trust» do Mercado Comum depe processar «Europemballage», uma sociedade de embalagens multinacional pertencente á «Continental Can Inc.», dos Estados Unidos, segundo foi recentemente repelado nesta cidade.

Pela primeira vez funcionários da comissão directiva superior do Mercado Comum decidiram invocar uma lei que visa proibir «o abuso de uma posição dominante» na organização de seis membros. Será enviada uma «lista de queixas» á «Europemballage», a qual possui um escritório em Bruxelas.

Espera-se que o assunto venha levantar novamente o problema, delicado sob o aspecto político, do «contrôle» americano de determinados sectores da industria europeia, muito embora certos funcionários ligados á organização, em Bruxelas, insistam que seria «completamente errado» pensar que a sua principal preocupação é o facto de uma sociedade americana estar implicada no caso.

Tratando-o como um caso-experiência, a comissão do Mercado Comum concentrará os seus argumentos na posição dominante da «Europemballage» em alguns estados membros.

Uma das questões a esclarecer consiste em saber em que medida uma posição dominante por si só constitui um abuso de competição. Um membro da comissão declarou recentemente que a decisão de processar a «Europemballage» era baseada numa «profunda convicção de abuso».

Companhia subsidiária (100 %) de «Continental Can», que é também a maior empresa de embalagens de todo o mundo, «Europemballage» alargou as suas actividades na Europa o ano passado ao adquirir 87,6 por cento de Thomassen e Drijver-Verblifa, a principal empresa de embalagens dos mercados holandês e belga.

Simultaneamente, adquiriu 86 por cento de Schmalbach-Lubeka-Werke, o maior grupo de empresas de embalagens da Alemanha Ocidental. «Europemballage» afirmou que, «ao introduzir uma maior gama de inovações no sector das embalagens e ao proporcionar serviços mais completos aos clientes e aos consumidores, realizaria muitos dos fins e objectivos do Mercado Comum».

Após meses de deliberação, não restam dúvidas de que os membros da comissão chegaram a uma conclusão diferente. A menos que «Europemballage» dê satisfação ás autoridades dentro de um mês, pedirão á sociedade que restaure as condições de competição no mercado das embalagens, provàvelmente ordenando algumas das suas posições accionistas nas sociedades europeias.

A disputa implicará igualmente uma série de acordos de partilha de mercados e fixação de preços, bem como acordos de compra exclusivos, os quais, segundo se diz não oficialmente, restringiram sèriamente o potencial de competição das empresas francesas no sector das embalagens.

«Metal Box», a mais importante firma de embalagens da Grã-Bretanha, foi convidada a tomar parte no plano de expansão da «Europemballage», mas abandonou as negociações quando teve conhecimento das investigações da comissão europeia, o ano passado. «Metal Box» manteve a sua posição de nove por cento em «Thomassen». A sociedade britanica é, igualmente, proprietária de «Superbox», o principal fabricante de recipientes de Itália.

No caso de «Europemballage» não satisfazer os pedidos das autoridades do Mercado Comum depois dos interrogatórios, o caso pode ser levado ao Tribunal de Justiça europeu.

Mas certos funcionários do Mercado Comum prevêem acesas disputas à volta do caso, o primeiro em que se alega abuso de uma posição de monopólio. Alguns observadores estão convencidos de que levará, pelo menos, um ano a decidir a questão.

Um dos problemas consistirá na dificuldade de se saber qual a parte exacta do mercado de «Europemballage», dada a vasta gama de recipientes e equipamento de embalagem fabricado em todos os países do Mercado Comum.

A comissão Europeia calcula que «Europemballage» controla pelo menos 70 por cento do mercado na Alemanha Ocidental e no Benelux (Belgica, Holanda e Luxemburgo). «Europemballage» afirma que lhe cabe menos de 4 por cento de todo o mercado das embalagens nos seis países do Mercado Comum.

«Continental Can» já esteve implicada numa outra questão anti-«trust».

Em 1950, o tribunal distrital federal da Califórnia interveio junto da «Continental Can» e da «American Can Company» devido a processos de fixação de preços considerados restritivos da competição.

AJUDANTES DE MONTADOR OFFSET

PRECISAM-SE

Resposta, com informações detalhadas, ao n.º 752 deste Jornal.

PRÉDIO

LUMIAR

Bem localizado, construção de cimento armado, composto de 10 inq.ºs, hab., 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa. Alugado com rendas baixas

PREÇO — 2.100.000$00

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

ESTABELECIMENTOS

J. B. FERNANDES, S.A.R.L.

COMUNICA QUE, POR MOTIVO DAS SOLENIDADES RELACIONADAS COM A SEMANA DA PÁSCOA, ENCERRARÃO TODOS OS SEUS SERVIÇOS NA QUINTA-FEIRA, DIA 8, PELAS 13 HORAS, REABRINDO NA SEGUNDA-FEIRA, DIA 12, ÀS 9 HORAS.

AJUDANTE DE IMPRESSOR OFFSET

PRECISA-SE

Resposta, com informações detalhadas ao n.º 753 deste Jornal.

Objectivos das associações de quadros técnicos femininos

A recente realização, em França, de um colóquio, promovido pela U. G. I. C. T. e pela sua comissão «Quadros Femininos», abordando especificamente o problema da mulher técnica, veio actualizar algumas linhas da temática já expressa pela Unesco, no seu programa relativo aos elementos femininos técnicos e científicos.

Neste programa, considera-se que o potencial científico da mulher cujo aproveitamento é uma necessidade social, é insuficiente ou pèssimamente utilizado. Independentemente da educação ministrada às raparigas as afastar dos problemas técnicos e científicos, existem muitas mulheres, com formação adequada que não exercem actividade. Como nota Madeleine Guilbert, «o homem ocioso é, nos nossos dias, uma excepção ou um objecto de escândalo. Não acontece o mesmo em relação à mulher, cujo afastamento de toda a actividade profissional encontra, muitas vezes, uma justificação no cumprimento das tarefas domésticas.» Ora este aspecto de inatividade de quadros reflecte-se na fraca participação feminina nas actividades técnicas e industriais. Mesmo quando se não exprimem claramente discriminações, elas existem, na prática, na desigualdade quando as possibilidades de real acesso aos estabelecimentos de formação profissional e aos lugares de responsabilidade técnica e administrativa, na desigualdade de promoção profissional, nas diferenciações de remuneração na menor participação nas actividades políticas e sindicais

CAMBRIDGE 1967: II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MULHERES TÉCNICAS

«Se nada se opõe diretamente à presença da mulher na nossa sociedade, nada na educação pública a convida a preparar-se para uma participação activa; não se combate mais a emancipação feminina, mas acha-se sempre natural que a mulher se confirme e confine numa existência familiar associal. Assim negligencia a necessidade de modificar sistemàticamente a sua atitude política passiva, que faz dela uma menor cultural e sobretudo política.»

Desta realidade expressa por G. Dottrens, as mulheres técnicas, baseadas no programa da Unesco, propõem-se cooperar em programas de educação que orientem as raparigas para as actividades científicas e técnicas Foi este um dos pontos fundamentais abordados na II Conferência Internacional da Mulher Técnica e Cientista realizada em 1967. Consideraram-se nesta conferência, três tipos de aceitação e aproveitamento dos quadros técnicos femininos no mundo. Na classe I «Economias Desenvolvidas», de alta utilização relativa integrou-se a Polónia e a Rússia (35 por cento de técnicas e 85 por cento de médicas, 36 por cento de engenheiras, 35 por cento de juristas e 45 por cento do conjunto de sábios).

Na classe II, compreenderam-se os países desenvolvidos com baixa utilização relativa, diferenciando o Canadá, E. Unidos Suécia, em que se assistia já a um recrutamento activo e grandes oportunidades de emprego, a França, Japão, Turquia Inglaterra, Portugal e Filipinas, em que se verificava uma aceitação relutante, e a Bélgica, Alemanha, Itália e Suíça em que a utilização da mulher não só era muito baixa mas até sujeita a indiferença ou mesmo hostilidade, na receptividade do elemento feminino. Nos países subdesenvolvidos, Gana, Índia, Nigéria e Uganda, inseridos na classe III a utilização continuava quase nula.

Na resolução destas e de outras questões abordadas na conferência e mais recentemente no colóquio da U. G. I. C. T., e atendendo a que mais de cinquenta anos de industrialização provocaram mutações profundas na condição feminina, colaboram associações de mulheres técnicas da Inglaterra (fundada em 1918), da Rússia, («Soviet Women's Comittee») de França Itália, Japão, Filipinas Alemanha e Brasil No essencial, as mulheres técnicas lutam para que a mentalidade expressa por Friedrich Schiller «sendo dado a sua maravilhosa missão, a mulher não pode compartilhar com o homem o domínio da ciência», como espelho de toda uma época, se torne, cada vez mais, do domínio do passado. O desenvolvimento económico e social, postulando necessidades cada vez mais vastas, abre aos quadros técnicos femininos amplas vias de participação.

«Fraca participação feminina nas actividades técnicas e industriais.»

Mercado Comum contra monopólios americanos

O departamento anti-«trust» do Mercado Comum depe processar «Europemballage», uma sociedade de embalagens multinacional pertencente à «Continental Can Inc.», dos Estados Unidos, segundo foi recentemente repelado nesta cidade.

Pela primeira vez funcionários da comissão directiva superior do Mercado Comum decidiram invocar uma lei que visa proibir «o abuso de uma posição dominante» na organização de seis membros. Será enviada uma lista de queixas» à «Europemballage», a qual possui um escritorio em Bruxelas.

Espera-se que o assunto venha levantar novamente o problema, delicado sob o aspecto político, do «contrôle» americano de determinados sectores da industria europeia, muito embora certos funcionários ligados á organização, em Bruxelas, insistam que seria «completamente errado» pensar que a sua principal preocupação é o facto de uma sociedade americana estar implicada no caso.

Tratando-o como um caso-experiência, a comissão do Mercado Comum concentrará os seus argumentos na posição dominante da «Europemballage» em alguns estados membros.

Uma das questões a esclarecer consiste em saber em que medida uma posição dominante por si só constitui um abuso de competição. Um membro da comissão declarou recentemente que a decisão de processar a «Europemballage» era baseada numa «profunda convicção de abuso».

Companhia subsidiária (100 %) de «Continental Can», que é também a maior empresa de embalagens de todo o mundo, «Europemballage» alargou as suas actividades na Europa o ano passado ao adquirir 87,6 por cento de Thomassen e Drijver-Verblifa, a principal empresa de embalagens dos mercados holandês e belga.

Simultaneamente, adquiriu 86 por cento de Schmalbach-Lubeka-Werke, o maior grupo de empresas de embalagens da Alemanha Ocidental. «Europemballage» afirmou que, «ao introduzir uma maior gama de inovações no sector das embalagens e ao proporcionar serviços mais completos aos clientes e aos consumidores, realizaria muitos dos fins e objectivos do Mercado Comum».

Após meses de deliberação, não restam dúvidas de que os membros da comissão chegaram a uma conclusão diferente. A menos que «Europemballage» dê satisfação ás autoridades dentro de um mês, pedirão á sociedade que restaure as condições de competição no mercado das embalagens, provàvelmente tendendo algumas das suas posições accionistas nas sociedades europeias.

A disputa implicará igualmente uma série de acordos de partilha de mercados e fixação de preços, bem como acordos de compra exclusivos, os quais, segundo se diz não oficialmente, restringiram sèriamente o potencial de competição das empresas francesas no sector das embalagens.

«Metal Box», a mais importante firma de embalagens da Grã-Bretanha, foi convidada a tomar parte no plano de expansão da «Europemballage», mas abandonou as negociações quando teve conhecimento das investigações da comissão europeia, o ano passado. «Metal Box» manteve a sua posição de nove por cento em «Thomassen». A sociedade britanica é, igualmente, proprietária de «Superbox», o principal fabricante de recipientes de Itália.

No caso de «Europemballage» não satisfazer os pedidos das autoridades do Mercado Comum depois dos interrogatórios, o caso pode ser levado ao Tribunal de Justiça europeu.

Mas certos funcionários do Mercado Comum preveem acesas disputas à volta do caso, o primeiro em que se alega abuso de uma posição de monopólio. Alguns observadores estão convencidos de que levará, pelo menos, um ano a decidir a questão.

Um dos problemas consistirá na dificuldade de se saber qual a parte exacta do mercado de «Europemballage», dada a vasta gama de recipientes e equipamento de embalagem fabricado em todos os países do Mercado Comum.

A comissão Europeia calcula que «Europemballage» controla pelo menos 70 por cento do mercado na Alemanha Ocidental e no Benelux (Belgica, Holanda e Luxemburgo). «Europemballage» afirma que lhe cabe menos de 4 por cento de todo o mercado das embalagens nos seis países do Mercado Comum.

«Continental Can» já esteve implicada numa outra questão anti-«trust».

Em 1950, o tribunal distrital federal da Califórnia interveio junto da «Continental Can» e da «American Can Company» devido a processos de fixação de preços considerados restritivos da competição.

AJUDANTES DE MONTADOR OFFSET

PRECISAM-SE

Resposta, com informações detalhadas, ao n.º 752 deste Jornal.

PRÉDIO

LUMIAR

Bem localizado, construção de cimento armado, composto de 10 inq.ºs, hab., 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa. Alugado com rendas baixas

PREÇO — 2.100.000$00

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

ESTABELECIMENTOS

J. B. FERNANDES, S.A.R.L.

COMUNICA QUE, POR MOTIVO DAS SOLENIDADES RELACIONADAS COM A SEMANA DA PÁSCOA, ENCERRARÃO TODOS OS SEUS SERVIÇOS NA QUINTA-FEIRA, DIA 8, PELAS 13 HORAS, REABRINDO NA SEGUNDA-FEIRA, DIA 12, ÀS 9 HORAS.

AJUDANTE DE IMPRESSOR OFFSET

PRECISA-SE

Resposta, com informações detalhadas ao n.º 753 deste Jornal.

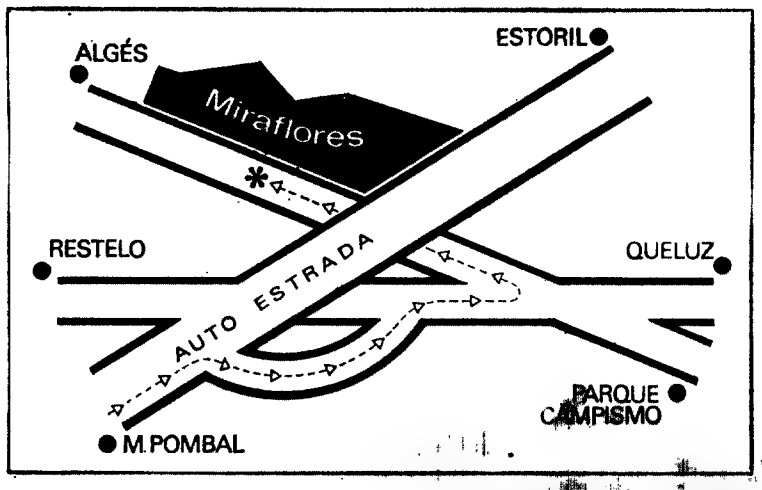
APA MHP-1/71

A nobreza duma zona central está em "Miraflores-Lux"!

Andares em

Miraflores Lux

cidade residencial



Miraflores — a solução exacta para o seu meio ambiente. Um local de excepção para gente de nível.

Miraflores — qualidade de construção, apuro de acabamentos.

Miraflores — piscinas, jardins, parques infantis e desportivos, centro comercial, escolas, garagens, parques públicos, clubes.

Miraflores — mar e serra, a 5 minutos do Marquês de Pombal e 6 minutos do Terreiro do Paço.

Miraflores — prestígio em cada metro quadrado.

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, S.A.R.L.
Informações e vendas:
Avenida Principal — Parque Residencial e Turístico de "Miraflores" (Norte)
Telef. 215087-215088-215089-215080

lemos para si

Pensar Portugal hoje (*)

Pensar Portugal hoje... é difícil. Começa porque pensar é difícil. Pensar, no sentido forte da palavra, haverá muita gente capaz disso, entre nós? Pensar a um nível como aquele a que pensou António Sérgio, seja qual for a nossa opinião a respeito do seu ensaísmo?

Depois, Portugal. Pelo menos a partir de certa altura, Portugal tornou-se um país excêntrico relativamente ás grandes metrópoles da decisão histórica. Essa uma das razões de um certo «mistério» de Portugal, tema de várias obras de ontologia da pátria, entre as quais a de Cunha Leão, «O Enigma Português», manifesta bem o mistério que envolve, pelo menos a certos olhos, a existência da nação portuguesa.

Sobre «pensar» e «Portugal» — «hoje». Hoje, fase de transição, em que portanto os fenómenos se apresentam esbatidos, sem o recorte dos períodos relativamente estáticos.

O objecto do livro de João Martins Pereira é essa «fase de transição». O autor previne, por várias vezes, da modéstia das suas intenções. E evidentemente «Pensar Portugal Hoje» não é uma «análise concreta da situação concreta» acabada. No entanto, representa uma contribuição importante para um trabalho desse tipo. Em nossa opinião trata-se de uma obra com extraordinário interesse sobre essa coisa que a todos nos diz respeito e que é a teia dos problemas nacionais.

O autor serve-se do aparelho conceptual do conhecimento dos modos de produção, nomeadamente do conceito de estado, da aliança de fracções que o estado em regra é, da passagem do aspecto principal da sua contradição a secundário, sublinha o papel intervencionista do Estado, a lei tendencial que atravessa a conjuntura, a inserção da formação social portuguesa no modo de produção mundialmente dominante... Um primeiro esboço sem duvida de uma análise de situação.

O diagnóstico de Martins Pereira afigura-se-nos correcto assim como nos parece ter um elevado coeficiente de probabilidade o seu prognóstico. Apenas, a tendência do movimento detectado impõe-se ao leitor como uma fatalidade. Certas passagens do livro, como a que marca a preferência de Martins Pereira pelos sindicatos por indústria, não chegam para anular a impressão de inelutabilidade que a obra, quanto a nós, deixa. Mas é quase certo não ter estado nos objectivos do autor acentuar os outros possíveis que á sua análise o desenrolar da situação comporte.

(*) Publicações D. Quixote.

Pequena Antologia de «Pensar Portugal hoje»

«A dimensão (económica, demográfica) da sociedade portuguesa, conjugada com a sua situação geográfica, deram origem a um condicionalismo muito particular, que se julga responsável por muito do que pode parecer aberrante, á primeira vista, no processo histórico português, pelo menos desde o início do século XIX (Página 19).

★

«O liberalismo republicano mostrava-se, aliás, incapaz de resolver as contradições entre os diversos interesses burgueses, de os disciplinar e ganhar a necessária autoridade para promover os compromissos indispensáveis e deles tirar o consequente proveito.

A solução autoritária de 1926 vem responder com uma evidente lógica á urgência de «pôr em dia» as estruturas político-jurídicas com o nível, ainda primário, das forças produtivas». (Páginas 23 e 24).

★

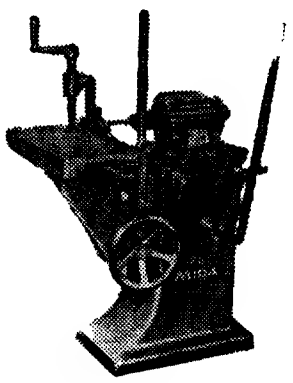
«Aqui se inscreve uma «nova estratégia de mão-de-obra», a «política activa de mão-de-obra»: realizar o «melhor aproveitamento dos mão-de-obra», a «política activa de mão-de-desenvolvimento industrial». E nesta óptica se inscreve também um crescimento salarial como motor da produtividade, da modernização, do aumento de dimensão. Arvorar em «preferenciais» indústrias intensivas em mão-de-obra mas simultâneamente tecnológicamente avançadas, onde se pratiquem salários mais elevados «e com grande capacidade de criar empregos de elevada qualificação profissional», eis um objectivo central, que implica paralelamente a adopção de medidas no controverso campo do alargamento do acesso ao ensino». (Página 102).

João Martins Pereira

PENSAR PORTUGAL HOJE

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

FURADOR POR BROCA MODELO — FU

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

FESTAS DA PÁSCOA

Horário dos comboios

A C. P organiza, por motivo das FESTAS DA PASCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários

Além destes comboios de desdobramento ficam, também, previstos comboios especiais os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

COMISMAR

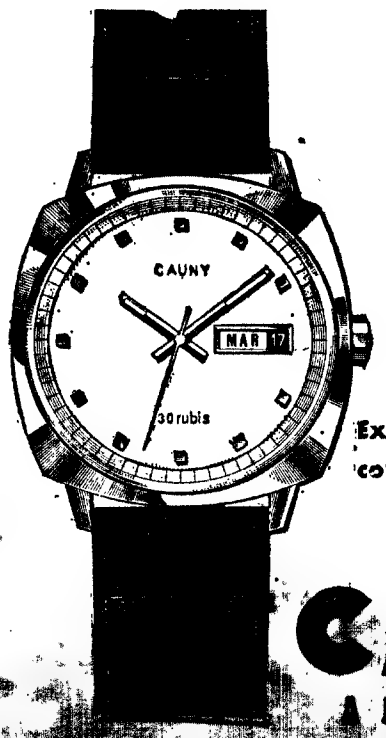
— Prestação de serviços
— Resolução de problemas técnicos
— Rapidez e eficiência
— Serviços por administração ou por avença

Tels. 328511-368896

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

INSTITUTO DE BELEZA
NOGUEIRA-LUIGI, LDA.
Rua Nova do Almada, 36-1º - Tels. 368465-369064
INICIA UMA NOVA MODALIDADE CRIANDO UMA EQUIPA DE JOVENS PARA JOVENS, COM PREÇOS ACESSÍVEIS
Dirigida por NOGUEIRA
BITA — LÚCIA — MINA
Além das categorizadas LOURDES e ROSA
Filial: Av. J. F. Ulrich, Galeria Comercial do Hotel Cidadela-Cascais
CABELEIREIRO DE SENHORAS TEL 283217
COMPLETAMENTE REMODELADO
Direcção de NOGUEIRA JR.
MILÚ - LOURDES - LUÍZA
PREÇOS ESPECIAIS PARA ESTUDANTES
CABELEIREIRO DE HOMENS · TEL 283217
AO NÍVEL EUROPEU
PESSOAL ESPECIALIZADO
MANICURA · PEDICURA · MASSAGISTA
GABINETES INDIVIDUAIS
PREÇOS NORMAIS

DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL
AUTOMÁTICO
CALENDÁRIO
INCABLOC
RESISTENTE
Mudança de data ultra-rapida



Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISAO SUIÇA

lemos para si

Pensar Portugal hoje (*)

Pensar Portugal hoje... é difícil. Começa porque pensar é difícil. Pensar, no sentido forte da palavra, haverá muita gente capaz disso, entre nós? Pensar a um nível como aquele a que pensou António Sérgio, seja qual for a nossa opinião a respeito do seu ensaísmo?

Depois, Portugal. Pelo menos a partir de certa altura, Portugal tornou-se um país excêntrico relativamente ás grandes metrópoles da decisão histórica. Essa uma das razões de um certo «mistério» de Portugal, tema de várias obras de ontologia da pátria, entre as quais a de Cunha Leão, «O Enigma Português», manifesta bem o mistério que envolve, pelo menos a certos olhos, a existência da nação portuguesa.

Sobre «pensar» e «Portugal» — «hoje». Hoje, fase de transição, em que portanto os fenómenos se apresentam esbatidos, sem o recorte dos períodos relativamente estáticos.

O objecto do livro de João Martins Pereira é essa «fase de transição».

O autor previne, por várias vezes, da modéstia das suas intenções. E evidentemente «Pensar Portugal Hoje» não é uma «análise concreta da situação concreta» acabada. No entanto, representa uma contribuição importante para um trabalho desse tipo. Em nossa opinião trata-se de uma obra com extraordinário interesse sobre essa coisa que a todos nos diz respeito e que é a teia dos problemas nacionais.

O autor serve-se do aparelho conceptual do conhecimento dos modos de produção, nomeadamente do conceito de estado, da aliança de fracções que o estado em regra é, da passagem do aspecto principal da sua contradição a secundário, sublinha o papel intervencionista do Estado, a lei tendencial que atravessa a conjuntura, a inserção da formação social portuguesa no modo de produção mundialmente dominante... Um primeiro esboço sem duvida de uma análise de situação.

O diagnóstico de Martins Pereira afigura-se-nos correcto assim como nos parece ter um elevado coeficiente de probabilidade o seu prognóstico. Apenas, a tendência do movimento detectado impõe-se ao leitor como uma fatalidade. Certas passagens do livro, como a que marca a preferência de Martins Pereira pelos sindicatos por industria, não chegam para anular a impressão de inelutabilidade que a obra, quanto a nós, deixa. Mas é quase certo não ter estado nos objectivos do autor acentuar os outros possíveis que á sua análise o desenrolar da situação comporte.

(*) Publicações D. Quixote.

Pequena Antologia de «Pensar Portugal hoje»

«A dimensão (económica, demográfica) da sociedade portuguesa, conjugada com a sua situação geográfica, deram origem a um condicionalismo muito particular, que se julga responsável por muito do que pode parecer aberrante, á primeira vista, no processo histórico português, pelo menos desde o início do século XIX (Página 19).

★

«O liberalismo republicano mostrava-se, aliás, incapaz de resolver as contradições entre os diversos interesses burgueses, de os disciplinar e ganhar a necessária autoridade para promover os compromissos indispensáveis e deles tirar o consequente proveito.

A solução autoritária de 1926 vem responder com uma evidente lógica á urgência de «pôr em dia» as estruturas político-jurídicas com o nível, ainda primário, das forças produtivas». (Páginas 23 e 24).

★

«Aqui se inscreve uma «nova estratégia de mão-de-obra», a «política activa de mão-de-obra»: realizar o «melhor aproveitamento dos mão-de-obra», a «política activa de mão-de-desenvolvimento industrial». E nesta óptica se inscreve também um crescimento salarial como motor da produtividade, da modernização, do aumento de dimensão. Arvorar em «preferenciais» indústrias intensivas em mão-de-obra mas simultâneamente tecnológicamente avançadas, onde se pratiquem salários mais elevados «e com grande capacidade de criar empregos de elevada qualificação profissional», eis um objectivo central, que implica paralelamente a adopção de medidas no controverso campo do alargamento do acesso ao ensino». (Página 102).

DIÁLOGO

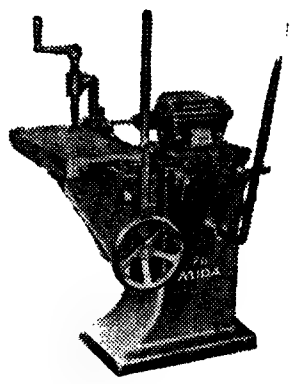
12

João Martins Pereira

PENSAR PORTUGAL HOJE

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

● SERRAÇÃO
● CARPINTARIA
● MARCENARIA

FURADOR POR BROC.
MODELO — FU

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

FESTAS DA PÁSCOA

Horário dos comboios

A C. P organiza, por motivo das FESTAS DA PASCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários

Além destes comboios de desdobramento ficam, também, previstos comboios especiais os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

COMISMAR

— Prestação de serviços
— Resolução de problemas técnicos
— Rapidez e eficiência
— Serviços por administração ou por avença

Tels. 328511-368896

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

INSTITUTO DE BELEZA
NOGUEIRA-LUIGI, LDA.

Rua Nova do Almada, 36-1.º - Tels. 368465-369064

INICIA UMA NOVA MODALIDADE CRIANDO UMA EQUIPA DE JOVENS PARA JOVENS, COM PREÇOS ACESSÍVEIS

Dirigida por NOGUEIRA

BITA — LÚCIA — MINA

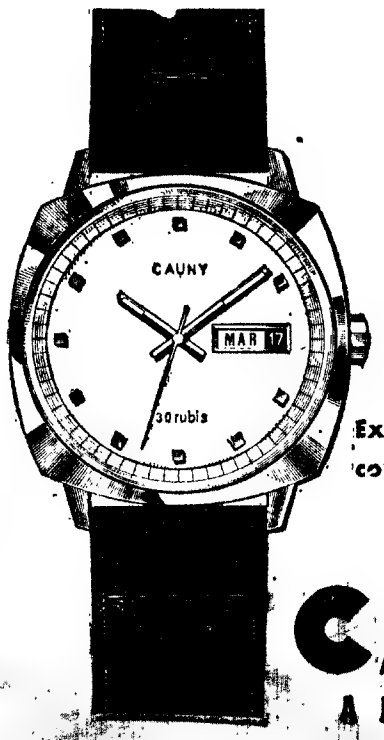
Além das categorizadas LOURDES e ROSA

Filial: Av. J. F. Ulrich, Galeria Comercial do Hotel Cidadela-Cascais

CABELEIREIRO DE SENHORAS-TEL 283215
COMPLETAMENTE REMODELADO
Direcção de NOGUEIRA JR.
MILÚ - LOURDES - LUÍZA
PREÇOS ESPECIAIS PARA ESTUDANTES

CABELEIREIRO DE HOMENS - TEL 283217
AO NÍVEL EUROPEU
PESSOAL ESPECIALIZADO
MANICURA - PEDICURA - MASSAGISTA
GABINETES INDIVIDUAIS
PREÇOS NORMAIS

DIA E DATA
100% IMPERMEAVEL.
AUTOMÁTICO
CALENDARIO
INCABLOC
RESISTENTE
Mudança de data ultra-rapida



Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

cAUNY
A MAIS ALTA PRECISAO SUIÇA

Arquitectura

Os novos hotéis de Paris

JACQUES MICHEL

Paris põe em ordem o seu equipamento hoteleiro na hora da arquitectura moderna. Uma exposição mostra nove projectos em execução ou em estudo.

No começo dos anos 60, podiam ver-se hotéis modernos subindo no céu das grandes cidades da América, Alemanha, Suíça, Japão... O programa francês começa agora, com os anos 70. Acerca das nove maquetas que se podem admirar na referida exposição, é preciso dizer que nenhuma traz verdadeiramente inovações. Mas algumas são menos más do que outras, e, em todo o caso, nenhuma corre o risco de assinalar a história da arquitectura moderna em França. Estes hotéis caracterizam-se mais pelas suas dimensões do que pela sua qualidade criadora. Com duzentos e um milhar de quartos com todo o equipamento colectivo obrigatório num hotel moderno (centro comercial, salas de reunião, bares, cafetaria e parque de estacionamento), são, por vezes, grandiosos. Mas nunca verdadeiramente grandes.

Não há dúvida de que é o projecto do sr. Remondet, cais Kennedy, que parece oferecer uma solução susceptível de chamar relativamente a atenção. Este hotel de mil quartos, pertencente á cadeia americana «Loew's Hotel N. Y. C.», rectificará sem dúvida o local que a «Maison de la Radio», perto da qual deve ser construído, não soube dominar. Edificado no actuál lugar das fábricas «Peugeot», lutará em altura através do Sena com as torres que guarnecem a margem oposta. O conjunto, que será ligado á outra margem por meio de uma ponte auto-estrada que atravessa o Sena, dá a ilusão de um jardim, de uma angra tranquila, quase abstraído do local circundante com os seus jardins e projectos de água, idealizado como um pedaço de natureza junto de um edifício de aço e vidro pintado.

Teria podido não ser mais do que um paralelepípedo de pé, simples e banal. Ele exprime bem, com as suas formas curvas e compactas, a sua função de «stockage» de viajantes em redor de uma espinha central que serve para a circulação vertical. A seus pés, sobre um edifício muito baixo traçado como um arco sobre o local, os equipamentos colectivos: salas de reunião, centro comercial, lojas de todos os géneros, bares e cafetarias...

Em todos os futuros hotéis parisienses, encontrar-se-á este esquema, que se exprime com certa força no projecto imponente de Pierre Dufau pertencente á cadeia «Sheraton» (abertura prevista para fins de 1973, Rue do Commandant Mouchotte, no XV.º distrito). Pierre Dufau já construiu diversas torres para a Defesa. Estilo americano. Nem sempre de primeiro plano como edifício Esso, mas, aqui, parece querer dar uma obra complexa de maturidade. O hotel, que faz parte de um conjunto de renovação do bairro Plaisance, é ligado por uma passagem estreita a um enorme edifício horizontal. Uma grande barra de vidro, rígida e plana, lembrando o catastrófico edifício que fecha o horizonte de Maine-Montparnasse. Cem metros? Duzentos metros? Como avaliá-lo na maqueta que devia fazer estremecer os serviços da criação arquitectural?

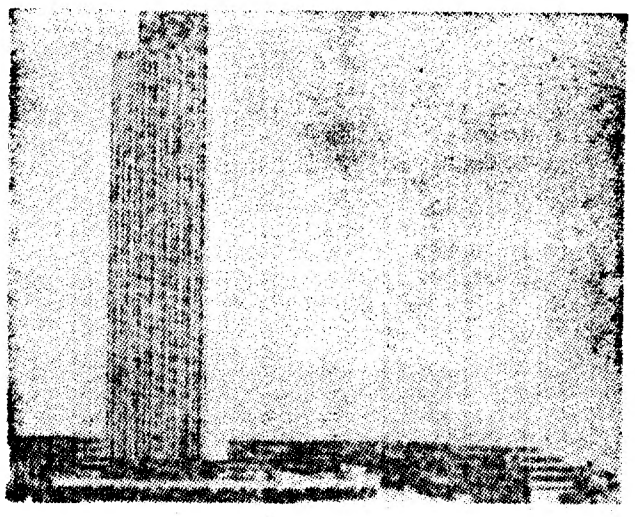
Conhece-se o projecto de Guillaume Gillet, mil quartos para a porta Maillot, com sala de congresso, que devia entrar ao serviço em 1974. A maqueta foi modificada e melhorada. Todavia, continua a ser uma arquitectura fria que não propõe nada de muito novo. Mas os três projectos acima mencionados são, apesar de tudo, os melhores do conjunto. Há pior: a incompreensível maqueta do Sofitel Sèvres (duzentos e trinta e um quartos). Tem a assinatura de Henry Bernard. Trata-se efectivamente do arquitecto rigoroso da «Maison de la Radio»? É de esperar que o hotel, uma vez terminado, nada tenha a ver com este volume maciço e sumário, para ser franco de mau gosto (com perfil de latão dourado e vidro sombrio).

Paris: a construção dos novos hotéis da cidade levanta sérios problemas urbanísticos

FÁBRICAS PARA O HABITAT TEMPORÁRIO

No sector da hotelaria, a banalidade é, afinal, habitual: o Holiday Inn de Colboc e Phillippe para Rungis. O Frantel que André Bertrand construiu perto de Orly. O enorme Méridien de Coulon, no XV.º distrito, o Prexotel de J.-C. Perillier, também no XV.º distrito. Finalmente, o hotel do Club Méditerranée, em Neuilly, da autoria de Georges Massa e Fernand Roy, oferece sete andares de confrangedora mediocridade em forma de «U», com uma fachada raiada horizontalmente de branco e rosa, tal como um pijama dos bons velhos tempos... O Club tinha-nos habituado a mais imaginação.

Como se pode ver, estes projectos têm, muitas vezes, a assinatura de grandes nomes. Eles alteram o parque hoteleiro de Paris. Não o da arquitectura. Exceptuando dois ou três projectos, é-nos lícito perguntar se foi este o objectivo dos promotores. Será que é mais dispendioso fazer boa arquitectura?



Esta parece sobretudo traduzir em volume as intenções de rentabilidade do dinheiro investido.

A França leva a efeito, com atraso, a sua modernização hoteleira. O facto poderia ser uma vantagem susceptível de permitir aproveitar a lição das experiências feitas no estrangeiro; melhorar a fórmula desta nova idade da hotelaria, concebida em relação com os transportes de massa e a mobilidade moderna. O que se fez foi ùnicamente aplicar á escala francesa o que se faz principalmente nos Estados Unidos e no Japão.

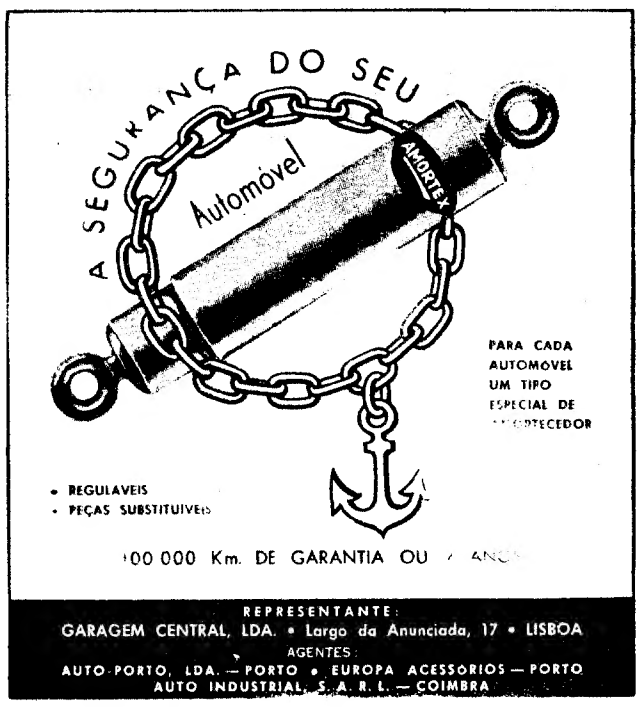
A arquitectura hoteleira tem regras, as suas receitas e os seus imperativos: decorar ao máximo os espaços colectivos, estudar com exactidão os espaços para os particulares. A fórmula atingiu um grau singular no Japão, onde as entradas dos grandes hotéis novos, com os seus subsolos de vários andares, são equipadas como verdadeiras cidades do comércio e do espectáculo. É de acordo com o mesmo modelo que são concebidos os futuros hotéis de Paris, onde, como em toda a França, os leitos rangentes em madeira são ainda numerosos. Nestes quartos, todos eles estudados na mesma e fatídica superfície (cerca de 14 metros quadrados), a concepção do mobiliário que nos parece hoje em dia moderno acaba em breve por cansar e tornar-se impessoal.

Os hotéis japoneses mais recentes correspondem melhor a esta tendência. A economia do espaço é aí estudada, quase como num navio onde cada centímetro quadrado conta. Corbusier tinha notado a economia de espaço nos navios, cujos limites levavam a um rigor excepcional.

Mas os hotéis não são barcos. Nos Estados Unidos, cada cadeia de hotéis tentou definir um estilo e uma imagem. É certo que a concepção moderna de uma hotelaria de massa não foi um terreno propício a suscitar uma obra digna de interesse. Os numerosos hotéis são antes de mais concebidos como fábricas para habitar temporàriamente, calculados para rendimento por metro quadrado. Mas a penúria é tal que a concorrência é, práticamente, inexistente. Sobretudo na hora dos «charters», servidos por aviões-gigantes, estas grandes máquinas são, no fundo, hotéis que se não escolhem. É-se, por assim dizer, conduzido aí pelo sistema de viagens de grupos.

Em França, será sem dúvida necessário aguardar a nova geração dos hotéis para se assistir à instauração de uma concorrência ao nível da arquitectura que figure ou desfigure a zona urbana.

Todavia, uma vez construídas, estas torres obstruirão a zona parisiense durante um século.



TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
NECESSITA
Mecânicos de avião
que reunam os seguintes requisitos:
— Curso industrial ou equivalente oficial e especialidade
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos de idade
OFERECE:
— Bom ambiente de trabalho
— Alta valorização profissional
— Contactos com novas técnicas
— Vencimento compatível com as condições exigidas
— Benefícios sociais
— Salários diferidos
Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.
Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º
Lisboa

PRÉDIO
SANTA MARTA
Construção antiga, composto por 4 pisos, hab 4 div, casa de banho e arrecadas
PREÇO — 1.100 contos.
MOSTRA E TRATA
A CONFIDENTE
Telefones 328232/3 - 361756

Arquitectura

Os novos hotéis de Paris

JACQUES MICHEL

Paris põe em ordem o seu equipamento hoteleiro na hora da arquitectura moderna. Uma exposição mostra nove projectos em execução ou em estudo.

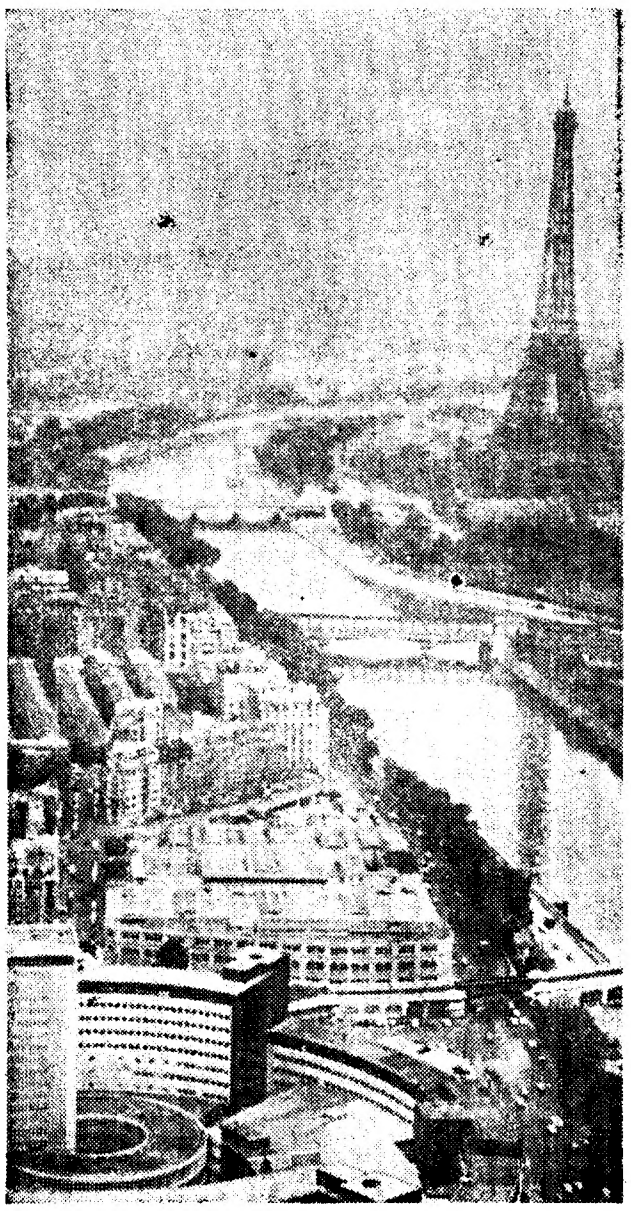
No começo dos anos 60, podiam ver-se hotéis modernos subindo no céu das grandes cidades da América, Alemanha, Suíça, Japão... O programa francês começa agora, com os anos 70. Acerca das nove maquetas que se podem admirar na referida exposição, é preciso dizer que nenhuma traz verdadeiramente inovações. Mas algumas são menos más do que outras, e, em todo o caso, nenhuma corre o risco de assinalar a história da arquitectura moderna em França. Estes hotéis caracterizam-se mais pelas suas dimensões do que pela sua qualidade criadora. Com duzentos e um milhar de quartos com todo o equipamento colectivo obrigatório num hotel moderno (centro comercial, salas de reunião, bares, cafetaria e parque de estacionamento), são, por vezes, grandiosos. Mas nunca verdadeiramente grandes.

Não há dúvida de que é o projecto do sr. Remondet, cais Kennedy, que parece oferecer uma solução susceptível de chamar relativamente a atenção. Este hotel de mil quartos, pertencente á cadeia americana «Loew's Hotel N. Y. C.», rectificará sem dúvida o local que a «Maison de la Radio», perto da qual deve ser construído, não soube dominar. Edificado no actual lugar das fábricas «Peugeot», lutará em altura através do Sena com as torres que guarnecem a margem oposta. O conjunto, que será ligado á outra margem por meio de uma ponte auto-estrada que atravessa o Sena, dá a ilusão de um jardim, de uma angra tranquila, quase abstraído do local circundante com os seus jardins e projectos de água, idealizado como um pedaço de natureza junto de um edifício de aço e vidro pintado.

Teria podido não ser mais do que um paralelepípedo de pé, simples e banal. Ele exprime bem, com as suas formas curvas e compactas, a sua função de «stockage» de viajantes em redor de uma espinha central que serve para a circulação vertical. A seus pés, sobre um edifício muito baixo traçado como um arco sobre o local, os equipamentos colectivos: salas de reunião, centro comercial, lojas de todos os géneros, bares e cafetarias...

Em todos os futuros hotéis parisienses, encontrar-se-á este esquema, que se exprime com certa força no projecto imponente de Pierre Dufau pertencente á cadeia «Sheraton» (abertura prevista para fins de 1973, Rue do Commandant Mouchotte, no XV.º distrito). Pierre Dufau já construiu diversas torres para a Defesa. Estilo americano. Nem sempre de primeiro plano como edifício Esso, mas, aqui, parece querer dar uma obra complexa de maturidade. O hotel, que faz parte de um conjunto de renovação do bairro Plaisance, é ligado por uma passagem estreita a um enorme edifício horizontal. Uma grande barra de vidro, rígida e plana, lembrando o catastrófico edifício que fecha o horizonte de Maine-Montparn a s s e. Cem metros? Duzentos metros? Como avaliá-lo na maqueta que devia fazer estremecer os serviços da criação arquitectural?

Conhece-se o projecto de Guillaume Gillet, mil quartos para a porta Maillot, com sala de congresso, que devia entrar ao serviço em 1974. A maqueta foi modificada e melhorada. Todavia, continua a ser uma arquitectura fria que não propõe nada de muito novo. Mas os três projectos acima mencionados são, apesar de tudo, os melhores do conjunto. Há pior: a incompreensível maqueta do Sofitel Sèvres (duzentos e trinta e um quartos). Tem a assinatura de Henry Bernard. Trata-se efectivamente do arquitecto rigoroso da «Maison de la Radio»? É de esperar que o hotel, uma vez terminado, nada tenha a ver com este volume maciço e sumário, para ser franco de mau gosto (com perfil de latão dourado e vidro sombrio).

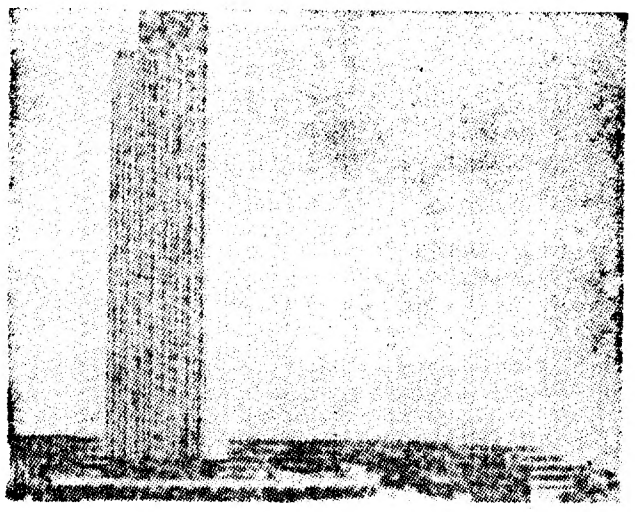


Paris: a construção dos novos hotéis da cidade levanta sérios problemas urbanísticos

FÁBRICAS PARA O HABITAT TEMPORÁRIO

No sector da hotelaria, a banalidade é, afinal, habitual: o Holiday Inn de Colboc e Philippe para Rungis. O Frantel que André Bertrand construiu perto de Orly. O enorme Méridien de Coulon, no XV.º distrito, o Prexotel de J.-C. Perillier, também no XV.º distrito. Finalmente, o hotel do Club Méditerranée, em Neuilly, da autoria de Georges Massa e Fernand Roy, oferece sete andares de confrangedora mediocridade em forma de «U», com uma fachada raiada horizontalmente de branco e rosa, tal como um pijama dos bons velhos tempos... O Club tinha-nos habituado a mais imaginação.

Como se pode ver, estes projectos têm, muitas vezes, a assinatura de grandes nomes. Eles alteram o parque hoteleiro de Paris. Não o da arquitectura. Exceptuan d o dois ou três projectos, é-nos lícito perguntar se foi este o objectivo dos promotores. Será que é mais dispendioso fazer boa arquitectura?



Esta parece sobretudo traduzir em volume as intenções de rentabilidade do dinheiro investido.

A França leva a efeito, com atraso, a sua modernização hoteleira. O facto poderia ser uma vantagem susceptível de permitir aproveitar a lição das experiências feitas no estrangeiro; melhorar a fórmula desta nova idade da hotelaria, concebida em relação com os transportes de massa e a mobilidade moderna. O que se fez foi ùnicamente aplicar á escala francesa o que se faz principalmente nos Estados Unidos e no Japão.

A arquitectura hoteleira tem regras, as suas receitas e os seus imperativos: decorar ao máximo os espaços colectivos, estudar com exactidão os espaços para os particulares. A fórmula atingiu um grau singular no Japão, onde as entradas dos grandes hotéis novos, com os seus subsolos de vários andares, são equipadas como verdadeiras cidades do comercio e do espectáculo. É de acordo com o mesmo modelo que são concebidos os futuros hotéis de Paris, onde, como em toda a França, os leitos rangentes em madeira são ainda numerosos. Nestes quartos, todos eles estudados na mesma e fatídica superfície (cerca de 14 metros quadrados), a concepção do mobiliário que nos parece hoje em dia moderno acaba em breve por cansar e tornar-se impessoal.

Os hotéis japoneses mais recentes correspondem melhor a esta tendência. A economia do espaço é aí estudada, quase como num navio onde cada centímetro quadrado conta. Corbusier tinha notado a economia de espaço nos navios, cujos limites levavam a um rigor excepcional.

Mas os hotéis não são barcos. Nos Estados Unidos, cada cadeia de hotéis tentou definir um estilo e uma imagem. É certo que a concepção moderna de uma hotelaria de massa não foi um terreno propício a suscitar uma obra digna de interesse. Os numerosos hotéis são antes de mais concebidos como fábricas para habitar temporàriam e n t e, calculados para rendimento por metro quadrado. Mas a penúria é tal que a concorrência é, práticamente, inexistente. Sobretudo na hora dos «charters», servidos por aviões-gigantes, estas grandes máquinas são, no fundo, hotéis que se não escolhem. É-se, por assim dizer, conduzido aí pelo sistema de viagens de grupos.

Em França, será sem dúvida necessário aguardar a nova geração dos hotéis para se assistir à instauração de uma concorrência ao nível da arquitectura que figure ou desfigure a zona urbana.

Todavia, uma vez construídas, estas torres obstruirão a zona parisiense durante um século.

PRÉDIO
SANTA MARTA
Construção antiga, composto por 4 pisos, hab 4 div, trabalhadas, cozinha, casa de banho e quintal
PREÇO — 1.100 contos.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
NEC[illegible]A
Mecânicos de avião
que reunam os seguintes requisitos:
— Curso industrial ou equivalente oficial e especialidade
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos de idade
OFERECE:
— Bom ambiente de trabalho
— Alta valorização profissional
— Contactos com novas técnicas
— Vencimento compatível com as condições exigidas
— Benefícios sociais
— Salários diferidos
Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.
Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º
Lisboa

Crise na televisão comercial

WILLIAM C. WOODS

NOVA YORK — A indústria de televisão norte-americana, ao longo de mais de 20 anos da sua existência, nunca enfrentou a imagem de uma curva descendente dos seus negócios. Eis o que está exactamente a acontecer agora, em face do cercear de despesas resultante da recessão, de uma diminuição dos lucros de publicidade, da proibição dos anúncios de cigarros e do tabaco e da espiral crescente dos custos de produção.

Os efeitos já estão a tornar-se evidentes na programação para a «nova temporada», que se iniciou em Janeiro, com grandes cortes no número de «shows» e nas despesas relativas aos que sobreviveram. E a crise tornar-se-á mais visível se, ao que parece, a programação da Primavera optar pelos espectáculos de estilo já consagrado, cortando-se nos «noticiários».

A Televisão tem sido considerada um barómetro da indústria e do comércio americano. É vista por muita gente, tem dado grandes lucros, mas quando as coisas começam a correr mal, reflecte, imediatamente, a crise.

Mas a recessão não é a única dificuldade que a TV tem de enfrentar. A perda dos anúncios dos cigarros constitui uma dificuldade difícil de superar num período de crise. Outro problema deriva, ainda, da ordem dada pela Comissão Federal das Comunicações no sentido das redes nacionais cederem três horas por semana ás estações locais.

Depois, há a possibilidade de surgir uma determinação governamental que venha a afectar os anunciantes de géneros alimentícios, medicamentos e indústria pesada, tudo isto acrescido da concorrência feita pelas «video-cassettes».

Por outras palavras, há muitas razões para pensar que a Televisão não estará para grandes voos no decurso do próximo ano. E os efeitos já são evidentes.

DESPEDIMENTOS

Os noticiários e as reportagens, que sempre deram prejuízo, estão, mais do que nunca, a sofrer compressões. Na C. B. S., cujo orçamento geral sofreu um corte de 15%, verificaram-se despedimentos do pessoal que trabalhava na secção de noticiários, e serão eliminados dois programas semanais de uma hora. A A. B. C. cortará nos noticiários especiais e a N. B. C. já começou a comprimir as despesas com eles. No entanto, o seu presidente, Julian Goodman, mostra-se optimista: «Não faremos cortes drásticos no número de noticiários especiais. Os noticiários sempre deram prejuízo, mas fazem parte dos nossos serviços, e os pessoas querem vê-los».

Os noticiários correntes também sofrerão cortes, durante o próximo ano. As «séries» não escaparão á machadada. No início desta «segunda temporada» as redes de Televisão puseram de lado umas doze e substituíram-nas por outras seis. E prevê-se que ainda se veser-se um administrador muito corajoso para lhe não nham a pôr de parte umas vinte e duas.

Os responsáveis, no entanto, encaram, com optimismo, um quadro tão desanimador como este. Um optimismo para «consumo público», mas que não deixa de ser autêntico.

«Sou de opinião que a crise passará, que a economia dará um salto em frente», afirmou, há pouco, Julian Goodman. *«Não estamos assim em tão má forma... para estarmos em tão má forma»*. John A. Schneider, vice-presidente executivo da C. B. S., declarou: *«Não ponham ainda a bandeira a meia haste.* «Robert D. Wood, director da rede da C. B. S., afirmou, por seu lado: *«Se a Televisão está moribunda, quem me dera ser dono dela.»*

Mas diz-se que um perito financeiro foi muito menos confiante: *«Os lucros do primeiro trimestre estão a descer, com más implicações só para algumas redes, talvez. Mas não nos esqueçamos de que os rapazes da TV são uns «noviços» diante deste género de problemas. É a sua primeira depressão, e o talento com que a souberem enfrentar dir-nos-á muito sobre a sua capacidade administrativa.»*

Terão, também, de enfrentar a alta de preços na sua indústria: um episódio de «série», que custava 100 000 dólares, há uns dez anos atrás, atinge hoje o dobro, ou mais. Entretanto, o preço de um anúncio de um minuto, nas melhores horas, desceu de um terço, e flutua, dramáticamente, de dia para dia. No cômputo geral das redes de TV ficaram disponíveis 3.8% dos espaços destinados á publicidade.

A proibição governamental de se fazer publicidade dos cigarros representou um prejuízo de 10 a 15%. A perda verificou-se em Janeiro e a compressão das despesas, em relação aos programas das melhores horas, poderá, a princípio, ajudar a vencer as dificuldades.

A Comissão Federal das Comunicações determinou que as redes nacionais de Televisão cedessem, todas as noites, meia hora, para incentivar a melhoria das programações locais. Parece que alguns dirigentes pensam que os custos de produção economizados durante essa meia hora oferecida ás estações locais poderá compensar o prejuízo resultante da perda da publicidade dos cigarros. Mas se a economia melhorar, esse tempo perdido redundará em prejuízo.

E, como nota irónica, poderia dizer-se que o ideal seria diversificar os programas e melhorar o seu nível, procurando fazer com que fossem úteis aos telespectadores. As estações terão um ano para ver o que isto dá, mas depois terão de optar pelo recurso aos produtores independentes, expandindo também o noticiário, ou ficarem pela colaboração a baixo preço, pelas reportagens de jogos, e coisas no género. O segundo termo da opção é o mais acessível, e será preciso dar a preferência.

Ainda por cima, há indicações de que a TV está a perder a confiança da Wall Street e das agências de publicidade. Em Janeiro, o muito acatado «Standard and Poor Guide» considerou a Rádio e a Televisão como tendo «relativamente desfavoráveis perspectivas», por causa da perda da publicidade dos cigarros e das «incertezas» acerca das determinações governamentais.

As «incertezas» a que o «Standard an Poor» se refere envolvem, sem dúvida, muito mais do que a perda dos cigarros. Está a ser elaborada pelo Congresso uma lei que proibe um certo número de medicamentos — e a sua publicidade, como é óbvio.

Os partidários da «não-poluição» serão capazes de exigir que se lhes ofereça na TV um espaço igual áquele de que dispõem as indústrias que afectam o meio-ambiente, isto para lhes criticarem a publicidade. Os programas infantis têm sido, também, motivo de queixa para muitos «grupos de cidadãos».

«O único caminho para superar a crise», afirmou um porta-voz da indústria, *«é criar novos géneros de programas, para atrair novos telespectadores e anunciantes. Mas tudo o que fizeram foi cortar nas despesas, fugir ao risco, e esquecer o valor das experiências.»*

Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»

Plásticos: Evolução de uma indústria moderna

A industria portuguesa de transformação de plásticos depende do estrangeiro. Sem as importações de matérias de base e sem o apoio técnico exterior não poderia subsistir.

Assim se inicia o estudo elaborado pelo Centro Nacional do Comércio Externo de França, onde mais adiante se lê:

«Em 1967, a produção aumentou 15 % em relação ao ano anterior. A taxa de acréscimo da produção, em 1968, não está ainda determinada, mas é certamente inferior à de 1967.

Existem em Portugal 169 empresas especializadas neste tipo de fabrico: 93 empregam menos de 21 pessoas, 35 têm um efectivo compreendido entre 21 e 50 pessoas, e 22 um efectivo compreendido entre 51 e 100 pessoas. O grupo principal é formado por 14 empresas empregando entre 101 a 200 pessoas e por outras cinco cujo efectivo é ainda mais elevado.»

Em função da reduzida dimensão do mercado é salientada a necessidade sentida pelas empresas de oferecerem aos seus clientes uma larga gama de artigos.

EQUIPAMENTO MODERNO E EXPANSÃO DEFICITÁRIA

Prosseguindo, naquele estudo considera-se a certo passo:

«Embora a indústria de transformação de matérias plásticas tenha começado em Portugal cerca do ano de 1950, a maior parte das empresas dispõem de um equipamento moderno. As máquinas são importadas, na maior parte da Itália, Inglaterra, Alemanha Federal e França.

Os fabricantes italianos desenvolvem uma publicidade activa e oferecem grandes prazos de pagamento.

Os modelos mais procurados pelas empresas portuguesas são os que oferecem a possibilidade de várias utilizações e cujo funcionamento é semiautomático.

Inúmeras operações são ainda executadas manualmente o que se torna menos oneroso do que a compra de uma máquina.

Os produtos de base utilizados nesta indústria são quase todos importados.

Estas importações representaram em 1966, 43 300 t. correspondentes a 519 milhões de escudos, provenientes, principalmente, dos seguintes países:

Importações portuguesas de semiprodutos para a indústria de transformação de matérias plásticas em 1966

Países Exportadores	*Milhões de Escudos*	*Toneladas*
Grã-Bretanha	167,5	15 000
Alemanha Federal	148	6 000
Itália	66,5	3 500
Estados Unidos	46	2 800
França	33	2 000
Holanda	23	11 200

Apenas um único produto faz excepção, o PVC, para o qual se regista um fraco contingente de importação, a fim de proteger a produção nacional. Com efeito, a firma «Cires — Companhia Industrial de Resinas» foi fundada em 1963, com apoio de capitais nipónicos e com a participação técnica do Japão. Desde então, esta empresa, estabelecida em Estarreja, domina o mercado português de FVC. Os seus preços, em princípio mais elevados do que os do mercado mundial, foram reduzidos, atingindo em 1968 as cotações internacionais.

O problema dos preços constitui a maior preocupação da indústria dos plásticos em Portugal.

Em 1955, o sector vendeu 67 milhões de escudos de artigos de plástico, com margem de lucro de 16 %. Em 1965, o volume de vendas atingiu 588 milhões de escudos, mas a margem de lucro foi reduzida em média, para 3,4 %. Pode-se concluir que um certo número de empresas teve uma expansão deficitária.

A concluir, o centro de estudos francês afirma que «o mercado português oferece possibilidades com inegável interesse».

D. L. MESA REDONDA
SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 2 DE ABRIL DE 1971 — N.º

Crise na televisão comercial

WILLIAM C. WOODS

NOVA YORK — A indústria de televisão norte-americana, ao longo de mais de 20 anos da sua existência, nunca enfrentou a imagem de uma curva descendente dos seus negócios. Eis o que está exactamente a acontecer agora, em face do cercear de despesas resultante da recessão, de uma diminuição dos lucros de publicidade, da proibição dos anúncios de cigarros e do tabaco e da espiral crescente dos custos de produção.

Os efeitos já estão a tornar-se evidentes na programação para a «nova temporada», que se iniciou em Janeiro, com grandes cortes no número de «shows» e nas despesas relativas aos que sobreviveram. E a crise tornar-se-á mais visível se, ao que parece, a programação da Primavera optar pelos espectáculos de estilo já consagrado, cortando-se nos «noticiários».

A Televisão tem sido considerada um barómetro da indústria e do comércio americano. É vista por muita gente, tem dado grandes lucros, mas quando as coisas começam a correr mal, reflecte, imediatamente, a crise.

Mas a recessão não é a única dificuldade que a TV tem de enfrentar. A perda dos anúncios dos cigarros constitui uma dificuldade difícil de superar num período de crise. Outro problema deriva, ainda, da ordem dada pela Comissão Federal das Comunicações no sentido das redes nacionais cederem três horas por semana ás estações locais.

Depois, há a possibilidade de surgir uma determinação governamental que venha a afectar os anunciantes de géneros alimentícios, medicamentos e indústria pesada, tudo isto acrescido da concorrência feita pelas «video-cassettes».

Por outras palavras, há muitas razões para pensar que a Televisão não estará para grandes voos no decurso do próximo ano. E os efeitos já são evidentes.

DESPEDIMENTOS

Os noticiários e as reportagens, que sempre deram prejuízo, estão, mais do que nunca, a sofrer compressões. Na C. B. S., cujo orçamento geral sofreu um corte de 15%, verificaram-se despedimentos do pessoal que trabalhava na secção de noticiários, e serão eliminados dois programas semanais de uma hora. A A. B. C. cortará nos noticiários especiais e a N. B. C. já começou a comprimir as despesas com eles. No entanto, o seu presidente, Julian Goodman, mostra-se optimista: «Não faremos cortes drásticos no número de noticiários especiais. Os noticiários sempre deram prejuízo, mas fazem parte dos nossos serviços, e os pessoas querem vê-los».

Os noticiários correntes também sofrerão cortes, durante o próximo ano. As «séries» não escaparão á machadada. No início desta «segunda temporada» as redes de Televisão puseram de lado umas doze e substituíram-nas por outras seis. E prevê-se que ainda se veser-se um administrador muito corajoso para lhe não nham a pôr de parte umas vinte e duas.

Os responsáveis, no entanto, encaram, com optimismo, um quadro tão desanimador como este. Um optimismo para «consumo público», mas que não deixa de ser autêntico.

«Sou de opinião que a crise passará, que a economia dará um salto em frente», afirmou, há pouco, Julian Goodman. *«Não estamos assim em tão má forma... para estarmos em tão má forma»*. John A. Schneider, vice-presidente executivo da C. B. S., declarou: *«Não ponham ainda a bandeira a meia haste.* «Robert D. Wood, director da rede da C. B. S., afirmou, por seu lado: *«Se a Televisão está moribunda, quem me dera ser dono dela.»*

Mas diz-se que um perito financeiro foi muito menos confiante: *«Os lucros do primeiro trimestre estão a descer, com más implicações só para algumas redes, talvez. Mas não nos esqueçamos de que os rapazes da TV são uns «noviços» diante deste género de problemas. É a sua primeira depressão, e o talento com que a souberem enfrentar dir-nos-á muito sobre a sua capacidade administrativa.»*

Terão, também, de enfrentar a alta de preços na sua indústria: um episódio de «série», que custava 100 000 dólares, há uns dez anos atrás, atinge hoje o dobro, ou mais. Entretanto, o preço de um anúncio de um minuto, nas melhores horas, desceu de um terço, e flutua, dramáticamente, de dia para dia. No cômputo geral das redes de TV ficaram disponíveis 3.8% dos espaços destinados á publicidade.

A proibição governamental de se fazer publicidade dos cigarros representou um prejuízo de 10 a 15%. A perda verificou-se em Janeiro e a compressão das despesas, em relação aos programas das melhores horas, poderá, a princípio, ajudar a vencer as dificuldades.

A Comissão Federal das Comunicações determinou que as redes nacionais de Televisão cedessem, todas as noites, meia hora, para incentivar a melhoria das programações locais. Parece que alguns dirigentes pensam que os custos de produção economizados durante essa meia hora oferecida ás estações locais poderá compensar o prejuízo resultante da perda da publicidade dos cigarros. Mas se a economia melhorar, esse tempo perdido redundará em prejuízo.

E, como nota irónica, poderia dizer-se que o ideal seria diversificar os programas e melhorar o seu nível, procurando fazer com que fossem úteis aos telespectadores. As estações terão um ano para ver o que isto dá, mas depois terão de optar pelo recurso aos produtores independentes, expandindo também o noticiário, ou ficarem pela colaboração a baixo preço, pelas reportagens de jogos, e coisas no género. O segundo termo da opção é o mais acessível, e será preciso dar a preferência.

Ainda por cima, há indicações de que a TV está a perder a confiança da Wall Street e das agências de publicidade. Em Janeiro, o muito acatado «Standard and Poor Guide» considerou a Rádio e a Televisão como tendo «relativamente desfavoráveis perspectivas», por causa da perda da publicidade dos cigarros e das «incertezas» acerca das determinações governamentais.

As «incertezas» a que o «Standard an Poor» se refere envolvem, sem dúvida, muito mais do que a perda dos cigarros. Está a ser elaborada pelo Congresso uma lei que proibe um certo número de medicamentos — e a sua publicidade, como é óbvio.

Os partidários da «não-poluição» serão capazes de exigir que se lhes ofereça na TV um espaço igual áquele de que dispõem as indústrias que afectam o meio-ambiente, isto para lhes criticarem a publicidade. Os programas infantis têm sido, também, motivo de queixa para muitos «grupos de cidadãos».

«O único caminho para superar a crise», afirmou um porta-voz da Indústria, *«é criar novos géneros de programas, para atrair novos telespectadores e anunciantes. Mas tudo o que fizeram foi cortar nas despesas, fugir ao risco, e esquecer o valor das experiências.»*

Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»

Plásticos: Evolução de uma indústria moderna

A industria portuguesa de transformação de plásticos depende do estrangeiro. Sem as importações de matérias de base e sem o apoio técnico exterior não poderia subsistir.

Assim se inicia o estudo elaborado pelo Centro Nacional do Comércio Externo de França, onde mais adiante se lê:

«Em 1967, a produção aumentou 15 % em relação ao ano anterior. A taxa de acréscimo da produção, em 1968, não está ainda determinada, mas é certamente inferior à de 1967.

Existem em Portugal 169 empresas especializadas neste tipo de fabrico: 93 empregam menos de 21 pessoas, 35 têm um efectivo compreendido entre 21 e 50 pessoas, e 22 um efectivo compreendido entre 51 e 100 pessoas. O grupo principal é formado por 14 empresas empregando entre 101 a 200 pessoas e por outras cinco cujo efectivo é ainda mais elevado.»

Em função da reduzida dimensão do mercado é salientada a necessidade sentida pelas empresas de oferecerem aos seus clientes uma larga gama de artigos.

EQUIPAMENTO MODERNO E EXPANSÃO DEFICITÁRIA

Prosseguindo, naquele estudo considera-se a certo passo:

«Embora a indústria de transformação de matérias plásticas tenha começado em Portugal cerca do ano de 1950, a maior parte das empresas dispõem de um equipamento moderno. As máquinas são importadas, na maior parte da Itália, Inglaterra, Alemanha Federal e França.

Os fabricantes italianos desenvolvem uma publicidade activa e oferecem grandes prazos de pagamento.

Os modelos mais procurados pelas empresas portuguesas são os que oferecem a possibilidade de várias utilizações e cujo funcionamento é semiautomático.

Inúmeras operações são ainda executadas manualmente o que se torna menos oneroso do que a compra de uma máquina.

Os produtos de base utilizados nesta indústria são quase todos importados.

Estas importações representaram em 1966, 43 300 t. correspondentes a 519 milhões de escudos, provenientes, principalmente, dos seguintes países:

Importações portuguesas de semiprodutos para a indústria de transformação de matérias plásticas em 1966

Países Exportadores	*Milhões de Escudos*	*Toneladas*
Grã-Bretanha	167,5	15 000
Alemanha Federal	148	6 000
Itália	66,5	3 500
Estados Unidos	46	2 800
França	33	2 000
Holanda	23	11 200

Apenas um único produto faz excepção, o PVC, para o qual se regista um fraco contingente de importação, a fim de proteger a produção nacional. Com efeito, a firma «Cires — Companhia Industrial de Resinas» foi fundada em 1963, com apoio de capitais nipónicos e com a participação técnica do Japão. Desde então, esta empresa, estabelecida em Estarreja, domina o mercado português de FVC. Os seus preços, em princípio mais elevados do que os do mercado mundial, foram reduzidos, atingindo em 1968 as cotações internacionais.

O problema dos preços constitui a maior preocupação da indústria dos plásticos em Portugal.

Em 1955, o sector vendeu 67 milhões de escudos de artigos de plástico, com margem de lucro de 16 %. Em 1965, o volume de vendas atingiu 588 milhões de escudos, mas a margem de lucro foi reduzida em média, para 3,4 %. Pode-se concluir que um certo número de empresas teve uma expansão deficitária.

A concluir, o centro de estudos francês afirma que «o mercado português oferece possibilidades com inegável interesse».

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 2 DE ABRIL DE 1971 — N.º 88